



SÉRIE
ANÔNIMOS
OBSCENOS

SAMANTE SECRETO



VALENTINA K. MICHAEL

Dea
editora



VALENTINA K. MICHAEL

SAMANTE SECRETO



SÉRIE ANÔNIMOS OBSCENOS

LIVRO 03


e d i t o r a

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M6211 Michael, Valentina K.

Amante Secreto/ Valentina K. Michael

3DEA Editora - Brasília/DF, 2017

ISBN: 978-85-93964-33-6

1. Literatura Brasileira. I. Título.

CDD: B869

Copyright © Valentina K Michael

Editor-Chefe| Patrícia K. Azevedo

Assistente de Desenvolvimento| Jhenifer Barroca

Revisor| Milena Assis

Capista| Mia Klein

Diagramação| Cris Spezzaferro

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas o universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998). Todos os direitos desta edição reservados para 3DEA Editora

Prólogo

Magno me segurou em seus braços e me beijou de uma forma que não tínhamos beijado antes. Havia mais que o fogo costumeiro. Eu me senti mais que confortável em seus braços enquanto ele se aprofundava, saía e tornava enterrar de maneira macia e muito profunda.

Era uma sensação única que nos embalou, algo além do êxtase, um tipo de plenitude compartilhada. Algo que eu não tinha sentido ainda por outro cara. Nem mesmo com Felipe.

Eu vi em seus olhos que ele estava assustado também com nossa ligação tão íntima e deliciosa que eu desejei chorar para me expressar, e o medo estampado nos olhos dele dizia que ele sentiu a mesma coisa.

Lavínia

Dei uma última olhada no meu cabelo no espelho do meu camarim e me ergui, após uma rápida oração de agradecimento. Me maquiaram perfeitamente, meu penteado está belo e chamativo. Um imponente coque clássico.

— Torres. Dois minutos. — Meu assessor me avisa e eu aceno para ele. Perdi as contas de quantas vezes já entrei diante de uma refinada plateia. De quantas vezes coloquei minha alma em cada nota do violoncelo, e de após todas essas vezes, eu perdi o medo e me ergui dona de mim mesma diante de todos. Mulher e negra, em uma sociedade que ainda mantém regras retrógradadas, em entrelinhas.

Enquanto eu andava, calçando um luxuoso scarpin e coberta por um vestido azul-petróleo Versace, o pessoal da produção ia abrindo as portas para eu passar; pessoas à frente caminhando rápido me guiando, um segurança atrás e outro lá à frente, na porta de entrada do palco.

Minha vida nem sempre teve portas abertas para mim, todavia, eu vim à luta e conquistei meu lugar. Por que eu não aceitava estar lá embaixo. Sim, você sendo mulher, homem, negro ou branco pode e deve ter ambições. Querer ser alguém na vida e poder ter seu próprio destino. Isso não é errado, conseguir tudo com o suor do seu rosto.

Mas quer saber? Mesmo tendo subido centenas de vezes ao palco, eu ainda sinto um arrepio, sinto meu estômago revirar e minha boca secar. Meu coração dispara.

Me posiciono, a porta se abre e todos da luxuosa plateia americana se levantam para me receber. Ovationada, entro de cabeça erguida, com toda a classe feminina que eu posso usar. Tomo meu lugar ao lado do meu violoncelo, cumprimento sutilmente o pianista, os violonistas, o maestro, e me viro para a plateia. Faço um gesto cumprimentando-os e me sento para começar.

Tem um pequeno vídeo, de uma entrevista com Nina Simone, uma pianista e cantora de jazz, negra e militante contra o racismo; ela dizia: “Houve algumas vezes no palco onde eu realmente me senti livre. E isso é uma coisa incrível. Pois liberdade, para mim, é não sentir medo.”

Eu faço dessa frase meu estilo de vida. Não ter medo. Nunca me faço de vítima diante das ocasiões do dia a dia só porque sou mulher e negra; nunca lamentei que os homens conseguiam tudo e eu por ser mulher seria inferior, eu

vim e mostrei qual o meu valor e agora sou mais uma voz no couro que diz:
lugar de mulher é onde ela quiser.

Lavínia

Brasil. Não sei ao certo qual o sentimento de estar voltando para casa. Vendo a cidade pela janela do carro, me dá ânsia e felicidade ao mesmo tempo. Esse lugar foi palco de muita coisa em minha vida antes de eu deixar tudo para trás e seguir em busca de um sonho. Senti aqui desde extrema felicidade a tristezas absolutas. Indignações e rasteiras da vida que me obrigaram a crescer, amadurecer como mulher, ser fria para algumas situações e mais humana para outras.

Aqui eu cresci, apesar de não ter nascido nessa cidade. Mudei para cá aos treze anos, quando meu irmão gêmeo faleceu e meus pais quiseram mudar para tentar esquecer e fugir das lembranças. Hoje, somos apenas eu, meus pais e Isaac, meu irmão mais velho que está em pré-candidatura para vice-governador. E vê-lo chegar nesse nível da política mata a gente de orgulho.

Meu irmão tinha tudo para ter se tornado um meliante ou estar morto pela polícia. Viemos para cá e fomos morar em uma favela. As condições eram precárias, ele começou a ter as piores amizades e toda péssima influência. Era um garoto pobre, negro e que mantinha as pessoas distantes só por ser negro, pobre e morar em favela.

Mas Isaac prosperou, estudou, apanhou da vida, dos traficantes e dos policiais, deu a cara a tapa em diversas ocasiões, mas não se abaixou, seguindo firme no propósito de dar uma vida boa a meus pais e dar, acima de tudo, orgulho a eles.

Sorrio ao ver no meu celular uma mensagem de Pedro. Meu grande amigo. Está perguntando que dia eu chego. Respondo que talvez amanhã. Quero pegar ele de surpresa, mesmo achando que talvez não seja possível. Pedro tem veia investigativa. Peço para dizer a Isa, nossa melhor amiga em comum, que só me espere amanhã. Rio quando ele me manda um emoji de olhinhos virando e diz estar revoltado com minha falta de sensibilidade para com ele.

Ninguém sabe que já estou na cidade, exceto Felipe, meu noivo, e meus pais. Pedi para não contar nem mesmo para Isaac.

Acabo de sair de uma turnê e estou exausta. Já deixei claro à minha equipe que só volto a me apresentar ano que vem. Estamos em junho e quero curtir esse resto de ano numa boa, afinal, vou me casar em setembro e, basicamente, foi para isso que voltei, meu noivo já está aqui há um mês preparando algumas coisas. Olho para o meu anel de noivado e respiro fundo para segurar a

ansiedade e a euforia que sempre me domina quando penso nesse assunto.

Eu, Lavínia Torres, vou me casar. Isso me preocupa e me excita. Na verdade, me preocupa por me deixar excitada; não pensem besteira, excitada de um jeito feliz e não por estar quase gozando. Que loucura!

Peço ao taxista para me deixar na casa dos meus pais, na Barra, a poucas quadras de distância do apartamento de Felipe.

Como é de se esperar, estou com um enorme carregamento de bagagens. O porta-malas está cheio, e ainda no banco de trás comigo veio a caixa do meu violoncelo — um deles, trouxe o de estimação — e mais duas malas. Desço rápido enquanto o homem dá a volta para abrir o fundo do carro. Me apresso até o enorme portão e toco o interfone. O homem começa a tirar minhas malas e colocar na calçada. Alguém atende o interfone.

— Mãe. Cheguei! — Grito deixando a felicidade transbordar na minha voz. Olho para o homem que ainda está tirando malas do carro, ajeito minha roupa, passo a mão nos meus cabelos, e o portão se abre. Meu coração salta apressado em antecipação, naquela sensação gostosa de tensão do bem, que você vai reencontrar uma pessoa que ama depois de tanto tempo sem se ver.

Já se completa um ano que não vejo minha família.

E quando vejo minha mãe vindo acompanhada de um homem, instantaneamente meus olhos se enchem de água. Me equilibrando nos saltos altos, eu corro para abraçá-la sem nem esperar chegar ao portão.

— Mãe. — Pulo em seus braços envolvendo-a com meu melhor abraço. Ela me abraça na mesma intensidade.

Ficamos agarradas por algum tempo enquanto ela fala coisas como: “que saudade”, “graças a Deus está em casa”. Depois ela me apresenta o homem que veio com ela dizendo que é o jardineiro que ela chamou para ajudar com minhas malas.

Eu pego uma mala, ela pega outra e vamos arrastando-as até a entrada da casa. Rodeada por um belo jardim, a casa é azul-claro, com janelas grandes e panorâmicas, todas brancas. São dois pavimentos, com enormes sacadas e uma boa varanda com cadeiras de balanço onde meus pais passam as tardes descansando. Ela tricotando e ele lendo alguma coisa.

Baixinha e magra, minha mãe não parece ter a idade que tem. Sessenta e dois. Gosta de vestir roupas mais confortáveis, odeia calças, pois diz que as partes de baixo precisam respirar. Já o meu pai é corpulento. Bem alto e não aceita os cabelos grisalhos. Sempre está corrigindo o prateado do tempo com alguma tintura.

Minha mãe toca na maçaneta e, antes de abrir, olha para mim com uma expressão sem graça.

— Desculpa, meu bem.

— O que, mãe?

Ela empurra a porta, entra e eu descubro o motivo de suas desculpas assim que piso o pé na sala. Sou recebida com gritos, balões na minha cara e rojões de confetes. Eu fico olhando para aquela baderna com expressão de trolada. Está todo mundo aqui, rindo da minha cara. Pedro me dá uma piscadinha e não resisto em mostrar um dedo do meio para ele. Felipe vem ao meu encontro e me abraça rindo.

— Por que fez isso? — Empurro o rosto dele para não me beijar.

— Não fui eu. — Ele ri me segurando. — Foi seu pai, que contou para seu irmão e ele planejou isso. Empurro Felipe definitivamente e fecho a cara para Isaac exibindo minha repulsa para seu abraço. Mesmo assim ele me aperta rindo contra minha vontade.

— Será que eu poderia ter o direito de fazer uma surpresa? — Questiono em tom incriminador olhando para Pedro e Isa, que vem batendo palminhas a meu encontro.

— Estava adorando nos enganar, né pilantra? — Pedro me abraça e dá um tapa na minha bunda, disfarçadamente. Não me preocupo com ele, Pedro é gay, não dá pinta e poucas pessoas sabem. Na verdade, ninguém sabe, pois ele acha isso uma grande abominação e seria um desgosto para sua família. Tem vinte e oito anos e vive um dilema com sua vida sexual. Apenas eu e Isa sabemos, pois em um momento de grande depressão, ele nos contou, mas disse que faria de tudo para reverter a situação e voltar a ser homem. Sim, Pedro se auto discrimina.

Isabelle me abraça em seguida, saltitante de felicidade. Isa é minha melhor amiga, fui madrinha no casamento dela com o Dante, anos atrás. Ele está concorrendo ao cargo de governador com meu irmão, que será o vice dele, e eu estou louca para ver minha amiga como primeira-dama do estado.

Depois da pequena festa para me receber, todos foram embora e eu fiquei com minha família e Felipe para jantar. Estou louca de saudade da comida de minha mãe.

Antes de ir embora, Pedro veio me cutucar e falar:

— Barzinho amanhã às nove. Eu, você e Isa. Sem recusa.

— Pare de empurrar Isa para nossas farras; ela é uma mulher casada. — Adverti no mesmo tom.

— Por isso vou junto, para guardar a honra de vocês duas.

— Aham. Vai é ficar olhando para os boys que eu tô ligada. Quero saber de tudo, viu?

— Para de falar merda. — Ele desconversa. — Amanhã às oito. Passo aqui e

te pego. Isa é a motorista da vez.

— Como sempre.

No início da minha carreira, almoçar e jantar em outros países era uma grande coisa, uma grande experiência, mas depois de alguns anos, eu só pensava em comer a comida brasileira, especialmente feita por minha mãe.

Fico olhando todos à mesa, rindo conversando, felizes. Respiro aliviada por estar com minha família de novo. Meu pai teve um início de enfarto recentemente, e me deixou louca, eu estava na Espanha.

Olho para ele todo feliz com Felipe. Meu pai gosta muito dele, gosta demais e eu não poderia ter arrumado alguém melhor. Estamos juntos há um ano e posso dizer que estou apressando o casamento só mesmo com a urgência interior de fazer meu pai feliz logo. Felipe é negro, veio de uma família pobre e conseguiu se sobressair por mérito próprio, e isso para meu pai é a melhor coisa de tudo. Ele sempre colocou na cabeça que os brancos nunca querem nada sério, além de se divertir, com uma jovem negra.

Mente pequena e auto discriminativa.

De qualquer forma, não estou com Felipe apenas para agradar meu pai. Gosto mesmo dele, temos uma amizade sólida. Será para mim uma ótima escolha para marido.

03

O BILHETE PREMIADO

— Venha aqui. — Felipe me puxou para a varanda da frente, depois do jantar e eu agradeci por ele me salvar do constate interrogatório da minha mãe. Já estava toda desmontada: sem saltos, sem roupas caras e sexy. Me enfiei numa calça moletom e uma camiseta folgada e fiz uma trança nos cabelos.

Me sentei com ele na varanda, cada um em uma cadeira de balanço, olhando o jardim aceso a nossa frente e a lua brilhando no céu. Até o ar do Brasil é diferente, mais puro, com cheiro de natureza.

— É ótimo voltar para casa. — Me viro para ele.

— Sim. Maravilhoso. Amanhã quero te mostrar tudo que já consegui preparar para o casamento.

Não me animo com esse assunto, mas sorrio.

— Sim, amanhã. Hoje estou só o pó. Completamente moída. Odeio viajar. — Me levanto e sento no colo dele, me aconchego e deito o rosto em seu ombro.

— Tenho algo para te contar. Ou melhor, mostrar. — Ele fala depois de um tempo em silêncio, me fazendo imaginar que seja algo como: “modelos de convites”. Felipe tem ânimo para nós dois nesse casamento.

— O quê? — Indago sem dar importância. Estou bem cansada mesmo e meu pensamento está na minha cama.

— Frequento um clube. Aquele que te contei.

Puxo na minha memória algo relacionado ao assunto e me lembro vagamente.

— Rainha de Copas. — Digo.

— Não. Dama de Copas.

— Não faz sentido.

— O quê?

Afasto o rosto de seu ombro e fito seus olhos.

— O nome. O correto é Rainha e não Dama, do naipe do baralho.

— É apenas um nome fantasia. — Ele ri, aperta meu nariz e emenda: — Não te chamei aqui para discutir sobre o nome do clube.

— Ah, tá. — Volto a deitar minha cabeça.

Felipe começa a afagar meus cabelos e eu fecho os olhos. É maravilhosa essa calma, sem preocupações com concertos, ensaios e entrevistas; ouvir os grilos no jardim e um cafune gostoso na cabeça. Não tem vida melhor.

— Como eu ia dizendo, participo desse clube, e sábado terá uma festa lá. Quero te levar.

Levanto o rosto pela segunda vez. Isso me chamou atenção.

— Festa? Sei não. Vim para ficar quieta em casa e não aparecer em eventos, ao menos por enquanto.

Felipe ri e faz um gesto negativo, abanando a cabeça.

— Não qualquer festa. Será o quinto ano do especial de voyeur. Será como encontros íntimos de casais ou apenas assistir as performances alheias.

Semicerro os olhos. Ele já tinha me contado por alto que é um voyeur. Tem taras por ver outras pessoas transar. Para mim, foi normal ouvir isso. O sexo é algo que abrange muita coisa e, de verdade, sou uma pessoa de mente aberta para o sexo, na verdade sou quase uma viciada, se tem três coisas que mais amo são: Sexo, artigos de luxo feminino e tocar violoncelo.

— Hum... sei não. — Reflito um pouco — Uma festa da putaria...

— Lav, eu sei que você é mente aberta para sexo...

— Apenas sexo comum, Felipe.

— Sim, eu sei. Mas... sei lá, fiquei pensando muito e tenho uma fantasia que envolve você.

— Eu? Uma fantasia sexual? — Meus lábios começam a se abrir em um sorriso de pura ironia, porque eu não esperava ouvir algo assim. ele nunca me contou que tem uma fantasia para eu realizar.

— Sim. Por isso. — Ele enfia a mão no bolso e tira algo como um cartão dourado. — Isso aqui é um bilhete premiado. Eu ganhei.

— Esteve lá nesse tal clube? — Olho para o bilhete e para ele. — Fazendo o quê?

— Sim. Mas eu só assisti, é o que faço quando vou lá sozinho. Não toco em ninguém.

Assinto e tomo o bilhete da sua mão.

As belas letras bem desenhadas dizem: “Rei de Paus por um dia”.

— Para que serve?

Felipe se anima e anuncia vitorioso:

— Ganhei um dia com tudo pago. Poderei desfrutar de qualquer coisa do clube, poderei levar acompanhantes e poderei solicitar qualquer um dos funcionários ou até mesmo dos sócios para me servir, como eu quiser, eu darei as cartas, serei como o dono.

— Olha, que legal! Bebida liberada?

— Sim. Tudo liberado. No clube pagamos uma mensalidade, mas várias coisas lá, que consumimos, são adicionadas à conta para pagarmos no fim do mês. E como eu e mais três ganhamos o bilhete premiado, será tudo por conta da casa.

— Então eu vou com você, claro que vou.

Felipe dá um “yeh” comemorando e me beija. Retribuo o beijo e volto a deitar a cabeça no peito dele.

— Me conte mais sobre o clube.

— Tá. — Ele pigarreia e começa a me contar como funciona. Como cada membro entra apenas por convite, quais as regras e quando alguém pode ser banido do clube...

O clube tem um quarteto de sócios e um majoritário que estaria como dono do clube, Felipe não entra nesses detalhes, visto que eu estou mais interessada em saber do salão de confraternização que ele citou. Onde acontecem as orgias. Pessoas transando na frente de todo mundo. Mas também tem os quartos privativos, que não têm vitrines para serem observados, apenas para o casal ficar à vontade. Gostei desses. Apesar de ser bem moderna, não sei se tenho coragem de me aventurar nesse mundo de perversidade.

Transar com pessoas me olhando... deve ser perturbador.

Eu sou uma mulher que precisa manter aparência, manter a imagem de boa moça, apesar de achar errado, vivemos em um mundo patriarcal e machista em que mulheres são constantemente rotuladas e julgadas pelos seus atos mais banais. As pessoas têm a péssima mania de rotular mulher que é independente e gosta de prazer, sexo ou festas. Isso para um homem faz dele experiente, já a mulher se torna puta. Mantenho meus casos em total sigilo, longe da minha vida profissional.

Antes de começar a namorar Felipe, há mais ou menos um ano, eu era totalmente contra relacionamentos. Queria mesmo só me divertir; e sexo é uma coisa que mexe de verdade comigo. Eu amo mesmo, e eu, sendo Lavínia Torres, podia muito bem escolher meus parceiros da noite.

Já tenho trinta, sou resolvida com minha vida, meu corpo e minhas escolhas. Por isso, essas coisas pervertidas que posso encontrar no clube não me assustam.

— Faria sexo a três? — Volto a me concentrar na voz de Felipe. A mão dele sobe e desce devagar na minha perna.

— Ménage?

— Isso.

— Não sei. Quer dizer, já tive curiosidade, mas sendo com dois homens. Não sei se toparia mulher.

— Não?

— Ah, Felipe. Eu sou bem fêmea mesmo. Gosto de homem. Acho que perderia totalmente o tesão.

— Então transaria com outro homem e eu?

Sem levantar o rosto para encará-lo, fico pensando na possibilidade. Claro que já fiquei excitada quando me vinha essa hipótese, até tive essa conversa com

Pedro e Isabelle e ambos acham que gostariam de tentar isso um dia.

— Acho que sim. Dependendo da ocasião e se as preliminares me levassem a querer continuar.

Ele se cala, pigarreia e como eu o conheço, sei que está um pouco sem graça em me falar algo. Por fim, cria coragem e diz:

— E se for um por vez?

— Como assim?

— Você transaria com um cara... aleatoriamente...

— Hum. — Ergo o rosto e semicerro os olhos, esperando ele continuar. Felipe pigarreia outra vez, tosse falsamente e fica nitidamente sem graça.

— Transaria? — Reforça a pergunta e eu noto que ele está falando muito sério.

— Está querendo saber se eu te trairia?

— Não. Sabe o que é voyeur, não é?

— Sei, e daí? — A tensão tomou meu corpo e não consigo disfarçar minha desconfiança.

— Transaria com um cara para eu assistir? — Ele indaga de uma vez em um único fôlego.

Não. Eu não pulei do colo dele e nem lhe dei um tapa no rosto. Apenas fiquei muda, com expressão de choque, enquanto ele me encarava meio apreensivo esperando a resposta.

Se eu já ouvi falar disso? Várias vezes. Ele próprio me conta os casos de voyeurismo que participou. Mas agora, me incluindo no rolo, a coisa fica em outro patamar.

— Nossa. Aí você pegou pesado. — Mexo na minha trança, pensativa — Isso é bem estranho... sério, cara. Muito bizarro.

— Mas é um fetiche. É uma fantasia. E se fosse isso que eu quisesse? Você toparia se...

— Primeiramente — interrompo-o —, eu jamais faria alguma coisa sem estar interessada, apenas para agradar um homem sexualmente. A mulher tem que se agradar primeiramente. Eu me preocupo com meu prazer e em dar prazer.

— Sei disso. Claro.

— Segundo que não é assim, tipo filme pornô. A pessoa chega aperta a mão e já está ficando de joelho na frente da braguilha do cara.

Felipe ri.

— Você é o máximo. — Beija o alto da minha cabeça. — Mas se isso acontecesse, claro que teria uma conversa com a pessoa, nós três ficaríamos em um lugar reservado, só nós três, apenas eu observando vocês. E tem regras, como não ter intimidade, não saber da vida pessoal de ambos os envolvidos.

— Ou seja, é como se fosse um sexo casual de primeiro encontro.

— Isso. É como quando duas pessoas se conhecem em uma festa e, se ficarem atraídas, vão para o passo seguinte. Ou você é daquelas que não transam no primeiro encontro?

— Nunca me ocorreu, mas creio que tenho escolha de não aceitar, fazer doce ou ser devassa.

— Então pense sobre isso. Vamos ao clube e vou te apresentar uma pessoa lá. Ele é totalmente discreto, trabalha lá há anos, faz isso sempre, eu sempre o assisto e posso dizer que ele é totalmente profissional.

— Garoto de programa?

— Não. Funcionário do clube. Posso tentar uma hora com ele.

— Tem que marcar hora? — Minha sobrancelha ergue em perplexidade — É um puto de luxo?

— É mais ou menos isso. Mas como eu tenho o bilhete premiado ele tem que me servir. A única diferença disso com o ménage é que no ménage eu estaria com vocês na cama.

Dou uma risada ao imaginar que na verdade o homem tem é que me servir, caso eu aceitasse. Eu acho essa ideia, apesar de estranha, bem moderna. Existe o swing, que é a troca de casais. Basta os dois estarem de comum acordo. Penso bastante sobre isso. Acho que se fosse algo que me deixasse à vontade e me deixasse atraída, com certeza eu tentaria.

04

ESCOLHAS

Acordar às dez sem preocupações é fantástico, quase uma epifania. Olho para o lado e estou sozinha na cama. Felipe não dormiu aqui, porque tinha que levantar às seis para dar uma última olhada em um processo e ir às oito para o tribunal. Eu nem insisti para ele ficar. Sei como o papai é. Ele sabe que somos noivos e tal, mesmo assim iria ficar com aquela cara de prisão de ventre por eu ter dormindo com meu homem aqui em casa.

Sento na cama e espreguiço, de olhos fechados e morrendo de preguiça, penso no meu noivo, que é um gentleman e um safado. Meu amigo antes de tudo; acho que depois de ter uma vida devassa de pura diversão, pulando de cama em cama, devo enfim me aquietar.

Sim, nessa relação o papel é o contrário. Eu era a libertina que não queria me comprometer com homem nenhum, só curtir, só sexo. E Felipe é bom homem de família, quieto, não gosta de festas. Teve apenas duas namoradas, comigo, três. E isso é a melhor coisa para meu pai. Irei me casar com um homem honrado e de nossa raça. Reviro os olhos. Se ele soubesse o que o genro perfeito andou me propondo...

Balanço a cabeça e fico com a mão na testa, pensativa. Pensei tanto antes de dormir e não cheguei a uma decisão sobre o que ele me propôs. Eu tenho a mente aberta, mas de certa forma vai contra meus princípios, ao que eu penso sobre relacionamento. Ainda bem que hoje tenho encontro com as duas partes da minha mente que me ajudam a tomar decisões: Pedro e Isa.

Levanto da cama, passo pelo espelho e me olho. Não pareço a bela e elegante Lavínia das revistas. Touca de meia-calça na cabeça para abaixar os cabelos que rodei antes de dormir, sem nenhuma maquiagem e de pijama de oncinha. E sabe o que é melhor? Poder olhar para isso tudo e dizer: sou linda e gostosa, ao natural. Eu me acho mesmo, se a própria pessoa não se achar linda, quem vai achar?

Após um banho delicioso, desço para a cozinha. Lavei meus cabelos e os deixei secar naturalmente. Meus cabelos não são crespos e miúdos como de algumas das minhas tias por parte de pai. Os meus são cacheados como os da minha mãe. Por muitos anos escondi meus cachos e hoje eu me arrependo de ter passado tanto produto e ter perdido a chance de deixá-los livres.

A mesa está farta a minha frente e fico maravilhada por ver pamonha, queijo fresco, pães caseiros, biscoitos de nata. Minha mãe serviu o café na mesa da área

externa com vista para um pequeno pomar e um lago improvisado com um casal de patos. Uma visão que muitos americanos vão morrer sem ter. Isaac, que dormiu aqui, está de saída. Me dá um beijo, se despede e sai com Dante, que acabou de vir buscá-lo.

— Nada de noras à vista? — Indago a minha mãe, que torce o bico para minha pergunta em uma fria demonstração de oposição. Passo manteiga em um pão caseiro, coloco queijo e me delicio com uma mordida enorme.

— Deixe seu irmão fora de encrenca. — Minha mãe me entrega o café na minha caneca de estimação.

— Mas olha para isso. Ele já tem quase trinta e cinco.

— Essas fulanas só querem saber de tirar o foco do meu garoto. Ele precisa chegar aonde ele quer.

— Não necessariamente precisa chegar sozinho. Olha o Dante, por exemplo, é casado e tem filhos. Acho que um relacionamento amoroso, até ajuda na imagem de político.

— Nem se compara. Isabelle é a esposa do Dante, ela o ajuda em tudo. Se Deus preparasse uma igual a ela para meu filho, eu agradeceria de joelhos.

— Verdade. Isa é uma em um milhão. E como estão as pesquisas para a eleição? Eles estão bem?

— Segundo lugar. — Minha mãe muda de expressão na hora e sorri vitoriosa.

— Olha só! Mas eles são novos e com ideias frescas. Essa eleição é deles. Meu irmão vice-governador. Nem posso acreditar.

— Me mata de orgulho. — Ela senta à minha frente e serve café para ela também. — Agora me conte sobre suas viagens. Quero saber todos os detalhes, sem seu pai para interromper.



Decidi não sair à tarde, ajudei minha mãe no almoço, mesmo não sendo uma cozinheira exemplar, eu sei me virar na cozinha. Ela me obrigou a amarrar um pano na cabeça improvisando uma touca e usar avental. Tirei uma foto e postei na minha página com uma legenda bonitinha.

Não sou dessas maníacas por atenção na internet e minhas fotos são mais assim: descontraídas e em momentos que de verdade sejam importantes para mim.

Liguei para Isa e ela veio com as crianças: Nathan e Rachel. Eu, ela e minha mãe fizemos o almoço, jogamos conversa fora, me fazendo divertir com um momento simples que eu não vivia há mais de um ano: desde a última vez que vim ao Brasil. O assunto que debati com Felipe, na noite passada, ainda martela na minha cabeça, todavia, não demonstrei o quanto estava pensativa, cogitando se aceitava ou não, se experimentaria essa libertinagem de transar com outro

cara para satisfazer meu noivo.

Imagino que qualquer outra piraria com essa hipótese, afinal eu gosto do Felipe, não é amor loucamente, mas ele me faz bem e, acima de tudo, é amigo e gostoso, claro. Muitas pessoas podem ver isso como trair ou até mesmo frieza da parte da mulher em aceitar ser praticamente um objeto para satisfação de um cara.

Eu deveria ficar mesmo revoltada?

Eu ficaria revoltada se ele quisesse transar com uma mulher na minha frente?

Sim, tentei me colocar no lugar dele e cheguei a uma conclusão de que me faria mal ver meu noivo com outra. Mas para ele é diferente, para ele dá prazer em assistir; e quanto a mim? Me daria prazer saber que ele está olhando? Socorro, Deus! Ou melhor, nem vou colocar Deus nesse assunto.

— Vai me contar tudo hoje à noite.

— O quê? — Olhei confusa para Isa.

De cabeça baixa, picando cebola, ao meu lado, ela nem levantou o rosto para cochichar:

— Está aí pensativa e fazendo careta. Tem problemas rolando, posso pressentir. Quero saber.

Ri e apenas abanei a cabeça, ela me conhece muito bem mesmo. Sabe ler minhas expressões de preocupação.

Almoçamos, Isa foi embora com Dante e os filhos, e eu fui dormir. De estômago cheio, sem preocupação, de rosto limpo sem ter passado nada o dia todo, me sentindo livre.



À noite, como iríamos a um bar, optei por um vestido simples, cereja, sem decote, liso e de corte solto, com a saia rodada na altura dos joelhos, sem falar que marca minha cintura e minha bunda. Consegui deixar meus cabelos cacheados, cascadeando para o lado dando foco ao brinco. Nada muito marcante na maquiagem.

Pedro passa pontualmente às oito para me pegar, já com Isabelle no carro.

— Deixei a frente para você. — Ela grita do banco de trás. Entro, curvo para o lado dando um beijinho em Pedro e coloco o cinto de segurança.

— Mentira, que ela está com medo do povo falar que a viu no carro com outro homem. — Pedro desmente me fazendo rir.

— Meu marido é uma figura pública. — Isabelle rebate. — Qualquer coisinha é motivo para a oposição atacá-lo.

— Ainda mais um *motivão* desse aqui. — Bato na perna de Pedro e ele me olha erguendo as sobrancelhas. — Com esse gostosão do lado com certeza você iria parar nos tabloides.

— Obrigado pela parte que me toca. — Pedro resmunga, liga o carro e saímos.

E eu não estou mentindo. Não é por ser meu amigo que digo que ele é bonito. Pedro é um cara nos padrões de beleza ditados pela sociedade. Corpo bem esculpido, boa altura, de 1,80m, cabelos pretos lisos e uma cara de macho gostoso. Com sua barba bem recortada e seus olhos escuros penetrantes, ele faz sucesso com a ala feminina, e a masculina também, e esse é o pavor dele.

O bar fica em Botafogo, pareceu, assim logo de cara, um lugar agradável. Pedro rasgou seda para o lugar, dizendo que é discreto, tem ótimas comidas e música de boa qualidade. E antes que pudéssemos perguntar, ele olhou a mim e a Isa e, de cara amarrada, disse:

— Não, não é um bar gay. Parem de me atormentar, pois eu não sou desse meio.

Eu e ela nos olhamos e rimos seguindo-o em direção à entrada.

Aqui no Brasil, para mim, é mais tranquilo quanto a essa coisa de me reconhecer nos lugares. Eu moro nos Estados Unidos e lá é mais fácil de me reconhecerem, por causa dos concertos. Aqui, acho menos provável ser reconhecida em um bar, o que de certa forma é bom, para me dar um pouco de privacidade.

Fomos guiados para uma mesa e logo de cara Pedro pediu um chope para ele, deixando claro que seria mesmo a Isa a motorista da noite. Como eu estava louca para também tomar um chope, nem me ofereci para levar o carro de volta. O altruísmo ficaria para outra noite.

— E então, me conte as novidades. — Encaro Pedro.

— Eu não tenho novidades. — Ele nem me olha, está mais interessado ajeitando a manga de sua camisa.

Ficamos calados, Pedro se finge de sonso e Isa revira os olhos.

— Já que ele não conta, eu conto. — Isa intromete e eu me viro para ela. — Pedro entrou em um grupo extremista, de conservadores, para cura homossexual. Pronto, falei.

— Cara! — Pedro berra. — Que língua grande do cacete é essa? Era segredo. Incrível que teremos a primeira-dama mais linguaruda desse país.

— Ah! Faça-me o favor. — Isa rebate, jogando os cabelos loiros para o lado. — Lavínia é irmã. Além do mais eu não concordei com essa sua babaquice.

— Nem eu concordo. Pedro! — Bato na mesa. — Cara...

— A vida é minha. Parem vocês duas. Que saco!

— Então quer ser infeliz, sofrer...

— Ao contrário, quero ser feliz, dar netos ao meu pai, apresentar uma mulher para minha mãe. Que coisa! Será que não posso querer ser normal?

— Não discuta com esse alienado, Lav. Ele já está com ideia fixa.

Isa exhibe uma postura de que “lavou as mãos”. Mas eu continuou inconformada.

— Pedro, pelo amor de Deus. Você é normal. Você é bonito, saudável, tem uma carreira promissora, não tem nenhuma deficiência. Deveria estar todos os dias agradecendo a Deus por ser um homem que pode andar, falar, enxergar. Gostar de outro cara não vai definir seu caráter.

— Você ouviu a Isa. — Me dá um olhar gelado. — Não vamos discutir por algo que já decidi. Agora vamos pedir alguma coisa, porque essa conversa me deu fome.

Bufo revoltada, mas deixo pra lá. Não é o momento nem a hora de dar uns tapas em Pedro. Não quero vexame na minha primeira noite no Brasil.

— Ok. Vamos falar de mim. — Eu digo e me calo em seguida. Assim que o garçom chega com as bebidas, pedimos uns petiscos e, assim que ele sai, eu encaro os dois a minha frente. Começo a contar as novidades da viagem, mostro meu anel de noivado, explico sobre o casamento e, em instantes, estamos felizes, rindo e amigos de novo.

— Ah! — Isabelle me dá um cutucão. — Me conte sobre o que estava te deixando estranha hoje.

— Entranha como? — Pedro me olha curioso.

— Entranha, tipo fazendo careta enquanto pensava sozinha.

— Pois é. Algo me deixou pensativa. — Relembro a proposta de Felipe e decido que devo contar a eles dois, e tentar saber qual seria a opinião deles. Não vou mentir, a proposta tem sua dose de tentação. É uma proposta excitante. — Vou rapidinho ao bar, quero um drinque específico. Conto a vocês quando voltar. Alguém vem comigo?

— Tô fora. — Pedro descarta.

— Vou ali ligar para Dante. — Isa levanta e vai em direção ao banheiro. Nem ligo para esses dois preguiçosos. Caminho até o balcão e escolho um drinque intitulado de “Amore mio”. Olho em volta. Algumas pessoas em uma mesa me olham e sorriem para mim, retribuo o sorriso e viro o rosto de volta. Tamborilo os dedos no balcão e cantarolo a música ambiente que toca.

— Aamm... oi.

Ouçõ a voz ao meu lado e me viro. Dou de cara com um homem alto, bem vestido, sorrindo encantadoramente, me dissecando descaradamente com os olhos escuros. E não vou mentir: bonitão.

Na verdade, não lindo bonitinho como Pedro. Esse tem cara de macho, rústico, gostoso. Como já sou vivida, a beleza dele não me fez fraquejar. Ou melhor, não demonstro; nem movo meus olhos para baixo do queixo dele, sei

como esse tipo de cara tem ego enorme. Bonito e aparentemente de boa condição. Eles acham que o poder de sim ou não está com eles. Dou um sorrisinho fraco para ele e respondo com um raso: “Oi”. Viro o pescoço e Pedro está olhando o celular. Isa ainda não voltou.

— Lavínia, não é?

— Isso. — Olho para ele de novo. Pode ser um fã, então preciso dar uma atenção especial.

— Cara, não estou acreditando. — Os olhos dele brilham e o sorriso rasgado o deixa mais atraente — Velho do céu. Você aqui no Brasil!

Eu que não estou acreditando. Que sotaque é esse, meu Deus? Um espanhol?

— Pois é. Sou brasileira. — Como o rosto dele é bem chamativo, ainda luto para não olhar o conjunto. Porque eu não preciso olhar o conjunto completo, já que não estou aqui para caçar. Pedro e Isa costumam brincar comigo que eu devo ter sido um homem em outra vida, uma vez que as partes de um cara que mais me chamam atenção são o peito e a bunda. Um homem com bunda grande me ganha cinquenta por cento. Mesmo se for babaca, eu levo ao menos por uma noite.

— É. Eu sei. Sei que é brasileira. Eu fui a um concerto seu na Espanha.

— Hum... — faço cara pensativa.

— Acho que há um ano, mais ou menos. — Ele reforça as informações.

— Uns dois anos. — Sorrio moderadamente me recordando do meu último concerto na Espanha. Pausa para dizer que olhar a boca dele é bem tentadora. Deus! Na minha primeira noite no Brasil, dou de cara com um espanhol com pinta de carioca, desse patamar e que me conhece? Fala sério. Isso é alguma pegadinha de teste de fidelidade.

— É. Depois disso você foi para Rússia.

Oi? Ele é mesmo um fã?

— Sim, fui. — Assinto e me volto para o barman que acaba de me entregar minha bebida.

— Está sozinha? — como se verificasse, olha em volta. Antes de eu responder, emenda: — Não vi nenhum segurança.

— Dispensei. Aqui no Brasil não sou tão assediada.

— Então está sozinha?

— Com amigos.

— Amigos? — Ele se anima. Sei que vai ativar o modo sedutor.

— Sim.

— Ah... eu estou sozinho... meu parceiro de noitadas, meu primo, acabou de ficar noivo. Na verdade, todos se casaram.

— Oh... — dou uma risada. — Isso é ruim?

Ele dá de ombros e agradece o barman com um gesto quando este lhe entrega uma cerveja. Isa já voltou para a mesa e me olha com cara de “O que tá fazendo aí?” Pedro também me encara. Noto ele medindo o bonitão do meu lado.

— Eu sou João...

— Então, João — interrompo-o —, eu tenho que ir. Foi um prazer conhecê-lo. Terei um concerto mês que vem em São Paulo. Está convidado.

— Já fiquei sabendo. Escute. Tome alguma coisa comigo.

— Ah, sinto muito. Eu já estou bebendo. — Ergo a taça.

Ele dá um passo e fica mais próximo. Posso sentir o seu cheiro e não vou negar: é um bom cheiro. Perfume caro, ele escolheu bem.

— Gata, eu já prometi dar um rim para poder ter um momento com você. Me dê uma chance. De verdade, não vai se arrepender.

Não sei se apenas eu notei, mas tem um toque de súplica no seu pedido.

— Isso foi uma cantada?

— Sim. — Ele pisca para mim. — Geralmente eu sou muito bom, mas você não me deu chance de pensar em algo infalível.

Não disse? Bonito e babaca. É um fã e, por isso, ainda mantereí a educação.

— Sinto muito. — Ergo minha mão exibindo o anel. — Estou noiva.

— Tá, não vou mentir. — Ele ri. A merda desse sorriso é minha fraqueza. — Eu já sabia. Mas aí que está a beleza do negócio. Você está comprometida, não vai ser nada a mais comigo, nem vai querer que eu te ligue e nem vai querer me ligar; além de uma noite, um momento, beber, jogar conversa fora, e talvez...

— Não existe talvez. — Corto-o educadamente. — Foi bom falar com você, mas minha resposta é não.

— Poxa... — Ele segura meu braço — Como não? Olha só pra mim! Além do mais, você não faz ideia de como é difícil falar com você e...

— Escute. — Puxo meu braço em um gesto sutil. — Você ouviu o que eu falei?

— Sim, ouvi, mas talvez eu possa...

— Você pode sim, respeitar o meu não. Eu sou resolvida, não tenho saco para fazer doce; se fosse sim, seria sim. Foi um prazer falar com você. Até mais. — Dou mais um sorriso e me viro rápido indo para a mesa onde Pedro e Isabelle estão à minha espera.

— Que saco. — Resmungo assim que me sento na cadeira.

— Quem é o gostoso? — Pedro pergunta logo de cara. Nesse momento ninguém lembra de conservadorismo e cura gay.

— Um fã. Se chama João. Me cantando descaradamente. — Me viro e o tal João me olha ainda; seu olhar me faz arrepiar, olhar de predador. Agora eu tenho um vislumbre do corpo dele... e puta que pariu. É um animal de grande porte.

Grande, forte, coxas grossas por baixo de um jeans, camisa revelando belos braços e peitoral largo. Ele dá uma golada na cerveja, se vira e caminha para o outro lado e, daqui, vejo que a bunda passou com nota altíssima no teste.

Garotas, vocês nunca ouviram falar da teoria da bunda grande? Homens de traseiros fartos têm mais força no quadril e maior poder de penetração, dizem que, na época das cavernas, as fêmeas procuravam os machos de bunda grande para acasalar, pois eram mais viris e com maior poder de fecundação. Por isso, até hoje muitas mulheres têm essa atração, como eu.

— Apenas mais um babaca, e acho até que o conheço de algum lugar. — Isa fala. Eu me viro para eles desanuviando minha mente com as imagens libidinosas do gostoso João.

— O pior de tudo é ver um bicho desse tamanho, bonito desse jeito, me cantando quando eu estou noiva. Por que não apareceu um antes?

— Safada. — Pedro resmunga. — Mas te dou razão. Por um desses eu desistia de cura. Homão gostoso da porra! — Eu e Isa gargalhamos e ele completa: — É álcool falando por mim, desconsiderem.

Enquanto comia, contei para Pedro e Isa sobre a proposta de Felipe, para eu ficar com outro homem enquanto ele assiste, fiquei sabendo depois que ele fica atrás de uma vidraça vendo tudo, confortavelmente. Deveria ser um segredo íntimo de casal. Mas acostumei tanto a contar tudo para eles. Não consegui segurar a língua.

— Santíssimo Deus! — Isabelle me olha com cara pálida de puro espanto. — Isso é um cúmulo!

— Nem tanto. — Pedro se opõe. — Eu já li muito sobre isso e já assisti vários vídeos pornô com esse tema. Do cara sentar e ver a mulher transando com outro.

— Ah, mas uma coisa é ver um pornô. Aquilo é encenação. — Isabelle intervém, em seguida franze o cenho: — A propósito, você assiste pornô gay ou hétero?

Pedro vira o copo na boca e se serve de mais vinho. Calmamente.

— Isso não vem ao caso. — Me estuda sério. — E você, Lavínia? Está confortável em fazer isso?

— Não sei. — Faço uma careta e dou de ombros — Não me mete medo, mas também me deixa com um pé atrás.

— É uma proposta excitante. — Pedro endossa. — Mas só se o outro cara valer a pena.

— Claro. Concordo. Só se ele me atrair de alguma forma. Apesar que gostaria de fazer isso pelo Felipe, jamais faria algo que me deixasse incomodada só para satisfazer outra pessoa.

— Bem pensado. — Isabelle concorda comigo. — Eu me coloco do outro

lado e fico com repulsa e ódio em ao menos imaginar o Dante com outra, na minha frente.

— Mas aí que está o ponto, Isa. Você sente pavor em pensar isso, mas para o Felipe não dá ódio, dá muito prazer ver outras pessoas transarem. Inclusive eu com outro homem.

— É bizarro.

— Muito. — Dou um gole no meu drinque e acabo rindo. — Desculpe, Deus e o universo, mas que a ideia me deixa excitada, isso não posso negar.

Nós três rimos. Minha pontuação é verdadeira, não é apenas por causa da bebida, de verdade é o que sinto. Falou em sexo, quero experimentar todas as nuances.

— Eu concordo com você, Isa. — Pedro levanta o dedo. — O Dante é um gostoso filho da puta. Você tem mesmo que agarrar aquele homem com unhas e dentes.

— Já está agarrado há nove anos, meu querido. E pare de beber, já tá começando a dar pinta.

— Calma. Mais uma rodada; está longe de eu ser o lacre da noite.

— Droga, Lav! — Isa grita. — Podíamos ter gravado ele falando isso para mostrar lá no clubinho do conservadorismo que ele participa. Mostrar que a bicha interior sempre estará muito viva no corpo dele. — Concordo com Isabelle batendo meu punho com o dela.

— Cala a boca, vacona. — Pedro joga os cabelos para o lado e faz sinal para o garçom. Lá vamos nós para mais uma rodada...

Não cheguei em casa carregada. Soube moderar para não dar vexame. Isa deixou Pedro primeiro, no apartamento dele, e depois me deixou em minha casa. Só deu tempo para eu arrancar de qualquer jeito o vestido, sacudir os pés jogando longe os sapatos e arrancar os brincos. Nem tirei a maquiagem. Caí dura na cama. Morta de cansaço e feliz. Quase duas da manhã.

Nem tive cérebro para cogitar a proposta de Felipe e refletir na frase: “Fazer ou não fazer: eis a questão.”

Mas uma coisa atingiu minha mente antes de eu cair no sono. O cara do bar, o fã; o sorriso sedutor dele me fez abrir os olhos e pensar um pouco. Quando estávamos saindo do bar, eu o vi novamente. Dessa vez ele não me viu. Estava acompanhado, com o braço envolvendo a cintura de uma bela loira. Um cara jogou chaves para ele, que aparou no ar, e foram em direção a um Mustang azul.

Mesmo com o moreno bonito na minha mente, dormi como uma pedra.

05

PREPARATIVOS

Meu segundo dia no Brasil pareceu melhor que o primeiro. Almocei em família novamente e depois, mais tarde, Felipe veio me buscar para a gente ir olhar umas flores. Precisam ser encomendadas com antecedência. O casamento está marcado para meados de setembro. Daqui uns dois meses. Quase tudo já está encaminhado.

Mês que vem preciso voar para a Itália, para a última prova do meu vestido, que está sendo criado exclusivamente por um estilista italiano. O bom de tudo foi eu ter acompanhado o desenho, escolhido os tecidos e até os tipos de cristais para o bordado.

De mãos dadas com Felipe, saímos da floricultura e caminhamos para onde o carro estava. O próximo ponto é ir ver os convites. Eu pedi a ele que levasse Isabelle para escolher por mim, ou que me mandasse fotos, só para adiantar, mas Felipe preferiu esperar eu chegar para eu escolher.

— Sabe... isso é meio estranho.

— O quê? — Ele olha para mim de cenho franzido.

— A gente aqui, andando de mãos dadas resolvendo os preparativos do casamento e no sábado eu posso ir para cama com outro cara...

— Ah! — Ele suspira. — Mas não pense dessa forma. E nem vou te obrigar a nada. Apenas iremos ao clube e assistiremos, antes de tomar alguma decisão.

Levanto os olhos para ele.

— Já fez isso com outra namorada?

— Já. Na verdade, em um dos namoros, a Carla, que te contei.

— Sei. — Desvio o olhar do seu rosto e miro o chão.

— Tínhamos esse tipo de relacionamento, partilhávamos esse fetiche.

— Ela também via você com...

— Outra. — Ele completa. — Mas não sendo a outra, apenas sendo o produto para somar nosso prazer. Entenda que, nesse caso, a outra pessoa estará lá apenas para o nosso prazer sexual, apesar que também sentirá prazer.

— Costumava fazer com pessoas conhecidas?

— Sim. É como eu disse: um ménage, com um dos participantes apenas olhando.

Chegamos ao carro, entramos e, assim que está em movimento, olho para ele. Depois de pensar intimamente sobre meus desejos, tenho uma dúvida.

— Eu sempre tive curiosidade sobre ménage ou swing. Mas claro, não

gostaria de participar de um ménage machista.

Felipe dá uma risada.

— E tem ménage machista?

— Claro. Qual o maior fetiche de todo cara? — Não espero ele abrir a boca e dou a resposta: — Transar com duas mulheres. Mas quase nunca aceitam outro cara para dividir sua mulher. É nesse tipo de ménage que tenho interesse. Dois homens e eu.

— Pra mim, prefiro assistir do que estar na cama com outro cara.

Não deixo de rir. Esse é um assunto que a maioria dos casais passa longe. Mas creio que, antes de tudo, precisa ter segurança e confiança; a traição sempre começa na malícia dominando a mente da pessoa.

Felipe foi para o escritório e me deixou na casa de Isabelle. Ela se mudou e estou louca para conhecer a nova casa. E logo eles vão mudar novamente. Dante acaba de comprar uma mansão e está reformando. Digna de um governador, que logo ele será; eu não duvido.

Quem veio atender a porta foi Nathan, o filho mais velho. O menino tem nove anos e Rachel, sua irmã, acabou de completar sete.

— Tia Lav. — Ele sorri encantado quando me vê.

— Oi, meu querido. — Abaixo e dou um beijo na bochecha. Quando levanto os olhos, vejo Dante vindo em nossa direção.

Dante é um homem de tirar o chapéu, bonito por dentro e por fora. Não é à toa que Pedro arrasta um bonde por ele, e já falamos para Isa o quanto eles dois têm sorte e se combinam, mesmo tendo alguns anos de diferença entre eles; acabou de fazer trinta e ele trinta e sete. Ela é bonita, apesar de não ser um padrão de beleza. Não é alta e nem magra, inclusive, ela acha que está acima do peso, eu e Pedro achamos ela linda do jeito que está, o tal peso extra lhe dá uma silhueta curvilínea. Tem um belo rosto, quadris grandes e cabelos loiros escuros naturais.

Já Dante está no padrão de beleza que dizem existir. É um homem alto e belo, mantém um corpo sadio e malhado em dia, tem uma farta cabeleira negra que sempre vive jogando para trás, e o melhor de tudo é o sotaque; enquanto Isa é paulista, Dante é gaúcho.

— Achei que tu nunca virias aqui, bá.

— Olha o drama. Faz apenas dois dias que cheguei. — Recebo o beijinho que Dante me dá cumprimentando e entro na casa.

— E Isa?

— Na cozinha, colocando mais água no feijão.

Caminho com ele, devagar; aproveito e vou olhando tudo em volta. A primeira sala enorme, moderna, com luxuosos sofás que provavelmente Isa não deixa as crianças nem olhar.

— Nossa, essa casa é bem mais bonita que a antiga.

— Estamos apaixonados por ela. — Dante, todo orgulhoso, fala — Pena que daqui a pouco teremos que mudar.

— Eu nem anoto endereço de vocês. São piores que itinerantes, todo dia está em um lugar. Em oito anos de casados já se mudaram cinquenta vezes.

Ele ri do meu comentário e me guia até a cozinha. Uma luxuosa cozinha. Como eu disse, casa digna de um quase governador.

— O cheiro está indo lá fora. — Entro na cozinha e Isa acena para mim, sem parar de cortar alguma coisa.

— Está terminando. Gostou da casa?

— Comentei com Dante que essa é a melhor até agora. — Caminho para perto dela. Isa está picando salsinha na pia.

— Isso porque não viu os quartos. — Ela confidencia já toda animada. — Amor, olhe o pernil. — Ela pede a Dante e volta-se para mim. — Ele está fazendo pernil na brasa, na churrasqueira lá fora.

Reviro os olhos e, me fazendo de indignada, olho para Dante.

— Vocês vão acabar me engordando trinta quilos.

— Vais te empanturrar, tchê! — Ele comenta, pega uma luva de cozinha e sai por uma porta.

— Fui ver os convites hoje. Já escolhi o modelo.

Os olhos de Isa saltam e ela para de cortar.

— E então? Falta muita coisa? Você não está me chamando para nada. Estou indignada.

— Para de drama, falta muita coisa. — Abro as panelas espiando o que tem dentro. — Depois vamos olhar uns penteados. — Belisco um bacon no feijão tropeiro — O que acha de eu usar um coque?

— É clássico. Usei no meu. Vai ter véu?

— Sim. Por isso, acho que o coque combina mais.

— Sim, isso é verdade. Mas seu cabelo é lindo. Pode ser solto cacheado. Não vai me deixar fora disso. — Ela avisa apontando a faca para mim.

— Claro que não. E daqui duas semanas, iremos ver os vestidos das madrinhas.

— Ai, que emoção!

— Emoção é isso aqui. — Dante chega com uma carne enorme fumegando em cima de uma pedra. O cheiro toma a cozinha.

— Uma carne assada por um legítimo gaúcho! — Exclamo. — É hoje que eu vou precisar de muito sal de fruta.

Não quis nada extravagante para a noite de hoje. É sábado e vou ao tal clube com Felipe. Tentei pesquisar sobre ele na internet, mas não encontrei grandes coisas. Parece que é um lugar restrito. Nem mesmo tem nome de sócios ou donos. Coisa feita na surdina, nada que se busque no Google e faça uma rápida inscrição com o primeiro mês grátis, estilo Netflix.

Entretanto, fiquei com um pé atrás, visto que sei do que o clube é e o que acontece lá dentro, e daí veio aquele medinho da imprensa tendenciosa me ver por lá e jogar algo fantasioso nos tabloides.

Liguei para Felipe e ele me garantiu que lá é proibido filmagens e fotos e que no portão só entra quem tem credenciais. Fiquei mais tranquila, entretanto coloquei um vestido preto, quase formal, longo e simples, que não chama a atenção. Nada de cabelos soltos ou maquiagem pesada. Optei pelo coque clássico para privilegiar os brincos grandes e marquei apenas os olhos com uma sombra escura e deixei os lábios recuados, com uma cor neutra.

— Nossa! — Minha mãe exclama quando me vê descendo as escadas. — Ela se levanta do sofá e vem até mim. — Está linda, filha. — Os olhos dela brilham.

— Obrigada, mãe.

— Esse vestido é maravilhoso.

— Lindo, não é? — Dou uma rodadinha e ela ri batendo palmas. Minha mãe é minha tiete número 1. Vou até meu pai, sempre meio carrancudo, está sentado na sua poltrona preferida, assistindo noticiário, mas seu olhar está em mim. Como sempre, o olhar de aprovação a minha roupa. Ele é o único homem que aceito opiniões para o que eu visto.

— E então, senhor Torres? Estou bem?

Um pequeno sorriso de aprovação brota em seus lábios.

— Sempre, querida. Sempre. — Me abaixe e dou um beijinho no rosto dele.

— Felipe vai te levar para jantar?

— Sim. — Não deixa de ser verdade. Vamos jantar no clube e conhecer o ambiente.

— Volta para cá?

Penso no que pode acontecer no clube de sexo e resolvo não mentir. Meu pai é desses que se eu disser que volto, ele fica até as três da manhã acordado, esperando. Fruto do seu trauma quando perdeu um dos filhos.

— Acho que não, pai. Pretendo dormir no apartamento de Felipe.

— Tudo bem. Se decidir vir, me ligue.

— Ligo sim.

Me sento com eles até Felipe chegar. Dou até logo e, meio agitada interiormente, saio de casa. Estou muito eufórica em ir nesse lugar. Sexo é uma coisa que chama minha atenção.

Apenas procuro manter meu gosto longe da opinião pública, porque a sociedade *caga* muitas regras, mulher não pode gostar de transar que já se torna puta. Não pode ver pornô que se torna vagabunda, não pode ler livro erótico que se torna safada, e por incrível que pareça, acham que mulheres devem, sem exceção, gostar de homem, mas não pode expressar o quanto gosta de homens e pensa neles.

Posso até esconder meus desejos por causa da minha carreira, que precisa da minha índole, que por sua vez é julgada por minhas escolhas; incrível e asqueroso o povo julgar a índole de uma mulher com base na sua atividade sexual. Mas entre quatro paredes, não me venha dizer o que não posso fazer. O corpo é meu, a libido é minha e, enquanto eu tiver, vou usar e abusar.

Meu coração dispara quando o carro de Felipe para em frente a uma enorme construção, toda isolada com muros altos, longe da civilização. Em um local isolado e privado. Antes tivemos que entrar por um portão de grade, percorrer um pequeno caminho de paralelepípedos e chegar em uma guarita com um guarda, tipo aquelas de pedágio. Felipe colocou um cartão, como cartão de crédito, em um painel e a alavanca da guarita abriu, dando passagem ao carro. Percorremos mais um pequeno caminho e chegamos a um portão grande, com dois seguranças. Felipe passou o cartão em outro painel e o portão abriu sozinho sem precisar os seguranças se mexerem.

— Meu Deus! Pra que essa proteção toda? — Indaguei a ele assim que o carro parou em frente a uma mansão gigantesca. Ao lado de uma fonte com uma estátua de uma mulher nua, estava uma placa feita de mármore, com os dizeres: Bem-vindo ao Dama de Copas.

— Porque estamos entrando numa fortaleza, em uma grande concentração de riquezas. Temos aqui desde governadores a empresários.

— Dante ou meu irmão participam desse lugar?

— Não. O Dante não. Já seu irmão, não tenho certeza. — Ele desafivela o cinto de segurança, eu desafivelo o meu e imediatamente um homem vem em nossa direção, abre a porta do meu lado e me estende a sua mão.

Felipe sai, dá a volta, o homem entrega minha mão a ele e recebe a chave do carro.

Passamos por um hall, seguimos e chegamos a um luxuoso bar. Até agora nada que revele ser um inferninho. Não há mesas e cadeiras de bar. Tem

poltronas espalhadas pelo salão. Algumas isoladas, outras em duplas ou trio. Para as pessoas sentarem e conversarem enquanto saboreiam uma bebida.

Eu sou acostumada ao luxo e todo esse mundo do glamour. Já participei de Grammy e já me apresentei em uma cerimônia do Oscar. Mas hoje o que me faz olhar para todas essas pessoas é mesmo a curiosidade. Observando assim, para essas mulheres lindas e bem vestidas, nem parece que daqui a pouco *vão dar* horrores em algum lugar por aí; e olhando para os homens sérios, nem dá para imaginar os pervertidos que belos ternos escondem.

— Tudo bem? — Felipe cochicha no meu ouvido, me guiando para uma das poltronas.

— Sim. Tudo ótimo. Não achei que fosse tão...

— Tranquilo?

— Discreto. Se você não tivesse contado, eu nem saberia do que se trata. Assim que sentamos, um garçom vem até a gente.

— Carta de vinhos, por favor. — Felipe pede, e o garçom entrega a carta.

— Alguma escolha, querida?

— Gostaria de tomar um Domaine de La Motte.

— Duas taças, por favor. — Felipe devolve a carta ao garçom, que acena e se afasta.

— E então? — Dou um gingado sutil, animado. — Quando começa o rala e rola?

Ele dá uma risada.

— Calma. Podemos ir curtir uma música, depois jantar... o javali na brasa servido aqui é fenomenal, depois podemos conhecer o ambiente. E, quero que conheça um dos sócios daqui. — Ele olha em volta como se procurasse alguém. — Se acontecer algo a três, escolho ele.

— O tal lá, que você comentou, não é?

— Sim. Você vai gostar dele. É animado, educado e profissional.

Não digo nada a Felipe porque é estranho, afinal o que na verdade eu quero saber sobre o tal sócio profissional é o que mulheres conversariam entre si: “É gostoso?”, “Me conte como ele é.” Mas como é meu noivo que está aqui, opto por ser a dama Lavínia no clube Dama de Copas.

Mais tarde, depois de uma taça de vinho e jogar conversa fora, nos levantamos para conhecer o clube. Saímos do bar e entramos em outro ambiente mais divertido, como se fosse uma boate. Também tem um bar, mas esse se parece mesmo com um bar e não com uma sala de estar luxuosa. Há uma pista de dança, pessoas circulam e aqui o povo sorri, conversa e dança colado. É mais descontraído.

Nem sinal de pessoas peladas.

— Amei essa parte do clube. — Falo em tom alto acima da música, no ouvido de Felipe.

— Pena que odeio dançar. — Ele rebate. — Na verdade acho desnecessário esse ambiente, com essa música alta.

Sim, isso eu já sei. Felipe é todo travado. Poucas coisas boas ele curte. Não come comida gordurosa, não come açaí, pois acha que tem gosto de terra, se abstém de palavrões e não dança. Na verdade, nem tem ídolos musicais, ele apenas ouve MPB quando está trabalhando. Prefere correr ao som do ambiente e odeia som dentro do carro, enquanto dirige.

Ah! Não acompanha séries, pois não tem paciência. Ele é totalmente o oposto de mim.

Como ele não gostou do local movimentado, voltamos para o primeiro bar e resolvemos jantar. Fizemos o pedido e ficou decidido que mais tarde iríamos dar uma olhada pelas alas do clube.

— E então? Tudo bem até agora?

— Sim. Parece um restaurante comum. — Gesticulo mostrando em volta. — Um clube comum.

— Sim. Digamos que as pessoas estão se aquecendo. Mas vou te falar algumas coisas para te preparar.

Ele começa a explicar sobre os ambientes do clube, mostrando que já o conhece como a palma da sua mão. Mas eu estou focada em outra coisa. Em uma pessoa. Felipe está de costas e não pode ver, todavia, eu o reconheci assim que o vi.

É o João, o fã do bar. Ele está ainda mais lindo do que dois dias atrás; veste um terno de três peças azul-royal, impecável, parece até um CEO de alto patamar.

A tiracolo traz duas jovens sorridentes muito bem vestidas, corpos perfeitos e com certeza não passam dos vinte e cinco anos.

Ele abraça a cintura de cada uma e os três vão em direção ao balcão. Conversa amigavelmente com o barman, depois volta a andar com as jovens, para, cumprimenta dois homens que parecem ter enorme admiração por ele. Os dois caras parecem hipnotizados conversando com o João Fã. Sem falar nas outras pessoas que pararam de conversar para olhar para ele. Três mulheres cochicham e apontam sutilmente.

Que babado é esse que estou perdendo? Por que todos estão babando nele?

Ele volta a andar, feições arrogantes, um pouco aristocráticas, eu diria, como se tivesse certeza absoluta que pode tudo que quiser, o mesmo olhar que vi no bar. O trio passa pelas poltronas que eu e Felipe estamos, não olha para a gente e eu o vejo subir uma escada e sumir do meu campo de visão.

Uau! Dou uma golada no vinho. Lá vai acontecer um ménage machista. Esse deve ser um dos tais que só faz sexo a três se for com duas mulheres. Como eu diagnostiquei no primeiro momento: bonito, mas babaca.

Volto minha atenção a Felipe, que conversa despreocupadamente sem se dar conta do rebuliço que o João Fã causou com sua chegada.

Depois do jantar, fomos andar um pouco e o primeiro lugar que visitei foi a sala do voyeur que Felipe diz sempre ir. É algo muito discreto. Primeiro entramos por um corredor com painéis de madeira ornamentando as paredes. No teto, lustres de cristal e de um lado havia algumas portas. Felipe abriu uma, me deixou passar e, assim que entramos, ele fechou a porta. O pequeno lugar é bem bonito, intimista e luxuoso como todo o resto, a parede, inclusive, parece coberta de veludo. Há poltronas, uma mesinha e, à frente dessas poltronas, uma enorme janela.

— Sente-se, querida. — Instruiu indicando uma das poltronas para mim. Me sento, ele vai até um interfone, pede um champanhe, aperta um botão ao lado da grande janela e o vidro se acende exibindo um quarto do outro lado. Sorridente, Felipe senta na outra poltrona e me fala:

— Fique tranquila. Eles não podem nos ver.

— Eles? — Olho de volta para o vidro e vejo um casal entrar.

— Nós podemos vê-los e ouvi-los, ou apenas vê-los. Eu prefiro, quando venho sozinho, apenas olhar, sem ouvir nada.

Assinto e volto a atenção para o casal que se despe enquanto se beija com paixão, e quanto mais eu olho algo vai acontecendo com meu corpo: os costumeiros sinais de excitação. Começo a aquecer com a volúpia a minha frente. O homem tem uma pegada forte e parece beijar muito bem, a mulher fica sem fôlego. Cacete! Não sabia que ver as intimidades de um casal era tão excitante.

— O bom de tudo é que eles sabem que estão sendo assistidos e se sentem mais excitados. Esses são os exibicionistas.

Olho incrédula para Felipe.

— Haveria mais pessoas atrás do vidro se eu... tivesse lá? — aponto para o casal.

— Com outro cara? Não. — Ele segura minha mão. — Iríamos para um local particular, apenas eu veria.

Agora a mulher arrancou a camisa do homem mostrando seu belo corpo; ele junta as duas mãos nos cabelos dela. Engulo seco. Estou gostando e já quero ver o resto. Ela chega ao cinto, puxa, desabotoa a calça e libera o pau dele. Duro como aço. Achei que seria maior, mesmo assim, continuo atenta.

— Quer ouvir? — Felipe pergunta.

Meneio a cabeça, ele sorri em aprovação, aperta outro botão e agora a cabine que estamos se enche de gemidos do homem que está de pé com a mulher a sua frente lhe chupando com uma gula inacreditável.

Caramba! É como estar em um filme pornô ao vivo. Os gemidos são altos, a imagem à frente é muito real e faz, de verdade, coisas com meu corpo. Os bicos dos seios já estão eriçados.

É hoje que eu pego Felipe de jeito. Olho sorrindo maliciosamente para ele. Felipe percebe, retribui o sorriso e se curva para frente para me dar um beijinho.

Apesar de ter gostado da experiência de ver um casal fazendo sexo, eu não quis ficar até o fim. Não gozamos, claro. Nem mesmo nos tocamos e acabou ficando um clima estranho, nós dois, calados, sentados bebendo assistindo um casal transar.

Felipe disse que amanhã, domingo, vai me mostrar a sala de orgia, conhecida como salão de confraternização, e que vai conversar com o tal cara, o profissional, me apresentar a ele. Segundo Felipe, confia apenas se for ele.

E eu ainda tinha dúvidas acerca de tudo isso.

Fomos embora, para o apartamento dele, e lá foi bem melhor. Cheguei a conclusão que não sou voyeur, prefiro fazer o sexo do que assisti-lo. Bebemos vinho, fizemos um sexo gostoso que matou meu tesão acumulado e depois ajeitamos para dormir.

Essa foi a segunda noite que pensei no João Fã antes de dormir. Não foi nada planejado e nem fiquei devaneando, eu estava abraçada a meu noivo, ele provavelmente já estava dormindo, pois pega no sono rapidinho, então como uma luz acendendo, a imagem dele com as duas garotas me veio à mente.

Muito bonito, o diabo do homem.

Ainda bem que já lidei com muito homem bonito, e isso não me desconserta mesmo. Ele foi esquecido e caiu em sono profundo.

Magno

Sem nenhum saco para aguentar uma segunda-feira, paro minha caminhonete GMC preta no estacionamento do prédio da Orfeu. Arranco os óculos escuros que estavam tampando os olhos da claridade inoportuna, pego uma pasta no banco do passageiro, bato a porta e aciono o alarme.

É uma droga quando a cabeça paga pelas ações do pau e da boca. Ontem foi um domingo de muita folia. Depois de acordar às onze com um rosto grudado no meu braço, coloquei a garota para fora do meu quarto, no clube, de uma maneira bem bonitinha para ela sair sorrindo, me olhando com brilho nos olhos, como se tivesse chance de voltar.

Em seguida fui para casa, tomei um banho e um sal de frutas e comi uma pizza velha, pelado recostado no balcão da cozinha relembando a noite doida que tive sábado à noite.

Depois, fui almoçar com uns amigos, na casa de veraneio de um deles e quase saí de lá em uma maca, com coma alcoólico e com o pau esfolado, de tanto foder e beber.

Consequência: segunda de manhã, Romeo berrando no celular, minha cabeça explodindo e o humor pior do que se eu tivesse que assistir a duas horas seguidas de alguma palestra sobre economia.

Passo no restaurante do prédio, apesar da dor de cabeça sorrio para o rapaz que sempre me atende.

— Bom dia, Magno. O mesmo de sempre?

— Não. Hoje tá foda pra mim.

— É? Problemas?

— Ressaca. — Explico e ele ri.

— Mande um café forte e brownies ao meu escritório. Açúcar e cafeína vão me levantar. — Dou uma até mais, nem espero ele responder e caminho, sem olhar para os lados, em direção ao elevador. Eu sou um dos sócios dessa merda. Custava o Romeo ter me deixado dormir até onze?

O elevador está cheio, me espremo ali, morto de ódio. Com um breve sorriso, cumprimento todos. Quando saio do elevador, na enorme sala de recepção do andar da diretoria, aceno para o homem no balcão, empurro a porta de vidro e me deparo com Romeo e Lorenzo conversando alegremente entre si. Reviro os olhos. Em que porra de mudo estamos, onde dois caras com filhos pequenos e

encapetados acordam em plena segunda-feira com essa cara de Teletubbies?

Passo por eles, ouço Romeo me chamar e, por cima do meu ombro, mostro o dedo do meio e resmungo um: “Se fode aí.”

Ele vai vir atrás que eu sei.

E chega sem nem dar tempo de eu me sentar. Me olha com a testa franzida, Lorenzo está logo atrás. Mereço. Tenho quase certeza que estou pagando por ter deslizado meu pau para o cu da moça sem antes avisá-la.

Atenção, rapazes, isso é feio; façam o que te digo e não o que faço. Tento não rir ao lembrar do pulo que ela deu, batendo a testa na cabeceira e eu ter que ir pedir gelo e em seguida liberá-la da transa. Ainda bem que tinha outra garota.

— Sério que está com essa cara de menino birrento por que eu te acordei para trabalhar? — Romeo pergunta assim que entra.

Por que eu não fechei a porta?

— Cara, já estou aqui, não é? Então pronto. Não venha cagar regras na minha sala.

— Eu quero é saber da tal violoncelista. — Lorenzo se joga na poltrona de couro em frente à minha mesa. Confuso, Romeo olha para nós dois e depois me encara e nem precisa perguntar. O almofadinha, e agora alfaiate Lorevaldo, me delata:

— Me mandou um áudio de duas horas. — De lábios arreganhados, Lorenzo conta a Romeo como se eu não estivesse aqui. — Sexta à noite me dizendo que tinha acabado de encontrar a Lavínia e que ela estava na dele. Já até marcaram de se encontrar em São Paulo, em breve.

Romeo ri debochando.

— E você acredita? Magno bate punheta para essa mulher há uns cinco anos.

Lorenzo tira o celular do bolso, mexe nele e mostra Romeo. Os olhos do meu irmão mais velho aumentam de tamanho. Ele deve estar vendo a foto que eu tirei da Lavínia quando ela estava sentada na mesa com umas pessoas e, por uma falha de momento, a enviei para Lorenzo com o dito áudio.

Eles riem e o olhar cínico de Romeo aumenta. Caralho, velho! Nem nos irmãos se pode confiar mais.

— Cara, para de perseguir a mulher, ficar tirando foto escondido, fazendo fanfic, tá cada vez mais imaturo. — Romeo me aconselha, rindo. — Nem quero tocar no seu celular, deve estar plastificado de porra.

— Com certeza ele descabelou legal olhando a foto. — Lorenzo ajuda me malhando.

— Terminaram? — Olho sério para eles. — Ou preferem que eu vá embora repor meu sono?

Eles param de rir. Dou a volta à mesa, vou ao bar, me sirvo de uísque e me

jogo no meu sofá.

— Sabe, posso não ter ela. — Mexo o líquido com o dedo e o enfio na boca chupando. — Mas sou livre. Sexta com uma, sábado com outra...

— Ah, cara! Acha mesmo que a gente tem invej...

— E acha que eu tenho inveja da vida de vocês? — Interrompo Romeo. — Quando foi a última vez que puderam trepar em paz, a noite toda, no banheiro, no sofá, na piscina?

— Ontem eu transei. — Romeo levanta o dedo.

— Eu também. — Lorenzo se impõe rapidamente. — Sexo pra mim não é problema. Na verdade a Angelina tá puro fogo. — Ele olha para Romeo. — É normal depois de seis meses que o bebê nasceu?

— Acho que sim. Desde que o Gael nasceu, a Oly não está flor que se cheire. — Eles riem e eu respiro fundo, com as mãos nas têmporas para conter a indignação. Ok. Enfiar no cu dos outros sem avisar é muito ruim mesmo. Olha aí o universo me punindo, o carma é uma vadia sanguinária. Além de ser segunda de manhã, estar com a cabeça explodindo, de mau humor, ainda tenho que ouvir os irmãos narrando putaria doméstica na minha frente.

— Ok. Essa conversa de vocês tá pior que pornochanchada¹. — Me levanto. — Fora os dois.

— Reunião às oito e meia. — Romeo bate na minha mesa. — Espero que tenha concluído os relatórios que pedi. Você apresenta.

Mais indignado ainda, não respondo.

— E às dez temos que ir dar uma olhada naquela fábrica que está oferecendo arrendamento. — Lorenzo relembra me fazendo dizer “Cacete de merda” em pensamento. — Vão eu e você. — Assinto e eles caminham para a porta. Antes de sair Romeo avisa:

— Equilíbrio. Estou sempre de olho.

Equilíbrio de cu é rola. Só não mostrei o dedo pois o telefone tocou na mesa e a secretária me disse que meu café tinha chegado. Pedi para ela trazer.

Meus irmãos saem, eu tiro meu terno, afrouxo a gravata e me sento em minha cadeira. A porta se abre, a secretária entra com uma bandeja e um copo descartáveis. Coloca na minha mesa, empurra a nota da lanchonete para eu assinar, faço uma rubrica e peço a ela que arranje para mim um analgésico.

Despejo o restante do meu uísque no café e dou uma golada. Me sento, agora um pouco relaxado, com um sutil sorriso, deixo minha mente vagar por sexta à noite, quando vi Lavínia Torres naquele bar.

Depois que Amadeo foi atingido e arrastado pela Kate, eu me tornei lobo solitário nas noites do Rio. Antes era bom, eu tinha o Romeo e o Lorenzo, sempre saíamos em companhia; e aí, um por um foi caindo, a minha esquerda e

minha direita, só eu não fui atingido, e nem serei.

Sorrio e bebo mais café. Mastigo sem pressa o brownie.

Então, sexta, eu comecei meus trabalhos de praxe. Sexta e sábado são dias ótimos. Uma vez que ambos os dias pode farrear a noite inteira e acordar ao meio-dia na manhã seguinte. Raramente posso fazer isso no domingo, como fiz ontem. Estava eu, em um dos bares que sempre frequento, já olhando para os lados escolhendo a sortuda da noite. Aquela que teria a oportunidade de experimentar o paraíso prometido.

Aqui, com o papai, não basta querer, tem que poder. E até gosto um pouco da caça em si, eu que sempre escolho sim, afinal no gráfico de uma transa, eu sempre estou no primeiro patamar. Odeio mulher grudenta, que se atira aos meus pés. Primeiro que nem dá gosto comer; é algo como pedir um marmitex, já vem pronto, embalado para viagem; e segundo, sei que essas são chave de cadeia, ou cadeado de pau, para ser mais exato.

Sei que se eu comer, não terei mais paz. Como foi com Kate. Cara, tenho anos de experiência e aquela mulher exalava cilada. Eu ficaria queimado com meus irmãos e minha cunhada se por acaso comesse a loirinha gostosa e desse um pé na bunda no dia seguinte; o que iria acontecer, lógico. Deus me deu muito pau e pouca paciência.

Não me recriminem, mas para um cara como eu, posso ter quantas quiser, o dia que quiser, e sinceramente, tendo esse presente do destino, não vou desperdiçar com uma única boceta.

Tomo mais um gole do café e olho fixamente para a parede a minha frente, lembrando do momento que vi a Lavínia. Gostosa em um nível superior; em um gráfico, ela ficaria apenas uns pontos abaixo de mim, porque acima, não tem como. A mulher tem um corpo escultural, sei como ela o cultivava muito bem. Sigo-a no Instagram e as fotos dela malhando, na academia, quase me fazem gozar. Nunca posou nua, para meu desalento.

Gostosa mas babaca. Sério, não acreditei que ela pudesse ser daquele jeito. Me deu um toco. Não contei isso para Lorenzo, mas fiquei com cara de tacho quando ela esnobou a melhor carne que vai poder um dia encontrar no mercado. Eu sei que ela tem noivo, e isso é perfeito, pois teríamos alguma coisa, eu poderia comer ela uma noite inteira e no dia seguinte cada um para seu lado. O que mais ela poderia querer? Chegar ao Brasil e ser escolhida por João Magno Lafaiette para uma noite de glória. O que mais ela poderia querer?

O caso é que eu sei que Felipe Casagrande é o noivo da Lavínia. As indicações dos novos membros do clube são sempre feitas por Daniel mas as vezes tiro um tempo para dar uma olhada. Então lá estava aquele rosto conhecido. Busquei na internet e veio o que eu tinha que lembrar. Era ele. Não

titubeei antes de aceitar. Não sei o que esperava quando o aceitei, mas sei o que esperava quando fui ao clube no sábado à noite.

Felipe tinha ganhado nosso bilhete premiado, e como Lavínia Torres estava na cidade, pensei que seria bem provável que ele a levasse. Como aconteceu.

Naquela noite, fui ao barbeiro, fiz cabelo, aparei a barba, vesti meu melhor terno e liguei para duas meninas que estavam na lista de espera para poder ter uma noite comigo.

Cheguei lá, como sempre, em alto nível. O rei do pedaço. Todos me saudando, me admirando, as mulheres me olhando com desejo e se lamentando que talvez pudessem morrer sem um dia provar um pouco do Magnânimo.

E eu a vi assim que entrei. Linda, como sempre foi. Sentada de pernas cruzadas, com uma elegância que faz qualquer macho se dispor a ela. Menos um, claro. E dou um beijo em quem acertar que macho é esse que não se curva por mulher.

Eu a fiz me ver, quis que ela me notasse, visse que o carinha do bar não é apenas um fã qualquer. O carinha do bar seria a melhor noite da vida dela. E ela jogou isso fora para ter um sexo meia-boca o resto da vida com aquele fracassado. Fiz questão de passar por ela, com as duas meninas, de rosto levantado, com meu porte de aristocrata inato. E ela me olhou, sim, pude ver pelo espelho os olhos dela me acompanhando.

Fica aí olhando o que você perdeu — Pensei. Tão gostosa, meu sonho de consumo transar uma noite com ela. Mas a transa não pagaria o troco que eu dei.

Tive até mais tesão para foder com maestria naquela noite, mais do que costume fazer.

Termino de comer os brownies, ajeito minhas pastas, pego um tablet e saio depressa da sala rumo à sala de reunião. Passo pela minha secretária, pego o comprimido que pedi a ela e vou sozinho, visto que hoje não estou sociável. Ainda mais com homens de família, como meus irmãos, que acham que podem me convencer que bosta de bebê e implicância de mulher é coisa boa.

Apesar de Romeo estar presente, eu que presidi a maior parte da reunião. Mostrando os relatórios que pedi a Saulo, secretário de Romeo, que fizesse para mim. Alguém achou mesmo que eu fiz? Dei uma semana grátis ao garoto lá no meu clube para ele fechar o bico e fazer tudo para mim. Em hipótese alguma que eu ia perder meu final de semana fazendo porra de relatórios para ser apresentado para um bando de velhos com prótese dentária.

Mas, nem tudo são flores. Teve uns errinhos de cálculos que o incompetente deixou passar e por pouco não perdemos bons clientes.

— Você era melhor nessas paradas. — Lorenzo me critica enquanto pega suas coisas na enorme mesa da sala de reunião. Romeo leva os clientes até a porta e

eu arrumo minhas pastas.

— Não tive um bom final de semana. — Invento.

— Ainda a violinista?

— Violoncelista, bicho burro. — Corrijo-o e emendo imediatamente: — Desde quando mulher é motivo para me deixar mal?

— Desde que você não consiga uma para te acompanhar?

— E desde quando eu não consigo uma?

— Bom, o importante é que deu certo. — De mãos juntas, bem feliz, Romeo vem até a gente.

— Graças a... — Me calo para ele completar.

— Ok. Fez um bom trabalho. — Sorridente, dá um tampinha nas minhas costas. — Agora corra; vocês dois têm outra reunião.

Passo na minha sala, pego meu terno e minha bolsa e saio com Lorenzo. Decidimos ir no meu carro, porque eu quero dirigir, e o dele, além de ter só músicas de corno, cheira a carro de família e tem uma tralha bizarra no banco de trás; desde cadeirinha de bebê a bolsa de mulher, sapatos de salto e tênis de corrida. Tem até um pequeno adesivo escrito: “Bebê a bordo”. Que tosco!

Já o meu é limpo, tem cheiro bom, músicas diversas na playlist e, no porta-luvas, várias camisinhas e uma considerável coleção de calcinhas das garotas que traço no carro.



Depois do expediente, ligo para o clube e peço a Daniel — um dos meus fiéis escudeiros — que mande para mim, às oito da noite, uma garota. Ele diz que vai ver no horário quem está disponível e me liga para dar as coordenadas.

Chego ao meu apartamento, ligo para um restaurante, peço alguma besteira para comer e vou tomar um banho. Na sala a música já balança as caixas acústicas.

Tudo na minha casa foi planejado para ser bem reforçado. Sou um cara que gosta de usar tudo a minha volta em uma boa trepada e não quero a bancada da cozinha ou a pia do banheiro desmoronando nessa hora.

Minha sala de estar é grande e tem sofás enormes e resistentes. Sofás de couro preto e uma gigantesca estante para caber minha gigantesca TV e aparelhagem de divertimento. Tenho o melhor que o dinheiro pode comprar. E se eu não quiser TV, basta abrir todas as persianas que minha sala se transforma em uma vitrine em que posso assistir à cidade. À praia, especificamente.

No meu quarto, tenho uma cama que acomoda minha estatura, uma super king, que me deixa muito confortável quando eu tiver que fazer qualquer posição arriscada. Tudo feito sob medida, a cabeceira é enorme, talhada à mão e bem resistente. Se eu amarrar um touro aí, ele não escapa.

E no banheiro não é diferente. Até o vidro do box é duas vezes mais resistente do que o comum.

Após o banho, eu visto apenas um roupão, passo a mão pelos cabelos em frente ao espelho, escolho uma colônia, passo um pouco no pescoço e estou pronto. Na sala um rock antigo. Queen canta, *Fat Bottom Girls*.

Cantando alto junto com a música, vou à cozinha pegar uma cerveja.

Oh won't you take me home tonight?

Oh down beside your red firelight

Oh and you give it all you got

Fat bottomed girls you make the rockin' world go round²

Paro de cantar quando meu celular toca. Daniel no visor.

— Fala.

— Acho que vai gostar de uma dessas. Estou te enviando a foto.

Afasto o celular do ouvido, clico na tela e abro as imagens que chegaram. Duas loiras e uma morena.

— A morena. — Falo com ele sem titubear.

— Ótimo. Ela chega em meia hora.

— Ok.

Desligo e fico olhando a foto da garota que escolhi. Morena, cabelos cacheados, lábios carnudos, seios fartos. Há um motivo para eu ter escolhido ela, e constatar isso me deixa bem mal. Por estar sendo fraco e indo comer uma mulher só para acabar com a frustração de não poder ter outra, que meu pau tanto quer.

¹. Pornochanchada: Estilo de filme erótico dos anos 70 com baixo custo de produção.

². Oh, você não vai me levar pra casa esta noite? / Oh, bem debaixo da lareira vermelha / Oh, você vai deixar tudo rolar / Garotas bundudas, vocês fazem esse mundo girar

Magno

— Hora de ir, gostosa. — Dou um tapinha na bunda da mulher ao meu lado e viro para o outro lado, me sentando na cama. Alcanço a caixa de charutos.

— Ahmm... — ela balbucia manhosa. — Você me deixou exausta. Enfia a cara nos travesseiros.

Dane-se, penso.

— Precisa de *Uber*, táxi...? Ou peço para alguém do clube...

— Magno...! — ela me interrompe com tom de protesto. Corto a ponta do charuto, prendo entre os lábios e acendo. Cacete! Por que mulher precisa ser tão cansativa? Não fosse a boceta e seus atributos domésticos, eu vivia sem.

— Dois minutos. Quero minha cama desocupada, pois preciso dormir. — Vou para o banheiro escutando um bufar de raiva atrás de mim. Em frente ao vaso sanitário, solto uma baforada de fumaça e sinto o alívio da urina deixar meu pau ainda duro. Se não fosse o apego, eu pediria à morena para me dar mais uma mamada, apenas para certificar e ir dormir tranquilo. Mas não vou forçar a barra e ter que aturar mimimi feminino por eu ter pedido para ela se retirar logo em seguida.

Hoje em dia está tão chato que nós homens nem podemos mais impor meras vontades.

Deixo o charuto na bancada, entro no chuveiro e, para o conforto do meu corpo e minha mente, ouço barulho no quarto. Ela se levantou.

Termino a chuveirada, passo a toalha no corpo, enrolo nos quadris e saio do banheiro fumando.

Ela me olha com raiva.

Cada um desses olhares que elas me direcionam sempre que as mando ir embora é mais lenha na fogueira para eu ter certeza que mulher boa é na cama e na cozinha, apenas. Fora disso, é balela.

E não me julguem pelos meus pensamentos. Isso não faz de mim um monstro, e sim apenas um ser pensante como todo mundo que tem um cu e uma opinião. Assim como as mulheres acham homens cafajestes, eu tenho minha opinião sobre elas.

Caminho até a morena, ela para de se vestir e me olha. Enfio os dedos nos cabelos dela, na nuca, e a puxo para um beijo. Em um estante, ela já deixa a raiva de lado e está agarrada ao meu corpo recebendo minha língua e meu beijo.

O que mais elas podem querer de mim, quando eu dou o melhor beijo e o melhor sexo?

Me afasto deixando-a visivelmente ofegante de lábios entreabertos, dou um tapinha no seu rosto e uma piscadinha.

— Vista-se. Te levo até a porta.

— Grrrh. — Ouço o grunhido dela e rio com o charuto entre os lábios. O que um homem com uma mulher por vinte e quatro horas na mesma casa deve aguentar?

Eu enfartaria antes de completar uma semana.

Não quero imaginar e nem preciso. Essa que pago mensalmente e ainda vai ganhar dobrado por eu ter comido já está assim, imagina uma namorada ou esposa que o cara se fode para poder foder uma única boceta sempre e ainda recebe ordens dela?

Minha nuca até arrepiou com repulsa.

A morena termina de calçar a sandália, caminha para a porta e eu a sigo, ela nem me diz nada enquanto atravessa toda minha casa com passadas firmes rumo à porta. Me adianto, como bom cavalheiro, abro a porta para ela e dou um sorriso.

— Não vai falar nada?

— Falar o quê? — Grasna rudemente.

— Olha como fala, sou seu chefe.

Ela revira os olhos, me fazendo me divertir mais.

— Até mais, Magno.

— Fale com Daniel. Ele vai te recompensar por ter vindo aqui hoje.

Ela se vira sem dizer mais nada e vai embora em direção ao elevador da minha cobertura.

Riscada da lista, penso ao deitar na minha cama, e, pelado, me enfiar debaixo do edredom. Minhas opções no clube acabaram. Preciso checar minha lista de contatos. Acaricio minha barba pensando nas hipóteses que tenho em mente. Se a Kate não tivesse quase casada com meu primo, talvez ela seria contemplada.

Dou uma risada, deixo o charuto no cinzeiro ao lado da cama e bato palmas fazendo as luzes do quarto se apagarem.

No escuro, me vem uma rápida sombra de um passado distante... Uma sorridente garota loira, como Kate, me faz suspirar e fechar os olhos sentindo o sono chegar.



— Bom dia, minha querida! — Dou um beijo em Vilma assim que entro na cozinha da casa de Romeo. Aproveito que na minha casa não tem nada para comer e preciso ir a uma inspeção em uma propriedade com Romeo, chego cedo

na casa dele para aproveitar o café.

— Bom dia, sente-se que já vou servir o café.

Deixo umas pastas na mesa e vou até a cadeirinha onde Gael está agitado, aos gritos.

— Te prenderam aí, Tio? — Dou trela ao garoto e ele grita mais, sem derramar nenhuma lágrima, atuando descaradamente. — Esse menino acordado e tramando uma hora dessas? — Olho para Romeo.

— Ele que é nosso despertador. — Romeo mexe e assopra uma coisa pastosa, branca, numa tigela.

— Ti-tio! — Gael começa a gritar erguendo os braços para mim.

— Ele tá tentando me manipular para escapar. — Concluo a uma distância segura, assistindo ao escândalo. Não tô a fim de sujar meu terno; imagina se esse carinha urina em mim?

Um simples respingo de talco e minha imagem estará manchada.

— Não tire ele daí. — Romeo diz. — Mal deixou a mãe dele se arrumar.

Falando nela, olho para trás ao ouvir barulho de saltos batendo depressa no chão. Olivia vem correndo, já arrumada.

Minha cunhada é muito gostosa, Romeo teve sorte. Se vai ficar com uma mulher vinte e quatro horas na mesma casa, que valha a pena, como a Olivia.

— Oi, Magno.

— Oi, Olivia. — Me sento e assisto ela pegar a tigela das mãos de Romeo e sentar diante do bebê escandaloso.

— Filho, tá fazendo birra. Abre a boquinha. — Olivia pede, toda carinhosa e paciente, com a colher suspensa no ar.

— Abrir mais que isso?! — Exclamo fazendo Romeo rir.

— Ele é esperto, sabe que os pais estão de saída. — Vilma dá o diagnóstico e serve café em duas canecas, uma para mim e outra para Romeo.

— Se o seu tá assim, o que Lorevaldo não deve estar passando com o dele?

— Ali o caso é sério. — Romeo concorda. Empurra uma cesta com algo parecendo biscoitos, fumegantes, em minha direção.

— Duas raças ruins. Lorevaldo com Angelmaligna.

— Isso porque você ainda não viu o vídeo do bebê de seis meses dando um olé no Lorenzo.

Romeo mexe no celular e o entrega para mim.

Terminamos o café e sigo no meu carro com Romeo. O motorista foi levar Olivia e o bebê para a empresa. Hoje ela resolveu levá-lo, pois estava muito dramático.

E isso tudo só me faz agradecer silenciosamente por minha vida perfeita.



— Essa é a loja matriz. Temos mais cinco filiais espalhadas pelo estado. — Eu e Romeo andamos atrás do dono da rede de farmácia e ele nos apresenta o ambiente, tentando vender o negócio. Não vender propriamente dito, mas se a Orfeu se interessar, faremos negócio com o dono, daremos a ele uma significativa quantia, aplicaremos capital na caixa da rede de farmácias, em uma espécie de arrendamento; como se a Orfeu alugasse toda a rede por uns cinco anos e todo o lucro recebido viesse para a gente. No fim do contrato, o dono decidiria se venderia definitivamente ou tomaria de volta.

— É um prédio bom, como detalhado no relatório. — Eu paro olhando as paredes. — Já foi restaurado?

— Duas vezes. E está numa boa localização da cidade.

— Qual a empresa responsável pela restauração? — Romeo analisa as páginas do relatório que temos em mãos.

— Está aí na papelada. Muito conceituada. Querem ver a parte de cima? Sei que o corretor que vocês mandaram já fez o laudo do prédio, mas se quiserem...

— Não. — Romeo antecipa. — Resolvemos apenas dar uma olhada e marcar a reunião. É um bom negócio. — Ele olha para mim, esperando minha opinião.

— Pelos relatórios, estou de acordo. — Concordo com ele.

— Bom, já debatemos o suficiente, se o senhor desejar, poderemos resolver isso depressa.

— Quero o mais rápido possível.

— Claro. Peço para meu secretário te ligar informando a hora da reunião com seus advogados. — Romeo estende a mão cumprimentando o homem, faço o mesmo e saímos dali.

— Não gosto muito de farmácias. — Dentro do carro, abotoo o cinto de segurança e Romeo dá a partida.

— Ainda sobre aquela tragédia com seu rabo?

— O cara foi muito vacilão, velho. A coisa foi no meu cu. Eu senti o trauma.

Romeo dá uma gargalhada. Rio também me lembrando do acontecido. Eu estava em torno dos quinze anos, e tinha acabado de ser diagnosticado com hemorroidas. Eu e Romeo estávamos na Espanha, passando férias na casa de Amadeo. Então meu primo trocou minha pomada de hemorroidas por removedor de pelos. Meu cu pegou fogo, sambei pelado, abrindo com as mãos as duas bandas da bunda, gritando no banheiro, e minha tia viu tudo: “Madre de Dios!” — ouvi-a exclamar.

Aí meu tio me levou a uma farmácia, onde tive que mostrar o rabo dolorido para um farmacêutico. Depois fui a um pronto-socorro e tive que ficar de bunda pra cima enquanto um enfermeiro vinha lavar e desintoxicar. Minha masculinidade estava pisada.

— As garotas que tu *pega* sabem do seu problema? — Romeo indaga zoando.

— Ah, vai se foder! Sabe muito bem que não tenho mais essas merdas há muito tempo. Operei.

Ele assente morrendo de rir.

— Veja pelo lado bom, não foi na rola.

— Se fosse, Amadeo estava comendo capim pela raiz, tu *tá* ligado né?

— Com certeza.

Voltamos para a empresa, e me senti tedioso em plena terça-feira. Fiquei sentado na minha sala, com uma pilha de serviços para fazer, mas a coragem não estava me favorecendo. Na verdade, hoje nem estou a fim de sair, ou ir ao Dama de Copas. Liguei agora há pouco e Daniel disse que está tudo sob controle.

Sempre deixo tudo nas mãos dele, apenas coisas mais burocráticas que ele passa para mim.

Decidi ir almoçar mais cedo e, como de costume, fui ao Marina Barra Clube, onde eu podia relaxar um pouco após o almoço. Como era de se esperar, consegui companhia assim que cheguei. Duas mulheres estavam no bar e eu me aproximei para saborear um drinque antes do almoço.

As duas sorriram para mim, como era de se esperar, e eu dei corda.

— Olá. — Cumprimentei-as.

— Oi. — Uma mais tímida mordeu os lábios e colocou fios de cabelo atrás da orelha. Quero ela, decidi na hora.

— Vem sempre por aqui? — Indago me virando no banquinho para olhá-las. A tática é dar atenção à mais risonha, para a outra tímida sentir que perdeu o jogo, mas quando eu partir para ela, vai ficar tão surpresa que não conseguirá negar duas vezes. O truque é velho: é como se ela estivesse perdendo no último jogo do campeonato e, no último segundo, sai um gol da vitória.

— Sim, quase sempre estamos aqui.

— Que bom. Também venho sempre. Magno Lafayette. — Estendo minha mão para a morena com cara de assanhada. A loirinha me olha um pouco envergonhada, com feições rubras.

— Sou Alanna e essa é minha amiga Cristina. — Assim que pego na mão de Cristina, vejo a aliança em seu dedo e vibro por dentro. Essa não tem escapatória. Já é minha transa do meio-dia e nem sabe.

— E então, Magno, o que você faz?

— Sucesso. — Respondo com uma piscadinha. A mais tímida sorri e a outra gargalha.



— Ei... Magno, aqui não... espere. — Cristina, a gatinha tímida, tenta se livrar do meu abraço.

Ah, não fiquem com essas caras de surpresa! Eu não disse que eu a teria? Magno quer, Magno consegue. Foi rápido, pois não tenho tempo a perder quando o assunto é trepar; logo eu consegui dar um fora na outra, atirei na amiguinha acanhada e estamos presos em um banheiro do clube. A blusa dela enrolada para cima mostrando peitos lindos, a calça abaixada nas coxas e minha mão no meio de suas pernas.

— Não está gostando? — Deixo a boceta dela e seguro seu rosto em minhas mãos. Hora de fazer o cara carinhoso. Acaricio sua face. — Te machuquei?

“Te machuquei” é o cacete. Meu pau que tá me machucando aqui de tão duro e eu ainda tenho que voltar para o trabalho.

— Não... — ela gagueja. — Estou gostando... Mas aqui...

Mas que porra é essa? Se ela quer, por que o doce? Tá. Ela vale a pena, o esforço. Tenho que voltar para a empresa, sei que não vai rolar nada aqui no banheiro.

— Tudo ao seu tempo, querida. — Digo. Meu pau sacoleja me detestando. Me afasto, procuro uma caneta no meu bolso. Essa vale a pena. Torno a me convencer. Não encontro a porra da caneta. Mas que merda.

— Ah... queria seu número. — Eu digo e ela fica atônita e quase aflita. Olha em volta, depois pega sua bolsa, joga as coisas na pia e em um instante levanta um lápis preto.

— Lápis de olho. Serve?

Dou uma risada. Quem é louca de perder a chance de me dar o número de telefone?

Desabotoo o meu cinto, eeeee, como eu esperava, os olhos saltam, as bochechas ficam rosadas; abaixei a calça com cueca e tudo; e foda-se. Acham mesmo que eu ia perder a chance de exibir para ela meu mecanismo de defesa e ataque? Propaganda é a alma do negócio. Está um orgulho de se ver. Grandão, grosso, veiuado e lambuzado na cabeça.

Aponto para a virilha, pouco acima do pau.

— Aqui. Quero que anote seu número aqui. Vou te ligar para sairmos.

Ela sorri. Embasbacada, sorri como eu esperei que fizesse.

— Podia... ser na mão? — Ela gagueja.

— Na mão sai. É por aqui que me lembrarei de você. — Pisco para ela, faço um gesto com a cabeça indicando minha virilha; para ela se aproximar sem medo. Dá um passo e, com a mão trêmula, começa a riscar minha pele. Estou com as mãos na cintura, mas mexo meu pau para ela ver como ele está prontinho para a festa. Ela termina, e aperta com força o lápis; eu mais que depressa puxo-a e em seu ouvido sussurro:

— Verei se tenho um tempinho. — Beijo de leve os lábios trêmulos, ajeito o

pau na cueca, subo a calça e, com mais um beijinho de despedida, saio rápido.

Passo no restaurante e peço para embrulharem meu pedido. Ferrei com meu tempo de almoço. Patrãozinho Romeo deve estar mordendo gente.



Voltei, almocei na minha sala enquanto assistia a um episódio de Prison Break, tirei um cochilo no sofá da pequena sala de descanso, e logo em seguida reuni coragem e me enfiei no trabalho; até sentir minha boca seca e minhas vistas arderem.

Ofego, me jogo para trás recostando na cadeira e, para meu desgosto, ainda não são cinco da tarde.

Na minha gaveta, pego um pacote de bolacha recheada e desgrudo uma para comer o recheio. Faço isso sempre, para relaxar e pensar. Jogos as bandas da bolacha em um pacote e pego outra para raspar o recheio. Toco na tela do computador e abro minha agenda. No dia de hoje e está assinalado: treinar.

Droga. Dia de academia, não estou com saco. Levo o dedo para tocar em: “adiar compromisso”, mas paro no ato; penso um pouco e decido ver se tenho outras opções para me tirarem do tédio. Hoje não posso comer a gatinha do clube; ela é presa para outro dia. Veja bem: se eu ligar hoje, ela se faz de difícil achando que eu fiquei de verdade interessado. Se eu ligar daqui quatro ou cinco dias, ela vai se sentir uma sortuda por ter ganhado um espaço na minha agenda. Vai vir até mim no primeiro toque. Sou rei de copas. Acha mesmo que não penso em tudo?

Saio da minha sala, atravesso o corredor, paro em uma porta, dou um toque e entro. Lorenzo levanta o rosto do computador e me olha.

— Vamos beber hoje? — Convido.

Ele faz uma careta, coça a barba e não fala nada.

— Ou tem muita coisa para fazer?

— Não posso. — Ele olha no relógio de pulso. — Tô saindo agora. Nick já passou quase o dia todo sozinho. Eu e Angel estamos nos empenhando mais para estar com ele.

— Vou para sua casa, ué. A gente bebe e joga alguma coisa no Xbox. Ou assistir. Acabou de sair a sétima temporada de Game Of Thrones.

— Hum... — Ele pensa mais um pouco, me irritando. — Acho que devemos manter o dia dos caras, que é na sexta ou sábado. Angel deve estar cansada e me espera para eu ajudá-la com o pestinha. Convidou o Romeo?

— Mesma desculpa que você acaba de dar. Vocês dois se tornaram um porre pais de família. Vou ver o Amadeo.

Saio, mas nem vou contatar Amadeo. Volto para minha sala. Quem não tem cão, caça com gato. Meus parceiros de noite estão arruinados. Mas sozinho, fico

só se quiser. Pego o telefone e ligo para Daniel dizendo que mudei de ideia e darei uma passadinha lá no clube hoje, mais tarde, para ele reservar uma garota para mim.

Arrumo minhas coisas e, encerrando meu dia, vou direto para a academia, queimar um pouco de gordura e me preparar para fazer algumas piruetas logo mais no clube.

A pior coisa é ir para o clube sem estar interessado. Mas é como se todos os caminhos me levassem para lá. Gosto de passar a noite sozinho, só jogado num canto lendo ou assistindo alguma coisa. Mas hoje não é essa noite. Meu corpo está ativo demais para eu ficar apenas de cueca em um canto de casa, na monotonia.

Lavínia

Preferi ir hoje ao clube conhecer um pouco mais e, talvez quem sabe, experimentar novos rumos na vida sexual. Sim, eu decidi e já acordo agora na terça-feira com o celular no ouvido ligando para Felipe. Gosto do dia, pois é meio de semana e não deve ter tanta gente como tinha no sábado, acho que ficarei mais à vontade.

Felipe diz que vai ligar no clube reservando uma mesa para a gente. Ele ficou animadíssimo. Eu estou mais ainda.

Assim que desliguei a ligação dele, liguei para Isa.

— Vou fazer. — Digo assim que ela atende.

— Você é doida e ainda vai nas ideias de Pedro. — Ela reclama e ouço barulho de utensílios domésticos. — Tenho certeza que ele te convenceu.

— Não foi ele. Mas ele tem razão. A vida é uma só. Se eu me fechar e não conhecer prazeres novos, quando farei?

— Ele deveria conhecer prazeres novos. Espere, Nathan! — Ela grita. — Daaaannteee! — Dá outro grito e respira fundo.

— Correria? — Indago, deitada na minha cama, olhando para o teto.

— Sim. Ainda tem que deixar as crianças na escola. Dante é um morto pela manhã.

— Não vai para a faculdade?

Acho isso maravilhoso, depois de anos, Isa voltou a estudar, passou no curso de veterinária e já está no segundo período. Não aguentava mais ver minha amiga sendo apenas uma doméstica com sonhos reprimidos e ouvir o marido lindo dela reclamando que ela não estava se cuidando, que deixou a academia e estava ganhando peso.

— Hoje a aula é à tarde. Graças a Deus. — Ouço barulho de canecas e a voz de Dante falando com as crianças e em seguida ela volta a falar: — E então, Lav? Será hoje?

— Sim. — Dou um pulinho. — Estou animada.

— Vai topar só se o cara for lindo? — Ela cochicha, escondendo o teor da conversa.

— Claro. Já que não tem como conhecer personalidade assim em uma hora, tem que partir para a beleza. Peito e bunda, lembra?

Ela dá uma risada e prossegue:

— Vaca pervertida. Caramba! Mas que injustiça, não pode mesmo nenhuma foto básica de nada?

— Não pode.

— Já estou louca para ver, Lav.

— Regra número 1 da casa. Pessoas de influência estão lá. E não pode rolar fotos e filmagens.

— Sei. Alguém pode estar lá escondido do cônjuge.

— Com certeza. Agora vai terminar seus afazeres que eu vou me preparar para hoje à noite.

— Vai. Estilo Lavínia Torres carreira internacional. — Ela aconselha.

— Claro. Só falta a lingerie. Vou agora comprar uma bem sexy.

— Me mande fotos. Compre uma que vai deixar Felipe de queixo no chão. — A voz fica meio abafada, num sussurro. — Ou melhor, deixar o cara lá de queixo caído. Que merda de vida, que vontade de estar lá vendo tudo.

Eu rio, ouço Dante falar alguma coisa e Isabella ri.

— Lav, boa sorte. Dante mandou um beijo.

— Obrigada. Outro para ele. Tchau, Isa. — Desligo e bato as pernas na cama rindo eufórica, como uma adolescente.

Cacete! Estou sorrindo como uma condenada liberta. Eu sou cretina demais. Adoro festas, adoro noites glamourosas e, mais ainda, adoro sexo. Hoje, a noite promete.

Me arrumo, tomo um rápido café, pego o carro e vou fazer umas compras, passar no salão para ajeitar as unhas e o cabelo.

Em uma loja de lingerie, escolho três conjuntos de renda. Não gosto de coisa muito extravagante, porque me incomoda demais, nada de fio dental adentrando na bunda enquanto a gente caminha; mas, também, nem pensar em calçola em um possível encontro num clube de luxo.

A loja é magnífica. Entrei como se estivesse sob holofotes, nos meus saltos enormes dourados, porque eu sou Lavínia e essa loja tem que me merecer; balancei os cabelos, tirei meus óculos e fiz um olhar blasé para uma atendente. Recebida em tapete vermelho.

Escolhi um conjunto lilás lindo. Um branco e um preto. Depois tirei fotos com as meninas que me atenderam, pois elas me reconheceram. Em seguida, fui para um salão que Isa me indicara e, depois de quase meia hora no telefone, conseguira um horário para mim.

É um lugar de luxo, ela conseguiu um horário quando disse que era a esposa de Dante Menezes e o horário era para Lavínia Torres. Há nomes que abrem portas. Esperei pouco na confortável sala de espera. Depois, fui encaminhada para uma poltrona alta branca, confortável, e duas jovens uniformizadas se

posicionaram para fazer minhas unhas, pés e mãos. Gosto de cores claras nas unhas das mãos, mas hoje optei pelo vinho clássico. Não é tão vibrante como o vermelho-paixão, mas é um tom sexy.

— Mas olha, que absurdo! — Uma das clientes fala me mostrando uma página de uma revista que ela está lendo.

Adoro fofocas de salão. Pode ser o salão mais luxuoso do mundo: haverá fofocas.

— O que é isso?

— Não ficou sabendo? Cinco meninas foram estupradas nos dois últimos meses e...

— Apenas cinco? O número não é maior aqui na cidade? — Interrompo-a. A mulher faz sinal para eu esperar ela terminar.

— Sim, infelizmente. Acontece que essas cinco são diferentes das várias mulheres que sofrem abuso diariamente.

— Como? — Outra cliente se interessa e pergunta.

— Pelo que li aqui, essas cinco garotas são aparentemente de classe média, têm a mesma idade e sempre o modo de agir do meliante é o mesmo: elas desaparecem, a família entra em desespero procurando e dias depois aparecem inconscientes na porta da casa. E todas as cinco mudaram de última hora o depoimento e não disseram o que de fato aconteceu e quem foi.

Eu e as outras ficamos abismadas com a história.

— Elas estão protegendo o agressor? — concluo, incrédula.

— Sabe o que fiquei sabendo sobre isso? — A manicure entra na conversa. Nossa atenção se volta para ela. — Quem estuprou essas meninas foi alguém importante na cidade. Pois cada uma delas foi encontrada com suas joias, suas roupas intactas, dinheiro em suas bolsas, e as cinco estavam dispostas a contar tudo mas se calaram no último momento, inclusive, familiares delas querem encerrar as investigações.

— Estão sendo ameaçados, isso é lógico. — Eu afirmo com pose investigativa.

— Pode ser.

— Bem capaz mesmo. O criminoso deve ter muito a perder.

— E o que a polícia acha disso tudo?

— Bom, aqui na matéria diz apenas que mais informações da investigação caminham em sigilo.

Uma cliente coloca a mão na boca horrorizada, antes de opinar:

— E se for alguém da própria polícia?

— Faz sentido. — Eu e outras concordamos.

Elas mudam de assunto, e eu continuo pensando e concluo que Dante e Isaac

precisam ter alguma posição sobre o assunto, já que são candidatos a governo desse estado. Na verdade, a posição deve abranger qualquer mulher violentada e não apenas essas cinco. Incrível como essas baixarias e crueldades ainda acontecem na modernidade e fique sem punição.

Meu cabelo ficou maravilhoso. Eles são pretos naturais, mas nunca estou com essa cor. Gosto de castanhos, quase para o chocolate, todavia, hoje dei uma clareada e ficou com mechas lindas, encaracolados com um movimento perfeito.

Jogado na minha cama, Pedro me assiste enquanto me maquio vestida de lingerie, apenas.

— E como será, já pensou sobre? — Ele indaga. — Conversa? Bebidinha? Felipe presente... cacete, que clima!

— Acho que vamos ter uma social.

— Nossa, mais sem graça ainda. Essa cor não! — Ele grita quando escolho uma sombra. Mostro a paleta de cores, aponto para uma mais clara e Pedro assente.

— Sem graça por quê?

— Ah... vocês três lá, tomando uma vodca...

— Vodca, Pedro?

— É, alguma coisa... Prosecco, pinã colada.

Dou uma risada.

— Não sei o que servem nesses ambientes, sou homem do lar. Mas estão lá bebendo e sabendo que vai rolar sexo logo em seguida. Estranho...

— Excitante. — Corrijo.

— Não deixa de ser estranho.

Me viro na cadeira e olho para ele. Posso sentir meus olhos refletirem minha ansiedade.

— Já passou pela minha cabeça: cada tipo de homem que pode ser esse sujeito.

— Você é uma safada. — Conclui.

— E você está com inveja.

— Ah, vai te lascar. Inveja de quê?

Volto a olhar para o espelho.

— De suar em cima de um macho gostoso.

Ele dá uma risada de cinismo, mas não rebate minha provocação. O silêncio é desconcertante. Paro de maquiar e olho para ele do espelho. Pedro está calado puxando fios da almofada na minha cama.

— Ei.

Ele me olha.

— Ainda está indo lá no grupo de apoio?

Balança a cabeça que sim. Me levanto e sento na cama mostrando complacência.

— Está dando resultado?

Ele meneia a cabeça, ergue os ombros e fica pensativo.

— Doutor Carlos diz que homossexualidade é comportamental e que comportamento a gente muda, que é coisa que se aprende. Mas eu tento recordar... não sei quando começou... não me lembro de um dia ter me sentido atraído por... er...

— Mulheres.

— Isso.

— Pedro. Você é adulto. Passou a vida...

— Lav, não. — Me interrompe. — É meu futuro em jogo. É por eu ser adulto mesmo que preciso tomar uma atitude. Preciso ter minha família.

— Família não se faz por obrigação, se faz com quem você ama, é natural.

— Você não entende. — Os lábios repuxam desanimados. — Você é normal. Pra você está aí, a seu alcance.

— E você não é normal? Não pode amar, ter sentimentos por outra pessoa? Você é humano como qualquer outro homem.

— Não enquanto eu não estiver curado. Eu sou uma aberração. Doutor Carlos diz que aberração é tudo que foge do padrão.

— Aaah! Doutor Carlos que tome no cu dele. — Berro e me levanto. — Pedro! Você está louco? Olha o que você está deixando fazer com si mesmo! — Bato minhas mãos na cintura, estou horrorizada. — Como poderá um dia querer amar uma mulher se vai estar se odiando? A vida toda reprimido. Isso é ridículo.

— Eu não devia estar falando sobre isso. — Ele se levanta e calça os sapatos. — É tudo confidencial.

— Então é coisa escondida?

— Não.

— É sim. — Desminto ele. — Vai mesmo embora?

— Se não mudar de assunto...

— Estou com muita raiva de você, cara. Muita mesmo. Pois está se deixando manipular pelo pior tipo de gente que existe. Os falsos moralistas e intolerantes.

Volto a me maquiar e ele volta a se sentar. Ficamos um tempo calados.

— Pega meu vestido. Esquece isso, vamos nos concentrar em me arrumar. — Ele sorri um pouco aliviado e vai para meu closet.

Respiro profundamente. Pedro já está com vinte e oito anos nas costas e ainda tem essa porra de mente de adolescente. Quero foder a vida desse Doutor Carlos de merda.

Lavínia

Cheguei com Felipe ao clube. Tomei uma taça de champanhe e ainda estou nervosa, ou melhor, ansiosa, para o que vai acontecer. Na verdade, muito curiosa com toda essa situação.

Durante a vinda, eu e Felipe conversamos trivialidades. Queria comentar com ele sobre Pedro, pois a situação dele está me deixando preocupada, mas isso seria uma puta quebra de confiança com meu amigo. Ele confiou a mim e a Isabelle seu maior segredo.

Eu e Felipe recusamos falar sobre o que iria acontecer nessa noite, para sentir como se tudo fosse seguir um caminho automático. Entramos de braços dados e um homem elegante de terno nos levou a um ambiente reservado do bar. Tinha belas poltronas baixas, ao redor de uma pequena mesa. Nada daqui parece clube de sexo; é como se fosse um belo clube executivo para ricos.

Felipe cochicha para o homem de terno, que assente e sai. Um garçom vem em seguida e anota nossos pedidos: Felipe pede um uísque e eu uma taça de vinho.

— Tudo bem? — Acaricia minha perna.

— Ótima. — Demonstro isso em um sorriso encorajador.

— Você está linda.

— Obrigada, sempre estou. — Enrolo meu dedo em um cacho do cabelo. Bom, ele parece não ter percebido no meu cabelo que está levemente mais claro e com algumas sutis mechas. Ah, mas homens são assim...

Nossas bebidas chegam. A música do bar é perfeita, algo romântico cantado por uma mulher ao longe; acústico.

— Eu amo esse lugar. — Confesso.

— Sério?

— Sim. Como eu poderia ser um membro?

— Se eu te convidar, aí os donos aprovam sua entrada.

— Você vai me convidar. — Nem pergunto, já aviso. — Tudo aqui é maravilhoso, a comida, a música, as pessoas... a coisa do sexo. — Pisco para ele sugestivamente.

Felipe apenas sorri e acaricia minha perna.

— Está deslumbrada?

— Sim, estou. E olha que sou muito acostumada com luxo de várias partes do

mundo.

— Aqui é mesmo um lugar ótimo.

— Casais frequentam... experimentando tudo que o clube pode dar?

— Sim, claro. Nós dois somos uma prova disso.

— Justo.

— O prazer trocado só é aproveitado com confiança. — Ele levanta um dedo para mim: — Perdoe-me, querida, me dê um instantinho, vou conversar com Daniel.

— Daniel?

— É. Te apresentei aquele dia. Ele é como se fosse, digamos, o gerente.

— Ah. Entendi.

Felipe se levanta, caminha até o outro lado, conversa com um homem. O tal Daniel me passa uma sensação de alerta, alto, cabelos bem raspados, usa um cavanhaque e tem um brinco em uma das orelhas. De lá ele me encara enquanto Felipe diz alguma coisa. Os dois se despedem e o Daniel some por uma porta.

— Parece que está tudo resolvido para nossa noite. — Felipe se senta. — Fiz minhas exigências. Ah! Olha, lá vem ele. — Se anima aparentemente, mais do que já estava.

— Ele? — Viro-me para onde Felipe apontou com o queixo; um garçom tampa a visão, pois está conversando com a pessoa.

— Nosso convidado da noite. — Ele me informa e manda uma piscadinha matreira.

— Eu não contei a ele ou qualquer outra pessoa sobre nossos planos para te preservar. Apenas pedi a Daniel para chamar nosso anfitrião aqui se estivesse presente nessa noite.

— Aprecio sua preocupação comigo. — Agradeço, Felipe se curva e me dá um beijinho. Ele se recompõe e sorri para alguém atrás de mim; vejo a silhueta da pessoa ao meu lado, ensaio uma pose, levanto os olhos e tenho um choque ao ver a minha frente ninguém menos que João, o fã.

Ai, cacete! Oi? Espera aí. Como é que é? João Fã, será o nosso... convidado? Ou anfitrião, sei lá como se nomeia?

Ele está me olhando atentamente com uma mistura de incredulidade e felicidade. Felipe parece estar avoado e não percebe nossa surpresa: a minha e a de João.

— Esse é...

— João — antecipo, em um murmúrio.

— Lavínia. — João dá um breve e encantador sorriso e estende a mão para mim. Ele pode perceber que fiquei em choque? Acho que não, geralmente não costumo demonstrar assim, de cara.

— Já se conhecem? — Felipe pergunta com cara de pamonha, mas nem olho para ele. Estou olhando para minha mão, que está presa na mão de João indo em direção aos seus lábios. Ele beija e eu a puxo sutilmente.

Que merda! Conseguiu me deixar hipnotizada por dois segundos.

— Sim, nos conhecemos no bar — explico a Felipe — quando saí com Isabelle e Pedro, sexta passada.

— Na verdade não me chamo só João, todos me conhecem por Magno.

— Bonito nome. Mas vamos manter as coisas informalmente, prefiro assim.

— Ah — Felipe pigarreia. — Verdade. Também acho melhor assim.

— Tá certo. Como quiser. Creio que já estão sendo bem atendidos. — Magno senta à minha frente, sem ser convidado.

— Muito. — Felipe ri maravilhosamente feliz. — Lavínia acaba de me confidenciar que adorou o lugar e até pensa em ser um membro. Também é um dos meus lugares preferidos, e ter ganhado o bilhete premiado foi a melhor coisa que já aconteceu.

Enquanto Felipe arrasta asa para nosso “terceiro elemento”, ele me encara descaradamente, como se não acreditasse que sou eu aqui. Eu sustento o olhar misterioso e sexy dele. Que droga! Agora Felipe se tornou o “terceiro elemento”, pois nessa troca de olhar tem apenas espaço para dois.

— Torna-se membro hoje mesmo, se você quiser. — Magno responde para mim e não para Felipe.

— Gostaria antes de conhecer o estabelecimento.

— É claro. — Levanta o dedo e chama um garçom. — E eu ficaria grato em te fazer uma humilde apresentação. — Ergueu apenas um canto da boca em um vestígio de sorriso, e em seguida a ponta da língua passou no lábio inferior. Sorriu. Ele é bem tentador com essa boca, esse corte de cabelo bem baixinho estilo militar... Sorte que já sou vacinada e não suspiro com facilidade.

O garçom vem, senhor Cabelinho-Militar-Sexy pede uma bebida e depois volta-se para nós dois.

— E então? Como eu poderei servi-los?

Ah! Me servir. Essa é a palavra correta.

— Pois então. — Felipe começa. — Ganhei o bilhete que dá direito a tudo, não é?

— Sim. — João Magno concorda. A testa com marca de expressão, acho que tentando adivinhar aonde Felipe quer chegar.

— Eu tenho alguns gostos no meio sexual e comentei com Lav, minha noiva, e ela...

— E eu aceitei saber mais sobre o assunto. — Intrometi, afinal não sou nenhuma incapaz para precisar de um porta-voz.

— E o assunto seria...? — Magno se empertiga todo ansioso.

— Voyeurismo. — A palavra sai da boca de Felipe e nosso anfitrião engole seco me olhando sem piscar. É isso mesmo que está pensando, garotão. Você pode ter a chance de provar da senhorita Torres. A melhor coisa que você comerá em toda sua existência. Olho minhas unhas bem-feitas rindo dos meus pensamentos esnobes.

— Ahmm... me conte mais, sobre isso.

— Vou resumir. — Me ajeito na cadeira. — Meu noivo — toco na mão de Felipe sobre a mesa — me contou coisas sobre esse clube e eu fiquei curiosa. E me confidenciou que ele tem uma fantasia e me perguntou se eu aceitaria participar. Eu disse que sim, se estivesse confortável com a situação.

— Que seria...? — O cara está muito impaciente. Tem até uma palidez acentuada em seu rosto, como se estivesse prestes a receber algum resultado de um teste.

— Escuta. — Peço.

— Ok.

— Que seria uma relação estritamente sexual a três. Sendo que ele ficaria apenas de espectador de todo o acontecimento. — Os olhos de Magno saltam pasmos.

— E no caso, eu pensei em você. — Felipe completa apontando para João. — Que, a meu ver, é um dos mais profissionais aqui.

Eeeee...

Somos brindados com um surto de tosse do João-Cabelo-Militar-Sexy. O garçom chega à mesa e calmamente eu digo:

— Sua bebida, Magno.

Ele pega a bebida da bandeja e vira quase toda na boca. Parece meio engasgado, o bichinho.

Ele descansa o copo na mesa e seus olhos vão de mim para Felipe e para mim novamente a perplexidade fazendo companhia a descrença estampando seu olhar. Suponho que ele esteja se perguntando por que eu aceitaria isso. Antes de ele perguntar, eu mesma respondo:

— Confesso que foi algo que me deu curiosidade. Gosto de experimentar novos desafios.

— Sim. Claro. — Ele assente. — Posso explicar como funciona, te apresentar o ambiente; escolheram mesmo o melhor lugar e a melhor pessoa, no caso eu, para poder tirar todas suas dúvidas e realizar suas experiências. — Atropela as palavras se mostrando ainda embasbacado. — Não há homem melhor que vá proporcionar a vocês um momento mais prazeroso. Como Felipe já te explicou, sou o mais profissional e indicado para lhe apresentar o sexo voyeur e tudo que

ele envolve.

Tomei um gole de champanhe e me senti diante de um vendedor de carro explicando os benefícios do automóvel. Felipe apenas sorri, todo atencioso; acho que esse cara sentado com a gente deve ser algum tipo de ídolo para meu noivo, ele o fita como se fosse seu fã. Puta que pariu! Estamos numa boa “Quadrilha”: Felipe que idolatra Magno que idolatra Lavínia que não idolatra ninguém. Fim.

— Eu disse a Lav que ela iria decidir se aceitaria a experiência contigo ou chamaríamos outra pessoa. Quero, acima de tudo, a minha noiva confortável.

Semicerro meus olhos para Felipe, chegando a uma conclusão de que ele me vê como uma frágil donzela. Se ele soubesse metade do que já aprontei no mundo do sexo...

— Ah... — Magno fica meio receoso de eu não aceitá-lo, então começa vender seu peixe: — Bom, além de ser o único que sabe de todas as nuances...

Nuances? — Rio por dentro. Ele tá representando; não tem cara de quem tem esse linguajar no cotidiano.

— Sou sigiloso e bem discreto.

Garoto de programa. — Concluo em pensamento.

Felipe é só sorrisos.

O ego do João Magno é maior que ele mesmo. Calada e concentrada, de olhos semicerrados grudados no rosto bonito, percebo enquanto ele tira a maior onda de quem ele é, Felipe está babando as bolas do senhor João Fã na maior cara de pau. Eu estou louca para dar outro fora nesse cara, como aconteceu no bar, e me deliciar com a expressão de puto não-mereço-isso que ele fará; minha língua treme para dizer, simplesmente, que não estou interessada.

Entretanto...

A merda da xota está fazendo escândalo aqui. O cara é gostoso com força e talvez compense sua soberba; afinal será uma vez só. Tento ser racional e querer sair por cima, mas com uma vagina que implora desesperadamente para provarmos um pouco dele, não dá para ter raciocínio lógico.

— Ok. — Eu digo decidida e os dois homens, comicamente catatônicos, me olham.

— O quê? — Magno murmura.

— Eu disse que ok, tudo bem, vamos ver no que isso vai dar.

Lavínia

O quarto para o qual ele nos levou ficava no segundo andar. Andamos por um corredor cheio de portas, que mais parecia o corredor de um hotel de luxo. Erra quem pensa que aqui parece aqueles inferninhos com luzes vermelhas por todo lado, mulheres seminuas rodando nos ferros e gemidos vindo por detrás das portas. É moderno, confortável e muito discreto.

Magno, nosso guia, nos explicou que todos os cômodos têm paredes e portas com isolamento acústico. Nada escapa de lá de dentro. Isso me deixou mais tranquila; não que eu vá gritar como uma hiena parida, mas acho melhor assim. Discrição.

Não passamos pelas áreas principais do clube. Eu ainda quero ver o salão de orgia, e fiquei sabendo que pode dar uma espiada nos espetáculos BDSM, para o público babar e tremer, quero ver tudo. Mas hoje seguimos direto para o lugar que ele disse ser a área de swing e voyeur. Onde tem quartos com espelhos falsos para clientes assistirem o sexo dos outros e/ou participar.

Isso deve fazer muita mulher vibrar, mas confesso que me faz ter apenas uma pressão no ventre ao imaginar tanta loucura e depravação dentro desse lugar e ficar mais curiosa para saber sobre o assunto. Cada mulher é uma mente diferente e todas devem ser respeitadas, tanto as que querem fugir desse lugar como as que querem saber mais sobre tudo isso, no caso, eu.

— Esse quarto é individual. — Magno aponta para um espelho. — Apenas uma pessoa pode assistir o que acontece aqui, no caso Felipe fica do outro lado. — Aproximo e me olho no espelho. Os dois homens atrás de mim me analisando o tempo todo.

— Parece um espelho normal.

— É um espelho duplo. — Ele fica ao meu lado. Com o nó de seu dedo, dá uma batidinha. — Como aqueles usados em sala de interrogatório.

Me volto estudando todo o ambiente. É lindo, luxuoso como todo o resto do prédio; silencioso também.

As paredes são brancas, assim como o chão e todo o resto. Os forros de cama, as almofadas e travesseiros, a própria cama é branca. Me lembro quando eu assisti com Felipe um casal fazendo sexo em um quarto assim; os corpos se destacam, é a única coisa que se destaca no quarto branquíssimo.

— Vocês estão à vontade? Aceitam tomar alguma coisa? — Apesar de ele

querer parecer descontraído, noto estresse em sua voz.

— Não. Estamos bem. — Digo.

— Ok. Tem alguma objeção sobre o sexo?

Felipe me olha; acho que eu vou dar as cartas.

— O que eu sentir vontade, eu faço.

— Ok. — Os lábios de Magno expandem em um sorriso muito sacana. Ele sabe que sua beleza rústica provoca coisas nas mulheres. Como está provocando em mim. Nunca tinha conhecido um cara tão instigante e ao mesmo tempo egocêntrico que me faria correr, entretanto, excitante o suficiente que me faz ficar e querer olhar para ele e saber o que vai acontecer em seguida.

Seu beijo deve ser delicioso, por que ele tem lábios cheios e bem contornados por barba e bigode.

— Felipe, por que não deixa sua garota à vontade? — João Magno caminha até mim e toca gentilmente na alça do meu vestido. — Por enquanto. — Sussurra me fazendo arrepiar. Cachorro provocador. Ele fica bem aqui do meu lado me olhando e começa a tirar o terno.

Felipe estende a mão para mim, eu a seguro e em um puxão vou parar em seus braços.

Não vou negar que estou meio tensa com o momento em si. Tem um homem estranho aqui do nosso lado tirando sua roupa enquanto meu noivo me beija calmamente. Entretanto, me examinando interiormente, não encontro medo, apenas nervosismo comum, o famoso frio na barriga. Deixo minha bolsa cair e me entrego às carícias do meu noivo, retribuindo e, também, acariciando seu corpo e me deixando relaxar para sentir o prazer.

Felipe é alto, forte, e quando me toca dispara uma eletricidade gostosa que me faz arrepiar. Não vou casar com ele apenas por ser conhecido do meu pai, mas sim por me fazer bem; estar com ele me faz bem.

Com carícias suaves dos dedos, empurra as alças do meu vestido, que caem pelos ombros enquanto os lábios dele passeiam pelo meu pescoço. Suspiro de olhos fechados, com as mãos em seus braços. Ele vem descendo a boca, fazendo um caminho carinhoso até chegar no alto dos meus seios. Beija um de cada vez e me vira de costas para ele, fazendo uma leve pressão com o quadril na minha bunda. E então sinto o zíper do meu vestido descer.

Quando abro os olhos, dou de cara com um verdadeiro homão da porra. Magno está diante de mim. Passo os olhos pelo seu enorme dorso nu e sinto o que é tremer de verdade. Meu ventre salta em euforia com tamanha beleza.

A palavra *incrível* nunca tinha feito tanto sentido ao ser empregada para descrever um homem. Moreno, malhado, sem camisa, com um peitão sarado que dá vontade de encostar os lábios e chupar; usando apenas a calça aberta e

mostrando a cueca. Gostoso no estilo “Dou pra ele com a mão na cabeça para não perder o juízo.”

Magno não é apenas um homem. É um tanque de guerra.

Ele vem até mim, toca meu queixo fazendo com que eu olhe especificamente para seus olhos. Ele tem o poder. Vejo isso refletindo nas labaredas de excitação que tomam seu olhar. As mãos de Felipe descem pelo meu quadril levando junto o meu vestido. Ajudo-o a tirá-lo e assim fico de lingerie e saltos entre os dois homens. A sensação é boa, tudo em mim está pegando fogo e o nervosismo deu lugar a um delicioso tesão.

Atrás, os dedos do meu noivo passeiam pela minha pele, descendo de encontro a minha bunda; a minha frente, Magno pega minhas duas mãos e as coloca em seu peito.

Sorrio. Claro que eu queria tocar. E o mais impressionante é que ele conseguiu perceber que eu queria tocá-lo.

Ele dá mais um passo para ficar mais próximo e assim eu consigo apalpá-lo sentindo seu calor em cada pedacinho duro e forte de seus músculos. Mais uma vez os dedos dele tocam no meu queixo e agora, quando levanto o rosto, sou surpreendida com sua boca na minha. Não desvio, me deixo levar; deixo-o ir aos poucos beijando meus lábios. Nada muito profundo. Apenas insinuações, puxando meu lábio com os dentes e se afastando para me olhar.

Promessas gritantes em seus olhos, dizendo que vai me comer deliciosamente.

Só percebo que estamos apenas nós dois no quarto, quando a porta se fecha e entendo que Felipe se foi, passando a bola para o outro. Estou me queimando toda de excitação, entretanto, agora fico um pouquinho nervosa de novo. Olho para o espelho sabendo que Felipe está lá, mas Magno vira meu rosto de volta para ele e para minha surpresa seu semblante mudou, está com uma cara de devasso e não mais solícito como era instantes atrás, ele me mostra a seguir um vislumbre de sua verdadeira personalidade.

— Nunca mais vai se esquecer disso, Lavínia. — Promete a centímetros da minha boca. — Será a melhor foda que já pôde experimentar. — O tanque de guerra provoca. Espero que ele tenha um bom canhão.

— Não me atice. — Advirto, baixinho.

Ele puxa minha cintura, me espremendo em seus braços fortes como aço, sua mão agarra de um jeito selvagem meus cabelos na parte de trás e me leva à loucura com um beijo forte e saboroso. Agora sim senti o gosto dele e sua pegada, língua e lábios me devorando com agilidade profissional.

— Você tem sorte e azar, garota. — Rosna após me mostrar seu beijo caloroso. Estou arfando.

— E eu posso fazer seu azar triplicar. — Rebato. Ele ri bem cinicamente me

deixando excitada e com raiva. Essa é uma mistura que mexe nos nervos.

— Sorte porque caiu nas minhas mãos. Vai ser servida do melhor, vai conhecer uma porcentagem do Mustangue...

— Mustangue? — Rio sarcasticamente, agarrada a ele, com minhas unhas em seu corpo. Sei que mustangue é cavalo selvagem. — Você é tosco.

— Azar o seu por ter me desprezado. Vai gritar pra caralho! Vou te comer até você não conseguir mais pensar em outra coisa.

— Pelo coice, espero que o cavalo seja da mesma proporção.

A mão dele chega até minha bunda, enfia os dedos na minha calcinha e dá uma avançada brusca com a boca na minha:

— Seja engraçadinha quando estiver sufocada com meu pau.

— Seja arrogante quando minha boca te fizer gritar como uma menininha. — Retruco.

Ele começa a rir, mas puxo sua nuca e agora é minha vez de beijá-lo. Espero que Felipe não tenha gozado vendo nosso prelúdio do sexo.

Fui girada inesperadamente, com um empurrão caio de costas na cama e sopro quando Magno tira a calça e fica só de cueca. Quase babei vendo toda aquela delícia. Por isso ele é tão esnobe, ele conhece as armas que tem. Seu pacote é bem recheado e faz o contorno perfeito da forma do pau na cueca. Ele vem para cima de mim e o recebo abraçando seu corpo viril.

Eu até tinha esquecido do momento, de que eu estava numa sessão de voyeurismo com meu noivo me assistindo.

O fecho frontal do meu sutiã fora destravado e senti meus seios saltarem livres assim que a peça de renda escorregou. Abri minha boca em forma de “O” e soltei o ar quando ele empurrou meus braços para acima da minha cabeça, segurou-os me deixando imobilizada.

Caracaaa! Eu estou me chacoalhando mais que ônibus velho.

Aquela maldita boca suculenta e máscula escorregou pelo meu pescoço, e eu a queria me exorcizando lá na minha vagina pedinte; a bichinha estava doida esperando sua vez; ele deu uma mordidinha simples antes de continuar descendo até chegar a meus seios. Os lábios repuxam num sorriso e puxa um mamilo com os dentes.

— Aiii. — Gemi.

Me reteso toda. A boca desliza para o outro e faz a mesma coisa; tô bem lascada, ele pratica esse mesmo ritual mais algumas vezes em meus seios, até minha vagina derramar lágrimas, emocionada. Meu corpo todo está eletrificado, o cara é bom; cheira a homem gostoso, tem pegada de profissional e eu preciso tocá-lo para que todos meus sentidos sintam seu poder, de uma única vez.

Enfim, sua boca fecha em volta chupando a auréola do meu seio, me aliviando

e me dando mais prazer; e quando ele aplica sucção, esfrego minhas pernas nas coxas musculosas dele; minha luta para tocá-lo se torna mais feroz entretanto, estava bem segura apenas contorcendo embaixo do seu corpo malhado, tendo seus lábios quentes nos meus seios me fazendo piscar como louca... *não disse por onde.*

— Está tudo bem aí? — Levanta os olhos para mim, cheios de chacota, antes de descer para meu ventre.

— Estou ótima. Volte ao trabalho. — Comando. Ele ri e enfim, solta minhas mãos.

— Quero rasgar sua calcinha e chupar sua boceta até não aguentar mais.

— Sem promessas... apenas faça. — Murmuro dando aval para isso.

Os olhos de Magno aprovam minha ousadia e, com um puxão, lá se vai minha cara calcinha de renda. Penso em Felipe, mas no mesmo instante ele evapora da minha mente, a lambida deliciosa que Magno me presenteia faz meus pensamentos se desligarem.

E eu nem ligo para mais nada, quando ele chupa vorazmente e faz loucuras com o polegar empurrando e brincando com meu clitóris.

— Quieta! Parece que nunca foi chupada adequadamente. — Ele segura forte minhas pernas, e se concentra em fazer de sua língua uma máquina pequena e úmida de penetração. Esse cara tomou Danoninho no copinho sem colher, não tem condição, nunca encontrei um homem com essa agilidade de língua.

Gosto de sexo bem feito, em que eu consiga chegar ao orgasmo, e eu nem sou tão difícil assim de pegar fogo na cama. Magno me jogou em um poço infinito de prazer, me fazendo contorcer do tronco para cima, pois minhas pernas estavam seguras, não sabia se Felipe estava escutando, mas gemi alto, sem reservas, ele me tinha completamente instável em suas mãos, ou melhor, em sua boca.

Todavia, tenho um grande controle e quero segurar mais um pouco, consigo me livrar de suas mãos e me senti quase delirando com a respiração acelerada.

— Porra... volta aqui. — Tenta me segurar me olhando incrédulo e ofegante, mas eu o empurro como uma leoa ataca sua presa.

— Xiu. Quietos. — Resmunguei e dei um beijo em sua boca antes de descer meus lábios pelo corpo grande, lambendo e beijando cada pedacinho. Aspiro o peito forte antes de grudar minha boca ali; primeiro passo a língua e em seguida chupo seu peito.

— Puta que pariu! — Ele exclama entusiasmado com minha agilidade. Não me detenho em um único lugar, vou descendo pelo abdômen musculoso e, por fim, chego à cueca.

Não tive cerimônia. Me sinto ensandecida com o momento e não penso nada

mais a não ser prazer.

Confesso que não queria ter expectativas quanto ao armamento dele, mas quando puxo a cueca e o pênis muito duro salta para fora, eu perdi o fôlego por segundos. Proporções perfeitas, grosso, grande no tamanho normal de um adulto e está tão duro que se curva levemente para cima. Os testículos grandes bem depilados compõem o conjunto da obra.

Não circuncisado, como Felipe é; isso me faz sorrir. Passo a língua nos lábios e, sob o olhar aterrador de Magno, como se ele não acreditasse no que está acontecendo, avanço e passo a língua na cabeça.

— Eitaaa porra. — Sussurra e imediatamente suas mãos enroscam em meus cabelos.

Ah! Ele é muito bom de chupar. Nunca tive um pau com proporções tão exatas na minha boca. É suculento de um jeito inexplicável e deixa-lo ir fundo em minha boca é a melhor sensação. Com a cabeça grande e pulsando, Magno desliza e tira em movimentos suaves me deixando degustar com calma, passar a língua em volta e envolve-lo com a maciez de minha boca, em seguida.

Ele não me deixou ficar muito ali, estava se mostrando um fraco quase perdendo o controle. Eu mantinha minhas mãos ocupadas enquanto o chupava e sugava ora com frenesi, ora com suavidade, deixa-lo bem molhado de saliva até a base. Arranhando o interior de sua coxa musculosa e acariciando suas bolas. Ele se contorceu e eu quase tive que rir quando o vi morder o dedo indicador no momento que minha boca chegou a suas lisas bolas. Passo a língua devagar em volta e chupo sugando como um pirulito.

Chegamos juntos ao consenso de que deveríamos partir para o grande momento. Eu, assim como ele, queria gozar no momento da penetração e nem precisamos dizer uma palavra para decidirmos isso. Magno apenas me empurrou e me deliciei com cada instante de sua dominação sobre meu corpo.

Magno tem um pau que faz qualquer vagina babar querendo-o dentro. E eu queria muito senti-lo em toda sua grandeza dentro de mim.

Habilidosamente, ele vestiu um preservativo e me olhou com labaredas nos olhos. Sorriso meio rasgado, eu diria que em êxtase completo.

Ele abaixa toma meus lábios em um beijo suave e sussurra:

— Eu sabia que essa boceta seria minha em algum momento. — Fico sem fala, porque meu coração bate forte na garganta, com tanto tesão circulando em meu corpo. E ele continuou: — Chegou a hora de berrar, Lavínia Torres. — E forçou contra minha entrada me obrigando a agarrar seu corpo duro e bem quente. O cheiro gostoso de Magno circulava pelo quarto e eu me sentia no céu da putaria. A mais alta classe do paraíso do prazer.

Ele bateu, sem pena, bem no fundo e segurou meu queixo, me olhando sério

com cara de puto, seus olhos me hipnotizaram com a alta carga de erotismo. Eu era dele, e ele todo meu. Naquele momento éramos apenas um, e quando se movimentou dentro de mim, sem retirar nada, apenas girou um pouco o pau, meu corpo se eletrizou com a sensação deliciosa de sua grossura.

— Uooouuu! Gemi. — Levantando o queixo como quem está se afogando e busca ar. Não aguentava mais ofegar de tanto prazer. Ele fez mais uma vez e dessa vez, quase o retalhei na unha quando me deparei com seu sorriso arrogante de vitória. Era odioso e delicioso ao mesmo tempo.

Magno na cama é a personificação perfeita da expressão: “Foder gostoso.”

Segurando forte minha perna, ele ficou de joelhos sem desgrudar os olhos dos meus e começou a me comer assim, de joelhos com cara de safado, sorrisos sexys a cada metida crescente, de suave para selvagem.

E como me prometeu, ele me fez gritar. Não gritos de morte, mas gritos de puro delírio.

No meio da minha viagem intergaláctica no quarto do prazer, ele deita seu corpo monumental em cima de mim, segura minha garganta e me beija gostosamente sem parar de bater o quadril em um ritmo acelerado.

Eu sentia como doces golpes do duro e grosso pau me abrir e sendo recebido com gula pelo meu interior ensandecido quase em combustão.

E apesar de ter um homem tão grande, cheiroso e forte em cima de mim, se movendo ritmicamente, fazendo maravilhas com o pau que ia e vinha no ritmo de minha respiração, eu necessitava de algo mais selvagem e me virei de costas.

— Você vai sentir o que é um cavalo selvagem montar. — Sussurrou na minha orelha e a seguir mordeu a pontinha; caralho! Eu estou prestes a subir pelas paredes. Me sinto derreter escaldante entre as pernas.

Me contrái ansiosa quando o pau foi pincelado de lá para cá. Mal pude esperar para senti-lo se aprofundar e me tomar por inteiro. Tão fundo que mantive a respiração suspensa na garganta.

Ele colocou força, me manteve de quatro de uma maneira bem libertina e erótica, como eu desejei, e mandou ver sem trégua, me fazendo contorcer a cada arremetida.

O prazer alcançou um patamar muito elevado e minhas pernas começam a fraquejar, me sinto deslizando sobre a cama, as pernas arqueando até ficar deitada com ele montado em mim metendo sem parar.

Magno segura meu ombro e a outra mão nos meus cabelos. Me puxa e faz ficar novamente de quatro.

— Bunda pra cima. — Ele grunhi. — Relaxa e deixa entrar gostoso. — Completa sussurrando no meu ouvido. A voz quente me dá um arrepio gostoso. É sexo selvagem, delicioso, me deixando suada, me fazendo sentir o peso de

suas investidas; jogadas de quadril poderosas.

Com as duas mãos segurando firme na minha bunda, Magno me obriga a continuar de quatro. Ele não dá nem sinal de que vai gozar e novamente eu vou perdendo o controle das pernas, simplesmente é demais para mim. é delicioso, delirante e forte demais. Ele fode de uma maneira espetacular.

Por causa do orgasmo que começa a se formar potente, voltou a me abaixar descontrolada. Nem percebo quando vou arriando por causa das socadas, estou em delírio gemendo, sem controle de nada.

— Você está teimando, gata. Vou ser obrigado a foder você assim, deitada de barriga pra baixo. — Ele joga o corpo para frente deitando em cima de mim, me prendendo contra o colchão. O peso é maravilhoso, os pelos do peito tocando minhas costas, penso que ele vai ficar assim, coladinho, beijando minha nuca, mordendo meu pescoço. Mas Magno é malicioso, é inflexível e, aparentemente, quando quer uma coisa ninguém o detém.

Seu corpo se levanta um pouco, sinto o pau sair milímetros, e então, apoiado nos braços, pairando em cima de mim, ele me mantém deitada com os peitos espremidos contra o colchão e devolve as socadas mais devastadoras que já tive.

— Merda! — Grito. — Ele entra e sai de um modo gostoso, indo ao fundo, rápido, sem medo de ser feliz.

— Aguenta, você quis assim. Relaxe, me deixe continuar. — Sussurra entre os próprios gemidos roucos.

— Magno... caceteeee! Vou gozar.

Sem eu esperar, ele me vira de frente, e me agarra.

Eu gostaria de ter ficado agarrada a ele, o corpo másculo está meio suado e muito suculento, mas Magno segura meus braços acima da minha cabeça e se prepara para terminar o serviço nessa posição. Eu apenas o sinto delicioso, grande e muito selvagem, gemendo em cima de mim; uma mão segurando as minhas e a outra no meu seio, a boca toma a minha em um beijo quente e molhado.

E ele me mostra porque é o mais cobiçado da casa. Me faz gozar como nunca, me mantendo presa e enlouquecida, mas libertando do vulcão de prazer que se formou dentro de mim.

Magno

“Até mais! Foi legal...”. Essa frase fodida, dita por Lavínia, rebatia incansavelmente na minha mente depois que ela e o noivo foram embora e eu fiquei deitado pelado na cama fumando um charuto. Legal é uma porra.

Legal, apenas?

Uma foda comigo é destruidora de corações e bocetas. Não tem como ser apenas legal.

Ok. Geralmente eu não faço essas merdas de comer mulher dos outros com eles vendo. Mulher compromissada me dá um certo tesão; pensar que eu sou o amante me dá prazer. O amante secreto para as horas mais ocultas. Entretanto, com Lavínia é quase como um bilhete premiado: ela era meu sonho de consumo e eu nem fiz esforço para tê-la rebolando no meu pau. Na verdade, nem precisou de toda aquela enrolação de sedução. Ela apenas chegou, fui escolhido e pronto: caiu no pau.

Sorri muito satisfeito e me levantei após apagar o charuto em um cinzeiro de bronze. Olhei em volta procurando minha roupa sem tirar a satisfação em forma de sorriso da cara.

Velho do céu! Cacete! Eu sou a porra do homem mais sortudo. Quem no mundo deseja comer uma celebridade e ela vem e bate na sua porta para te dar?

Me vesti, saí do quarto e disse a Daniel para cuidar de tudo para mim. Não queria ficar mais e nem continuar minha satisfação com outra mulher.

É como quando comemos uma sobremesa deliciosa e não queremos comer mais nada em seguida para continuar sentindo o gosto na boca. Lavínia é gostosa de fazer qualquer um babar, ela conseguiu tirar o máximo do meu gozo e cada gota foi muito bem aproveitada.

Enquanto dirigia rumo a minha casa, eu pensava em como ela tinha visto tudo muito superficialmente. Rio sozinho quando lembro de terminarmos e eu pedir:

“Telefone?”

Esse não era meu papel, pedir telefone das garotas que eu tinha acabado de foder, mas era Lavínia Torres.

E fazendo o papel que deveria ser meu, ela disse:

“Vai sonhando”. — E se levantou da cama.

Eu deveria agradecê-la por quase ter me parado a tempo de fazer uma merda. Cacete! Pedir o telefone? Só pode ser mesmo falta de porra no saco para me

fazer ter esse tipo de reação lamentável.

Tomo mundo sabe que homens de saco cheio (literalmente) não raciocinam de maneira alguma. O pau está no controle e ele faz o que quer na nossa mente. É tipo: “Come essa aí e você vai ser morto”. — A consciência, sabendo que é errado, nos alerta.

Pau: “Ah, mas será uma vez só, quem vai saber?” — Dá um mata-leão na consciência.

Mais tarde, depois de gozar: “Putá que pariu! O que eu fiz? Vou ser morto.”

Isso ilustra esse momento. Agora que minha consciência voltou a comandar meu corpo, acho ridículo ter pedido telefone dela.



Na manhã seguinte, eu era aparentemente o único esbanjando felicidade. Entrei desfilando, mostrando toda minha suculência inata em 1,90m de pura masculinidade forrada por um terno risca de giz preto.

— O de sempre, Magno? — O carinha da lanchonete me pergunta quando passo e bato a mão para ele.

— Bom dia para você também, Josias. O de sempre. Mande para minha sala.

— Teve uma boa noite? — Seus olhos brilham para mim. Esse cara me idolatra. Um dia o levarei ao clube e o deixarei se esbaldar.

— Quando João Magno não tem uma boa noite? — Digo sem parar de andar, vendo de canto de olho todos virarem para me ver passar.

Rá! Quem são mesmo Romeo e Lorenzo quando estou por perto?

— Bom dia! — Eu era quase uma fodida fada da manhã levando brilho a todos a minha volta. Dei o bom dia mais fenomenal que já dei em toda minha vida. A secretária do nosso andar me olha intrigada e nem responde. Tem pessoas na sala de espera, e todos me observam da mesma forma.

Eu só me preocupo em me mostrar que fui muito bem servido na noite passada.

Atravesso o corredor, chego à ala que eu fico e digo a minha secretária:

— Bom dia. — Dou uma piscadinha. — Veja se Romeo chegou, preciso falar com ele depois, venha narrar a minha agenda do dia. — Ela dá um sorrisinho e pega o telefone para verificar se Romeo está. Após a comprovação, deixo minha bolsa em minha sala e vou levar as boas-novas a meu irmão.

— Eu também acabei de chegar. Queria mesmo era ter ficado na cama com você. — Abro a porta sem bater e Romeo está falando ao celular, sorrindo apaixonado.

— Angelina podia te dar a parte da manhã de amanhã de folga. Vou ligar para ela recomendando isso. — Romeo se vira e me olha. Aceno para ele e me sento na poltrona em frente a sua mesa.

— Claro que vou. Ela é minha cunhada, não vai me matar.

Olivia fala uma coisa e Romeo gargalha.

— É, eu sei que meu irmão é mais perigoso. Amor, vou desligar, tenha um ótimo dia de trabalho. Sinto muito em não poder ir almoçar com você e Gael. Aham. Farei o possível. Te amo. Outro. — Ele desliga e me encara de olhos franzidos.

— Problemas?

— Cara, acabou de sair de sua casa, dormiu com a Olivia e já está aí ligando para ela? Tá sufocando a garota, Romeo?

— Vá se danar. O que quer?

Abro meu terno, ajeito minha gravata e esbanjo um sorriso.

— Cara, preste atenção nessas palavras.

— Diga. — Romeo antecipa sem dar muita importância. Eu, ao contrário, ainda estou em estado de choque.

— Lavínia Torres.

— Sei.

— Chupou. O. Meu. Saco.

— O quê? — Enfim Romeo tira os olhos do computador e me olha. — Sonhou de novo com ela?

— Não. Velho... — Me calo lembrando do momento. Romeo me analisa de mão no queixo.

Não me entendam mal, pessoal. Deixa eu explicar meu estado de perplexidade: Um homem aprecia muito duas coisas no sexo: poder ter a chance de um anal ou ter o pau chupado com gosto. Não aquelas lambidas de cachorro chupando limão. (Nunca, viu? YouTube agora!) Sabemos que eu é artigo de luxo, o cara tem que merecer pra ganhar, já o pau não custa nada receber uns carinhos decentes. Chupar a cabeça apenas, como se chupa uma pitomba, é o que mais gosto (Não conhece pitomba? Google agora!). Então, imaginem aquela celebridade que já foi tributo de suas fantasias ou sonhos melados chupando tudo em você, na verdade devorando com gosto... e gemendo... ai, porra!

— Magno, estamos em horário de expediente, você invade minha sala para me contar um...

— Noite passada, escute cacete! — Interrompo Romeo. — Estava eu no meu clube, de boa, bebendo, administrando, escolhendo quem eu ia comer, quando de repente surge ela.

— Lavínia foi a seu clube? — Um pouco mais interessado, Romeo recosta na sua cadeira e me olha com uma expressão incrédula.

— Foi. Nem precisou armar para encurralar ela. Quando o cara é justo, honesto, trabalhador, como eu, o destino ajuda. Sou tão foda que até boceta

famosa vem sem eu precisar ir atrás. Eu achava que ela era metida, cheia de nheco nheco na cama...

— Nheco nheco?

— Mimimi de gente fresca.

— Hum.

— Mas então ela não só encaçapou meu pau com uma sagacidade incrível, digna de Oscar, como deu uma chupada nas minhas bolas que quase vi estrelas. Acho até que ouvi um “flop”, quando ela chupou uma bola e a soltou fazendo pressão com a bochecha.

— Eu não acredito que você transou com Lavínia. — Ele mantém as sobrancelhas juntas esperando eu revelar que é uma pegadinha. Dou de ombros e não tiro meu sorriso convencido dos lábios.

— Pense como quiser. Minhas lembranças são o que basta. — Me levanto e gosto do olhar intrigado de Romeo. Ele quer acreditar, mas me conhecendo, ainda duvida. Que se dane.

— Ei. Antes de sair, veja isso aqui. — Ele empurra uma pasta em sua mesa. Abro-a e nem leio. Olho para ele.

— Já quer ferrar com minha felicidade, não é? Do que se trata?

— Temos um pequeno problema em um quarteirão na Baixada Flluminense. — Sabendo que o assunto vai render, volto a me sentar. — Conseguimos comprar tudo em volta e estamos negociando com a empresa americana Global Scoth. — Romeo se levanta, dá a volta e fica de pé ao meu lado. Na pasta, me mostra um mapa de satélite. — Eles querem demolir toda essa área para fazer sua sede, uma construção ambiciosa de milhões de dólares, muito concreto e andares de sobra.

— Todavia... — Intercepto Romeo querendo saber logo qual o empecilho.

— Aqui. — Ele aponta para um prédio que já está marcado com um X. — Há apenas uma pessoa que se recusa a vender sua propriedade. Já fiz todo tipo de oferta, mas ela não aceita. A Global Scoth nos deu um prazo curto. Lorenzo também foi e acabou perdendo a paciência batendo boca com a mulher. Você sabe como Lorenzo é.

— É. Não devia colocar ele nessas tretas. Me dê isso, vou ver o que posso fazer. — Antes de sair na porta, digo: — Agradeça por eu ter tido a melhor foda dessa década e estar de bom humor.

— Transou mesmo com Lavínia?

— Pornóquio é uma coisa que não sou.

Lavínia

Passo o arco do violoncelo nas cordas e, para minha revolta, acaba produzindo um som desconfortável de desafino. Balanço a cabeça em negação, toco no celular para recomeçar o som dos violinos de acompanhamento e recomeço, contando até três em pensamento, indo com mais cuidado dessa vez. Todavia, no meio da música, mais uma vez erro. Como se eu fosse a merda de uma aprendiz.

Quero abrir o concerto em São Paulo com a música *Total Eclipse of the Heart*. Um hino dos anos oitenta e que vai emocionar muita gente. Uma música que é difícil na verdade, vou tocar na companhia do piano e violinos, mas já ensaiei dezenas de vezes e já a apresentei em um concerto. Não sei o que está acontecendo para eu errar tanto. Deixo o violoncelo de lado e dou alguns passos no quarto, acariciando meu queixo.

Na verdade, eu sei exatamente o que está me deixando desestruturada, só não queria aceitar. Não posso ser hipócrita e dizer que foi um fim de noite qualquer, como se nada tivesse acontecido. Foi bem real e gostoso acima de tudo. Durante todo o sexo me senti muito bem, relaxada e confortável, totalmente o oposto do que eu tinha imaginado. E agora estou aqui presa a esse devaneio bizarro que deixa meu corpo em brasas.

Magno prometeu e cumpriu. Me fez chegar ao orgasmo e me sentir exausta. Dormi sozinha, aqui na casa dos meus pais na minha cama, a noite toda, como uma pedra; usando um termo coloquial, eu diria que muito bem comida.

Volto minha visão para o violoncelo e meus lábios contorcem em uma tentativa de praguejar. Desde quando homem tira meu foco do trabalho?

Desde que o homem em questão é muito superior a meus julgamentos precipitados. Tomada por um impulso curioso, abro meu notebook e sento na cama notando meus dentes prenderem o lábio em um gesto de dúvida. Pesquiso ou não? Digito “João Magno clube Dama de Copas” no campo de pesquisa e paio meu dedo sobre o “enter”.

O que eu perderia com isso?

Ou, o que eu ganharia com isso?

Pra que pesquisar sobre um cara que não faz parte de meu ciclo social e que provavelmente não voltarei a vê-lo?

Se aquieta, mulher. Tenho trinta anos e não quinze. Fecho o laptop.

Pedro sempre me lembrou: “Nunca deixe sua vagina pensar por você”. E é o

que está acontecendo no momento. Dou uma sacudida mental em mim e volto para o que preciso mesmo fazer: ensaiar. Ajeito o *cello* entre as pernas, preparo o arco e reinício a música, cantando a letra baixinho de olhos fechados. Sentindo cada nota escorrer das cordas respeitando as pausas usando minha respiração como temporizador.



Isa não pode vir aqui, mas Pedro compareceu querendo saber cada detalhe da minha experiência. Eu não fazia questão de me vangloriar contando para todos, mas também não vi problemas em falar. Sentamos no jardim e minha mãe trouxe limonada rosa para a gente. Mesmo eu dizendo que não precisava se incomodar.

— Vai se escorar até quando na casa de seus pais? — Pedro mexe o suco com o canudo e o chupa em seguida.

— Eu não quero ficar com Felipe, odeio o apartamento dele. É barulhento, desorganizado e tem um letreiro de neon bem em frente da janela do quarto obrigando a fechar a cortina. Odeio dormir em lugares muito escuros.

— Então...

— Estou preparando meu antigo apartamento. Amo ficar sozinha, preciso de privacidade.

— Te apoio. Agora que sua mãe entrou, me conte cada detalhe da noite com o desconhecido. — De óculos escuros, ele se recosta na cadeira.

— Ouça só isso: não era desconhecido.

— Não? — Se curva para a frente.

— Não. — Sorvo um pouco de suco e descanso o copo na mesinha a nossa frente.

Às vezes eu me pergunto como o destino pode ser tão sacana. As coincidências impressionam...

— Por que diz isso? Conta longo, cacete! Não me mate aos poucos.

— Aquele cara do bar, lembra? O fã.

— O gostosão com sotaque? — Os olhos dele saltam surpresos.

— Isso.

— Foi ele?

— Fiquei boquiaberta, surpreendida. Ele trabalha no clube que Felipe me levou. Transei com o cara que eu tinha dado um toco dias antes. Irônico isso, não?

Pedro respira fundo, perplexo, abre a boca para contestar e fecha novamente. Totalmente sem fala.

— Pois é. — Trago o canudinho aos lábios e bebo mais um pouco do suco refrescante.

— Eu estou totalmente sem fala. Mas quero saber tudo. Como ele é, como foi

para você... e como foi estar com Felipe olhando...?

— Não. ele não estava “presente”. — Faço sinal de aspas com os dedos.

— Não?

— Felipe saiu do quarto e ficou em uma espécie de cabine olhando tudo por um vidro. Por isso foi mais tranquilo. O cara é profissional, trabalha com isso e, se aquela transa fosse paga, valeria cada centavo.

— Muito bom?

— Maravilhoso. E olha que não sou de ficar dando moral para homens. Ainda, tenho que dar o braço a torcer.

Ele olha para os lados verificando se estamos a sós e murmura:

— Pauzão?

— Enorme. Eu apostaria vinte e um centímetros.

— Uau! — Pedro se abana sutilmente não querendo demonstrar que ficou excitado com minha narração. Rio da cara dele terminando de beber o suco e servindo de mais.

— O que foi? Rindo de mim?

— É. Está aí pegando fogo e eu nem contei os detalhes. Segure-se, querido, vou contar tudo e você vai subir pelas paredes.



Quando a noite chegou, Felipe veio me buscar e fomos jantar em seu apartamento. Ele sabe que não gosto de dormir lá e por isso ajeitou uma cama provisória no chão da sala para passarmos a noite.

Apreciei o gesto dele para me fazer sentir bem em sua casa.

— Bom? — Pergunta querendo saber como está o ravióli.

— Muito bom. — Descanso o garfo no prato e pego a taça de vinho. — Mas sei que não foi você que preparou.

— Não mesmo. Estou afogado de tanto trabalho e não tinha tempo de ir para a cozinha.

— Obrigada por se esforçar por mim, querido. Pegando o telefone e pedindo um marmitex.

— Ah, para. Não seja injusta.

— Okay. Estava brincando.

Volto a olhar o prato. Achei que teria um clima estranho entre Felipe e eu. Mas achei errado. Não é o que está acontecendo. Seguindo adiante como se nada tivesse acontecido. Foi uma fantasia tanto para ele como para mim, fim de história, vida que segue.

— Então, muitos processos? — Pergunto passando os olhos pelas pilhas de pastas no sofá. O apartamento de Felipe é pequeno, modesto e quase nunca organizado. Ele ajeita o necessário apenas quando venho aqui, tirando toalha das

cadeiras, sapatos da sala e levando vasilhas sujas para a cozinha. Mesmo com uma faxineira, ele é muito desorganizado.

— Sim. E ontem peguei outro. — Ele esconde o olhar após ter confessado. Minha expressão de revolta vem imediatamente.

— Outro? Felipe! O que eu disse sobre sobrecarregar e não ter mais tempo para nada? Você mal consegue um tempo para se alimentar.

— Eu sei, Lav, mas esse é importante. Eu estou interessado em escalar na minha carreira, chegar o mais alto possível e ser um nome respeitado. Esse caso é um *pro bono publico*.

Balanço a cabeça negando, completamente insatisfeita. É louvável a tentativa dele de subir na vida, mas não tendo que passar por cima até mesmo do seu bem-estar.

— E o que de importante tem nesse processo?

— Uma agência de advocacia famosa me ofereceu como um teste para eu provar minha eficácia. Parece simples, é apenas proteger o imóvel aparentemente histórico, mas envolve o nome de duas grandes empresas e, se eu conseguir, poderei ser um associado da Baptista & Cohen.

— Bom, não adianta eu espernear, não é mesmo? Só tenho a lhe desejar muita sorte e te lembrar que eu tolero muita coisa, menos ser colocada em segundo plano, não se esqueça de que tem uma noiva e vai se casar.

— Nunca esqueço. — Ele segura minha mão e dá um de seus sorrisos charmosos. Sorrio de volta satisfeita, no fundo, por vê-lo progredir em sua carreira.

Magno

Na minha cadeira em minha sala na Orfeu, giro lentamente de um lado para o outro raspando recheio de bolacha com os dentes, deixando minha mente viajar, mais uma vez, a dois dias atrás, quando realizei um dos meus sonhos mais primitivos, que é comer Lavínia Torres. Consegui, como achei que conseguiria, foi até muito fácil, todavia não está sendo fácil interromper meu burro pau de querer repetir a dose.

Okay. É gostosa, fogosa e bonita, mas não justifica minhas ereções aleatórias em lugares pouco prováveis, onde não deveria acontecer. Basta passar um vislumbre dos lábios dela se fechando sedutoramente contra meu pau e lá está a vara dura dentro da minha calça.

Olho para baixo e balanço a cabeça irritado por estar novamente duro. Chega a ser desconfortante.

Meus olhos passam pelas pastas sobre a mesa, assuntos que eu tenho que revisar antes que Romeo queira fazer uma palestra aqui apontando motivos que o fazem achar que eu sou um incompetente. Todavia, algo mais importante vem em minha mente. Jogo as bolachas de lado, ligo o computador e em segundos já estou na página oficial de Lavínia. Tem um lugar onde eu posso encontrá-la novamente e agir como se fosse pura casualidade.

Rio comprometido com minha obsessão e, sem nem pensar duas vezes, reservo um lugar na área vip e faço o pagamento online.

Pronto. Tenho meu ingresso. Será entregue em meu endereço dois dias antes do concerto em São Paulo. Agora é só ensaiar o que direi a ela, preciso fazer parecer natural.

Recosto na cadeira e sorrio como se tivesse acabado de realizar uma transação bilionária. Entretanto, minha mente retoma o controle lógico da situação em que antes o pau estava controlando. Eu acordo para a realidade ao ver que estou fazendo o que sempre critiquei e sempre repudiei: correndo atrás de uma mulher.

Isso não pode acontecer nunca, miserável. Me xingo em pensamento. Boceta nenhuma vale o esforço de um homem.

Caralho! Me levanto tão bruscamente que quase derrubo as pastas. Pelo vidro da minha sala vejo minha secretária e faço um gesto com o polegar voltado para a boca mostrando que quero uma bebida. Preciso repor o que tinha aqui na minha sala.

Lorenzo passa, me vê fazendo o gesto e volta vindo nessa direção.

Put a que pariu! Esse pentelho vai zoar de mim. Viro de costas para ele não perceber minha cara de trouxa.

— E aí? Quem foi que comeu dessa vez para ficar assim? A Beyoncé?

— Vá se danar, Lorevaldo. — Ele ri e entra. Com as mãos nos bolsos, olha em volta analisando o que está acontecendo. Ele me viu pedindo bebida e sabe que as coisas não estão boas.

— Perdeu algum cliente? Fez alguma cagada e não quer que o Romeo descubra? O que houve?

— Ah, se dane. Não tem nada para você fazer?

— Tem. Na verdade, tem para nós dois fazermos. Ainda não fechamos com o cliente da montadora de carros. Ele quer uma posição hoje ainda, está com medo do dono aumentar o preço do arrendamento.

— Ah, cara... — passo a mão na testa sem olhar para ele.

— Não fez os balanços do mês passado para explicarmos a ele?

— Fiz. — E fiz mesmo. — Só não estou com saco para ir resolver com ele, vai lá para mim? — Pego a pasta sobre a mesa e empurro contra o peito de Lorenzo. Ele me olha confuso e segura. — Não estou podendo sair.

— Você transou mesmo com a Lavínia? — O cenho franze totalmente incrédulo.

— Vocês nunca vão acreditar. Mas não tem a ver com isso.

— Está avoado esses dias.

— Diarreia.

— O quê?

— É isso, Lorenzo. — Empurro-o até a porta. — Estou com caganeira, some da minha frente e vá na reunião por mim se não quiser me ver cagando literalmente nos negócios da empresa. — Tomo a garrafa de uísque pela metade que minha secretária traz e fecho a porta dando um tchauzinho para Lorenzo e sua cara intrigada. As duas sobancelhas juntas me encarando. Aperto o controle para descer as persianas e só então ele sai.

Volto para minha mesa, procuro uma nota que eu tinha pregado em algum lugar e, assim que encontro, digito no celular o número anotado ali. Foi o da garota que eu encontrei na hora do almoço uns dias atrás.

Recosto na cadeira, tomo um gole do uísque e, assim que ela atende, dou um sorriso.

— Oi, linda.

— Quem está falando?

— Seu admirador secreto. — Rá! Veja como se faz, Romeo.

— Admirador secreto? — A voz dela fica tensa. — Quem é? É você, Cleber?

— Cleber um cacete. — Corto a ponta de um charuto e o coloco nos lábios. — Na verdade, não sou admirador secreto, sou seu amante secreto.

— Oi?

Após acender o charuto, desisto de tentar ser misterioso.

— O Magno, nos encontramos dias atrás no almoço.

— Ah... er... Oi, Magno... Como vai?

— Vou bem, quer dar uma saída, espairar?

— Ah... eu não posso... meu marido...

— Não vai saber. — Interrompo. — É um passeio de amigos. — Sorrio debochado — Está ocupada agora?

Passeio de amigos. Meu pau fazendo amizade com sua boceta.

— Sim, um pouco.

— E a que horas pode me encontrar?

Ela faz uma pausa, sua respiração está pesada, é nítido pela ligação.

— Eu não sei...

— Às cinco está bom para você?

— Está, mas...

— Okay. Estarei te esperando no endereço que vou te passar agora por mensagem. Será tudo muito sigiloso.

Pronto. Assim que se faz. Eu sempre jogo exatamente certo, induzindo as pessoas a entrar no meu jogo.

Há um segredo simples usado entre os homens bem-sucedidos como eu: nunca desrespeite a vontade de uma mulher, use maneiras de persuadi-la. Essa mulher, por exemplo, foi fácil, sei que ela vai ao encontro e teremos um sexo gostoso e, em seguida, descartada. É a melhor receita: ninguém sai ferido e no fim todos ganham.

Tive um resto de dia tranquilo. Expulsei a preguiça do meu corpo, ou ao menos parcialmente, e trabalhei focado em manter em alta o desempenho da empresa. A Orfeu se expande cada dia mais criando um nome robusto e quase invulnerável. É referência no Brasil e em vários outros países como um nome certo para quem busca estabilidade nos negócios e teme o fantasma da falência.

Devemos esse sucesso a várias coisas, mas as principais são: Parceria com as pessoas certas no mundo dos negócios, boa direção — no caso, não conheço outro CEO mais valente e focado que Romeo —, e por fim, a união entre nós três e divisão do trabalho. Por isso deixo qualquer outro pensamento de lado e foco apenas na minha parte do serviço.

Depois do almoço, quando Lorenzo volta da reunião, ele traz boas notícias. Não foi surpresa quando disse que meu relatório estava impecável e que o nosso cliente fechou contrato com a montadora de veículos, arrendando a empresa por

mais cinco anos.

É o que fazemos: negociamos, salvamos empresas do buraco, investimos capital e pegamos nossa parte quando os lucros chegam. É como comprar um carro batido, reformar e vender um pouco mais caro, ou se o carro não tiver conserto, dividi-lo e vender as peças que ainda estão boas visando lucro.

Às cinco da tarde, usei o banheiro privativo da empresa para tomar uma ducha rápida e recorri ao meu kit de emergência para casos de última hora. Deixo aqui alguns produtos de beleza masculino. Um homem bem vestido e perfumado vale por dois. É tiro certo.

Comentei por alto com Romeo dizendo que estava saindo mais cedo e fui ao encontro da garota que hoje mais tarde será a escolhida para fazer papel de seringueira: aquela que tira leite de pau.

Rio sozinho da minha piada tosca. Mas é a pura verdade, ela vai me fazer relaxar. Não gozo há dois dias.

Já no local do encontro, em frente ao hotel que iremos foder até desmaiar, levanto brevemente a manga do meu terno cinza-escuro fazendo o relógio cromado aparecer. Ela está atrasada. E não sou um homem que tolera atrasos, ainda mais de uma mulher que deveria agradecer aos céus por ter sido escolhida por mim.

Pego meu celular e mando uma mensagem para ela. Não demora muito e responde:

“Não irei. Não me ligue mais.”

Como é que é?

“*Como assim? Ficou doida, gata?*” — Toco em enviar e reviro os olhos vendo acima a notificação de que ela está digitando. Começo a perder a paciência.

“Eu não vou trocar minha família por uma hora com você. Conte tudo para meu marido. Não me importune mais.”

Que filha da puta!

Eu seria muito infantil se ainda respondesse. Ou fosse discutir com ela. Jogo o celular no banco do passageiro e fico com cara de otário dentro do carro parado em frente ao hotel.

Mas algo me chama a atenção.

Putá que pariu. Um homem mais ou menos da minha altura sai de dentro de um carro e vem andando rápido na minha direção segurando um taco de baseball.

A desgraçada falou para o corno minha localização.

Ligo o carro, dou ré mas ele corre e ainda consegue acertar em cheio a janela

do motorista fazendo cacos voarem longe e rebaterem em meu rosto. Mesmo assim, não fico para peitar ninguém. Estou em desvantagem e não vou me sujar rolando no asfalto com um marido traído.

Nunca covarde, mas sim precavido.

Fazendo os pneus cantarem, saio de cena; coloco a cabeça para fora e provoco: — Meti o dedo na boceta dela, seu corno.

Rio da tentativa patética dele em correr atrás do meu carro, depois perceber que veio em um carro e entrar para tentar uma perseguição. Rio, vendo tudo pelo retrovisor.

— Come poeira, infeliz do caralho! — Quebrou a minha janela, esse filho de uma égua.

Para me distrair um pouco, vou para o clube. Vou direto para o quarto e peço que me traga um uísque, o mais caro. Preciso relaxar e refletir no que acabou de acontecer. Mais tarde escolherei uma garota para me fazer companhia.

A desgraçada quase me pegou no bote. Que sem-vergonha mandar o marido acertar contas. Se ele soubesse que a mulher fica se esfregando com outros caras em banheiros públicos...

Daniel vem pessoalmente trazer o uísque. Olho na cara dele e já vejo que tem algo acontecendo.

— O que houve?

— Outra denúncia, vai acontecer outra inspeção.

— Polícia Federal? — Franzo o cenho.

— Isso. — Assente consternado.

— Ah, vá se lascar. Sério? Qual acusação dessa vez?

— Prática ilegal, jogatina e abuso contra mulheres.

— Jogatina? Que porra! — Me viro e, enraivecido, chuto uma cadeira. Essas merdas vivem denunciando meu clube por que morrem de inveja e sabem que jamais poderão ao menos passar por perto.

— Pois é. O pessoal está disposto a afundar o clube.

— Mas não vão conseguir. Aqui não tem porra nenhuma ilegal. É tudo adulto com consentimento. Todavia, não deixe pano para manga, arrume tudo agora mesmo para esperar essa visita. Não quero um mosquito voando na cozinha e nem uma prática BDSM. Esse pessoal não entende e vão achar que é apenas uma pessoa agredindo a outra com chicotes. O resto estou tranquilo.

— Sabia que diria isso e já comecei a limpeza. O grupo de BDSM ficou indignado, mas vão guardas algemas e chicotes.

— Ótimo. Agora me deixe tirar um cochilo, porque meu dia foi um saco. Um marido corno quebrou a janela do meu carro.

— Puta que pariu. Quer alguma providência?

— Não. Deixe pra lá. Vou tirar um cochilo e mais tarde quero escolher uma garota.

— Certo.

Tomei o uísque, pensativo, imerso na banheira. Essa coisa de marido correr atrás de mim não é a primeira vez. É o preço que se paga por ser da vida, como eu. Saí do banho e caí na cama, agradecendo por ter um tempo livre e poder dormir um pouco. Antes, claro, uma bela gostosa entra no quarto, desfilando sobre saltos, sorrindo maliciosamente desabotoando o sutiã de renda no caminho.

— Ah, que vida boa. Venha aqui, venha galopar um pouco. Ela ri e já cai com a boca no meu pau.

Dormi tranquilo feito um anjinho, depois que a funcionária cuidou direitinho de mim e saiu do quarto feliz da vida.

Acordo mais tarde com o celular tocando e a cara de Romeo me olhando na tela. Eu tirei uma foto dele quando estava irritado. Saiu revirando os olhos com cara de puto da Silva. É essa foto que eu e Lorenzo usamos para a chamada dele.

Cacete! Dormi apenas quarenta minutos. Romeo é um prego.

— O que é?

— Foi ver a proprietária?

Put a que pariu. Esqueci.

— Fui. — Minto. — Iremos reencontrar amanhã.

— Ótimo. Teve algum progresso?

— Acho que sim. Veremos amanhã. Te darei um retorno.

— Estou esperando, estamos confiando em você, Magno. Use o que tiver de usar para convencê-la.

O que ele quer dizer: Se possível, seduza ela para conseguir.

— Ok. — Desligo e caio de volta na cama olhando para o teto. Merda. E agora? O jeito é marcar com essa mulher para amanhã, para fazer a mentira se transformar em verdade.

Me visto, dou um até logo para Daniel, que me olha intrigado. Dirijo até minha cobertura, e praguejo muito, usando todo tipo de palavrão enquanto procuro nas minhas coisas a pasta referente ao caso.

Quando encontro, vejo o telefone e ligo para ela. Atende rápido.

— Oi.

— Senhora Mara? — Me jogo em minha cama.

— Sim.

— Aqui é João Magno, interessado na sua disputa sobre seu imóvel.

— Interessado? — Ela tem uma voz de gralha, meio estridente. Parece ser de uma mulher nova, mas com sotaque do interior.

Massageio a testa me sentindo irritado. Preciso contar a verdade.

— Sou da Orfeu.

— Ah, aqueles urubus? Não vão ver um pedacinho do meu imóvel.

— Sim, eu sei que a senhora está chateada. Eles são bem indigestos mesmo.

Eu gostaria de conversar com a senhora amanhã, apenas para terminar o assunto.

— Pode vir, já tenho advogado.

— Ótimo. Posso passar às nove?

— Pode. Não me ligue mais.

Otária.

Desligo e jogo o celular para o lado. Tiro a roupa, abro uma cerveja e vou para a sala com a pasta do caso ler e ficar por dentro do que está acontecendo.

Magno

Cheguei às nove em ponto no local do encontro. Olho para cima e o prédio em questão, que está tirando o sono de Romeo, é velho e não se enquadra em patrimônio histórico. Pesquisei ontem sobre ele e parece que a prefeitura também tem interesse sobre o prédio. Todo o terreno ao redor já foi comprado pela Orfeu e agora estamos tentando fechar todo o quarteirão para vender a um único cliente.

Mas com esse trambolho aí no meio, fica difícil.

Aperto o interfone velho e sujo e espero a conhecida voz de gralha atender.

— O que é? — Ela berra.

— Oi, senhora Mara, sou o cara da Orfeu, te liguei ontem.

— Suba. — O portão de ferro antigo destrava e eu entro. A escada é escura e fede a mofo. Tem rachaduras na parede e precisa urgente de uma reforma. Se ela não aceitar o acordo milionário, vamos ter que denunciar para a vigilância civil.

Bato na porta da casa, ela abre com um puxão uma vez que é uma porta emperrada e eu vejo a mulher pela primeira vez. Aparenta ter uns quarenta anos. É um pouco gorda, tem cabelos pretos fartos e encaracolados e usa óculos de grau. Ela olha para mim de cima a baixo antes de me deixar passar.

Todavia, tomo um espanto quando vejo quem está sentado no sofá. Felipe, noivo de Lavínia. Ele também se levanta perplexo ao meu ver e posso ter certeza que a única coisa que compartilhamos em pensamento não é nada em relação ao imóvel e sim a uma mulher que ele dividiu comigo. O que veio na minha mente foi: “Olha o noivo da mulher que fiz sexo”. E ele com certeza deve ter pensado: “Olha o cara que fez sexo com minha noiva”.

— Esse é meu advogado. — Mara grasna. — Quer beber alguma coisa?

— Um café, Mara. — Felipe pede e mostra uma cadeira para eu me sentar. Ela sai e eu me sento, sem piscar, o encarando ainda perplexo.

— Então está no caso? — Me pergunta antes de eu abrir a boca.

— Tudo aqui ao redor é da nossa empresa. Escuta, vai mesmo fazer dessa transação um caso de justiça? — Mostro em uma careta o quanto estou incrédulo.

— Sim. Minha cliente não quer se desfazer do imóvel, é direito dela.

Só espero que ele não seja um advogado muito bom, a Orfeu já está tendo sufoco em conseguir essa negociação, com advogado pelo meio as coisas ficarão

quase impossíveis para nós.

Decido fazer meu jogo. Agora tenho que derrubá-lo para chegar em Mara.

— Felipe, eu e você sabemos que ela vai ter que ceder em algum momento. Tenho um contrato aqui bem gordo, o triplo que foi oferecido anteriormente.

— De qual montante estamos falando?

Me ajeito na cadeira antes de falar:

— Cinco milhões.

— Putz.

— E isso aqui não vale mais de dois milhões. Você e ela sabem.

Ele olha para ver se Mara está vindo, se arrasta para a outra ponta do sofá ficando mais próximo de mim.

— Escuta, cara, preciso ganhar esse caso. Estou passando por um teste e, se eu ganhar, poderei ser associado em uma firma famosa.

— Não tenho nada a ver com isso. O caso é da minha empresa. E se ela não aceitar essa última oferta, a Orfeu entrará com uma denúncia na defesa civil. Ela perderá o imóvel e o compraremos apenas por um milhão.

Ele torna a olhar para trás e, antes de murmurar, diz:

— O que você quer?

— Como assim? Quero o imóvel. Que pergunta besta.

— O que você quer para desistir de tudo?

— Cara, não sou eu. É a empresa toda, meu irmão é o CEO e ele está obcecado por isso aqui. Sou apenas o mensageiro.

— Mas você pode fazer algo, tentar fazê-lo mudar de ideia. — Felipe continua cochichando, muito nervoso.

— E por que eu faria isso? O que eu ganharia? Nem adianta tentar me comprar, tenho dinheiro de sobra.

Ele assente, fica me olhando por alguns segundos e depois dispara:

— Você gostou dela, não é?

— Dela?

— Minha noiva. Você gostou dela. Sem falar que ela me contou que você é um fã.

— Sim, e daí? Aprecio o trabalho dela sim.

— Posso providenciar para levá-la ao clube novamente e desaparecer casualmente deixando-a perdida por lá, então você poderá fazer companhia a ela. O que acha?

Sou um homem que já lidou com todo tipo de canalhice e nada mais me choca, nem mesmo essa tática barata e depreciativa que ele está usando. Fazer de sua mulher uma moeda de troca só para ganhar uma causa? Alguns advogados nunca deixam de me surpreender.

— Caralho, está empurrando sua mulher como troca? — Sorrio mostrando a ele minha indiferença. — Você é o maior fodido que já ouvi falar.

— Não venha com sermão. Eu te conheço muito bem. — Ah, agora vai usar minhas falhas para justificar as dele. — Sei como você age naquele clube. Isso aqui é um acordo de cavalheiros. Lavínia gosta de se divertir assim como eu e não tenho ciúmes, ao contrário, sinto tesão em pensar nela ficando com outro.

— Quem sou eu para te julgar? Já vi todo tipo de doença mesmo. — Fico de pé e ele se levanta também.

— Que bom que não está ofendido. E então? É pegar ou largar. Você pode ter mais uma noite com minha noiva e colocar panos quentes nesse caso do imóvel, ou contarei para ela algumas coisas sobre você. Ela não vai mais querer te ver nem como fã pintado de ouro. Mara está vindo, faça sua escolha.

Ele me pressiona e semicerro os olhos para ele. De qualquer forma isso aqui vai se arrastar muito além do imaginado. Vamos para o tribunal e não tem nada certo para a Orfeu ganhar. E não perderemos nada, afinal tudo em volta desse imóvel já nos pertence.

Penso em Lavínia, no seu corpo, seu sorriso e sua pose austera e cheia de si. Ter ela mais uma vez não seria nada ruim.

Estendo a mão para ele.

— Negócio fechado. — Feliz, ele aperta minha mão não sabendo que acaba de fazer um acordo com o diabo. Se Felipe me conhecesse bem, não arriscaria tanto.

Romeo quase pula da cadeira assim que entro em sua sala. Trago más notícias para ele, entretanto, é para meu próprio conforto.

— E então? — Cheio de expectativa me encara. Seus olhos brilham e posso distinguir até mesmo um sorriso quase aflito. — Conversou com a proprietária?

— Romeo, preciso que não surte. — Me sento diante da mesa dele.

— Ah, cacete, Magno. — Passa as mãos nos cabelos completamente exasperado. — O que você aprontou?

— Fiz um acordo.

De cavalheiro, onde tem mulher na parada.

— Um acordo? Espero que seja bom para nosso lado.

— Ela tinha um advogado muito bom e estão dispostos a levar isso ao tribunal.

— Tribunal? Puta que pariu. E aí?

— Infelizmente foi o nosso momento de recuar. Eu analisei todos os âmbitos e não vale a pena a gente brigar em um tribunal onde o nome da empresa poderá ser foco da mídia. Propus um acordo ao advogado, dando ganho de causa para ele e já apresentamos ao juiz. Caso encerrado.

— Meu Deus! Magno! Sem me consultar? Qual foi o acordo?

Entrego a ele a pasta com os documentos assinados.

— Mantive o valor que estamos propondo pagar pelo imóvel e ele será fixado por sessenta dias. Depois disso cairá, e a fiz assinar um documento de exclusividade para que ela não venda o imóvel para outra pessoa. Mara comprometeu-se a nos dar prioridade.

Romeo analisa os papéis e balança a cabeça chateado. Desculpa, mano, às vezes a gente precisa pesar prós e contras. Posso ter meu ídolo por mais um dia e voltar a negociar o imóvel mais tarde.

— Ah, merda. — Romeo lamenta. — Isso quer dizer que perdemos a empresa americana.

— Bom, temos mais dois meses para coagir Mara. Você pode dar esse prazo à empresa. Tenho certeza que pensará em algo para fazer a proprietária vender para a gente.

Sim, vou pensar em algo.

— Entregue esse caso para Lorenzo. — Dou minha opinião. — Ele conseguiu tomar a empresa da Angelina sem ela descobrir, comprar um imóvel é balela para ele.

Enfim, Romeo sorri e anui.

— É o que farei. Não estou com cabeça para continuar nesse caso.

E eu espero ansiosamente meu pagamento. Sorrio maliciosamente imaginando mais uma noite com Lavínia Torres.

Lavínia

— Mãe, eu quero todos os segredos para os quindins ficarem como os seus. — Termino de separar todas as gemas das claras e as coloco com cuidado em uma tigela funda.

— Não tem segredo. — Minha mãe ri ao meu lado inspecionando meus movimentos. — Basta juntar os ingredientes aos poucos e não mexer demais.

Desvio minha atenção para ela e contesto: — Eu tentei várias vezes fazer e sempre ficam ruins. Tem que ter um segredo.

— O segredo é prática. Pegue o leite de coco. — Ela instrui, pego a garrafinha e olho em direção à porta da cozinha, porque Felipe acaba de chegar.

— Oi, querida. — Ele acena para mim.

— Oi.

— Oi, sogra. — Cumprimenta minha mãe. — Houve uma guerra aqui? Passa o olhar em volta, dá um beijo em meu rosto e espera a resposta vindo da minha mãe.

— Ela cismou que faria o almoço comigo, para aprender meus truques.

— Não sabendo ela que mães nem precisam de truques para fazer as melhores comidas. — Felipe completa a fala dela sabendo que é isso que minha mãe vai gostar de ouvir. Eu, como sempre a causadora de discussões, discordo:

— Nem toda mãe cozinha ou precisa saber cozinhar.

— Blá, blá, blá. — Ele fala e faz um gesto com a mão abrindo e fechando imitando uma boca. Tento acertá-lo com uma colher de pau e ele pula para o lado, rindo da minha tentativa. — O que ela tentou fazer aí, Dona Henriqueta?

— Fizemos frango desossado e recheado e feijão tropeiro.

— Eu fiz o frango, ela apenas desossou. — Adianto pegando para mim os créditos de todo trabalho. — E agora estou preparando a sobremesa.

— Hum. — Ele me abraça por trás. — Alguém aqui já pode casar.

— Ah, vá se danar. Os quitutes que eu faço são para consumo próprio e não para currículo de casamento. Me deixe em paz, pois preciso me concentrar.

Felipe gargalha e sai da cozinha indo conversar com meu pai na área externa e eu volto a me concentrar no preparo dos quindins.

Mais tarde, o almoço estava servido e eu nervosa para saber se tinha mandado bem. Gosto de cozinhar, mas sou péssima na cozinha, sempre deixo queimar ou passar do ponto. Todavia, hoje com minha mãe por perto a comida ficou perfeita.

E minha mãe tinha toda razão: o segredo está na prática.

Muitos americanos que visitassem a casa dos meus pais ficariam chocados. Muitos deles não são acostumados com quintais no fundo, roupas estendidas em varais e árvores frutíferas. E aqui tem isso tudo. É uma propriedade grande com um belo e agradável quintal aos fundos.

Após o almoço, eu e Felipe caminhamos entre as árvores e deitamos em uma rede sob a sombra e ar fresco.

— Quero te contar uma coisa. — Ele começa já mostrando euforia em sua voz.

— Diga.

— Estou prestes a conseguir ser um associado.

— Sério? — Ergo o rosto para olhá-lo. — Então ganhou o caso de ontem pela manhã?

— Sim. Ganhei. Os caras recuaram e aceitaram o acordo que propus e deixaram minha cliente em paz.

Abraço forte o pescoço dele e beijo-o várias vezes.

— Ah, que ótimo! Estou tão feliz por você. Quero te ver subindo cada vez mais. Me deixou muito orgulhosa.

— Eu sei que sim. Sabia que ficaria feliz.

— Claro. E aí? Me conte mais.

— Bom, ainda vou resolver com a firma de advocacia. Acho que preciso passar por alguns testes, um estágio talvez.

— Sim, claro. Mas já é meio caminho andado para seu sonho.

— Eu estava pensando...

— O quê?

— Porque não vamos comemorar lá no clube? — Ele me olha compenetrado torcendo para eu não recusar. Posso ver em seus olhos.

— No clube? No Dama de Copas?

— Sim, o que acha? Vem comigo. — Segura minha mão e beija meus dedos. — Podemos ter uma noite a dois, beber um pouco, ver umas safadezas...

É o momento dele, e não vou lhe negar uma comemoração. Um ânimo até então desconhecido me toma por completo com a simples menção ao clube.

— Você é o melhor noivo, sabe muito bem das coisas que mais gosto.

— Isso é um sim?

— Isso é um com certeza!



À noite, dentro de um elegante e colado vestido Armani roxo na altura dos joelhos, ressaltando minhas curvas, entro ao lado de Felipe no clube Dama de Copas e, mesmo eu já tendo visitado aqui, o deslumbre me pega em cheio. O

lugar é mesmo luxuoso e aconchegante.

— Ah, que droga. — Felipe murmura ao meu lado olhando o celular. Antes de eu abrir a boca ele fala: — Amor, me espere ali no bar só um instantinho? Preciso atender essa ligação.

— Felipe! Como assim? Acabamos de chegar.

— Eu sei, desculpa. Por favor, volto logo.

— Ok. Seja breve. — Sozinha, soltando um suspiro exasperado, caminho para o bar e me sento.

— Boa noite, senhorita. O que vai beber? — O belo barman pergunta me fazendo pensar um pouco antes de me decidir por uma taça de vinho. Olho para ele de costas e desço os olhos para sua bunda. É um belo homem. Eu teria que trazer Pedro aqui, para acabar de vez com a idiotice dele. Todavia, preciso pensar que devo respeitar o desejo das pessoas. Se ele é gay e não deseja mostrar isso, é a vontade dele e será respeitada. Mesmo contra minha vontade.

O barman coloca o vinho diante de mim e, quando dou o primeiro gole, ouço bem ao meu lado:

— Vinho? Esperava mais de você.

Antes de me virar, já sei quem é. O cheiro dele domina o ambiente, a voz grave e baixa faz meus poros eriçarem e sua presença é marcante de um jeito inexplicável.

É Magno.

— Oi. — Cumprimento olhando-o. Se eu julgava que ele não poderia ficar mais atraente e gostoso, eu estava enganada. Em seu terno bem recortado, com uma pose cheia de si, ele me observa com as mãos nos bolsos, com uma cara de pura perversidade, nem faz questão de esconder que está pronto para dar o bote.

— Posso me sentar? — Aponta o banquinho ao meu lado.

— Não vejo problema. — Ele se senta, eu me recomponho do breve choque causado por sua presença. Nada tão alarmante a ponto de me deixar pateticamente gaguejando ou totalmente sem movimentos racionais.

Magno faz um gesto para o barman e todo charmoso se vira para mim.

— Então... quando está sozinha, Lavínia Torres toma vinho e pensa na vida?

— Ou mesmo se eu estivesse acompanhada estaria tomando vinho. E não estou sozinha.

— Não mais. Afinal, estou aqui. — Apenas uma das sobrancelhas dele sobe sugestivamente.

Acabo rindo e sua afirmação me faz olhar brevemente em volta à procura de Felipe.

— Eu vim com meu noivo, mas ele precisou atender uma ligação.

— Hum... ok. — Desvia a atenção de mim e pede um uísque. — Então...

como tem passado? — Ele se vira totalmente no banquinho para me olhar.

— Bem. — Deixo transparecer um pingo de indiferença.

— Apenas bem?

— Apenas bem.

— Algo em mente para a noite de hoje? Ou apenas está dando uma olhada?

— Dando uma olhada.

— Hum... — Ele coça a barba pensativo. — Talvez decida experimentar alguma coisa. Já foi ao salão de confraternização?

— No lugar da orgia? Ainda não.

— Se quiser um guia...

Antes de ele se colocar à disposição, intervenho:

— Tem meu noivo, que pode me guiar.

— Se quiser um funcionário para realizar algum desejo... — Não termina, deixa subentendido junto com seu sorriso presunçoso, que já diz muito do que ele se refere.

— Eu quase estou achando que você está sendo inoportuno.

— E estou? — Mexe o uísque no copo e vira na boca.

— Está chegando na linha que ultrapassa a boa vontade.

— Eu gostaria de passar da linha com você... de novo, repetir a dose. — Abro a boca, mas ele interrompe minha fala: — Estou sendo bem humilde em te confessar isso.

— É, pude sentir sua humildade. — Meu celular toca, abro a bolsa, pego e vejo que é Felipe. Levanto um dedo para Magno pedindo para esperar um pouco.

— Oi, Felipe.

— Amor, desculpe, estou resolvendo algo bem chato. Minha tia passou mal, estamos no hospital com ela. Teve um desmaio, pode ter sido apenas pressão desregulada.

— Sério? Ah, Felipe, que coisa. Quer que eu vá até aí? Me diga em que hospital está.

— Não. Não precisa. — Ele é rápido negando. — Vou ligar para Dante ir te buscar, tudo bem?

Nem preciso olhar o relógio para saber que é tarde para incomodar um homem casado na sua casa com sua família.

— Não. Eu vou ligar para Pedro ou pedir um táxi.

— Me perdoe, querida, vou te recompensar mais tarde.

— Sem problemas, é caso de sua família. Está tudo bem, me ligue depois.

— Ligo sim, um beijo.

Guardo meu celular e olho para Magno já de pé me observando.

— Problemas? — Ele dá alguns passos, diminuindo nossa distância.

— Meu noivo precisou sair para resolver um problema. Preciso ir. — Decido ser educada explicando a ele. Mesmo achando que não era necessário.

— Já? Fique mais um pouco.

— Não. Não dá.

— Claro que dá, posso te mostrar um pouco da casa. Prometo ser comportado e não retirar nenhuma peça de roupa do meu corpo. A menos que você me ataque e eu fique vulnerável.

Se a intensão foi me fazer sorrir, ele conseguiu. mesmo revirando os olhos, meus lábios repuxam. Esse cara parece ser como eu: tem um senso de humor peculiar, gosta dos prazeres carnavais e é cheio de si. Não o julgo por isso.

— Vamos. Apenas uma volta.

— Você não parece ser o tipo de homem que implora pela presença de uma mulher.

— E não sou. Mas você não é qualquer uma.

— Não?

— Sou um fã, lembra? — Pisca para mim, sem descartar seu sorriso sempre presunçoso.

— Okay. Seja meu guia por alguns minutos.

Ele estende o braço curvado para mim.

— Obrigada pela gentileza, mas não quero que achem que eu sou a garota da noite escolhida para esquentar sua cama.

— Afinal, você não só esquentar, toca fogo mesmo.

Rio mais uma vez e caminho ao seu lado, passando pela área da boate e entrando em um corredor que nos leva para um salão aberto, bem mais calmo e não barulhento.

— Então, ganha sua vida sendo garoto de programa? — Pergunto, olhando para meus sapatos. Ergo meus olhos e Magno me fita compenetrado.

— Foi isso que ficou sabendo sobre mim?

— Basicamente.

— Na verdade, faço isso por diversão, ganho minha vida de outra forma.

— Quem sou eu para julgar?... — Dou de ombros, passando os olhos em uma área fechada com grandes vitrines onde se pode ver casais fazendo sexo. Magno explica rapidamente sobre o lugar e não paramos para olhar. Pessoas do outro lado assistem numa boa enquanto bebem tranquilamente. É um lugar parecido ao quarto em que estive com Magno e Felipe; porém era individual e apenas Felipe podia nos ver.

— Mas acha que eu ganharia bem se fizesse disso meu ganha-pão?

— Quer uma aprovação de mim?

— Por que não? Sou seu fã, sua opinião seria um ótimo parâmetro de

qualidade.

Rio mas não digo o que ele quer ouvir.

Sáimos em outro salão onde se pode ver uma enorme escada curva, branca e dourada. Pessoas bem vestidas sobem e algumas já estão descendo.

— Subindo a escada, chegaremos aos quartos particulares, para casais ficarem à vontade sem ninguém observando. — Ele toca gentilmente em minhas costas e aponta para um balcão de um bar luxuoso. — Pode me esperar aqui um minuto? Volto rápido.

— Claro.

Deixada por dois na mesma noite. Que lástima!

Caminho para o balcão e me sento. Peço apenas uma água natural e abro a bolsa para verificar meu celular e já mandar uma mensagem para Pedro. Passou da hora de eu ir embora.

Há um homem sentado ao meu lado e ele conversa em alto e bom tom com o barman. Pedro me responde dizendo que está vindo. Guardo o celular e tomo um gole da água.

Eu não sou uma pessoa que costuma prestar atenção na conversa alheia, mas o cara está ao meu lado e falando alto, não dá para ser indiferente. Ele diz:

— Magno é muito safado, cara. Queria a mina e o noivo dela fez um trato com ele. Daria ela por uma noite se ele ganhasse um caso no tribunal.

Meu coração salta pasmo e eu olho para os dois homens que riem se divertindo com a história.

— Como você soube disso, porra? — O barman questiona e eu quero saber a mesma coisa.

— Por acaso, ouvi eles conversando. Era para ser segredo, porque parece que a mina é uma celebridade e não pode sonhar com uma desgraça dessa.

— Esse noivo é bem cuzão em oferecer a garota por causa de um processo comum.

— Não o julgue. É advogado, eles fazem de tudo para ganhar.

Pode ser de outra pessoa, mas seria muita coincidência. Me levanto trêmula e de visão turva, vendo à minha frente apenas o caminho que devo percorrer. Estou sentindo umas sensações que são raras para mim. Quase nunca tinha experimentado sentimentos parecidos.

Talvez quando roubaram meu violoncelo em Bariloche eu senti algo parecido. É raiva com tristeza e dor. Dor no espírito e não na carne. Vontade de correr e chorar. Estou me sentindo humilhada e traída.

Não vi mais Magno e nem quero ver. Saio correndo do clube e, no portão na rua, espero Pedro. Respiro muito rápido profundamente para tentar mascarar o que sinto e não demonstrar a Pedro. Antes de qualquer surto, preciso conversar

com Felipe.

Magno

Eu podia passar uma noite conversando com Lavínia, apenas conversando, uma vez que percebi que tem caráter e não iria para a cama comigo traindo o noivo. Ou eu poderia tirá-lo do meu caminho e tentar em seguida uma aproximação com ela.

Estaria desimpedida e seria bem mais fácil agir.

Não sei se as pessoas vão conseguir entender, nem mesmo eu consigo entender, já que não é da minha personalidade agir assim; todavia quero mais que apenas conversa. Quero-a novamente na cama comigo, nua em meus braços e isso foi o combustível que usei para tomar a decisão de armar o bote contra Felipe.

Ele é um cagão. Ele não a merece, afinal na primeira oportunidade a usou como moeda de troca. E Lavínia precisava saber com que tipo de homem estava se envolvendo.

Minha ideia não foi totalmente mesquinha. Antes de querer transar com ela, sou admirador de seu trabalho. Sem falar que uma hipótese quase me tirou o sono: e se ele a oferecesse para outro? E iria acontecer, o desgraçado é um punheteiro safado e iria propor ela a ficar com outro cara para ele assistir.

Foi minha melhor decisão.

Conversei com dois funcionários do clube, contei basicamente a história e o que eles tinham que fazer. Eu só tinha que deixar Lavínia lá no bar sozinha e deixar o pau quebrar. Eles iriam conversar sobre o assunto, ela ouviria e pronto! Perfeito.

Todavia, eu também sairia queimado nessa história. Sorte que sou Magno, mestre em sedução e manipulação feminina. Vou conseguir amansá-la mais tarde, depois que a poeira abaixar.

Eu fui embora do clube assim que tive certeza que Lavínia tinha ido. Na minha casa, fumei um charuto na varanda olhando a noite e relembrando, a contragosto, momentos do meu passado. Situações que atingiram meus sentimentos porque eu fui fraco e tolo. Nunca mais voltarei a me expor tanto por uma mulher. O sexo me basta.

A primeira coisa que um soldado aprende ao ingressar no exército é o segredo. Há coisas que o soldado morre mas não pode falar, pelo bem do país. E com isso aprendemos a guardar segredos e sentimentos pessoais nos tornando misteriosos

pelos olhos de algumas pessoas. Meus irmãos nunca souberam o que de verdade aconteceu quando eu estava na minha primeira missão fora do Brasil. E provavelmente nunca saberão.



— Preciso de sua ajuda. — Eu disse para Lorenzo assim que entrei em sua sala na Orfeu no dia seguinte.

— Como sempre. — Ele se espreguiça na cadeira e estala os dedos. — Diga. Passo a chave na porta de sua sala e me sento diante dele.

— Cara, fiz uma coisa e Romeo vai querer comer meu rabo se descobrir.

— Me conte uma novidade, Magno.

— Não fode, porra. — Puxo o ar e disparo de uma vez: — Eu troquei o terreno da empresa por uma noite com uma mulher. É isso.

— Vindo de você, eu não deveria, mas estou surpreso. É o imóvel daquela vaca malcriada?

— Sim. Da Mara.

A testa dele se franze mostrando o teor incrédulo.

— Você... você transou com ela?

— Não. Claro que não. O advogado dela é noivo da Lavínia Torres e ele me ofereceu uma noite com a mulher dele para eu passar panos quentes e deixar ele ganhar a causa.

— Ah, vá tomar no seu cu, mano. — Ele se exalta, jogando as mãos para cima em um gesto de intolerância. — Fodeu nossos negócios por causa de um sonho ridículo? Se isso chegar ao conselho da empresa, nem Romeo poderá te salvar e limpar sua cagada.

— Eu sei, porra. Claro que sei. É por isso quero que você me ajude a comprar o imóvel.

— Eu? Ajudar? Não me meta nisso.

— É, você. Quem mais aqui é o louco das aquisições que até tomou uma empresa de uma pobre mulher inocente?

— Agora ela é inocente? — Levanta a sobrancelha um tanto surpreso.

— E não é? Ou vai dizer que sua esposa é uma miserável culpada?

— Ressaltando que antes eu estava agindo certo, Angelina era uma megera. Hoje é minha megera que eu amo.

— Tocante. — Desconsidero bocejando de mentira.

— O fato é que a culpa não é minha que você pensou com o pau, mais uma vez, e não priorizou sua família. Agora está aí todo se tremendo como um mela-cueca.

— Não vai mesmo me ajudar?

— Não disse que não. Mas estou saboreando o momento de poder te dar um

esculacho. — Ele pega o celular, procura algo, toca na tela e leva o aparelho ao ouvido. — Vou resolver isso agora, falar com uns contatos que tenho. Os créditos serão meus.

— Ah rá! Mano! É isso aí, porra. Sabia que Lorevaldo Justiceiro não iria ficar fora dessa. — Ele ri e faz sinal para eu me calar quando começa a falar com a pessoa.

Eu fiz a melhor jogada. Fiz acordo com Felipe, fiz a noiva dele saber que tipo de homem ele é e agora ainda conseguirei comprar o prédio para deixar meus irmãos sorridentes e de bem na fita com os clientes.

Agora, vou para a segunda parte do plano: cercar Lavínia como eu já cerquei muitas mulheres e consegui. O ingresso do concerto não me parece uma má ideia agora.

Lavínia

Eu não contei a Pedro o que tinha acontecido. Preferi remoer sozinha o que eu estava passando e sozinha chegar a uma conclusão.

Desde muito cedo sou independente e meus pais me obrigaram a ser assim. “Para não apanhar da vida”, eles diziam. Não fui a garota que sofria algum desaforo na escola e trazia a mãe no dia seguinte para tomar minhas dores. E mesmo se eu tentasse, minha mãe diria: “Por que você não se defendeu? Estava com a boca costurada?”

Ser independente é isso. Resolver os percalços do dia a dia sem precisar recorrer a terceiros, senão a pessoa não conseguirá progredir um passo, sempre vai precisar de apoio.

Mas quer saber? Uma única vez eu fui humilhada na escola por ser negra e bolsista. Nessa única vez, algumas garotas decidiram que era legal derramar suco na minha roupa e dizer que eu estava estudando para ser diarista porque em nosso país é isso que negras conseguem.

Antes de tudo, eu pensei se o confronto valia a pena. Averiguar a situação é a coisa certa a se fazer em momentos de estresse. O que o agressor esperava quando me insultou? Sim, atizar meu ódio e mexer com minhas estruturas. Esse era o tipo de ataque que elas esperavam, e então eu seria a marginal, porque com certeza eu tiraria sangue de algumas bocas.

No fim, adivinhem quem seria punida?

Mas qual era o ataque que elas não esperavam e eu mostrei? Me virei e caminhei até a direção, bem alto gritei: “Escuta aqui, existem leis nesse país contra racismo e acho que ninguém aqui vai gostar de ver o nome da escola em jornais. Se essas pessoas não pararem de me atormentar, nomes voarão na mídia e todos sabem como esse povo ama crucificar escolas de elite. Tomem uma providência.”

No outro dia tivemos uma palestra sobre racismo na sociedade moderna e incrivelmente eu durei na escola até o fim dos meus anos letivos.

Era um desafio para eu permanecer entre os primeiros da turma, sempre. Ser o orgulho dos professores e dos meus pais. A ironia é que na minha formatura do ensino médio eu tinha me tornado oradora da classe e líder do grupo das populares, justo aquelas que tinham me zoadado no início. Perdão e vingança são primos de primeiro grau.

Minha vingança foi mostrar a todos o meu sucesso e não tentar machucar alguém.

Tudo isso me vem à mente enquanto ando no meu quarto, mordendo o lábio de raiva e refletindo se vale ou não a pena um ataque à altura. Expor Felipe, mostrar todas as suas farsas e traição e deixá-lo na sarjeta. Ou posso apenas engolir o choro, levantar a cabeça e mostrar a ele minha vitória.

O que eu sei é que nenhuma das duas escolhas vai diminuir a dor que estou sentindo. A humilhação, como naquele dia na escola que senti o suco gelado nos meus cabelos e roupa. A humilhação dói muito e é um dos maiores combustíveis para as pessoas fazerem ações impensadas.

Decido me despir, tomar um banho e decido dormir. Não irei fazer nada de cabeça quente, ainda não tirei a aliança de noivado, vou olhar nos olhos de Felipe antes e saber o que de fato é verdade.

Demorei a dormir, remoendo cada palavra que escutei daqueles homens. E nem me dignei a sentir qualquer tipo de sentimento ruim por Magno. Ele não é nada meu, muito menos faz parte da minha vida. Não vou gastar tempo odiando-o.

Só consegui chegar à conclusão de que é um babaca de marca maior por ter aceitado o acordo com Felipe e ainda contar para os amigos no clube.

Acordei e ainda estava escuro. Tive sono inquieto. Vesti um macacão jeans e botas e amarrei meus cabelos em um rabo de cavalo. Estou disposta a conversar com Felipe e depois visitar Pedro, pois percebi ontem à noite que ele não estava legal.

Desci para pegar o café com meu pai, que acorda muito cedo. A companhia de pessoas que a gente ama é boa coisa nesses momentos.

— Chegou cedo ontem. Achei que dormiria lá com Felipe. — Ele diz quando deposita um beijo de bom dia em seu rosto.

Eu não vou mentir e nem enganar meus pais. Se eu decidir algo com Felipe, eles precisam ser os primeiros a saber.

— Nos desentendemos, infelizmente. — Minha mãe para com uma travessa de bolinhos de chuva me olhando extasiada.

— O quê? — Meu pai coloca a xícara de volta na mesa.

— Eu vou conversar com ele hoje. — Olho desanimada para as coisas à minha frente na mesa. — Mas só estou falando para adiantar a situação, caso haja um fim de noivado. — Pego uma xícara e me sirvo de café.

— Lavínia! — Minha mãe já está sentada com a mão na boca, com expressão quase de choro. — O que você aprontou?

Reviro meus olhos. Como se só a mulher pudesse ser culpada por um possível fim de relacionamento.

— Qual foi o motivo? — Meu pai tenta se fazer de frio, que está neutro, mas sei que ele está explodindo por dentro. Ele ama Felipe.

— Vocês são um casal e sabem quando há desentendimentos.

— Sabemos, mas sabemos também que se é algo para acabar com o noivado, então a coisa é grave. Você descobriu algo que ele fez?

— Mais ou menos isso. Não foi traição com outra mulher, mas me senti traída.

— Mas então...

— Divergências, pai. Hoje conversarei com ele e, dependendo do que decidirmos, vocês saberão de tudo.

— Eu sempre te disse que não era uma boa ideia alimentar o gênio forte dessa menina. — Meu pai começa a fazer palanque para uma palestra.

— Agora a culpa é minha? — Minha mãe intervém decepcionada

— Você ajudou na criação e muitas vezes aplaudiu quando ela se saía bem nas situações.

— Gente, isso não tem a ver com minha criação. Que coisa! Eu sou uma mulher de trinta anos, posso tomar minhas decisões sem ser questionada, e só contei a vocês por puro respeito, pois são meus pais.

— Desse jeito você nunca vai se estabilizar com ninguém. Com certeza deve ser algo na carreira dele que você está podando. — Ele julga e depois aconselha:

— Minha filha, homens não gostam de freios.

— Pai, eu não vivo minha vida para agradar homens, e achei que o senhor já tinha ciência disso.

Nem consegui terminar o café. Não tinha apetite e meus pais estavam mesmo dispostos a defender Felipe. Acho que chegou a hora de eu arrumar meu apartamento para me mudar para lá. Não é legal morar com os pais depois de experimentar a liberdade e independência. Eles sempre vão achar que os filhos são bebezinhos indefesos.

Me despedi deles e fui para o apartamento de Felipe, eu tinha ligado para ele e estava me esperando.

Assim que cheguei, a primeira coisa que notei foram malas no sofá da sala. E Felipe eufórico que mal conseguia ficar de pé.

— Estava fugindo? — Indaguei e me afastei dele após receber um beijo rápido.

— Não. Estou indo para Brasília, viagem de última hora. Consegui uma vaga na firma que te falei. E eles me transferiram para estagiar em um escritório de Brasília por um mês.

— Que coisa boa. — Me sento no sofá, cruzando as pernas e o encarando seriamente.

— Achei que ficaria feliz por mim. Eu sei que ficarei um mês afastado, já ia

ligar para você contando as novidades. Mas depois estarei aqui, com você.

— Felipe, sente-se. Tenho algo para te perguntar e o assunto não é agradável.

— O que houve? — Ele se senta e se mostra tenso, sua euforia cai por terra.

— Vou ser simples e direta: Como ganhou o caso que lhe rendeu essa associação?

— Como assim? Eu... apenas ganhei. — Demonstra que está mentindo, coçando o nariz e desviando o olhar.

— Olha, eu relutei para não chegar aqui destruindo tudo, batendo em você e berrando. Eu sou mais que isso e quero uma única coisa em troca: sinceridade.

— Lav, eu não sei do que está falando.

— Cara, você me ofereceu como moeda de troca para ganhar um caso? Sim ou não?

Ele fecha os olhos, massageia as pálpebras e solta um palavrão baixo. Felipe nunca conseguiria manter uma farsa. Ele se levanta e passa a mão na cabeça quase raspada. Fica de costas por um tempo e depois me olha.

— Foi ele que te contou? O desgraçado do Magno? Foi ele, não é?

— Ah, que coisa! Então é verdade. Caralho! — Me levanto também.

— Lav, isso era muito importante para mim.

— Isso era importante para você? Eu sou sua noiva! Eu deveria ser importante para você, eu! Você me colocou abaixo de um caso de tribunal, me vendeu como se eu fosse a porra de uma mercadoria... Felipe... pelo amor de Deus!

— Não é dessa forma que ele te contou...

— Ele não me contou nada. Descubri porque escutei uns caras falando lá no bar. O filho da puta saiu contando seu feito maravilhoso para os amigos. Estavam debochando de mim.

— Me perdoe, meu amor. — Ele tenta me segurar, mas eu me afasto. — Lavínia, você precisa ver meu lado. Caramba! Eu não tinha saída.

— Olha que absurdo! Então quer dizer que quando não tiver saída vai empurrar a trouxa aqui como barganha?

— Você faz tudo parecer uma catástrofe, quando não é. E sabe disso. Você gosta de sexo, você gostou de estar lá no clube e não vi problema em fazer essa gentileza a ele.

Dou uma risada nervosa. Ele só piora as coisas me fazendo sentir pior que uma sacola de mercado cheia de compras.

— Eu não escutei isso. Meu Deus! Não escutei. Olha, é melhor cada um seguir seu caminho.

— O quê? — Tenta segurar meu braço no alto de sua exaltação — Quer terminar por causa de uma bobagem?

— Pra mim já deu. Eu não sou obrigada a ficar aqui escutando esse monte de

merda.

O celular dele toca, Felipe olha quem chama e resolve atender. Eu fico de pé no meio da sala esperando e ele todo sorridente fala com a pessoa. Depois, quando desliga, me olha um pouco nervoso.

— Vamos conversar com calma mais tarde. Preciso estar agora no aeroporto.

— Não, você vai ficar e discutir isso comigo.

— Não posso e você tem que entender. Não posso, é minha carreira em jogo, casamento teremos a eternidade para resolver, já se eu perder essa oportunidade, será sem volta. Tente me entender. Te amo. — Dá um beijo nos meus lábios e, sem conseguir evitar, olha para a porta. Dando uma indireta que eu preciso ir.

Eu apenas assinto e saio do apartamento dele.

Agora sim tenho vontade de chorar. Mais de raiva que de tristeza. E chorar de raiva é terrível. A gente luta porque não quer se sentir fraca e trouxa, mas as lágrimas saem involuntárias.

Dentro do meu carro, após resistir ao choro, enfim tiro a aliança, coloco na bolsa e saio dali decididamente como solteira.

Magno

Eu não queria aceitar que estava apreensivo diante da minha decisão de ir ao concerto de Lavínia em São Paulo. Apesar de não querer aceitar, a ansiedade me corroía, me dando uma sensação que nunca tinha sentido. Ao volante dirigindo para São Paulo, eu me convenci de que estou fazendo o que sempre fiz na vida: correr atrás de mulher, independente de quem ela seja. É meu desejo falando mais alto e todos sabem que sempre dei vazão a essa voz interior, mais conhecida como voz do pau.

Já se passaram quase duas semanas desde que Lavínia descobriu a armação do noivo, e está no momento de eu agir. Eu sei algumas poucas coisas sobre o que ela tem feito nos últimos dias, visto que andei investigando. Lavínia está ainda na cidade e participou de um evento em uma escola de ensino médio onde o governo incentiva crianças e adolescentes a aprenderem música.

Também fiquei sabendo que Felipe não está na cidade e nem precisei investigar para descobrir como estava a situação deles. Felipe me ligou e foi áspero gritando, que eu era o pior tipo de ser humano e que eu ainda ia pagar pelo que tinha feito.

Eu apenas escutei e decidi não revidar. Já tinha ganhado aquela fase, o próximo passo era conseguir alcançar o inalcançável. Se fosse em um game, era o momento de enfrentar o chefe do jogo.

“Você chegou ao Centro Cultural Júlio Prestes.” — O GPS avisa, mas nem precisou, meus olhos contemplaram a beleza do prédio histórico que, nessa noite, está iluminado para receber as pessoas. O concerto acontecerá na Sala São Paulo; um lugar que, pelo que vi nas fotos, vai garantir um belo espetáculo. É uma construção gigantesca com uma única torre alta na lateral adornada com um relógio.

Do lado de fora, na frente do prédio, escorrem pela parede duas gigantescas faixas verticais. São pretas com letras douradas e em cada uma a imagem de um violoncelo.

Há muita segurança em volta, com homens de terno preto bem posicionados e, na praça em si, algo em torno de cinco viaturas da polícia, dando assistência ao evento que parece lotado, com carros de luxo chegando e sendo recebidos por manobristas. A produtora que está oferecendo a apresentação de Lavínia fez questão de selecionar cada pessoa que viria aqui hoje prestigiá-la. E isso já pode

ser perceptível pelo preço do ingresso, que eles gentilmente chamam de convite.

Jogo as chaves do meu carro nas mãos de um cara, ajeito minha gravata e caminho para a entrada. Uma mulher me diz para onde devo ir e, assim que chego à entrada da sala de concerto, no interior do centro cultural, entrego o ingresso ao recepcionista, que confere e me indica onde devo me sentar, seguindo o lugar marcado no convite.

Área vip, lógico. Preciso vê-la de perto e quero que ela me veja. Sem falar que comprei o pacote completo com direito a foto com Lavínia. É o famoso *meet and greet*, que a galera fã de cantores americanos conhece muito bem. Se traduz em conhecer e cumprimentar o artista depois do show.

O interior é mais aconchegante e luxuoso e quase me faz desacreditar que estou no Brasil. As luzes deixam o ambiente quase em tom dourado, porque tudo é talhado em madeira com belas e colossais colunas brancas estilo grego.

Olho em volta admirando as várias carreiras de cadeiras de madeira maciça circundando o palco. Além dessas ao nível do palco, ainda tem mais dois patamares de galerias acima: os camarotes, já, inclusive, lotados de gente.

Consigo achar meu lugar, em um dos camarotes que não estavam tão cheios e posso ver daqui que terei uma visão privilegiada. Estarei de frente para Lavínia.

Demorou algo em torno de quinze minutos para começar.

Todos os integrantes da orquestra se posicionaram, o coral atrás do palco no altar e, por último, a estrela da noite.

Ela entrou, de cabeça erguida, dentro de um exuberante vestido preto com camadas que esvoaçavam aos seus pés.

Está linda e muito gostosa e isso não é uma novidade.

Educadamente, saudou a plateia e se posicionou sentada com o violoncelo apoiado na perna.

O piano começa dando introdução a uma famosa música internacional. *Total eclipse of the heart*. Estremeço.

Lavínia começa a passar firmemente a haste nas cordas do violoncelo e o salão se enche da melodia do instrumento de corda. Ela é precisa e meticulosa em cada nota da música.

Eu nunca me senti tão satisfeito ao ver uma mulher e pensar que eu transei com ela, e gostaria de falar a todos esses homens aqui presentes que eu a tive nua em minha cama. Seria um caso sério de pura arrogância? Sim, mas quem liga? Quero gritar sim que eu fui o cara que a fiz gemer enlouquecida.

Lavínia se torna mais bonita estando concentrada, de semblante fechado, construindo a música em cada estrofe. Estou extasiado. E quando a música atinge o refrão, mais instrumentos entram formando uma sincronia perfeita sob o regimento do maestro. E de repente todos param, ficando apenas o violoncelo de

Lavínia com o coral cantando:

*“Era uma vez em que eu estava me apaixonando
Mas agora estou apenas desmoronando
Não há nada que eu possa fazer
Um eclipse total do coração”*

E como se fosse predestinado a acontecer, nesse instante ela levanta os olhos e se chocam com os meus. Ela se surpreende com minha presença, nem piscamos encarando um ao outro. Fervorosamente toda a orquestra volta à música, menos Lavínia, que segura firme no violoncelo parada, sem tocar, me fitando. Isso dura a porra de segundos, mas eu quase achei que foi uma eternidade.

Ela afasta a visão, olha para baixo, sua mão treme. Antes de voltar, respira fundo algumas vezes e, usando algo que parece raiva, ela se joga de volta à música quando o coral grita:

*“Eu realmente preciso de você hoje à noite
O eterno vai começar essa noite
O eterno vai começar essa noite”*

E por fim, tudo se cala deixando apenas ela prosseguir, dando um fim dramático e melancólico à música.

E ela acompanha a música, cantando baixinho:

*“Nothing I can say
A total eclipse of the heart”*

Todos se levantam para aplaudir, e eu mais uma vez, como sempre acontece nos concertos dela, tenho a sensação de soco no estômago tamanho é o poder de seu dom. Lavínia é perigosa para mim, eu deveria saber, na verdade eu sei. Mas é impossível permanecer longe. Já ouviram falar das plantas carnívoras? Elas têm algo para atrair suas presas. As moscas sentem que há perigo, mas não conseguem se afastar, cada vez mais se aproximam e são capturadas.

Enquanto aplaudo, penso que estou sendo um completo cuzão em estar aqui disposto a tudo para tê-la apenas mais uma vez, todavia, como a mosca, eu não consigo me desviar dessa mulher.



Me apressei à frente de todos, antes do concerto finalizar, para ser um dos primeiros a falar com ela. Arrependi de não ter trago ao menos uma flor. Dizem que essas artistas gostam de rosas, mas minha falta de hábito em levar flores para mulheres me fez esquecer. Eu sempre pedi à secretária que enviasse, caso a parceira da noite valesse a pena.

Ajeito meu terno, deixo no rosto um sorriso exuberante e, quando um cara da produção acena para mim, me chamando, caminho confiante sabendo exatamente o que falar. Talvez role uns amassos aqui no camarim. Não custa

sonhar.

Entro, a porta se fecha atrás de mim e, quando ela me olha do espelho, fala para uma mulher e um homem que estão na sala com ela:

— Pessoal, podem nos deixar a sós? É um amigo.

— Claro, Lav. Dois minutos por pessoa. — Eles saem, permaneço no meu lugar com as mãos no bolso e, ainda com o sorriso montado, o melhor que eu tenho e que costumo usar nas infalíveis seduções.

— Você quer um autógrafo ou uma foto? — Ela é direta, parada diante de mim, com os braços cruzados e olhar ácido. Já está sem o vestido, usa um robe longo de seda.

Nunca me intimidei, ainda mais por mulher. Dou um passo à frente.

— Você não se despediu aquela noite. Vim cobrar uma despedida épica.

— Uma despedida épica. — Repete me fitando nada amigável. Ela sobe a mão e, sem pestanejar, esbofeteia meu rosto. Nada forte, mas é carregado de mágoa. — Isso seria o que você ganharia naquela noite. Já que faz questão, tome agora.

Ok, eu já imaginava algo assim, entretanto, meu sangue ferve.

— Está louca?

— Eu vou considerar que você seja apenas cara de pau e não burro. — Diz sem se alterar. — Felipe ligou para você, ele me contou, você já sabe que eu sei do trato imundo de vocês dois.

— Cara, o que eu tenho a ver com isso? Seu noivo foi o babaca.

— E quem compra celular roubado também não é culpado? — Levanta a voz acima da minha. — É a mesma coisa. Você aceitou a merda do trato. Olha, isso é passado, não quero me estressar por isso. Ainda mais por você que não é nada meu.

— Então será isso? Por causa dele, você e eu não poderemos...

— Por causa de ninguém. Por minha causa, eu quero assim, eu desejo que nenhum dos dois esteja na minha vida a partir de agora. Se não veio até aqui pedir autógrafo ou tirar foto, pode fazer o favor de vazar? Ou prefere ser expulso?

Me calo por alguns segundos, semicerro meus olhos, mas ela continua intacta na sua posição assertiva.

— Gata, abaixa a bolinha. Não me rebaixe quando você sabe que nunca vai encontrar nada parecido comigo. Estou te dando uma chance de estar comigo novamente, isso não acontece duas vezes em cada século.

Ela gargalha. Bem alto, na minha cara. Até curva para frente fingindo uma histeria de riso. Quando termina seu show medíocre, faz sinal de negativo para mim.

— Meu querido, eu sou Lavínia Torres, sou gostosa, rica, poliglota e bem resolvida. Quem está aqui implorando uma segunda chance é você, não eu. — Ela vai até a porta ainda rindo e abre para mim. — Vai logo. E eu achando que tanque de guerra tinha freio.

Tanque de guerra?

Debocha na minha cara me ridicularizando. Essa miserável vai ver só. A raiva me consome, uma raiva diferente, um sentimento que nunca senti antes: rejeição. Raiva por levar um pé na bunda e me sentir um bosta sendo esculachado por uma mulher que se acha a melhor.

— Vá se danar. Acabou de perder um fã. — Resmungo para ela e em passos rápidos saio do camarim.

Sou capaz de derrubar um se entrar na minha frente.

Vou direto para o clube. Estou com nervos à flor da pele e lá é o único lugar que vai me amaciar.

Acabo a noite fodendo a boca de uma morena, forte em ritmo acelerado. Meu pau muito duro por causa da minha decepção, estava dolorido de tão grosso e potente. A amarrei com as mãos para trás e a fodi com a cara no colchão e bunda para cima. Despejando minhas emoções ali no sexo, sendo assistido por várias pessoas. Eu quis vir para um dos quartos públicos, onde visitantes podem ver pelas vidraças.

Eu não sei o que queria sentir, se era a mesma sensação que tive com a megera dos infernos quando transamos, ou se era um sexo hard apenas para tentar imaginar ela ali debaixo de mim, com meu pau atolado em sua boceta; imaginá-la levando uma correção por ser tão filha da puta.

Eu não quis chegar em nenhuma dessas conclusões. No final, estava tão duro e tenso que precisei de outra garota, que se ofereceu prontamente e foi comida pelo melhor da casa, o dono disso aqui, o rei de copas, e que Lavínia jamais chegará perto novamente.

Lavínia

Eu estava na pior, sentimentalmente quero dizer. Os dias se arrastaram tão penosos que eu tive vontade de pegar minhas malas e voltar para alguma turnê pelo mundo. Todavia, como eu tinha acabado todos os concertos e não marcado nenhum outro até o ano que vem, estava sem ter para onde fugir do Brasil. Quer dizer, lugar tem, mas não um motivo. Não quero ser a covarde que foge por um término de relacionamento.

Isa e Pedro ainda não sabem que terminei tudo com Felipe. Nem mesmo meu irmão sabe, do jeito que é, vai querer tirar satisfação como se eu fosse uma menina de doze anos. Achei melhor não forçar nada indo contar a eles, ainda estou digerindo sozinha toda essa situação.

Uma semana após ter acontecido tudo, decido tomar um rumo na minha vida. Vou ficar aqui no Brasil esse resto de ano e não irei continuar com meus pais, amo-os logicamente, mas não tenho mais cabeça para aturar alguém pegando no meu pé.

Essa manhã, quando levantei e sentei na mesa, meu pai teve o prazer de me empurrar um jornal. Parece que estava ali na página exata só esperando eu chegar. A manchete parecia ironizar com a minha cara: “Advogado ligado à Baptista & Cohen assume caso de cantor acusado de sonegação.” Uma foto de Felipe sorrindo estampando a matéria que eu nem tive o trabalho de ler.

Que ele seja feliz.

Não está nem um pouco interessado no nosso relacionamento, enquanto eu estou aqui no fundo do poço, sofrendo à noite e me sentindo culpada por talvez ter pegado pesado.

Revirei os olhos para meu pai e me servi de café.

— Você não queria ele se dando bem? — Indagou.

— Sim, mas não sendo um babaca. Ele foi um... — Engulo as palavras. Meu pai é hipertenso, vive tendo crise, não vou expor a safadeza de Felipe. Tento soar calma e convincente: — Escute, pai, estamos dando um tempo e ficarei feliz com cada progresso na vida dele. Raiva só faz mal para quem sente e não me acabarei em ódio por ter perdido um homem.

— Tá bom. Você faz o que quiser de sua vida, mas saiba que nunca encontrará um homem como Felipe.

Ainda bem, pensei, engolindo uma grande quantidade de café e queimando a

língua.

Não contei a eles que fui procurar alguém para planejar a reforma do meu apartamento que está trancado há uns anos. É perto dos meus pais, comprei justamente ali para não falarem que quero afastá-los da minha vida, todavia, ficarei no meu próprio cantinho sem pressão de ninguém.

Liguei para Isabela e ela me passou alguns nomes de empresas de designer e arquitetura. Foi uma distração passar a manhã toda debatendo sobre projetos de reforma e compras de móveis. Compra, seja lá o que for, sempre é algo ótimo a se fazer, revigora qualquer pessoa.

Almocei fora, sozinha em um restaurante gostando um pouco da solidão. Fez bem para eu pensar em direções da minha vida e não apenas remoer no meu quarto na casa dos meus pais.

O ponto alto do meu dia foi quando meu agente me ligou com boas notícias, na verdade, maravilhosas notícias. Uma emissora nacional estava produzindo uma série de televisão e viu em mim o perfil ideal para viver uma das personagens da trama.

Liguei imediatamente para Pedro e, do outro lado da linha, gritou:

— Claro que você vai aceitar! Você não é louca de negar isso.

— Não sei, Pedro... — Caminho pelo quarto pensando. Não sou atriz, eu amo o que faço.

— Sim, minha querida, mas você pode fazer um bico como atriz. Por favor, Lav, não perca essa oportunidade.

Me sento na cama e me encaro pelo espelho do quarto.

— Bom, eu estou pensando, mas aceitei ir à festa de elenco que acontecerá amanhã à noite. O produtor irá me explicar mais sobre o personagem. Adivinha quem é convidada vip? — Cantarolo toda exibida.

— Minha diamante negro. — Ele ri igualmente eufórico. — Não esperava menos, o céu é o limite para você.

Gargalho com ele.

— Vem aqui em casa me ajudar com o vestido?

— Infelizmente não vai dar. — Posso sentir o desânimo tomar a voz dele. — Tenho um compromisso.

— Tudo bem. — Torço para que não seja sobre o tratamento bizarro que ele está passando, mas não pergunto. — Eu entendo.

— Mas me mande foto.

— Mandarei.

Terminei a ligação e fiquei olhando o celular. Toco em “contatos” e deslizo o dedo parando no nome de Felipe. Éramos, antes de tudo, amigos, e eu sempre contei tudo para ele, sempre pedi sua opinião. Me faz falta alguém íntimo com

quem eu possa compartilhar minhas vitórias.

Mesmo tomando um tapa da minha consciência, eu toco no nome dele iniciando a chamada. Me levanto e a tensão me faz morder os lábios. O que estou fazendo? Sendo uma fraca ou sendo complacente?

Felipe atende, rindo: — Oi, Lav.

— Ah... oi. Como está? — Há barulho ao fundo.

— Tudo bem.

— Ah... Felipe...

— Querida, posso te ligar mais tarde? Estou em um almoço de negócios... e preciso... dar atenção...

— Sim, claro. — Estremeço ao ser interrompida.

— Não se importa? Não aconteceu nada, não é?

— De jeito nenhum. Estou em casa, tranquila e só passando o tempo.

— Ótimo. Beijos, te ligo à noite.

— Tchau.

Burra! — Jogo o celular na cama. — Toma na cara para deixar de ser idiota. Eu achando que ele iria vibrar de felicidade. Felipe não está nem sem importando com o fim do noivado, está se divertindo enquanto eu me tranco em casa remoendo “de quem é a culpa”.

Isso me dá forças para me arrumar exuberante na noite seguinte e ir à tal festa de elenco. É a emissora número 1 do país, e essa série promete ser sucesso. Li o e-mail que o produtor me mandou e, se eu me interessar, viverei uma investigadora criminal amiga da protagonista que ajuda a revelar toda trama. Gostei do papel.

Minha família estourou champanhe quando eu contei a notícia. Eu sou famosa, vivo viajando, mas eles sempre comemoram como se fosse a primeira vez.

Decidi me vestir com um conjunto de saia e cropped bordado de pérolas. Deixei meus cabelos soltos e a maquiagem não muito pesada. Um tom claro, apesar de ser noite.

Meus pais tinham orgulho brilhando em seus olhos, como sempre acontece quando me veem bem vestida.

— Estou indo, pessoal. — Beije cada um deles antes de sair. O táxi já me esperava na porta. No carro, respondi uma mensagem de Pedro me desejando boa sorte e se lamentando por eu estar indo sozinha.

Respondo que nasci sozinha.

Sim, sozinha e certa do que quero.

A festa é privada em uma boate alugada especialmente para esse dia. Rapidamente consegui me enturmar, uma vez que todos ali já sabiam dos

rumores que eu poderia estar na série também. Fui bem recebida pelo meio artístico e me senti com amigos, mesmo que não me conhecessem antes.

Sozinha e solteira, não vi problema em cair na farra. A bebida era liberada, a pegação rolando solta e eu só queria esquecer meus problemas pessoais me jogando na diversão.

Nada melhor que diversão para me soltar.

Marcos Fontes é um dos atores e me tornei seu alvo assim que ele me viu. Alto, malhado e muito gostoso dentro de um jeans claro e camisa de linha arregaçada nas mangas. O vilão da série. Barba estilo lenhador e cabelos jogados para o lado. Ele se tornou meu alvo também. Quando um não quer, dois não brigam, mas eu estava muito a fim de cair nos braços alheios e me senti totalmente desimpedida novamente.

— Conheço um lugar bacana para a gente ficar a sós. Quer fugir daqui? — Perguntou quando já não aguentávamos mais dançar com o tesão pulsando feroz entre a gente.

— Só estava esperando me convidar. Vamos.

Era o segundo carioca com quem eu dormia, apesar que o outro: Vocês-sabem-quem, é um carioca fajuto. Marcos é gostoso, mas não se comparou ao babaca do clube, o maldito tanque de guerra. E nem sabia nada sobre minha carreira, como Magno sabe. Mais um riscado da lista; gostoso, bom de papo e cama, mas insustentável no quesito compatibilidade.

Magno

“LAVÍNIA TORRES E MARCOS FONTES DEIXAM
CASA DE SHOW JUNTOS NO RIO. AMBOS
COTADOS PARA O NOVO SERIADO PERIGO IMINENTE.”

Reviro os olhos e empurro o jornal de volta para Lorenzo, que me mostrou isso só para tentar me provocar. Estamos tomando café da manhã na lanchonete da empresa. Romeo esbanja um sorriso de deboche me olhando por trás de óculos escuros.

— Por que você não se fode? — Digo a Lorenzo e tento me concentrar na minha torta. Que por sinal tem gosto de palha, até a porra do paladar pareço ter perdido com o desgosto de ver essa imagem.

— Me parece que não fui eu que foi fodido à noite. — Ele bate o indicador na foto de Lavínia estampando o jornal. Tenho vontade de enfiar o garfo de sobremesa na mão dele, mas fico na minha. Não acredito que ela desceu tão baixo assim a ponto de se deixar sair em qualquer jornaleco. E ainda passando a noite com esses fracassados. Se merecem.

Não se dá o respeito, mal acabou o compromisso com o noivo e já está transando com outro. Muito feio para ela.

Eu fiz a cama para os outros deitarem. Isso é tão injusto. Acabei com o noivado dela e nem comi dos frutos do meu trabalho.

— Aqui diz que ela estava sozinha. — Romeo lê e levanta os olhos para mim, a testa franzida. — Ela não tinha um noivo? — Lorenzo sabe da treta e seu olhar debochado mostra que está querendo ver eu me ferrar.

— Tinha... mas não sei... não dou a mínima para a vida dos outros.

— É sua oportunidade, então. — Romeo toma um gole de café. — Use suas técnicas militares para seduzir a bela.

— E eu lá sou homem de correr atrás? Me respeite, cara!

— Pois vai ficar sem a foda, se fazendo de difícil.

Eu nem vou contar para eles que briguei com ela e essa é a principal causa que me impede de tentar capturá-la. Pego minha pasta executiva e coloco a alça no ombro.

— Mande um convite para ela, seu burro. — Lorenzo grita quando já estou afastando da mesa, paro e me viro. Os dois riem de mim. Nunca fui tão

ridicularizado dessa forma. — Mande um convite vip para ela comparecer ao seu clube. O “não” você já tem, o que vier é lucro.

— Lorenzo tem razão. — Romeo concorda. — Deixe o orgulho de lado se quiser colher o fruto. Mostre humildade mesmo que não tenha e vai tê-la bonitinho em sua mão.

Eu tentei trabalhar, mas fiquei com aquela maldita foto na cabeça. Lavínia saindo da boate com um bundão qualquer. É como quando a gente precisa fazer algum trabalho no computador, mas antes dá uma passadinha no Instagram e por lá fica o resto das horas.

Nesse momento eu penso em tudo, menos na pilha de trabalho que tenho que terminar.

Em minha consciência um julgamento do mérito acontecia. Iria ou não ser concedida a mim uma liminar para abaixar a guarda e poder ir atrás dela sem perder minha credibilidade de macho superior?

Eu nunca dou o próximo passo. Elas correm atrás de mim.

Mas Lavínia já mostrou que não dá a mínima para nosso amigo pau delícia e as técnicas na cama. — Meu inconsciente me lembrou.

Isso era pura verdade. E a megera é gostosa.

Muito gostosa.

Vale a pena?

Muito.

E posso ser babaca depois, não irei me casar com ela, é apenas seduzi-la, comer e voltar para meu trono supremo.

Boa, é isso aí.

Eu serei menos homem se for atrás dela?

Não. Ao contrário, eu posso mostrar a ela como estava errada sobre mim, levá-la para a cama e mostrar tudo que ela nunca vai ter.

A decisão tinha sido tomada. Por unanimidade tudo em mim votava para ter mais um pouco daquela mulher.

Com a vontade de alimentar meu ego e meu tesão, ligo para Daniel e peço a ele para preparar um convite especial e mandar para Lavínia. As palavras serão simples:

Aquele autógrafo e foto ainda estão de pé? Venha ao clube dar uma
olhada nas atrações, deixe-me ser seu anfitrião.

Veja pelo lado bom, eu te livrei de casar com um babaca.

Atenciosamente,

João Magno, o fã.

Acho que fui descontraído e humilde.

Homem é um bicho ruim de verdade. Todos nesse planeta sambem que estou fazendo isso apenas por questões de possessividade. A maldita foto dela com o outro cara me fez tomar essa decisão e, enquanto acendia um charuto, me perguntei por que me importei tanto com isso.

Passei uma noite esperando. Lavínia não veio. Dormi no clube e no dia seguinte estava um porre na empresa. Nem bom dia eu dei, exceto para Josias da lanchonete, que é um cara muito legal.

Sem Romeo pedir, eu saí para fazer algumas coisas fora da empresa e esfriar a cabeça um pouco. Nem voltei mais, fui para casa, me arrumei e voltei para o clube. Segunda noite esperando e nada. Mesma frustração. Ela teria recebido o convite?

Perguntei a Daniel e ele disse que o rapaz entregou pessoalmente a ela.

Revoltado, nem fiquei com ninguém. Fui para casa sozinho a uma da manhã, na madrugada perigosa do Rio.

Entretanto, uma semana depois, eu já tinha aceitado que ela não viria. Era sábado, eu estava de boa apenas administrando, no meu escritório vendo algumas questões do clube. Felizmente a polícia tinha dado batida aqui por causa das denúncias, mas não encontrou nada ilegal, e foi um tapa na cara dos fodidos que denunciaram. Saímos por cima mais uma vez.

A porta se abriu e relutante Daniel me olhou.

— O que foi?

— Aquela famosa tá aí. — Ele anunciou e eu quase derrubei a cadeira atrás de mim quando levantei.

— Lavínia?

— Essa. Mando embora?

— Tá louco, porra? Leve-a para o bar, estou indo.

— Certo. — Ele sai e eu me apresso para arrumar. Tô parecendo um cafetão com a camisa aberta mostrando o peito, um charuto na boca e uma garrafa de uísque perto.

Meu cabelo está uma bosta e, quando sopro na mão e cheiro, comprovo que estou com bafo de fumo e álcool. Vou ao banheiro, gargarejo com enxaguante e saio correndo da sala dando tempo de apenas pegar o terno.

No meio da escada já assumo a pose de dono do lugar. Como era de se esperar, há uma animação ao redor quando as pessoas notam minha presença. Lavínia me vê de longe e faço charme parando, cumprimentando uns, acenando para eles. A porra de um rei.

— Você veio. — Digo, tentando não parecer aliviado, a passos de distância, parado casualmente com as mãos nos bolsos.

Caralho! Tenho a mulher novamente. Se já fui azarado não me lembro.

— Fui convidada, não era para vir? — Ela não é diferente de mim, mantém uma pose muito austera e confiante.

— Não acreditava nisso, devido nosso último encontro.

— Estava sem fazer nada hoje à noite. Vim pelo lugar, é um ótimo lugar.

— Fico feliz que tenha gostado. Posso tomar algo com você?

— Fique à vontade.

Me sento ao seu lado, como já estava bebendo uísque, peço apenas uma água tônica.

— Sem álcool?

— Já tive minha cota. Estou a trabalho.

— É. — Ela me mede de cima a baixo. — Seu trabalho não parece mesmo dar certo com álcool.

Rio, admiro-a por alguns instantes me deixando embebedar de sua beleza. Lavínia tem olhos grandes e claros, algo como verde ou cinza, sob a luz do ambiente ainda não pude decidir. Olhos sempre acesos, espertos, cheios de luz. Seus cabelos soltos caem em cascatas pelos ombros e costas, tem uma cor bonita, algo como chocolate que combina com sua pele negra.

Suas curvas são elegantes e chamativas, mas nunca expostas; ela tem o cuidado de jogar com a sedução, deixando subentendido todos seus atributos femininos. Agora por exemplo, usa um vestido colado ao corpo, mas que vai até os joelhos, é tomara que caia, mas tem renda cobrindo até o pescoço e os braços.

— Então... não está mais furiosa comigo?

— Aquele dia eu estava muito mexida, mas hoje estou tranquila e gostaria de te perguntar: por que fez aquilo? Armou para eu descobrir?

— Bom...

— Seja sincero. — Pediu e bebericou o vinho.

— Ok. Eu pensei: Por que aceitar só uma uva se posso ter o cacho todo? Eu queria ver você aqui mais vezes e de preferência sozinha. É isso. Me julgue. — Levanto as palmas das mãos me mostrando rendido.

Lavínia me analisa por alguns segundos e nega sutilmente com a cabeça.

— Não te julgo. Desejos carnavais, quase sempre entendo.

— Que bom.

— Mas canalhice não concordo. Você e Felipe foram canalhas.

— Ele mais que eu. Ele que tem compromisso com você.

— Tinha. — Ela corrige, com desprezo visível.

— Fico feliz com a conjugação no pretérito imperfeito, para mim é mais que perfeito.

Ela ri, e sussurra como se não fosse para eu ouvir: — Idiota. — A seguir, fica de pé. — Vamos andar um pouco, vim para ver atrações e não para ficar de papo

furado com um funcionário da casa.

Rio interiormente. Imagino se eu fizer algo que ela não goste e ela querer falar com o dono.

— Vamos direto ao tão falado salão onde chamamos de sala de confraternização.

— Onde rola a orgia?

— Sim.

Dessa vez, tomo outro caminho e passamos pela ala BDSM. Não dá para ver muita coisa, aqui é o lugar mais restrito, as pessoas que gostam dessas práticas, concentradas no prazer em si, na entrega e resistência dos corpos, preferem a quietude e particularidade. Mas tem alguns que se deixam ver pelo público.

— E se eu quiser transar com um dominador? — Ela pergunta quando saímos da ala e entramos em um corredor luxuoso com paredes de painéis de madeira, lustres de cristal e carpete vermelho.

— Você quer? — Fico surpreso.

— Não, quer dizer, tenho curiosidade, mas não sou uma submissa.

— No caso você pode experimentar com uma pessoa que não seja dominador, mas entende da prática. Dominadores natos geralmente preferem alguém que entenda as regras da situação. É tanto que muitos deles preparam bastante a sua submissa antes do ato sexual. o prazer muitas das vezes está na dominação psicológica, na entrega completa e confiança ao parceiro. E isso eles não têm com mulheres que não se enquadram como submissas.

— Entendi. Mesmo assim, muito curiosa.

— Quer dar uma olhada? Posso ver se consigo...

— Sério?

Sim, gata. Eu sou o dono aqui, eu digo o que deve ou não ser feito.

Ergo os ombros, mostrando que posso tentar. Guio-a pelo corredor e peço para ela esperar. Dou dois toques em uma porta com uma pequena luz vermelha acesa indicando que o quarto está ocupado.

— Magno. O que manda? — É um dos clientes mais fiéis. Ele é quase um mestre na arte da dominação e às vezes deixa que o público o assista. Falo com ele rapidamente o que preciso e ele aceita, dando uma boa olhada em Lavínia. Volta para o quarto e eu vou buscá-la.

— E aí?

— Tudo certo. Venha. — Entro com ela na cabine do lado de fora do quarto e puxo as poltronas para ficarmos de frente para a grande janela onde se pode ver todo o interior do quarto.

— Eu já assisti dessa mesma maneira. — Ela fala. — Com Felipe.

— Já? Aqui vendo o pessoal do BDSM?

— Não. Era sexo normal.

— Hum... quer tomar algo?

— Mais tarde. — Ela está de olhos pregados no vidro a nossa frente. O casal já tinha começado, mas eu não me preocupo em olhar para eles. Meio virado de lado na poltrona, assisto Lavínia, tendo em mim uma boa sensação de prazer proporcionado pela companhia dela. O cheiro perfumado dela me causa impulsos ansiosos para tomá-la em meus braços.

Lá dentro, o cara amarrou as duas mãos da mulher na cabeceira, e está nesse instante pinçando os mamilos dela com grampeadores próprios. Ele a atíça lentamente, tendo a seu favor todo o tempo do mundo e tendo ela toda a sua mercê, corpo e mente voltados para ele.

Eu não sou desses caras que se excitam vendo outros trepando, todavia, chega um momento que estou com o pau explodindo de tão duro só em ver Lavínia ofegando ao meu lado.

— Olhe para mim, não goze até eu mandar, ou estará em maus lençóis. — O cara mete sem parar e a mulher choraminga definitivamente agonizando para se libertar de uma vez do prazer. Assistir todo o processo foi demorado, até ele ter sua parceira totalmente submissa a suas vontades e o melhor é vê-la se empenhar para agradá-lo.

— Merda. É como ver cinquenta tons ao vivo. — Ela sussurra sem piscar.

Olho para Lavínia e penso se ela toparia algo assim, deixar que eu a foda sem pressa, amarrada. Sinto meu pau babar. Puta que pariu. Meus pensamentos são como um gatilho e meu pau a bomba, se eu não controlar, já era.

Consegui levá-la dali dizendo que tínhamos muitas coisas para ver. E ela aceita de imediato.

Chegamos a uma grande porta de madeira, empurro e ela abre em duas partes.

— Contemple a libertinagem sem vergonha. — Digo e Lavínia solta um murmúrio de surpresa.

Esse lugar é como aquele primeiro bar da recepção. Tem música rolando, tem um bar com bebidas e um barman, sofás grandes e poltronas espalhados pelo salão. Todavia, há algo diferente: aqui as pessoas podem ficar mais à vontade. Digamos, podem começar preliminares e até irem ao ato sexual. E geralmente é isso que acontece aqui. Muita gente vem assistir ou participar de algum ato sexual, em que muitas das vezes acaba em grupo. É uma farra.

— Surpresa?

— Muito. — Ela sopra.

Conduzo Lavínia até um sofá estilo namoradeira, onde podemos ver um casal transando quase à nossa frente. Aceno para um garçom sem camisa circulando com taças de champanhe em uma bandeja.

Na nossa frente, o homem está sentado e uma bela loura sentada de costas para a gente, cavalgando lentamente e gemendo jogando os cabelos de um lado para o outro. Daqui podemos ver o pau entrar e sair fazendo-a se contorcer.

Lavínia pega uma taça de champanhe e toma um gole e desvia os olhos, há um trio do outro lado e ela fixa atenção nele. Duas mulheres começam a despir um cara que mantém uma expressão de rei do pedaço. Está acontecendo com ele o que muitos caras sonham: ficar com duas mulheres ao mesmo tempo.

Uma se ajoelha em sua frente, abaixa as calças dele e sem demora abocanha o pau exibindo uma expressão de contentamento.

— Nossa! — Ouço o murmúrio e olho para ela, usando meu sorriso safado. Seus olhos, que descobri serem verdes, brilham quando ela observa meus lábios. Passo a língua provocantemente e ela revira os olhos, mas sem desviar a atenção. Sorri também, morde os lábios e por fim vira-se para continuar assistindo à movimentação. Um outro cara que foi convidado soma-se ao trio e agora ele lambe a boceta da morena enquanto ela continua chupando o cara sentado.

O casal que estava a nossa frente está deitado agora e dois outros homens estão perto, creio que só esperando o convite e então transformar o sexo normal em *gang bang*, quando mais de um cara fode uma única mulher.

Minha garganta está seca por causa do tesão, que me deixa com as pernas trêmulas. Sem conseguir segurar, preciso ajeitar meu pau na calça, está explodindo de tão duro.

Nesse instante, quando levanto os olhos, encontro Lavínia me fitando. Ela me viu ajeitar o pau e parece também no mesmo barco da excitação crescente.

Ela coloca a taça de lado e resmunga: — Ah! Que se dane. — Me pega de surpresa puxando meu terno e me beijando com puro fogo.

Eu a segurei em meus braços e meu corpo estremeceu com o toque dos lábios. Sua boca devora a minha ansiosamente e eu retribuo fazendo minha língua rolar contra a dela. Lavínia geme me beijando como se fosse uma cura para alguma dor que ela sentia; coloco-a no meu colo, seguro seus cabelos firmemente e não vejo mais nada, estou alucinado, completamente entregue a essa excitação tão arrebatadora, coisa que nunca tinha antes sentido por outra.

— Por que não escolhemos um quarto? — Ela afasta milímetros para falar. Tento beijá-la, mas Lavínia empurra meu queixo. — Um quarto privado.

— Você quer?

— É o que parece, não é? — Ri debochando. Eu estou tenso demais para rir. Me levanto e a puxo, saindo rápido dali, estou com a calça estufada com minha ereção evidente. Entro com ela no elevador já nos atracando aos beijos. Quase nem consigo apertar o botão do segundo piso onde fica o meu quarto.

Pelo jeito, não é apenas eu que preciso repetir a dose do primeiro sexo que

tivemos. Lavínia praticamente me ataca, segurando no meu terno e ronronando enquanto me beija.

Nos arrastamos para fora quando a porta se abre e entramos no meu quarto, empurro a porta com o pé e o baque a faz se desvencilhar e olhar em volta.

— Uau! — Gira sobre os saltos admirando meu quarto. Os tons usados são escuros, com uma única parede vermelha, na cabeceira da cama. Os móveis são negros e o chão de madeira polida. É nitidamente um quarto masculino e mais discreto, não chamativo e claro como os outros do clube. Os móveis que tem aqui são apenas o que preciso para experimentar diversas artes de sexo. Cama com dossel para eventuais amarrações, armário de apetrechos e sofá de veludo.

— Todos os quartos são assim?

— Não. Esse é um especial. — Nem ligo para esse papo, já estou me despindo.

— Especial? — Sorri sedutoramente. Passa os olhos pelo meu corpo e uma faísca brilha visivelmente quando tiro a cueca.

— Você é especial, quarto especial. Venha. — Puxo-a, e Lavínia reage não permitindo que eu a empurre, ao contrário, me joga de costas na cama, puxa um pouco o vestido para cima e sobe em mim. Caralho! Um cara hipertenso não pode encostar nessa mulher, é ataque na certa.

Ofego quando ela enche as mãos com meu peito e me beija vorazmente rebolando sobre meu pau. Eu só posso estar sonhando, valeu cada minuto eu ter abaixado a guarda e corrido atrás, valeu sim, porque não é todo dia que sinto essa fome desgraçada para comer uma mulher sem hora para acabar.

— Você acaba de entrar para a história como prostituto mais gostoso. — Ela para de me beijar para falar. Minha testa franze por eu estar intrigado.

— Prostituto?

— Dos melhores. — Sorri e desce beijando minha barriga indo para meu pau.

— Okay. — Nem fodendo eu vou discutir sobre rótulos dados a mim. Arrepio e mordo meu lábio quando ela o coloca nos lábios e suga a cabeça latejante eroticamente, sem pressa, me deixando pirado. Ela o mantém na boca, circulando com a língua e em seguida suga, como se fosse a melhor delícia desse verão, e é a melhor delícia, modéstia a parte.

Lavínia é uma mulher decidida e sem reservas. Ela faz o que deseja e acho isso maravilhoso. Ela gosta do que faz, de cada instante do sexo. Uma mulher que ama o sexo e todas suas vertentes.

Ela me domou e foi dona da situação dessa vez. E eu deixei sem problemas. Estávamos muito loucos para as preliminares e nem precisava de votação para saber que era unânime a vontade de trepar selvagememente, como da primeira vez.

Após eu encapar meu pau, ela montou em mim, segurou nos meus ombros e subiu e desceu sem pressa. Eu sentia como se fosse entrar em combustão a cada

vez que ela subia deixando meu pau e sentava de volta me engolindo com sua boceta quente e ensopada. É quase uma sensação tântrica: Era a boceta de Lavínia Torres mastigando minha rola. Quando e onde eu devo fazer uma oferenda de agradecimento ao amigo destino?

Apertei-a em meus braços e levantei meus quadris e só então nossos corpos começaram a se bater ritmados com os gemidos e gritos acompanhando em uma melodia quase ensaiada.

— Volte... aqui... mais vezes... caralhaooo! Vou te comer até de manhã. — Urrei em transe.

Ela segurou firme na minha garganta sem parar de se mover rápido.

— Você dá sorte que tem um pau gostoso... miserável! Issooo! — Jogou os cabelos para trás e eu deixei o êxtase me consumir. — Que porra de piroca deliciosa! — Gritou ensandecida me enchendo mais ainda de tesão.

— Que se foda! — Grito e a puxo para beijar sua boca. Desço os lábios para o pescoço, chupo um local, mas não paro muito tempo ali, Lavínia rebola com todo meu pau recheando-a, eu desço mais a boca e abocanho seus peitos, então ela grita.

— Caramba! Vou gozar.

— Merda. Não agora. Quero aproveitar mais.

Saio de dentro dela e tenho a impressão de que ela quer gritar de frustração. Fico de pé perto da cama, puxo o tornozelo dela e a pego no colo.

— Enganche suas pernas na minha cintura. — Ordenado.

Lavínia faz imediatamente e eu me introduzo novamente para dentro dela. Agora começo a comer de pé com ela presa em meus braços. Aproveito e chupo seus lábios em um beijo glorioso enquanto minha rola sobe firme e barulhenta dentro dela.

Como um leão, começo a rugir e isso faz os olhos dela vidrarem, grudados em mim. É como se ela me achasse mais gostoso e viril nessa posição. Por estar colocando mais força, meus músculos ficam mais rígidos.

Deixo a modéstia de lado e esbanjo um sorriso arrogante e, num ímpeto, ela avança e lambe meu pescoço e aspira meu cheiro em seguida, e resolvo chupar, morder e beijar. Isso entre os gemidos brutos que trocamos.

Deito-a na cama, sem sair de dentro. Cubro o corpo dela com o meu e automaticamente o peso faz as pernas dobrarem, os joelhos dobram para cima quase tocando nos seios, assim, a boceta fica mais aberta dando total liberdade para meu pau entrar e sair deslizando tranquilamente.

Ela segura nos meus braços e eu dou um sorriso.

— Assim está gostoso? — Indago, arfando.

— Muito.

— Assim eu posso entrar todo e você sentir meu cacete bem lá no fundinho. É bom, não é?

— Sim, muito gostoso. Me beije.

Eu dou um sorriso, e ela responde com os olhos vibrando, vou para cima dela e a beijo enquanto fodo se cessar.

Para minha completa alegria, ela não só chega ao orgasmo como também goza encharcando meu pau. São poucas mulheres que gozam durante o sexo. Isso me deixa tão pirado que gozo logo em seguida.

Ficamos na cama, quase sem nos tocar, lado a lado, nos recompondo. Eu não queria demonstrar minha cara de felicidade, então tentei o máximo manter os músculos faciais no lugar.

É sério, cara? Sorrir por que comeu uma mulher? Vai se tratar. — Minha mente me recrimina e eu aceito o esporro.

Minutos depois, ela vira o pescoço e me olha.

— Te pago depois, pode ser?

— O quê?

Ela se senta na cama, enrola o cabelo e olha em volta.

— Posso usar o banheiro?

— Sim, mas já vai?

— Claro. Vim aqui para transar e já consegui.

Caralho! Olha o corpo dessa mulher!

— Como assim? — Me sento na cama perplexo. De pé, andando numa boa nua pelo quarto, ela pega a roupa e me olha com uma expressão arrogante.

— Você não achou que eu vim aqui ser amiguinha, não é? — Chame um táxi para mim, por favor.

Ela entra no banheiro e eu fico olhando para a porta. Cacete. Que mulher é essa? Volto a cair nos travesseiros. Então ela veio transar...

Acho que encontrei alguém que pensa como eu. Só transar, sem amizade ou papo furado.

Quando Lavínia sai já vestida e toda maquiada, eu ainda estou na cama, pelado, do mesmo jeito.

— Não achei que iria embora tão rápido. Pensei em pedir algo para a gente comer.

— Cara... — Ela coloca a bolsa no ombro. — Eu sou boa demais para ficar em um ambiente desse, jantando com um garoto de programa. Só estava me divertindo, chamou o táxi?

— Eu não sou garoto de programa.

— Okay. Chame do que quiser. Não mande conta para mim, eu pagarei seus honorários. Felipe tinha me contado como isso aqui funciona, você é funcionário

e eu usei de seu horário.

— Ah...

Ela caminha até a porta e as engrenagens de minha mente giram em velocidade máxima. Então ela acha que eu sou um funcionário da casa e que cobro para fazer sexo...

Sorrio, pulo da cama, pego minha carteira na calça e vou até ela.

— Espere.

Lavínia para e me olha.

— Aqui. — Pego meu cartão magnético de entrada e estendo para ela. — Entre quando quiser com esse cartão, vou pedir para liberar seu nome no sistema.

— Está me dando seu crachá?

— Mais ou menos isso. Até conseguir que te coloque como membro do clube.

— Eu não vou...

— Eu sei, você é Lavínia Torres e não precisa pagar por sexo e, por isso, ofereço meus honorários de graça, sempre que vier.

— Como é que é?

— Ah, não venha com essa. Você veio aqui pela foda, e pode voltar outras vezes para eu te comer. — Pisco para ela. — É pegar ou largar. Não é todo dia que um tanque desse, como você mesma mencionou, aceita trabalhar de graça.

Ela ri, balança a cabeça e pensa por dois segundos antes de tomar o cartão da minha mão.

— Isso não significa que virei sempre.

— No seu tempo.

— Mas quando vier, você...

— Ficarei ao seu dispor. — Puxo-a para meus braços e beijo-a. Lavínia me abraça apertado recebendo o beijo passivamente. Ela se afasta, olha meu corpo de cima a baixo e diz:

— Você tem ótimos truques, gato. Mas não são suficientes ainda. — Dá uma piscadinha e sai.

Eu bato a porta, rio e pulo de volta na cama feliz da vida. E nem quero pensar que eu, Magno Lafaiette, esteja comemorando por ter a chance de comer a mesma mulher várias outras vezes. Mas só de pensar que isso pode acontecer meu pau volta a ficar duro.

Magno

Dou um bocejo gostoso pra cacete quando acordo com a claridade da manhã me banhando pelas vidraças do clube.

Espreguiço e volto a fechar os olhos sentindo a dolorosa ereção me fazendo lembrar da noite passada. Lavínia está impregnada em cada canto do meu corpo e dessa cama, e mesmo eu tendo tomado uma ducha revigorante depois que ela saiu, não foi o suficiente para afugentar de mim essa gostosa sensação de quase poder sentir seu cheiro em meu corpo.

Pulo da cama quando minha consciência me acerta um soco. Que porra é essa de ficar na cama sorrindo e relembrando uma boceta bem comida?

Balanço a cabeça negativamente enquanto caminho para o banheiro, em total desaprovação para essa minha reação patética.

Mais patético ainda foi eu ter dado a porra do cartão para ela, movido pela consciência do meu pau. Eu lá sou homem de ficar atrás implorando para elas se deitarem comigo?

Pra mim, mulher seria totalmente dispensável se não fosse o sexo. Sou um cara puramente viciado em peitos e boceta e por isso eu as cortejo, para meu próprio prazer. Não fosse isso, pagaria para lavar, passar e fazerem minha comida e evitaria qualquer dor de cabeça que vem junto com o sexo.

Como agora, enquanto urino debaixo do chuveiro ensaboando meu corpo, Lavínia continua impregnada em mim me fazendo praguejar, porque ainda não cansei de comê-la, ao contrário, estou sedento como se ainda não tivesse provado.

Preso em um sinal vermelho, dentro da minha caminhonete, atendo a ligação de Romeo apertando um botão no volante.

— Diga! — Por trás dos óculos escuros, fito o semáforo.

— Cara, era para termos saído às oito, já são oito e quarenta. Onde se meteu?

Putaquepariu! Eu e meus irmãos iríamos viajar agora pela manhã, para um almoço em pleno domingo, com um cliente aqui perto, em Búzios. Ele não podia outro dia, estava com a agenda lotada e Romeo não desiste, ao contrário, quanto mais difícil é o bagulho ainda mais ele se interessa. Não é à toa que batalhou até conseguiu tomar a mulher do Ludolixo; o desafio chama meu irmão.

— Cara, tive um probleminha aqui com o pneu da minha caminhonete. — Minto e arranco o carro quando o sinal fica verde.

— Hum... tá sóbrio?

— Como um anjo. Tô chegando em sua casa.

— Certo. De qualquer forma atrasamos um pouco, Angelina decidiu ir.

— O quê? — Quase perco o controle da direção. — Como assim Angelina decidiu ir? Ir para onde?

— Com a gente, porra. Pra onde mais seria? Oly a convenceu.

Que merda. O que era uma viagem de irmãos acaba se tornando uma viagem de família.

— Ah, Romeo, fala sério, porra. Vai levar as patroas?

Só quem é solteiro sabe como é infernal ir para um lugar acompanhando casais. A pior coisa é a gente organizar umas paradas e daí chega um sem noção e diz: Vou levar minha mulher. Pronto, acabou a farra.

— É domingo, cara, não vou deixar a Olivia sozinha com o bebê. Cadê o espírito familiar?

— Espírito familiar de cu é rola. — Será que eu mereço mesmo essa cruz? Desligo a ligação, e na minha mente passa a ideia mais idiota do mundo, de convidar Lavínia. Rio de mim mesmo e mostro o dedo do meio para quem quer que esteja botando essas ideias toscas na minha mente.

O piloto me ligou para confirmar o voo no jatinho da empresa agora às nove, disse que não conseguiu contatar Romeo. Só quando chego na casa do meu irmão percebo por que o cara não conseguiu falar com ele.

Na casa de Romeo, todos estão bem animados e eufóricos; o barulho é a primeira coisa que me recebe. Vilma abre a porta para mim e eu me deparo com todos felizes em uma cena broxante ao redor de uma mesa farta de café da manhã.

Criança chora, cachorra late, as mulheres riem, um inferno. Olho para o que meu irmão caçula se tornou, de pé do outro lado tentando fazer o boyzinho dele se acalmar. É um bebê malcriado, se rebela fácil, balbucia muito alto, é um verdadeiro malvadinho que puxou, com certeza, o lado ruim da mãe.

— Angel. — Cumprimento-a.

— Oi, Magno. — Sorri tranquila indiferente para as ameaças de Lorenzo com o bebê: “Nicolas, o papai não vai falar duas vezes. Caladinho!” — Oi? O menino não tem seis meses completos.

— Ei, Magno, senta aí, toma um café com a gente. — Olivia oferece, sem poder levantar pois está segurando Gael sentado na mesa, para ele não escapar e engatinhar pelos alimentos postos ali.

— Aqui, meu querido. — Vilma é mais rápida que o pensamento de Olivia e até do próprio Flash. Empurra meu ombro para eu me sentar em uma cadeira, já estende uma xícara fumegante na minha cara.

— Amor, acho que ele quer peito. — Lorenzo traz seu pequeno projeto de capeta e entrega a Angelina.

— Olha só. O garoto tem bom gosto. De manhã implorando por um peito. Não posso criticá-lo. — Comento.

Os caras riem e Angelina me olha com indiferença.

— Não pode ser, Lorenzo, pelo amor de Deus. Esse menino já está com a barriga explodindo.

— Existem algumas coisas na vida que não se nega a um homem. Peito é uma delas. — Opino e Vilma chega ao meu lado, me entrega um prato com sanduíche de peito de peru com creme de ricota e tomate seco.

— Xiu, fecha a boquinha e coma. — Dá dois tapinhas na minha cabeça, me tratando como um neném.

Angelina consegue fazer o bebê parar de chorar sem precisar dar de mamar. Ela apenas entrega a ele um pedaço de biscoito e seja o que Deus quiser. Deixo de olhar a cena do meu sobrinho usando a gengiva mole para devorar desesperadamente o biscoito e fito Lorenzo quando este diz:

— E a Lavínia? Ainda está caidinha por você?

As reações são as seguintes: ele e Romeo riem ironicamente, eu mostro um dedo do meio sem poder falar, com a boca cheia, e Vilma quase deixa cair um copo no chão, tão pasma como Olivia e Angelina. Eu sei que ele só trouxe esse assunto à tona novamente para poder expor para Vilma. Lorenzo não presta.

— Lavínia? — Olivia olha para o marido sabendo que ele não vai lhe esconder a resposta. Aaah! Que merda. Isso que eu odeio em família, até a foda a gente tem que dar a conta.

— Uma famosa aí que Magno está de olho. E afirma que já pegou.

— Famosa? — Vilma senta à mesa interessada. Reviro os olhos.

— A Lavínia Torres, violoncelista. — Lorenzo fala com Angelina e os olhos da minha cunhada megera saltam em perplexidade.

— Você está saindo com a Lavínia?

— Estamos nos entendendo. — Digo e meus irmãos riem, mais uma vez não acreditando.

— Ela fez um trabalho para a Mademoiselle, e é fiel cliente. — Angelina explica para Olivia e eu fico calado comendo e vendo eles destrincharem a história. Romeo já pesquisou na internet e passa o celular para Olivia. Vilma corre para ver e seus olhos brilham me fitando, acho que já vendo chance de redenção para mim. Como se achasse que isso fosse mesmo possível.

— Magno, ela é linda! — Olivia exclama. — E aí? Conte mais.

— Não dê chance para ele elaborar mais um capítulo de sua história fictícia, amor. — Romeo zoa e isso me faz ficar puto.

— Vá se foder, mano. — Digo e inesperadamente Gael responde:

— I udê, bano.



A viagem foi bem tranquila, e até divertida, confesso. É pouco mais de meia hora no jatinho e ficamos em um resort foda pra caralho, com vista para a praia, onde o nosso cliente tinha marcado para almoçarmos.

Antes do almoço, ficamos de boa na piscina passando o tempo em família. De óculos escuros, deitado na espreguiçadeira, fiquei observando meus irmãos e suas respectivas famílias. Pareciam felizes, mesmo sabendo que é inconcebível para mim um homem poder ser tão feliz por causa de uma mulher fixa lhe impondo regras e um ser humano pequenino que só come, caga e dá trabalho.

Ambos os casais mostram cumplicidade entre si, coisa que eu aprecio apenas na cama e pronto; no dia seguinte: rua. Semicerro os olhos vendo Romeo cochichar para Olivia e apontá-la sutilmente para um casal mais velho afastado. Ela olha perplexa e posso apostar que Romeo está fofocando. Um homem casado se torna um ser estranho.

— Quer ir um pouco com o titio? — de pé na minha frente, Lorenzo pergunta ao pestinha dele.

— Ave Maria! Sai fora, tire esse ser catastrófico de perto de mim. — Lorenzo nem liga para meu protesto e mesmo assim empurra o menino para meus braços. Angelina, na piscina, toma um drink feliz da vida, usando óculos escuros e chapéu grande.

— Deixa de conversa, segura ele um segundo para eu nadar.

— Você poderia nadar com ele. — Sugiro, recebendo de forma desajeitada o bebê das mãos dele.

— Não. Ele acabou de tomar mamadeira. — Nem espera eu falar nada, me dá as costas e pula na água.

O menino me encara concentrado e eu pude jurar que ele revirou os olhos para mim.

— O que foi? Tá olhando o quê? Dê graças a Deus que tem João Magno como seu tio e um dia poderei dar a melhor influência para você conseguir qualquer gostosa. Se depender do seu pai, você se casará com a primeira garota que comer no colégio.

— Bla mmhm laaaba. — Balbuciou prestando atenção em mim.

— Fala igual sua mãe. Não entendo nada.

Mais tarde, tivemos um almoço perfeito com os dois clientes e só então saquei qual foi a jogada de Romeo: os caras estavam com suas esposas também, meu irmão devia saber disso e trouxe sua família. E acabou sendo um almoço descontraído, em um lugar paradisíaco. Apenas eu de solteiro no meio e com

muito orgulho de ser o único capaz de ter a chance de comer quem eu quisesse.

Como uma das esposas dos clientes, que estava me secando descaradamente. Até Lorenzo percebeu e enviava um olhar repreensivo para mim, pedindo silenciosamente para eu manter meu pau nas calças.

Mas não deu. Eu já expliquei o quanto meu pau tem poder sobre mim. Basta ele gritar que quer aquela mulher e eu me torno fraco para negar. E acho que nem era em si por estar com tesão ou ela ser muito gostosa. A situação me fez ficar alarmado, o proibido sempre me atrai. É como um desafio para mim.

O cara é velho, na casa dos sessenta, e sua esposa não deve passar de quarenta. Alta, loira, lábios carnudos com certeza com preenchimento, assim como os seios.

Ela soube exatamente que eu estava disponível e fiz questão de deixar isso explícito falando abertamente que estou muito bem sozinho.

Programamos para ir embora depois das seis da tarde, e eu consegui um tempinho livre com a mulher antes das seis. Sempre consigo, isso não é uma novidade.

Sabíamos que o tempo era curto, então quando ela bateu na porta do meu quarto, já estava pronto só de cueca. Peguei-a pelos cabelos, segurando atrás e preendi-a contra a parede.

Ela avançou selvagememente me arranhando e já enfiando a mão na minha cueca segurando no meu pau, que estava feliz da vida por ter conseguido; desafio cumprido.

— Onde está o seu marido? — Perguntei com a boca nos seios dela.

— No quarto... tirando uma soneca.

— Ótimo. — Ri e enfiei minhas mãos por baixo de sua saia apalpando a bunda macia e arredondada. Eu estava afoito, com o pau pra fora e a cueca abaixada até abaixo da bunda.

Todavia, a porta se abriu com um estrondo e quase tive um ataque quando olhei e vi o corno flagrando a cena. Puta que pariu. Lascou para mim, o cara empunhava uma arma na mão.

— Eu sabia! Eu sabia, sua filha da puta. — Ele gritou com baba escorrendo no canto da boca.

— Amor...! Eu posso explicar. — A safada gritou aterrorizada. — Ele me chamou aqui e acabou me encurralando.

— Como é que é? — Olhei incrédulo para ela. Ainda sem subir a cueca, com medo de fazer um movimento brusco e ser baleado. Na minha mente, busquei em volta as opções de fuga. Eu poderia correr para a antessala, ele iria atirar e eu teria que ser rápido desviando.

Depois eu sairia no quarto, de volta aqui para o hall de entrada e, enfim,

estaria no corredor. Claro, com ele na minha cola.

— Eu vou acabar com você! — O velho pau murcho apontou a arma para a esposa. — Depois encher seu cu de bala. — Apontou para mim. — E dizer que um matou o outro e eram amantes.

— Ótimo. Eu mato uma mulher e meto um tiro no meu cu. Não sabe foder a mulher e agora vejo que não sabe bolar uma cena de crime. Tô fora, vovô.

Me joguei para o lado pegando-o de surpresa. Ouvi o primeiro tiro e tinha segundos para escapar. Corri para a porta, entrei na antessala, os tiros comendo atrás de mim. Saí no quarto, pude ver uma bala pegar na cama, voltei para a antessala, subi a cueca, dei uma piscadinha para a mulher paralisada na entrada e ganhei o corredor.

Ele atrás de mim, atirando ao relento. Sem conseguir mirar.

No fim, eu estava de cueca, cercado por muita gente e pela segurança do hotel que, ouvindo os tiros, conseguiu parar o velho.

Sorte que as balas tinham acabado, senão Romeo tomaria a arma dele e me dava tiro. Meu irmão não estava apenas puto, ele estava putaço a nível de maior puto da vida.

Eu tinha ferrado com nosso esquema de conseguir os clientes, estava numa saia justa, pelado no meio do povo e ainda indo para a delegacia prestar depoimentos. Porque em alguns lugares pode não acontecer, mas aqui se um cara correr atrás do outro atirando, ambos vão para a delegacia se saírem vivos do confronto.

— Porra, velho! Que cagada foi essa, Magno? — Romeo gritava enlouquecido quando saí da delegacia, após uma hora dando depoimento. O velho ficou detido pois foi autuado por porte ilegal de arma, colocar vida de outras pessoas em risco e por tentativa de homicídio.

Eu me calei durante a viagem de volta, o clima no jatinho estava pesado e decidi que me afastaria de tudo por alguns dias. Pois sabia que estava totalmente fodido. Não tinha o que negar. E para piorar, no momento da confusão havia pessoas com celulares filmando. E eu sabia que naquele instante minha imagem de cueca rodeado de seguranças já estava rodando pela internet.

Lavínia

Eu tive uma noite gloriosa. Acordar no domingo depois de experimentar um dos sexos mais prazerosos que já tive me deixou animada para o dia. Eu odeio domingo, mas hoje em especial acordei feliz.

Eu só soube o quanto queria transar novamente com Magno quando o tive nu na cama comigo, ontem à noite.

Antes de me relacionar com Felipe, eu não era uma mulher que grudava demais. Eu transava e fim, sem comprometimento, sem arrependimentos. E eu até achei que com Magno seria uma única vez, todavia, ao ver o convite dele e aceitar que o cara era mesmo bom, eu decidi ir ao clube. E por ter sido tão gostoso, não me arrependi mesmo.

Se meus amigos soubessem de todo o processo, iriam dizer que eu não estava me dando valor correndo atrás de macho, porque ele vacilou comigo, me aceitou como troca de negócios. Entretanto, eu tenho coisas mais importantes para me preocupar do que remoer eternamente ódio de uma pessoa. Magno não é nada meu, não me deve explicações, Felipe sim foi o maior babaca por não respeitar o compromisso que tinha comigo.

Agora, na noite de domingo, sem pretensão para sair, estou no apartamento de Pedro escolhendo algo para assistirmos na Netflix. Ainda não contei nada do que aconteceu para ele, estou esperando-o sair do banho para começar a contar tudo. É uma pena que Isabella não esteja aqui para presenciar a conversa.

— Escolheu? — Pedro entra na sala usando apenas uma calça moletom. Passo meu olhar pelo seu corpo admirando-o.

— Andou malhando, garoto? — Acerto um tapa em sua bunda.

— Preciso de algo que chame atenção das garotas. — Ele senta ao meu lado no sofá e enfia a mão na tigela de pipocas. — Vamos assistir terror mesmo?

— Para com isso. — Reclamo, seriamente. Ele para de mastigar as pipocas e me mostra uma expressão de dúvida.

— Parar com o quê?

— Sua baixa autoestima. Você é bonito, é independente, tem grana, não precisa malhar para...

— Lav. Eu sei, mas...

— Te disseram para fazer isso?

Ele fica um instante de cabeça baixa e, após respirar fundo, argumenta:

— Sabe, eu sendo... é... aquilo... eu sendo...

— Gay? — Completo diante de sua gagueira.

— Não. Tendo esse tipo de comportamento...

— Pedro!

— Lavínia — começa com um tom mais bruto —, eu não acredito em natureza e sim em comportamento. Voltando ao assunto, é difícil para mim, como eu não tenho atração por mulheres, ainda...

— Ainda?

— Sim, ainda. Como eu não sinto essa necessidade de ter uma garota, fica difícil para eu chegar em uma mulher, como todos os homens normais fazem.

— Normais? — Já sinto minhas sobrancelhas altas de tanta perplexidade.

— Ok. Falando sua língua: os caras heterossexuais vão atrás de mulheres cedo em idade porque sentem a necessidade dos hormônios em combustão, para mim, que tenho esse comportamento ambíguo, não consigo seduzir uma garota.

— Eu entendo.

— Entende? — Me olha incrédulo.

— Sim. Então você quer que elas venham até você, porque não tem coragem de dar o primeiro passo.

— Isso.

— Mas não se ofenda, tem vontade de ficar com um homem? Tipo, seus hormônios clamam por sexo... com um cara?

Posso ver sua garganta subir e descer por ele ter engolido saliva. Desvia o olhar do meu, encara a televisão e nega balançando a cabeça suavemente.

— Não. Não tenho desejo.

— Ok. Te apoio em qualquer decisão que tomar. Tudo bem?

— Sim. Obrigado.

Não assistimos, comecei a narrar tudo que aconteceu desde que Felipe aprontou comigo. A reação de Pedro foi exatamente a que eu esperava: ficou puto, tanto com ele por ter feito essa cachorrada, como também por eu não ter contado para ele no dia.

— Desculpa, você sabe que eu sou assim. Eu gosto de digerir minhas coisas sozinha, antes de alarmar.

— Que isso não se repita. Vaca. Mas então, você já foi para a farra?

— Nada como sair e conhecer gente para curar a depressão por relacionamento. Mas não pense que fui uma safada insensível. Só decidi isso após, uma semana de término, descobrir que Felipe não parecia tão triste.

— Eu vi no site que você saiu com o Marcos, aquele gosto... — Ele se interrompe de terminar a palavra “gostoso” e enfia pipoca na boca. Para distrair, despeja mais vinho na minha taça.

— E o Felipe?

— Felipe foi muito babaca, além de tudo, nem estava se importando enquanto eu fiquei dias trancada no meu quarto curtindo a bad. Mas o Marcos não é o ponto central da fofoca.

— Não?

— Não. O Magno é.

— Como é que é?

— Pois é. Transei com ele de novo. Ontem.

Pedro coloca as duas mãos na boca e sua expressão de horror me faz rir. Ainda sem se refazer do choque, ele pega uma almofada e acerta minha cabeça.

— Que vaca da maior categoria!

— Não me julgue. Sou humana.

— Humanamente vadia. Ele fez um trato com seu noivo, você bateu na cara dele e ainda foi atrás dele?

— Ele me convidou, foi todo amorzinho me mandando um convite vip.

— Só sendo muito delicioso, pica das galáxias para Lavínia Torres tocar novamente em um sujeito que fez algo assim.

Comendo uma pipoca de cada vez do punhado que seguro, apenas rio elaborando uma cara de safada.

— Ele é? — Pedro questiona em suspense.

— Muito. — Rio mais, libertinamente.

— Ai, meu Deus! Cacete, Lavínia. Muito mesmo?

— Demais. Um dos mais gostosos que já peguei, te juro.

— Quero foto. Tem foto?

— Não. Eu não tirei foto dele, né Pedro, me poupe. É um garoto de programa, funcionário do clube, sei lá... Ele me deu o cartão dele para que eu pudesse entrar lá sempre que quisesse.

— Ai, me leva! — Pedro suplica com as mãos juntas e como resposta recebe uma pipoca na cara.

— Você nem transa. — Me levanto para alcançar minha bolsa.

— Ridícula.

Pego na minha carteira o cartão e passo para Pedro.

— Olha isso, cartão magnético para entrar lá. É uma segurança impressionante.

Ele olha o cartão, joga de volta para mim e corre para pegar o notebook.

— O que vai fazer?

— Nunca pesquisou sobre ele?

— Não. Claro que não. Eu não quero nada com ele, não quero homem em minha vida tão cedo depois de Felipe. E muito menos que o povo saiba que estou

saindo com um prostituto. Tenho uma imagem a zelar. Ele é meu amante secreto.

— Amante secreto não mais tão secreto assim. Olha isso! Será que é esse? — Pedro grita evidenciando que encontrou algo, e a curiosidade bate forte em mim. Pulo para o lado dele me deliciando com várias fotos de Magno no Instagram.

— Sim, é ele. Você achou o perfil do cara? — Estou com a mão na boca, o perfil é oficial, porque está verificado e tem mais de um milhão de seguidores.

— Meu amor, achar perfis de homem gostoso é minha especialidade. — Pedro já tomou tanto vinho que deixa a euforia mostrar sua verdadeira identidade.

Há fotos de todo tipo, principalmente dele se exibindo, um típico perfil de macho narcisista que ama mostrar o corpo para ganhar *likes*. Nenhuma novidade quanto a isso. Tem ele na praia só de sunga, em um apartamento de luxo deitado em um sofá, formal de smoking ao lado de dois homens tão bonitos como ele. O tesão voltou só em ver novamente a cara de safado.

— Vê se ele tem namorada.

— Por que o interesse? — Pedro afasta o notebook de mim, usando seu olhar acusador.

— Nada. Apenas vê. Desce as fotos.

Quase não tem fotos com mulheres, na verdade não tem nenhuma a não ser quando está acompanhado de outros caras, dando a entender que são companheiras dos outros. Mas que mulher em sã consciência aceitaria que o namorado trabalhasse em casa noturna como amante de aluguel? Eu jamais permitiria.

— Mas olha só isso. Na *bio* ele está dizendo que é vice-presidente da empresa Orfeu.

— Vice-presidente?! Peraí. — Tomo o notebook de Pedro, colocando no meu colo. Clico na foto que Magno está com os dois homens vestindo smoking e lá na descrição diz: “Pobre Lorevaldo. Acaba de ser preso pela megera Angelina. #CasamentoDoMano. #IrmãosLafayette.” Vejo o nome de Angelina marcado e sorrio de boca aberta para Pedro, fazendo uma expressão de “eureka!”.

— O quê? Conhece?

— É a Angelina Velasco, dona da Mademoiselle. Eu já fiz trabalho com ela.

— Mentira! — Exclama perplexo. — Me dê isso aqui. Ele puxa o notebook, abre outra aba e digita: “Angelina Velasco e Lorevaldo”. No Google aparece: “Você quis dizer Angelina Velasco e Lorenzo.” E lá estão várias notícias sobre eles, incluindo a nova administração da empresa por Lorenzo Lafayette e ainda o casamento dos dois. Ele é o filho caçula dos Lafayettes.

Em outra aba do navegador digitamos “Orfeu” e, para meu completo choque, vejo na Wikipédia uma página sobre eles e está lá claramente a foto de Magno com os outros dois e a legenda diz: “Romeo, João Magno e Lorenzo Lafayette.

CEO, vice-presidente e diretor administrativo, respectivamente, da empresa Orfeu.”

— Caralho! — Exclamo aturdida com as descobertas.

— Pois é, amiga, você trepou com um dos homens mais poderosos do Rio de Janeiro. Se não for do Brasil.

— Mas não faz sentido. O que ele estaria fazendo sendo funcionário naquele clube?

— Talvez seja sócio, ou fetiche, né? Esses ricos têm essas coisas. Uuuu! Olha essa notícia. — Volto a olhar a tela do notebook para ver a notícia:

“*Após tiroteio, empresários são detidos em resort em Búzios. Confusão causou pânico, mas não deixou ninguém ferido.*”

Mais pasma ainda fico com o vídeo, que mostra claramente Magno de cueca se esquivando dos olhares curiosos. Em que merda ele se meteu?



Passei toda a semana pensando na notícia que eu tinha lido e em tudo que descobri sobre Magno. Não ocorreu em minha cabeça a ideia de dar uma passadinha no clube para vê-lo. Eu não queria vê-lo. Quer dizer, eu sentia vontade de repetir a dose do sexo gostoso, mas não queria ir. Porque depois de todos os acontecimentos, meus instintos gritavam mais alto que minha vagina para ficar longe desse cara.

Na terça de manhã, saí cedo para conhecer meu novo preparador físico. Uma coisa que não posso é ficar parada, acomodada. Não consegui o belo corpo que possuo deitada o dia todo comendo e assistindo.

Aproveitei e marquei com uma nutricionista, para me acompanhar esse resto de ano que ficarei no Brasil.

Na quarta-feira tive reunião com diretores da série em que me ofereceram o papel. O contrato pareceu bom na visão do meu agente, mesmo assim, meu advogado vai ler; todavia, já estou inclinada a aceitar. É um trabalho que vai me ajudar bastante.

Os concertos aqui no Brasil não são tão prestigiados como em alguns lugares em outros países, mesmo assim, consegui dois para a próxima semana. Ambos aqui no Rio.

Na quinta-feira, eu queria apenas dormir, entretanto, levantei cedo para, com ajuda do meu instrutor musical, escolher as músicas para os próximos concertos e começar a ensaiá-las. À noite, jantei com os músicos que estarão comigo no palco. Foi uma farra.

Eu me dou bem com todo mundo. Sou uma pessoa fácil de entrosar e começar amizade. Até arrependi de não ter cedido aos charmes de um dos violinistas, que me comeu com olhos a noite toda e ainda jogou cantadas. Entretanto, eu queria

ao menos estar sozinha com ele em um jantar para ver se dava para progredir para mais além.

Cheguei em casa às duas da manhã e meu pai ainda acordado com cara de poucos amigos. Isso me fez perceber que eu tinha que agilizar a obra do meu apartamento.

Na sexta-feira fui encontrar a designer de interiores e conseguimos deixar muita coisa adiantada. À noite, jantei com meus pais e irmão e tivemos a companhia de Dante, Isa e as crianças. Pedro não me ligou desde domingo, e não respondeu minhas mensagens e isso nos preocupou, mas após Isa ligar, ele disse que está viajando e que logo entrará em contato.

No sábado, eu estava exausta dos ensaios e da minha rotina, e aceitei que no fundo eu não iria sossegar enquanto não fosse ao clube. Eu tinha passado a semana toda fazendo mil coisas, escondendo dentro de mim a vontade de dar uma espiadinha no lugar.

No lugar ou no cavalo selvagem?

Ok. Eu queria vê-lo para saber se estava tudo bem, depois da confusão em Búzios.

Me arrumei adequadamente, com um vestido reto na gola, mas com uma grande abertura nas costas. Colado, delineando meu corpo. Disse a meus pais que dormiria no Pedro e saí às nove.

O cartão que Magno me deu funcionou e, assim que me identifiquei, minha passagem foi liberada imediatamente.

Eu não queria ficar sozinha bebendo, queria a companhia dele. Eu não vou ficar me enganando, uma vez que todos sabem que só vim aqui para repetir a dose com o safado.

Sexo é algo que vicia e, feito com quem sabe, se torna uma verdadeira droga inebriante.

— Senhorita. — Um dos funcionários, que se apresentou como Daniel da última vez que vim, me recebe prontamente.

— Olá. Daniel, não é isso?

— Sim. Bar... — aponta para o bar — ou pista?

— Não... — Olho em volta e, quando torno a mirar seu rosto, ele sorri ridicularmente mostrando que sabe quem eu procuro.

— Magno está na casa hoje. Mas tem companhia.

— Companhia? — Por que caralhos eu senti uma pulsação ruim na região do coração ou estômago?

— Sim. Vocês tinham algo agendado?

— Não. Estou de passagem. Fiquei devendo um dinheiro para ele. — Puta que pariu, pra que eu fui dizer isso? Me sinto ridícula ao dizer que estou devendo

dinheiro a um milionário. Daniel logo percebe.

— Dinheiro? Para o Magno?

— Sim. Ou tenho que acertar com outra pessoa?

— Não quer ir vê-lo?

— Não. De jeito nenhum vou interrompê-lo. — Eu queria apunhalar meus sentimentos femininos, que afloravam em alerta, me dizendo que não queria ver o tanque de guerra com outras mulheres. O que eu tenho a ver com a vida dele? Nada! Ouviu? N.A.D.A.

— Mas é público, você pode assisti-lo.

Ah, claro. Ele trabalha aqui, em uma casa de sexo. Onde ele vai fazer sexo. Porque eu ainda fico mexida?

— Público? Lá no salão da orgia?

— Sim. Já conhece?

— Já. Vou dar uma passadinha lá.

— Ok.

Me afasto e vou pelo caminho que percorri da última vez que visitei o lugar com Magno. A cada metro mais próximo do salão, eu me sentia ainda mais nervosa, muito ansiosa como nunca estive. Nem mesmo quando transei para Felipe assistir eu me senti tão nervosa. Enquanto andava, me perguntei qual era o motivo da minha agitação interior, minha pulsação acelerada:

Por estar sozinha nesse lugar?

Por encontrá-lo de novo?

Ou o mais perigoso que eu não queria admitir: Estava nervosa porque iria ver ele com outra?

Que porra de mulher eu sou que fico assim por um cara que não é nada meu?

Empurro a porta e, quando entro, meus olhos já o encontram. É como um imã que me atrai.

Magno está com uma roupa estranha. Botas pretas, colete de couro e calça de couro aberta na região da braguilha e o pau de fora. Ajoelhadas diante dele estão duas mulheres lhe fazendo agrados com a boca.

E então, como se também fosse atraído por mim, ele se vira e olha diretamente em minha direção; a surpresa visível em seus olhos.

Magno

Troco um olhar com Lavínia e, sem conseguir controlar, meu corpo reage ficando tensionado com a presença dela me vendo em ação.

Nesse exato instante, julgo-a conforme minha experiência diante a classe feminina e, ainda paralisado olhando-a, penso que ela vai dar a volta e sair do salão. Uma vez que no nosso último encontro foi firmado que quando ela voltasse eu estaria à disposição dela.

Todavia, Lavínia já se mostrou diferente em outros momentos e hoje não é diferente. Ela me ignora, olha em volta e escolhe um sofá de três lugares para se acomodar.

As duas mulheres ajoelhadas diante de mim estavam antes me levando à loucura, pau e bolas recebendo atenção da boca de cada uma delas. Porém, agora o fogo começa a sumir do meu corpo, porque não consigo manter a porra da atenção longe de Lavínia Torres, nesse momento aceitando um champanhe rosa de um dos garçons.

É sério que ela vai ficar aí tomando champanhe e assistindo a essa putaria toda em volta?

Sei que ela também está com os sentidos ligados em mim, pelo menos eu quero acreditar que sim, que está e que tenta de alguma forma me desestabilizar com sua presença. Não vai conseguir. É o momento de mostrar a ela o rei de copas em ação.

Seguro o rabo de cavalo loiro de uma delas e forço meu pau para dentro da boca fodendo-a com possessão. A mulher geme se engasgando enquanto a outra sobe com a boca pelo meu corpo. Antes de ela beijar minha boca, seguro-a, jogo no sofá e posiciono a loira em posição de quatro no chão com a cara na boceta dela.

Pego uma camisinha para foder a loira assim, de quatro, enquanto ela faz um oral na morena. Ainda, olho de relance para ver se Lavínia me assiste e quase tenho um piripaque ao ver Tião Trovão sentado ao lado dela acariciando suas pernas e ela aceitando numa boa. Ele vê que tem passe livre, se curva e beija lentamente cada um dos seios de Lavínia, cobertos pelo tecido do vestido.

Sorrindo, como uma safada, ela joga a cabeça para trás de olhos fechados mostrando que está gostando das carícias.

Tião Trovão é um dos caras mais aclamados da área do BDSM aqui no clube.

Eu sei como ele gosta de fazer as mulheres implorarem e sei como ele tem uma fome quase insaciável e só perde mesmo para mim.

Olho para meu pau já meia-bomba, porque perdi totalmente o tesão. Olho para a loira de quatro balançando a bunda para mim, que continua a chupar a outra. Com a camisinha na mão, olho novamente para Lavínia e, quando a mão de Tião invade o meio das pernas dela e ela as abre um pouco mais permitindo, eu fico cego.

De verdade, isso jamais tinha acontecido. Eu já compartilhei mulheres principalmente com ele. Já entreguei minhas companheiras a outros caras depois de transar com elas, apego é algo que desconheço. Ciúmes? Nem sei o que é isso.

Todavia, enquanto eu diminuía a distância entre a gente, em passos largos e decidido, meu raciocínio era pífio e eu não conseguia entender que atitude tosca eu estava tomando.

— Tião, saia! — Rosno e ele me olha confuso.

— Como é que é?

— Eu disse para vazar daqui antes que eu providencie para que nunca mais coloque os pés aqui dentro. — Meu olhar ameaçador preso nos olhos de Lavínia, devolvendo uma expressão de revolta.

— Qual é, Magno? O que te mordeu, cara? — Ele fala e, sem nem piscar encarando a safada, vocifero:

— Dê. O. Fora.

Ele olha para Lavínia e de volta para mim. Como homem, entende que estou nesse estado vergonhoso dando esse chique por causa dela. Vá se foder o universo todo que está me colocando nessa situação de homem fraco.

Ele ergue as mãos se rendendo, sai e eu nem pisco encarando a desavergonhada. Que mulher tem esse tipo de comportamento? Deixando um cara que nem conhece beijar seus seios e tocar suas pernas?

— O que está fazendo aqui? — Sibilo chiando revoltado.

— Não posso mais vir aqui? — Ela gesticula se mostrando falsamente confusa. — É o quê? O dono do clube?

— Então tem o costume de chegar em um lugar e deixar qualquer um te apalpar? Que tipo de mulher você é?

Um lampejo de raiva brilha nos olhos dela. Lavínia me olha por alguns segundos, em seguida pega sua bolsa e fica de pé; me enfrentando com firmeza, ela diz:

— O tipo de mulher que faz o que quer da vida, que é dona do próprio corpo. Não tente me ofender. — Gira majestosamente e anda desfilando sobre os saltos para fora do salão.

Eu mordo minha língua, olho em volta com a impressão de que todos estão me olhando e rindo em grupos aos cochichos. Mas ninguém está nem aí. Todo mundo fode numa boa, inclusive as garotas que estavam comigo e agora já estão recebendo atenção de Tião e dois dos seus pupilos.

A porra da mulher está de novo no meu habitat e não vou deixá-la simplesmente virar e ir embora.

O ego masculino falou mais alto, ou a idiotice mesmo.

A alcanço no corredor. Seguro-a fazendo olhar para mim.

— O que veio fazer aqui?

Ela cruza os braços e me encara, sem demonstrar um pinga de exaltação. Está me analisando.

— Veio me ver? Veio trepar comigo, não é? — Apesar de estar nervoso, consigo dar um sorriso mordaz. — Diz!

— Isso é uma tentativa de inflar o próprio ego? Aqui é um clube de sexo, todos que vêm aqui procuram isso. Se eu quisesse apenas beber, iria a um barzinho.

— Então você é dessas que não têm problemas de foder com qualquer um? Sabe do que chamam mulheres que fazem isso?

— Não sei. Quer me falar? Ou melhor, do que chamam caras que fodem com qualquer uma? Hein? De homens que não se dão o respeito e saem na mídia sendo detidos de cueca porque estavam comendo a mulher de outro cara e foram alvos de tiros? — Pasma, abro a boca para retrucar, mas ela é bem mais rápida: — Quer saber a resposta? A sociedade chama caras assim de poderosos, de másculos e machos. Acho que já deve ter percebido que eu estou pouco me lixando para o que a merda do senso comum diz sobre meu comportamento.

Ela se vira mais uma vez para ir, dando uma última olhada matadora para mim. Dá três passos e eu grito:

— Tínhamos um acordo! — Eu deveria me dar uma surra por estar aqui tentando a todo custo mantê-la por perto. Sou João Magno, cacete, e meu dever é apenas mandar um foda-se e partir para a próxima.

Ela se vira.

— É, tínhamos. E eu até que iria honrá-lo. Mas parece que o senhor seu pau estava ocupado demais.

— Gata, olhe para mim. — Rio arrogantemente. — Eu sou o melhor daqui. Sou a preferência de cada uma das mulheres que entra nesse estabelecimento. Para transar comigo precisa de hora marcada, quer dizer, mês marcado. Eu tenho quem eu quiser. Então, infelizmente, dificilmente vai conseguir me ver livre a menos que acerte com antecedência. E olha que estou te dando vantagem. — Arremato com uma piscadinha matreira e, ao invés de ficar indignada, ela ri.

Lavínia é uma demônia cínica, e isso estranhamente me atrai pra cacete.

Ela abre a bolsa, procura algo e pega uma caneta dourada pequena. Puxa minha mão e escreve um número na minha palma.

— O que é isso?

— Sabe, Magno, eu de verdade te acho gostoso e gostei pra valer do nosso sexo. Só por esse motivo irei lhe fazer essa oferta. Então apenas fecha sua boquinha machista e aceite. Vai ficar um mês completo à minha disposição, sendo apenas para mim.

— Como é que é?

— Estou contratando seus serviços por um mês. Se quiser tocar em mim novamente, não vai se esfregar com mais ninguém durante esse tempo. Eu sou uma mulher cobiçada, olha meu corpo. — Ela acaricia suas curvas me fazendo acompanhar o movimento com os olhos. — Sem falar que tenho fama. Estalo os dedos e homens caem ao meu lado. Ligue nesse número apenas se a resposta for sim, se quiser ter Lavínia Torres por um mês completo. Se não, nem ouse me procurar. Você pode ser o rei do baralho, mas quem vai dar as cartas sou eu.

Dessa vez não a impeço de ir embora, porque estou puto e perplexo demais para tomar alguma atitude.

Transei e bebi a noite toda. Não seria uma provocação descabida que iria me tirar o foco, mas, por via das dúvidas, salvei o número dela. Dormi feliz, no clube, mas no dia seguinte, no almoço de domingo na casa de Romeo, eu me resumi a um pedaço de merda sentado em um canto.

O porre tinha sido pesado, e o sol era a pior parte para eu suportar. Queria estar debaixo de um cobertor em um quarto escuro e frio. Como um bom vampiro depois de sua farra noturna. Mas não pense nesses vampiros geração Nutella, dos filmes adolescentes. Pense no Drácula ou Nosferatu, que bebiam suas vítimas até estas esgotarem e não morriam de amor por ninguém.

— Não vai dar um mergulho? — Lorenzo puxa uma cadeira e senta comigo. Olho sem interesse para Angelina e Olivia na beira da piscina.

— Não.

Ele abre uma garrafinha de *Corona* e passa para mim. Preferia um café, mas recebo a cerveja.

— Tranquilo? — Ele pergunta, creio que tentando tirar algo de mim. Desde que cheguei estou aqui calado. Olho para Romeo usando suas técnicas culinárias para uma perfeita carne assada e apenas assinto para Lorenzo.

— Conta aí o que rolou, para te deixar nesse estado. Você tem crédito por ter me ouvido quando eu estava no ringue com Angelina.

— O que está falando de mim aí, amor? — Angelina grita da espreguiçadeira e Lorenzo mente:

— Dizendo que você tem as pernas mais lindas que já vi. — Joga um beijo em seguida.

Eu deveria me manter calado, mas estou parecendo uma adolescente fresca que conta tudo para as amigas. Por que eu simplesmente não guardo essas merdas para mim? Não sei. Só sei que preciso de uma opinião masculina.

— A descarada da Lavínia acha que sou um prostituto e me quer exclusividade durante um mês. — Digo para a garrafa de cerveja.

— Que porra é essa? Como assim? — Encontro a expressão pasma de Lorenzo e nem surpreendo. Foi como eu fiquei quando recebi a proposta de ser um amante, ou melhor, ser um prostituto fixo para ela.

— É isso que você ouviu. Manter meu pau guardadinho e usar só com ela. Durante um mês, porque ela colocou na cabeça que eu sou funcionário do clube e pode me comprar.

Eu deveria ficar feliz porque enfim Lorenzo parece acreditar em mim, todavia, quando ele se refaz do choque, não tem um conselho de amigo para me dar.

— Ei, Romeo! — Grita parecendo um retardado. — Corre aqui, cara. — Romeo vem correndo e eu faço uma cara feia.

— Como era aquilo que o vovô falava sobre mulheres amantes mantidas pelos caras?

— Teúda e manteúda. — Romeo responde sem entender.

Não sabia que o Lafaiette caçula se tornaria tão cínico e debochado depois de casado, Lorenzo era tão frio e discreto, tenho até saudade daquele rabugento do passado. Ele gargalha apontando para mim, rindo da minha desgraça e fala:

— Te apresento o novo teúdo e manteúdo.

— O quê? — Romeo indaga e cabe a Lorenzo explicar, porque eu já estou pegando outra garrafa de cerveja. Que se foda, vou encher a cara de novo. E eu achando que o sol era a pior parte para eu suportar.

— E qual será a resposta? — Romeo pergunta, se interessando e sentando com a gente.

— Não. É lógico. Quem você acha que eu sou para ficar um mês comendo uma mulher só?

Eles se entreolham.

— Não é algo ruim. — Romeo argumenta. — Eu por exemplo não consigo pensar em transar com outra mulher que não seja a minha.

— Ah, você é um caso à parte.

— Eu também não imagino estar com outra que não seja a minha mulher. — Lorenzo concorda.

— Você também é um caso à parte.

— Acho que o Amadeo também concordaria que não consegue ficar com

outra que não seja a Kate.

— Ok. Eu sou um caso à parte. Eu não vou estragar minha vida ficando um mês inteiro disponível para uma mulher. E esse papo já deu. Vão cuidar de suas coisas e me deixem em paz.

— Ele vai aceitar. — Lorenzo fala com Romeo.

— Também acho. Mil pilas que será em uma semana.

— Fechado. Eu digo que será em dois dias.

Os imbecis apostando sobre mim na minha cara. Eu me tornei uma chacota na minha família só por ser solteiro. Em que mundo estamos onde um solteiro é chacota?

O inferno esfriaria antes de eu ceder dessa maneira à chantagem de uma mulher tão petulante. Ela não devia ter mexido comigo. Ainda na casa de Romeo, decidi tirar uma carta da manga e mostrar a Lavínia que ela não vai dar cartas coisa nenhuma. Quem nasceu para ser rei, no caso eu, nunca será escravoceta.

— Daniel, quero que você prepare para mim algo com urgência.

— Diga, Magno.

— As imagens das câmeras de segurança onde aparece Lavínia Torres entrando no clube, comigo no salão de confraternização e ontem, com Tião Trovão.

— Ela esteve com Tião?

— Por dois segundos. Pegue esses momentos e envie para mim, hoje ainda.

— Certo. Tá aprontando?

— Não seria Magno se não estivesse. Sigilo, ouviu?

— Deixe comigo, chefe.

Desliguei e digitei outro número. Um cara amigo meu que trabalha na inteligência da Polícia Federal.

— Gonçalves! E aí, cara? Magno falando.

— Oi, Magno. Tudo joia? O que manda?

— Estava precisando de um favor seu: Será que pode arrumar um acessório de ponta?

— Só dizer e está entregue.

— Ótimo.

Lavínia

— Quando você pretende se mudar? — Levanto os olhos do prato na mesa de jantar assim que meu pai indaga, numa tentativa fracassada de parecer indiferente.

— Bom... — limpo os lábios e tomo um gole de vinho — acho que essa semana já estará tudo pronto.

— Sabe que pode ficar aqui o tempo que quiser, minha filha. — Minha mãe serve mais um pouco de legumes cozidos no vapor no meu prato, sem eu ter pedido. — Na verdade, nem precisava sair. Só tem eu e seu pai nessa casa enorme.

— Eu sei, mãe. Mas estarei sempre por perto. Posso inclusive vir almoçar todo dia aqui, o que acha? São apenas dois quarteirões de distância.

— Você passou tanto tempo morando sozinha, agora deveria passar um tempo com seus pais, ainda mais depois do fim do noivado. — Eu quase não consigo prestar atenção na fala da minha mãe por causa do que acabo de ver na tela do meu celular:

“Nova mensagem recebida do Sr. Tanque.” — É. Foi como eu marquei o nome de Magno no meu celular.

Não posso tocar no aparelho, meus pais odeiam que mexam no celular durante as refeições, ainda mais se eles estiverem conversando. Jamais vão me tratar como uma mulher de trinta anos. Achrom que tenho treze. Depois que meu irmão gêmeo morreu, eles se transformaram em loucos por proteção.

— Mas vocês não são acostumados com minha rotina. Eu sou coruja, gosto de passar madrugada em claro, e isso incomoda o papai.

Meu pai apenas revira os olhos. Ele acha que vou adoecer se não dormir corretamente. Há anos não tenho um sono correto.

Meu celular apita de novo e mais uma mensagem chega. Gargalho por dentro. Com certeza o safado aceitou minha imposição. Macho arrogante não se cria comigo. Magno tem muita sorte por eu estar mesmo interessada nele, no sexo que ele proporciona, apenas isso, e sei que ele quer também, todavia, será nos meus termos.

Mal como a sobremesa, só para não chatear minha mãe. Enquanto eles vão para a sala ver o noticiário das oito, eu corro para meu quarto, febril de tanta curiosidade. Louca para ver a resposta do sujeito.

Já estou com vontade de transar novamente com aquele cretino gostoso só em saber que ele se rendeu.

Todavia, não é uma mensagem de rendição que me espera. É um vídeo de segundos. Minha mão tampa a boca e sinto meus olhos saltarem. Corro, fecho a porta do quarto e, encostada na madeira, posso me ver claramente no sofá do clube agarrando Magno aos beijos.

Deixo o vídeo de lado e vejo o que ele escreve:

Clube, agora. Ou posso acidentalmente deixar essas imagens
escaparem para um jornalista amigo meu.

Te espero.

Com carinho,

Magno.

Eu queria quebrar alguma coisa no meu quarto, de raiva. O ódio quase me cega. Porém, me controlei lembrando a mim mesma que estou na casa dos meus pais e num sinal de instabilidade eles podem ficar loucos. São muito sistemáticos.

Eu nem penso em retrucar ou negar ir até Magno. Eu vou fazer ele apagar esse vídeo no tapa.

Tomo um banho rápido e me arrumo na velocidade da luz, chamo um carro pelo aplicativo porque ainda não comprei um para meu uso aqui no Rio. Saio correndo sem nem mesmo dar explicações a meus pais.

Chego ao clube com sangue nos olhos. Em toda minha vida eu fui uma pessoa de agir, de agir por conta própria sem esperar que alguém fizesse algo por mim. Muita gente em uma situação dessa iria ligar para um amigo e pedir uma opinião, para mim, o que vale é o que eu penso e o que eu quero que aconteça. Dificilmente tenho medo de alguma coisa e o que der para enfrentar, eu aceito de bom grado o desafio.

Quando entro, Daniel vem a meu encontro e a única coisa que sai da minha boca é:

— Onde ele está? — Eu queria ter dito: Onde o futuro cadáver está? Porque ele vai morrer pelas minhas mãos.

— No quarto te esperando. Quer que eu te...

Já andando, respondi o interrompendo:

— Deixe que eu sei o caminho.

Nos meus saltos altos, tentando manter a classe, eu apresso pelos corredores do clube, subo as escadas, chego ao quarto da última vez que estivemos juntos e dou um toque na porta com as costas do dedo.

De robe preto provavelmente nu e com um sorriso antipático na cara, ele abre

a porta.

Não desço do salto batendo nele, gritando, fazendo show, mesmo que essa seja minha vontade. Passo por Magno, ouço a porta se fechar e me viro.

— Não parece nada contente com meu recado. — Ele ironiza, serve champanhe em uma taça e me entrega.

— Você é perigoso. Esperto, além de patife.

Ele abre os braços de modo arrogante mostrando que é isso mesmo que ele é. E não faz questão de esconder.

— Eu te subestimei, mas vai ter troco. Para que me trouxe aqui?

— Como você mesma disse, pra quê uma pessoa vem a esse lugar? Você deve saber o que eu quero. — Ele dá um passo em minha direção, ajeita uma mecha de cabelo que saiu do penteado e completa com voz baixinha: — O que nós queremos.

— Você vai apagar esse vídeo agora.

— Não vou mesmo. — Sorri petulantemente — vem me obrigar.

— Vai apagar por dois motivos. Primeiro que se tiver essa merda contra mim, jamais me verá novamente ou terá a sorte de tocar e mim. E pelo que posso ver, não é isso que você quer.

Na defensiva, ele abre a boca para rebater, mas eu interrompo:

— Você é um homem poderoso lá fora. Tem negócios importantes e está à frente de uma potência empresarial junto com os irmãos. — Ele recua e se mostra pasmo com o que acabo de jogar em sua cara. — João Magno Lafaiette. O tanque de guerra tem nome, rosto e o que temer fora desse clube. Seu cartão está comigo e posso fazê-lo aparecer na mídia assim — estalo os dedos —, em um segundo.

— Isso não teria agravante contra mim. Muita gente sabe da minha ligação com o clube. — Essa afirmação me pega desprevenida. Mantenho firmeza ao contra-atacar:

— Eles sabem, por exemplo, que você cobra para transar? — Toco no antebraço dele e acaricio de leve. — Magno, Magno... Sabe como essa mídia é espinhenta, sua imagem não está tão legal ultimamente, o caso dos tiros lá em Búzios foi icônico.

Se alguém pensou que eu chagaria aqui quebrando tudo, está enganado. Atacar friamente tem mais chances de dar certo.

— Está me espionando na internet?

— Pesquisa de campo. Gostaria de saber o que Romeo Lafaiette diria se visse uma matéria sobre você ser garoto de programa enquanto é vice-presidente da Orfeu.

— O que quer, sua louca? — Agora, o tom dele é de pura exasperação.

— Você. — Passo a mão no robe dele. — Por um mês, só para meu uso, sem poder tocar em outra mulher. Meu amante secreto. E sei que você também está louco para transar comigo.

— Nunca achei que eu pudesse ser fã de uma megera.

Deixo a taça de champanhe sobre uma mesinha e dou de ombros.

— É a vida, amore. — Caminho, desfilando, para a porta. — Você tem cinco segundos para decidir: vai ter Lavínia Torres exclusivamente sua por um mês ou nunca mais me ver?

Antes dos dois segundos, ele me alcança, me segura contra a porta e sua estatura a minha frente é quase um monumento. Ele está muito cheiroso, e pelado por baixo do robe, como imaginei.

— Eu vou foder tanto sua boceta que ficará vermelha como um pimentão.

— É o que quero ver, seu patife de uma figa. — Minha bolsa cai quando Magno me agarra e eu pulo em seus braços com minhas pernas rodeando a cintura. Nossas bocas se chocam com loucura e ele caminha de costas, e cai na cama comigo.

Eu estou com sede dele. Algo que arde dentro de mim, em todos os lugares do meu corpo. Quero provar seu gosto e com certeza ficaria beijando sua boca horas a fio, se não fosse outras partes que eu queria na minha boca.

Como ele está nu, eu apenas afasto o tecido do robe revelando o motivo pelo qual ele é tão requisitado. Os peitos altos musculosos sobem e descem pela respiração pesada, desço o olhar pelo tórax trincado e sorrio lascivamente ao encontrar seu pênis pesado e pulsante. Enorme, o tamanho perfeito que combina com ele todo.

Passo minhas unhas pela pele da coxa musculosa salpicada com pelos negros e me curvo para encontrar sua ereção avantajada com minha boca.

Ele geme, rouco e voraz, delicioso de ouvir. Suas mãos pousam na minha cabeça e entrelaçam nos meus cabelos me guiando nas estocadas, até não aguentar mais e se retirar da minha boca.

Ofegantes, nos encaramos e o sorriso vem prontamente. Nem sei como fui tão rápida tirando minha roupa, e enquanto isso Magno alcançou ao lado um preservativo.

Com ele, até a camisinha era algo excitante.

Ele me joga deitada contra os travesseiros macios, empurra minhas pernas dobrando meus joelhos e abaixa a boca contra minha vagina. A cada lambida um gemido escapa da minha garganta e Magno só se detém para se introduzir gostosamente devagar até me fazer sentir toda preenchida, sendo tocada lá no fundo.

Ele continua segurando minhas pernas dobradas e arremetendo devagar, sem

desgrudar o olhar do meu. Estamos compenetrados ligados pelo mesmo fogo. Seus lábios másculos entreabertos em um gemido constante e baixo.

— Gosta da minha rola, não é safada?

— O mesmo tanto que você gosta da minha boceta!

Ele ri, abaixa para me beijar e quando levanta se posiciona meio inclinado sobre mim, segura na cabeceira da cama com as duas mãos e solta o quadril sem dó várias vezes, afundando em mim rápido e forte levando choques deliciosos por todo meu corpo e quase me matando de prazer.

— Aaaah! Caralho! — Magno ruge sem parar de socar. — Que boceta gostosa, meu Deus! — Arfando, ele me fita, seus olhos nublados, e promete: você vai se foder tanto esse mês...!

— Faça o seu melhor! Issooo! Mais, mais! Me dê tudo, seu puto. — A visão que tenho dele sobre mim com seus poderosos braços segurando a cabeceira me faz delirar. Minhas mãos passeiam por cada ponto de seu corpo e, quando chego ao traseiro grande e másculo, ele sorri, tira minhas mãos e coloca em suas costas.

Se abaixa sobre mim e nos abraçamos com nossas bocas duelando em sincronia com as arremetidas ferozes.

Eu ainda fiquei abraçando-o por algum tempo depois de termos gozado. Eu não queria que ele saísse porque há muito tempo não sentia o corpo suado de um homem, e o seu cheiro masculino me deixar tão excitada.

Era como se meu organismo reconhecesse o cheiro e o calor vindo de Magno e isso me preocupou por segundos.

— Charuto? — Ele me oferece, pelado ao meu lado na cama.

Meneio a cabeça e aceito uma tragada. Devolvo o charuto e encontro seu olhar fascinado para mim.

— O que foi? Um baseado seria melhor.

— Que coisa. — Ri e coloca o charuto nos lábios. — Você só me surpreende.

— Seus irmãos sabem?

— Sobre o quê? — Me olha curioso.

— Que apronta todas nesse antro.

— Sim.

— E não se importam?

— Não sei se percebeu, mas eu sou adulto. E não achei que iríamos falar de assuntos particulares.

— É, tem razão. — Olho para seu corpo ao meu lado. Ele é todo lambível. Meu Deus, ainda vou derramar alguma coisa nesse homem e tirar um dia todo para lamber.

— Se quiser usar o banheiro... — Ele aponta a porta e eu aceito. Passo uma rápida água pelo corpo e quando volto enrolada em uma toalha ele ainda está no

mesmo lugar.

— Vamos firmar regras. — Eu falo e ele assente, sem me olhar. Continua fumando olhando um ponto na parede a sua frente.

— Nada de nossa vida particular enquanto isso entre a gente durar.

— Ótimo.

Me sento na cama.

— Nos encontraremos apenas aqui.

— Com certeza. — Aceita de imediato, mesmo parecendo estar cogitando outra coisa.

Nos fitamos brevemente e ele volta a fitar a parede.

— Você não faz serviço para nenhuma outra.

— Exclusivo para a madame.

— Justamente. E nem eu fico com nenhuma outro.

— Lógico.

— Se você ou eu cansar, tudo acaba rapidamente como começou. Isso é apenas sexo, todavia, o a outra parte deve ser comunicada de que acabou.

— Peraí, o que disse?

— É apenas sexo.

— Não. Sobre você se cansar. — Ele ri ironicamente, curva-se se sentando e plantando um beijinho na minha boca. — Gata. Aceite, não vai se cansar de mim. Quando eu cansar, darei o fora.

— Você vai precisar engolir toda essa sua arrogância quando estiver comigo.

— Alerta-o e isso parece tê-lo deixado meio irritado.

— Verdade agora se chama arrogância? Você gosta tanto dessa piroca aqui que nem se importou com minha chantagem. Cai na real, eu que devo falar: é só sexo. Eu não namoro e nem tenho compromisso com ninguém. Estou prestando um serviço a você. — Pula da cama e anda nu para uma porta e, de lá de dentro, grita: — Venha tomar uma ducha e foder no chuveiro.

Reviro os olhos. Será possível que vai caber a mim a missão de domar o maldito cavalo? Rio, levanto da cama e coloco a cabeça dentro do banheiro.

— Está precisando capinar um lote, rapaz, para refletir um pouco, tá se achando demais. Te ligo quando eu quiser. Não me procure.

Lavínia

Fiquei preocupada com Pedro. Convidei-o para ir comigo escolher um carro e ele negou. Diferente das outras vezes, eu precisava desabafar, conversar com alguém, contar como eu estou me sentindo elevada por estar tendo um caso. Com Pedro seria legal porque ele já está a par da história.

Hoje eu amanheci a mil por hora. Três dias depois e eu ainda sentia as emoções pós-Magno. E queria controlar minha facilidade de sorrir. No ensaio com o pessoal da orquestra eu estava a animação em pessoa. Parecia uma virgem tocada pela primeira vez, como diz a música da Madonna. Eu só tinha que contar para alguém e foda-se o resto.

Mas dessa vez a cobaia foi Isa.

Eu já tinha dado uma olhada em alguns carros e Isaac tinha até me dado umas dicas sobre melhores montadoras e modelos. Eu queria algo pequeno e confortável.

Não demorou muito na concessionária, eu já havia ligado e feito o pedido, só faltava vir acertar todos os detalhes. O meu escolhido foi um Audi TT vermelho: pequeno, confortável, moderno, minha cara.

Saí de lá já dirigindo.

— Um carro novo precisa de comemoração. — Isa propõe. — O que acha de darmos uma volta hoje à noite?

— Não sei. — Encolho os ombros.

— Por quê? Tem outra coisa para fazer?

Tenho. Transar com meu prostituto particular.

— Não. Nada.

— Então pode marcar na sua agendinha aí.

— Estou meio cansada pelos ensaios. Mas tudo bem. — Sorrio sem graça — Podemos ir e voltar às dez.

— Isso. Perfeito.

Será que às dez Magno ainda me recebe no clube? Que merda, eu estava me tornando viciada no pau do tanque indomável!

Quase desistindo, toquei pela terceira e última vez o interfone. A voz nitidamente cansada de Pedro enfim atendeu:

— Quem é?

— Sou eu, Lavínia.

— E Isabelle. — Ela inclina e coloca a boca perto da minha, para falar.

— Oi, meninas, podem subir. — O portão destrava e nós passamos. É um prédio sem porteiros, já recomendei várias vezes que ele se mude para algo mais amplo e centralizado. Todavia, é daqueles que preferem economizar com moradia e gastar tudo em roupas de marca.

Pedro abre a porta para a gente e eu já percebo que algo não está bem. Ele não está bem. Tem olheiras profundas, um ar cansado estampa sua cara como se estivesse imerso em depressão.

— Pedro? Está tudo bem?

— Sim. — Ele se vira e sorri tentando parecer convincente. — Estou ótimo. Tem vinho, vocês querem?

— Claro. — Isabelle responde, eu continuo analisando-o atentamente.

— Se acomodem, volto logo.

Tiro meus saltos e me sento em uma poltrona. Isa ocupa o outro sofá. Quando Pedro vem com o vinho, eles dois só querem saber do meu mais novo caso de sexo. E eu estava louca para contar.

Narrei resumidamente para eles, deixando Isa também a par de tudo e quando enfim fechei a boca ambos se entreolharam e voltaram-se para mim com expressão acusatória.

— O que foi?

— Cara, essa não é você. Se meter em disputa para ver quem é mais foda, apenas porque...

— Porque ele é gostoso e eu quero continuar transando com ele, ué. Qual o problema?

— É estranho ouvir isso vindo de uma mulher.

— Sim, porque a sociedade já colocou na cabecinha de vocês dois que apenas homem pode se envolver com mulheres por puro sexo. Em livros de romance, por exemplo: a garota sempre é a seduzida, sempre fica fazendo doce e o mocinho suando para conseguir comê-la. No meu caso sou bem prática, queridos, se estou com vontade de ter um cara, por que não o terei?

— Você tem razão. — Isa aponta a taça para mim. — Na minha época o Dante ficou na minha cola e eu era toda envergonhada achando que se eu ficasse com ele poderia ficar mal falada na cidade. Falta mais decisão na mulher. Decisão de se impor e colocar suas vontades à frente do senso comum.

— É isso aí, garota. Eu só tenho duas exceções: se o cara for casado ou eu estiver compromissada.

Olho de relance e Pedro está de olhar fixo para sua taça, como se estivesse em outra dimensão, não prestando atenção em nossa conversa.

— Mas e então? Ele deve ser muito especial para fazer você continuar

tentando. — Isa me faz olhar para ela e eu assinto.

— Sim. Ele trabalha com isso. É funcionário em uma casa de sexo, sabe muito bem como usar sua ferramenta.

— Boa ferramenta? — Isa ri maliciosa.

— Demais. Vocês nem imaginam! É um pau delícia, sem falar no corpo todo e no beijo que... — Abano meu rosto com a mão. — Cacete! Ele fez alguma aula de beijo. Homem gostoso que beija mordendo e...

— Para! — Pedro grita. E eu estatelado. Ele está quase à beira de um surto. Seus olhos estão vermelhos, os lábios brancos assim como o rosto pálido.

— Pedro...

— Será que podem não falar esses assuntos por aqui? Estou passando por um inferno na tentativa de reverter meu comportamento. Há três dias seguidos eu tenho que tocar em uma vagina, apalpar os seios de uma mulher e assistir a vídeos de pornô lésbico. Além de não olhar de maneira nenhuma para qualquer homem e nem ter pensamentos libidinosos com eles, mas vocês não estão me ajudando. Eu preciso de ajuda.

Me levanto em disparada, junto com Isa e sento ao seu lado puxando-o para meus braços. E então ele chora.

— Eu estou passando tudo isso sozinho. — Ele lamenta entre soluços. — Não estou mais saindo de casa, parei com a academia, porque estou com medo de olhar homens na rua e perceber que nada em mim mudou, que eu continuo a mesma aberração.

— Ei! Para com isso! — Isabelle levanta o tom de voz. — Olha para você, cara, é um homem bonito, carismático, amigável, independente com seu próprio emprego, casa, carro.

— Isabelle tem razão. — Acaricio o cabelo dele, mantendo seu rosto contra meu peito. — Pedro, para com isso, para de se punir. Não existe cura para algo que não é doença. Ame a você mesmo.

Ele levanta os olhos para mim e o choque que eu tenho me causa náuseas, porque a dor que está no rosto dele é algo que não tenho como aplacar.

— Meu pais... eu os amo tanto. Não suportaria o desprezo deles.

— Talvez eles não irão te desprezar. Você precisa tentar.

— Eles vão. Sempre têm o mesmo discurso que homossexualidade é safadeza, falta de uma boa criação. Eles não sabem que eu lidei com isso sozinho a vida toda, guardei tudo para mim e, se agora vir à tona, vão apenas achar que é mesmo safadeza, depois de velho vira gay.

— Esse papo já deu, pensaremos nisso depois. — Fico de pé e puxo-o para se levantar. — Vá se trocar, vamos dar uma volta. Vamos a um bar, cantar, dançar, ser feliz.

— Lav, não.

— Vai sim. Vamos ver homem gostoso, vamos tomar um porre e que se dane essa merda de seita ou sei lá o que isso que você está seguindo. Tocar em vagina? — Bato as mãos na cintura. — Pelo amor de Deus, esse povo precisa ser preso!

— Não tente...

— Ok. Não farei nada, mas em troca você vai se levantar, se trocar e sair com a gente.

Ele obedece, não prontamente como eu gostaria, mas vai e volta vestindo jeans, camiseta e um casaco.

— Ótimo. — Isa passa a mão nos cabelos dele. — Parece um bebê, tem que encontrar alguém para cuidar bem, dar mamadeira...

Ele dá um tapa na mão dela fuzilando nós duas com os olhos enquanto gargalhamos.

— Vocês são doentes.

— Ok, vamos.

Escolhemos um lugar tranquilo e agradável. É uma boate moderna e intimista. Eu sempre gostei de vir aqui quando venho passear no Rio e escolhi esse lugar específico por que fiquei sabendo que é um local onde gays se sentem à vontade. Os sócios são gays, e isso atrai clientes dessa mesma condição.

Escolhemos uma mesa e nem adiantou Pedro contestar, levantei com Isa e fui pedir drinques para a gente deixando-o amuado na mesa.

Cosmopolitan para os três, ele deu um sorrisinho irônico e bebeu assim mesmo, já que dizem que é uma bebida de garotas.

— Obrigado, meninas. — Ele diz com sinceridade. — Eu precisava mesmo de apoio, de ter algo para fugir de meu pesadelo particular.

— Esqueça essas coisas. Vamos tomar um porre e mais tarde você estará dormindo na sua cama feliz da vida.

— É isso aí! — Isa gritou eufórica e depois questionou se fazendo de besta: — Se não podemos falar de macho porque senão Pedro baba, do que iremos falar?

— Da sua cara de pau, sua cretina! — Ele gritou acima da música nos fazendo gargalhar.

Eu torcia muito pela felicidade de meu amigo e, vendo-o nessa noite tensionado, sem querer olhar para os lados, sem força para se divertir, minhas emoções se descontrolaram. Como as pessoas podem fazer mal a outras apenas por causa de orientações e preferências! Eu queria abraçá-lo e tirar todo esse desconforto que ele sentia.

Mas o que fiz foi apenas enche-lo de bebida e torcer para que esquecesse um pouco de seus problemas.

— Vamos ao banheiro comigo? acho que meu absorvente está vazando. — Isa cochicha para mim, mais tarde depois de umas três rodadas de drinques entre eu e Pedro, já que Isa insistiu em dirigir.

— Ah... — Olho para ele e Pedro abana a mão para a gente ir.

— Também irei. Mas entro no banheiro masculino, podem ficar calmas.

Rio, passo a mão no braço dele e seguimos os três na direção dos banheiros, mas para meu total espanto, algo, ou alguém que eu não esperava, brota a minha frente e eu me torno dura como estátua.

— Magno?

Esse não é um lugar onde homens machões como ele costuma frequentar.

Jeans, camiseta preta e jaqueta de couro preta, não poderia estar mais aniquilador. Ele sorri e anda em minha direção com a maior cara de naturalidade. Como se pudesse me encontrar fora daquele maldito clube. Engulo seco, olho rápido ao redor e, com exceção de Pedro e Isabelle, ninguém mais me olha. Graças a Deus.

— Oi.

— Oi. — Tento parecer seca.

Ele olha para Pedro e para minha mão em seu braço. Instantaneamente seu cenho franze e eu sou obrigada a apresentá-los e mostrar que eu não estou quebrando o trato e saindo com outro cara.

— Magno, este é Pedro, meu amigo, e Isabelle, amiga também. Pessoal, esse é Magno.

— Oi, Magno. — Pedro é o primeiro a se adiantar e pegar na mão dele. Isa também o cumprimenta e só depois a atenção dele recai toda sobre mim.

— Se divertindo?

— Demais.

— Hum, legal. Quer tomar alguma coisa comigo?

— Magno, você sabe que...

— Sou seu fã — diz com ironia —, não poderia me dar essa honra? — Me interrompe me deixando sem fala.

Ele está jogando. Magno quer controle de toda a situação, ele quer mostrar que não é uma mulher que vai mandar nele e criar regras para ele seguir, ele nem precisa expressar isso para eu perceber. Se soubesse que Pedro e Isa já sabem de todos os detalhes que o envolvem, já teria perdido essa compostura.

— Vá com ele, só até eu usar o banheiro. — Isa diz e pisca sugestivamente para mim.

Oi? Encaro-a sem entender o que ela está fazendo. Isso aqui está parecendo cena de série adolescente e isso me irrita profundamente. Nem tenho chance de protestar, ela puxa a mão de Pedro e saem juntos, não antes de Pedro tocar no

braço de Magno e dizer que está feliz em conhecê-lo.

A bebida sempre faz Pedro sair do armário numa boa.

— Contou de mim para eles? — Magno me guia até uma mesa um pouco afastada, em um lugar mais reservado.

Me recrimino por estar acompanhando-o. Ninguém manda em mim e eu sei que no fundo eu só estou seguindo-o porque quero estar com ele; e vê-lo novamente depois de dois dias ativou algo dentro de mim que é gostoso sentir.

— Hum, talvez. Por que está fazendo isso?

— Isso o quê?

— Isso. Me chamando para beber quando nosso trato foi claro: só poderemos nos ver no clube.

Magno acena para um garçom e, mordendo o lábio, me analisa de uma forma desprezível.

— Encontro com intuito sexual. Não estamos aqui como amantes e sim como conhecidos. O que acha?

— Ótimo. — Olho para os lábios dele. Até tento desviar, mas a tentação é maior. E lá está novamente o desejo queimando entre minhas pernas e meu estômago.

— Está querendo me beijar? — Ele sorri, recostado na cadeira de maneira relaxada. Tentando tudo para me provocar.

— Talvez. Mas não acontecerá.

O garçom chega, ele pede um uísque e eu escolho apenas um suco, porque preciso me hidratar.

— Quer dar um pulinho no clube, nesse momento?

— Está louco?

— Louco de vontade de comer você. Facilite para a gente. — Seus olhos estão acesos de puro erotismo e isso me atrai vergonhosamente.

Olho em volta para ter certeza que ninguém nos ouve.

— Você por acaso não me seguiu até aqui, não é?

— Claro que não. Olha o tamanho da cidade, como eu saberia que você iria sair de sua casa e ir beber com os amigos? É só o destino ajeitando as coisas para eu ter minha foda digna.

— Talvez você poderia pensar em outra coisa que não fosse sexo.

— Acontece que como você restringiu meu cardápio para apenas uma opção, no caso você, é a única que vai dar conta do cavalo aqui.

Semicerro os olhos para ele pensando em algo que me veio à mente nesse instante e que poderia ser uma boa saída.

— O que foi?

— Posso te fazer uma pergunta?

— Vá em frente.

— Trabalha com homens também?

— Quê? — Magno quase pula da cadeira.

— Transa com homens?

— Não. Que porra é essa? Está de zoação com minha cara? Claro que não. Será que ainda não consegui deixar claro o quanto venero uma boceta?

— Ok. Não estou tentando te ofender ou algo do tipo. É que meu amigo Pedro...

— Sim. É gay. — Ele diz em tom mais calmo.

— Como você sabe?

— Experiência de vida. Além do mais ele me comeu gostoso com os olhos. Quase me senti violado. Esses viados hoje em dia estão cada vez mais promíscuos.

— Idiota. Apenas fecha essa sua boca preconceituosa. Você é bem mais promíscuo que qualquer gay dessa cidade. Ou todos eles juntos.

Magno não se importa com minha repreensão e questiona:

— Queria me dividir com seu amigo?

Sopro em lamentação e nego com um gesto de cabeça.

— Queria apenas que alguém pudesse intervir e impedir que ele acabe com a própria vida, por não aceitar ser o que é. — Ajeito os cabelos e tomo uma grande quantidade de ar. As bebidas chegam, espero o garçom sair e falo: — Eu acho que estou sendo uma grande cretina em estar falando dele com um estranho. É meu amigo, não devia...

— Se for para o bem dele, não se sinta culpada. Pode me contar, se quiser.

Suspiro profundamente, peço desculpas a Pedro em pensamento e conto rapidamente a Magno tudo que me preocupa em relação a Pedro e sua obsessão de se curar.

— Hum, já vi desses casos. Eu só lamento por ele estar mal por ter que tocar em uma boceta. Jamais irei entender um homem preferir rola...

— Ok. Sem comentários. As coisas são melhores quando você não comenta.

— Como quiser. — Ele fica pensativo e depois estala os dedos com um sorriso safado. — Tenho algo em mente.

— O que é?

— Aqui mesmo, nesse lugar, tem uma pessoa que pode ajudá-lo.

— Sério? Quem?

— Você só precisa arrumar uma maneira de deixar seu amigo sozinho aqui por alguns instantes. Mande uma mensagem para sua amiga, para ela sumir por uns minutos. Vou providenciar o encontro e, se tudo der certo, em breve ele estará em uma boa briga de espadas, arranhando o azulejo...

— Você é tão escroto.

(POV) Pedro

Eu devia ter imaginado que algo assim pudesse acontecer ao sair sozinho com Lavínia, sabendo que tem um ricaço gostosão e tarado na cola dela. O bendito apareceu e ambos, que são iguaizinhos, desapareceram. E Isabelle simplesmente deve ter sido engolida pelo vaso sanitário.

Olho para minha taça, reviro os olhos e saio do bar procurando um lugar mais agradável e tranquilo onde eu possa ligar para Isa ou chamar um táxi.

Saio do ambiente barulhento e até consigo sorrir ao me deparar com uma ala bem tranquila da boate. Tem sofás de canto, pessoas conversando tranquilamente e uma música ambiente mais suave. Não consigo distinguir o que é, mas apostaria que é a Beyoncé.

Escolho um sofá em formato de “L” e me sento. Começo a trocar mensagens com Isa; ela disse que foi lá fora ligar para Dante e já está voltando, para eu não sair de onde estou, para não desencontrar. Conto a ela o que Lavínia e Magno aprontaram me deixando sozinho aqui. Mas ela não parece muito interessada, pelo que deixou subentendido. Deixo-a em paz. E sem perceber, ofego dolorosamente.

— Problemas?

Olho para o lado e parece que só então noto a presença de outra pessoa no mesmo sofá que estou, só que do outro lado. Como assim?! Jurava que não tinha ninguém quando sentei.

É um homem. Confeccionado sob medida. Alto, forte, cabelos pretos cortados baixinhos, barba bem recortada e um óculos de leitura que ele acaba de tirar para me olhar. Segura um tablet e a sua frente, na mesinha, tem muitos papéis e copos vazios de chope.

Passo meus olhos pelos seus braços bem fortes e suas pernas grossas. Está em dia com a academia.

— Ah... não. Eu só... acabei ficando sozinho.

— Hum... — Ele também analisa meu corpo minuciosamente me deixando sem graça. — Levou um fora de uma namorada?

— Não. — Rio. — Vim acompanhando minhas amigas e elas desapareceram.

— Entendi. Quer um táxi, ou?...

— Não. — Aceno negativamente — Estou bem.

— Ok.

Minhas pernas travam, mas eu gostaria de levantar e sair correndo. O cara volta a olhar seu tablet. Anota algumas coisas em um papel e vira-se para mim.

— Gosto de trabalhar aqui. — Comenta. — Me divirto enquanto trabalho.

— E está se divertindo?

— Demais. Chope à vontade, homens bonitos para apreciar. — Dá uma piscadinha para mim e eu quase faleço nesse mesmo instante. Ele acaba de jogar uma indireta falando que é gay? Foi isso que entendi?

Meu olhar deve estar tão perplexo que ele assente e confirma.

— É isso aí. Esse é o melhor lugar para pegar rapazes gostosos. — Dá uma olhada para mim, menea a cabeça e completa: — Ou garotas gostosas.

— Ah, é.

— Guilherme. — Arrasta-se no sofá para perto de mim e estende sua mão. Posso ver em seu pulso um relógio enorme dourado, parece rolex.

— Ah, Pedro.

— Oi, Pedro. E aí? O que busca por aqui?

— Nada. Eu só vim acompanhar minha amiga, como eu já havia dito.

— Legal. E não quer descolar nada para você?

— Descolar?

— É. — Ele ri sem graça e acaricia o queixo. — Linguajar muito arcaico? Quarenta anos chegando. — Estou tão tenso que não consigo corresponder ao sorriso dele. E tem um sorriso bonito pra caralho.

— Não. — Consigo dar um risinho sem graça. — Eu entendi. É que...

— É comprometido?

— Não.

O ar dele é de incrédulo. Mais uma vez passeia os olhos pelo meu corpo.

— Um solteiro em uma balada que só veio acompanhar a amiga?

— Parece inacreditável, mas sim.

De cabeça baixa, fito meus sapatos e tento de alguma forma controlar meus batimentos.

— Tem o quê? Vinte e cinco? — Levanto o rosto para ele.

— Vinte e oito.

— Ótima idade. Quer tomar algo comigo?

— Não. Não quero atrapalhar seu trabalho, fique à vontade. — Onde diabos se meteu Isabelle? Eu vou matar as duas éguas!

— Já acabei. — Ele olha com descaso para sua papelada. — Posso lhe fazer companhia até sua amiga voltar. — Sem eu aceitar, ele acena para um garçom e, assim que este se aproxima, pede dois Dry Martini.

Ele fica calado, apenas me secando com os olhos e isso é muito constrangedor. Engulo seco e pareço a porra de um adolescente facilmente

aprisionado pelo olhar do desgraçado gato. Estou inebriado com tanta beleza máscula. Tudo que eu apreendi nas sessões de terapia que estou frequentando vai por água a baixo. Não consigo colocar nenhum dos ensinamentos em prática. Meu corpo se abala vergonhosamente pelo homem muito cheiroso, bem vestido e de sorriso bonito.

Sem conseguir controlar, desço meus olhos quando ele apalpa o pacote na calça. E para minha surpresa, era uma cilada. E eu caí. Ele queria apenas tirar a prova. Que homem hétero olha para o pau do outro e engole seco em seguida? Eu sou uma chacota ambulante.

— Sabia que jogava no meu time. Nunca me engano. — Ele gargalha deliciosamente.

— O quê? Eu não sou...

— É sim. — Não permite que eu negue — E pelo que meus anos de experiência dizem, é bem discreto e, se eu pudesse apostar, diria que ainda está no armário.

— Nem sei sobre o que você está falando, cara.

— Pedro. Relaxe. Seremos amigos. — Ele toca na minha perna e sua mão corre do joelho até o alto da minha coxa. E não o impeço. Eu devia ter me levantado, mas fico no mesmo lugar e as batidas cardíacas que antes eram apenas no peito agora latejam em outras partes.

— O que você faz da vida, Pedro?

— Advogado. — Por que eu ainda estou respondendo ao interrogatório desse idiota?

— Legal. Eu sou empresário. Tenho essa e mais cinco casas noturnas aqui na cidade.

Eu já devia ter levantado e saído daqui, mas saber que de alguma forma ele me entende e não vai me julgar pelo que eu sou me faz ficar sentado sem me mover.

— É dono desse lugar?

— Sim. Gostou?

— Demais. É agradável. Eu nunca vim, mas minha amiga já veio outras vezes...

— Que bom. — ele sorri e desconsertadamente, fica me encarando. Desvio o olhar um tanto sem graça e só volto a encara-lo quando diz:

— Pode me emprestar seu aparelho celular um segundo?

— Para quê?

— Vou te mostrar um truque. Você pode ficar olhando.

Enfio a mão no bolso, tiro o aparelho, desbloqueio e entrego a ele, mas fico de olho. Rapidamente ele digita um número, coloca para chamar e no seu bolso o

celular dele toca. Ele desliga o meu e me devolve.

— Prontinho, tenho seu número.

Que filho da puta!

— Como é que é? O que acabou de fazer é...

— Não é crime. Estou apenas dando o próximo passo para nosso encontro.

Porque eu sei que você não me daria o telefone de bom grado.

— Encontro?

— Sim. O que acha de marcarmos para jantar?

— Eu não sei...

— Tudo bem. Comer um hambúrguer, que é mais informal. Venha, vamos bater um papo. Conhecer pessoas novas nunca é ruim. Eu não vou te devorar, apesar que essa é minha vontade.

Diante desse flerte ridículo, acabo deixando meu sorriso aparecer. E dessa vez foi bem sincero.

— Olha só. Gostei de te ver sorrindo. — Ele bate na minha perna e deixa a mão ali. O calor me causa algo estranho e gostoso. — Conheço uma hamburgueria ótima, com lanches artesanais. Você não é desses que recusam um lanche, não é?

— Claro que não. Eu só...

— Então pronto. Tenho seu telefone, vou te ligar para marcarmos.

Eu apenas assenti.

Magno

— Acha que Pedro vai querer me matar? — É a primeira coisa que Lavínia diz após minutos calada, descansando pelo sexo selvagem que acabamos de fazer. Mais uma vez estamos no clube, e eu me pergunto como estou deixando isso acontecer. Como estou agindo dessa forma perdendo o controle de minha vida tão metodicamente planejada.

Como eu pude me resumir a um cara que passa seu tempo desejando transar com uma única mulher?

Meu amigo da Polícia Federal me ajudou no equipamento. Agora tem um rastreador no celular dela, é do tamanho de um grão de arroz; abri a tampa de trás e o coloquei. Por que inferno eu fui colocar rastreador em uma mulher? Olha em que me resumi: em um projeto de Lorenzo e Romeo, que viveram seus dias atrás de mulher até se tornarem dois escravocetas.

Cara, estou usando material de inteligência, com transmissão para meu celular, apenas para saber os passos de Lavínia.

Olho para ela do meu lado.

— Claro que não. — Respondo, mas minha mente continua em debate: estar com ela é bom. É muito gostoso. A presença dela me faz querer ficar aqui deitado, apenas. Quando eu fiquei apenas deitado em uma cama com uma mulher, sem que a ocasião fosse sexo? Nunca.

— Eu só aceitei, e a Isabelle também, porque sabemos que ele precisa de alguém que o entenda. Se esse cara conseguir fazer Pedro mudar de ideia, estará salvando a vida dele.

— Creio que ele não vai magoar seu amigo. Fique tranquila. — Lavínia vira o rosto e me olha, sorrindo. Olha para meu pau e morde o lábio.

— O que foi? Já quer a segunda rodada?

Ela ri e se vira apoiando a cabeça no cotovelo.

— O que de mais estranho você já fez? No sexo.

Penso um pouco, na minha vida sexualmente ativa desde muito cedo. Já fiz coisas impensáveis para muita gente.

— Muita gente consideraria o bukake algo estranho.

— Vários homens gozando na cara de uma mulher? — Ela se mostra ciente da expressão.

— Isso. Mas para mim, como homem, o mais estranho que eu aceitei fazer foi

trombone.

— Como é que é? — Lavínia se senta na cama, um sorriso misto de surpresa e choque estampa seu rosto. — Me conta que merda é essa?

— Funciona assim: o cara fica de quatro, a mulher ajoelha atrás, dá um beijo grego enquanto por baixo a mão dela punheta o pau dele. O movimento se parece com o de uma pessoa tocando trombone.

Primeiro ela joga o rosto para cima e gargalha. Eu apenas sorrio vendo-a rir. Em seguida vem a perplexidade.

— Credo! Você fez isso?

— Uma única vez. Ela tinha tesão por cu.

— Você não deixa eu tocar na sua bunda, mas deixou alguém beijar seu cu? Que nojo!

— Azar o dela, ué. E sorte que naquele dia eu não tinha comido uma boa feijoada.

— Que nojo! Seu porco. — Ela até tampa o nariz como se pudesse sentir algum odor. — Como é a experiência? — Não consegue conter a curiosidade.

Com as mãos atrás da cabeça, olhando-a me divertir com suas expressões.

— Ninguém nunca beijou seu cu para você saber?

— Não. Claro que não. Como foi?

— Ah, sei lá. É estranho. A língua molhada passando nas pregas. Meu cu piscou, parecia que queria beijar a boca dela de volta.

— Meu Deus! Que nojooo! — Lavínia grita de novo tampando o rosto com as duas mãos.

— É algo que não quero repetir.

— E algo que não quero mais ouvir. — Depois de suspirar se recompondo, ela senta sobre as pernas me olhando atenta. — Me conte mais coisas que acontecem aqui.

Agora eu virei a porra de um contador de casos.

— Bom... gosto muito do salão de confraternização. Falando em cu, algo que você deveria experimentar é a dupla penetração. Levo a mulher às nuvens.

— Não sei... — Ela enrola os cabelos no dedo. — Tenho medo de coisas na minha porta dos fundos. — Corre os olhos novamente para meu pau e analisa mais de perto como se procurasse algo. — Todavia, escutei coisas sobre homens com piercing no pênis. Você nunca quis colocar um?

— Deus que me defenda de uma miséria dessa. — Tampo meu pau com a mão como se o protegesse — Deixar furar meu pau? Essa coisa pode inflamar e eu perder meu bem mais precioso...

— Deixa de drama. Muitos homens fazem...

— Eu não faço. Está louca? Deixaria furar sua boceta? Deus me deu a piroca

perfeita. Pra que vou mexer nela, judiar da coitadinha?

— Tosco. Eu conheci uma amiga, na Rússia, que tinha tesão por pés de homem e saco. Ela já teve um orgasmo chupando o saco de um homem. Foi a obsessão mais estranha que já vi.

— Normal. Se ela visse o meu iria babar. Olha só. — Apalpo minhas bolas. — São perfeitas, grandes, uma obra de arte.

Lavínia revira os olhos diante da minha exibição.

— Você sabia que tem pessoas, é mais comum na área homossexual, têm tesão por axilas?

— Como é que é? — Ela torna a se pasmar.

— Sim. Elas levantam o braço dos caras e lambem. Já presenciei coisas aqui dentro que é difícil de expressar.

— Estou chocada. Acho isso bem estranho. Eu tenho tesão por bunda de homem, e peitoral, como o seu. Mas não chego a esse nível de perversão.

Ela volta a deitar ao meu lado, eu pego outro preservativo e balanço perto do seu rosto.

— Que tal mostrar o quanto sente tesão por mim? — Passo minha mão entre as pernas dela e cochicho: — Essa boceta gulosa precisa de punição. Pauladas.

Lavínia ri, puxa meu rosto e me beija de leve.

— Vamos ver se você consegue ser melhor que a primeira. Você está se superando.

— Eu sei. — Falo orgulhosamente, o elogio dela me eleva.

— Se tivesse um baseado para quando terminarmos essa segunda rodada...

— É uma maconheira?

— Não. Namorei um nerd maconheiro e ele tinha esse costume. Depois do sexo é o melhor momento. Apenas umas duas tragadas. Nada mais.

Tudo isso que ela disse lateja na minha mente: “Namorei um nerd”. Eu sei, ela é uma mulher vivida e viajada, já tem trinta anos. Não poderia esperar que Lavínia Torres fosse virgem.

— Qual o seu número? — Pergunto desinteressadamente, como quem não quer nada. Viro o pescoço e ela também. Enruga a testa como se não tivesse entendido.

— Número? De quê? Telefone? Você já tem.

— Não. Número de namorados.

Ela volta a olhar para frente. Sua mão na minha perna fazendo uma leve carícia bem acima na coxa quase perto do meu saco.

— Ah, sei lá. — Volta a me fitar. — Namorado sério ou vale qualquer transa?

— Como assim? Teve sérios e transas?

— Claro né, Magno? Eu vivia viajando, não dá para ter muitos namorados

sérios.

— Quantos? — Agora a apreensão tampa minha garganta.

— Bom, eu sou bem seletiva. Gosto de caras que me chamam a atenção. Como eu disse, tenho tesão por bunda e peitoral. São as características que me fazem querer o homem. Compromisso mesmo com pouquíssimos. Apenas dois. Mas podemos arredondar esse número para vinte, talvez.

— O quê?! — Dou um grito e me sento aterrorizado.

— Ah, tá. Com você são vinte e um.

— Transou com vinte homens?! — Eu não devia estar tão pasmo, mas, de alguma forma, ouvir isso não me faz bem.

— Separadamente. Em momentos diferentes da vida. — Ela explica com simplicidade. — Talvez fique pensando que foi com os vinte de uma vez. Não sou tão guerreira assim.

— Eu entendi, Lavínia. — Interrompo-a rudemente. — Isso é um absurdo. Você quer levar o nome de vadia?

— Por quê? — Ela se senta me olhando feio. — Você por acaso leva nome de vadia?

— Não.

— Então por que eu que transei bem menos que você posso ser considerada uma vadia?

— Porque mulheres não fazem sexo com vinte homens ao longo da vida. Uma mulher deve se resguardar, ser delicada e reservada.

— As mulheres que você conhece. As tolas que não aproveitam a vida. Mulher pode ser delicada e reservada, mas transa com quem quiser. — Ela se levanta depressa e começa a catar a roupa pelo quarto.

— Aonde vai?

— Você está sendo machista, não importa que tenha um pau delicioso, odeio machismo. — Veste a calcinha e sutiã na velocidade da luz. — Vou dar o fora.

— Ah, já vem com essa merda de frescura pra cá. Machismo de cu é rola. Eu estou sendo verdadeiro, Lavínia. É o que todo mundo pensa. Ninguém respeita mulheres rodadas, os caras querem só comer e se divertir. Acha que algum homem vai querer uma mulher que já transou com mais de dez caras como namorada ou esposa? — Acabo de falar e me arrependo instantaneamente assim que dois olhos de onça viram para mim. Eita caralho, a mulher virou um bicho!

— Ah, é assim? Então vá ao convento procurar as noviças virgens. Estou pulando fora. Eu posso ficar com quem quiser, eu sou Lavínia Torres, eu posso apresentar o homem que eu quiser para minha família. Não nasci para ser troféu de macho exibir para mamãezinha. Vá se danar.

Ela calça os sapatos, amarra rápido os cabelos e pega o vestido.

Esfrego as mãos no rosto. Nessa altura, se fosse com qualquer outra nem teria uma frase de discussão, eu já estaria chutando-a do quarto. Mas ver Lavínia se vestir me causa um troço dentro do estômago que qualquer um com sensibilidade diria que é pânico.

Pulo da cama e a seguro.

— Tá, ok. — Engulo saliva, e preparo para dizer algo que nunca falei a mulher alguma: — Desculpa. Para, fique mais um pouco.

— Por quê? Eu só sirvo para sua diversão, não é?

— Não. Não seja injusta. Nós dois chegamos a uma conclusão que seria apenas prazer. Assim como eu estou aqui apenas para seu deleite, sua diversão.

— Tão bonito e tão mente pequena. — Ela dá um tapinha no meu rosto e se afasta.

— Eu não fui correto na minha fala.

Ela veste o vestido e vai para a frente do espelho.

— Tá, eu não penso isso de você especificamente. — Continuo tentando convencer.

— Por que não? — Vira bruscamente para mim — Sou mulher que já transou com mais de dez. Ou não pensa isso de mim porque eu sou rica? Deixasse a negona aqui ser atendente de supermercado. Eu estaria agora chutada desse quarto. Isso se eu ao menos entrasse nele.

— Você está sendo dramática sem motivo. Eu nem falei nada de cor ou raça.

— Mas eu falei.

— Ah! Vai se danar, Lavínia. Isso não tem nada a ver. Estamos aqui de boa, nos divertindo.

Ela termina de se vestir, pega a bolsa e me dá um rápido beijo nos lábios.

— Expand a mais sua mente em relação às mulheres, ou então comece a transar com homens.

— Lavínia! Para com isso, volte aqui.

— Não me ligue, Magno. Minha raiva demora vinte e quatro horas para passar. — Ela grita, bate a porta e me deixa sozinho, pelado no meio do quarto.

Trinta e dois anos? É sério que essa é mesmo a idade desse cara que está chegando de bico na empresa? Eu estou muito doente para quase perder a noite toda pensando em uma mulher. Uma não, duas, porque desde que Lavínia está causando emoções estranhas em mim, lembranças do meu passado estão sendo desenterradas, para meu desgosto.

A bela jovem de cabelos dourados que um dia me encantou e que pisoteou nos meus sentimentos em seguida começou a, do nada, voltar para brigar por espaço com Lavínia.

Lavínia está em minha mente desde que a vi em um vídeo na internet, por acaso, anos atrás. E desde então não fazia outra coisa senão desejar essa mulher em minha cama.

Ela não é alguém que chegou do nada e está roubando atenção do cara mais desejado dessa cidade, modéstia à parte. Ela cultivou, inconscientemente, isso aos poucos, me fazendo ter desejo, quebrando minhas barreiras mesmo sem estar perto de mim.

Já a Anne é uma lembrança antiga e quase vaga, trazendo em mim o melhor e o pior momento da minha juventude. Foi com ela que aprendi a me tornar fechado, e a ver que mulheres não passam de instrumentos criados para aniquilar homens. Desde Anne, não dei mais valor a uma mulher. Porque era como se ela tivesse levado tudo que me fazia sentir emoções. Por muito tempo, desejei poder vê-la mais uma vez. E no minuto seguinte me arrependia de estar desejando algo tão descabido.

Sentado na minha cadeira em minha sala, com o olhar paralisado na tela do computador, eu volto a anos atrás deparando com a cena do casamento. Ela estava linda, descia de um carro branco, vestida como uma princesa, tão novinha...

Ela me viu, trocamos um olhar, mas sua reação foi frieza. Anne escolhera a vida boa com um homem rico a um jovem soldado. Foi uma das poucas vezes que chorei, e jurei ali nunca mais ser mole com mulher.

Abano a cabeça, tentando afugentar esses pensamentos. Empurro as bolachas recheadas de lado e vejo minha agenda; decido focar no trabalho depois de pedir a minha secretária que me traga café forte.

No almoço, eu acabo sozinho no restaurante, porque os caras foram comer com a família. Eu gostaria de ter todo o controle que tive ao mandar para fora de minha vida centenas de mulheres que já comi. Todavia, a única força que eu fazia na minha sala depois do almoço foi tentar controlar a vontade de pegar o celular e checar o rastreador de Lavínia.

Todas as mulheres fazem o que eu quero. Consigo facilmente manipula-las, mas ser contrariado é um porre. Revoltado por ela ser tão megera, pego meu celular e olho.

Está em um ponto perto da casa dos pais. Fico olhando o ponto piscando no mapa.

Deixo o celular de lado e durmo um pouco.

Eu não tive mais notícia de Lavínia no resto do dia e pelo resto da semana. Não ia ficar me humilhando atrás de rabo de saia. No clube, pretendentes não me faltaram. Eu até tentei, coloquei uma delícia da natureza para me mamar, mas na minha mente rebatia que eu não tinha palavra. Não era uma questão de

fidelidade conjugal, era um trato que eu tinha feito com Lavínia e como homem deveria honrar minha palavra. Eu posso ser tudo, menos um filho da puta falso. Um trato é um trato. Foi minha palavra dada. Se quero comer outra, preciso antes avisá-la.

Subi minhas calças e mandei-a vazar do meu quarto, contra a vontade da moça que tinha ficado muito eufórica por ter sido escolhida por mim. Quem não ficaria?

Mesmo sem tentar um contato com a violoncelista jararaca, eu a vigiei pelo celular. O ponto vermelho no mapa me mostrou aonde ela tinha ido todos os dias. E agora ele para todo dia à noite em um endereço próximo à casa dos pais dela, o que me faz acreditar que é sua nova casa.

Sexta e sábado são dias de curtir.

Geralmente esses dias têm coisas especiais no clube. Hoje por exemplo, no sábado, é uma festa especial branca. Onde todos vêm de roupas brancas. Os convites são enviados formalmente, com antecedência para os membros.

— Tudo certo por aqui? — Pergunto a Daniel, que se encontra próximo ao bar. Olho em volta no salão ornamentado com puro luxo. Tudo branco.

— Tudo certo.

— O andar superior só será aberto após as onze, certo?

— Sim. — Ele olha além de mim e franze a testa me encarando. — Nenhuma gata colada em você essa noite? Geralmente era para ter fila.

— Mais tarde. Por enquanto só estou administrando.

E criando expectativas.

— Ou até uma certa gata selvagem aparecer?

— Ela vem? Convidou-a?

— Sim. Ela se tornou um membro do clube e deve ter recebido convite.

Eu deveria estar respirando euforicamente como se tivesse recebido a melhor notícia? Não deveria. Mas por que a porra de cada parte do meu corpo se manifesta sem minha vontade? Eu quero estar com raiva de Lavínia, eu não quero permitir que ela me coloque nessa posição abaixo dela, porque eu não sou. Mas basta ouvir menção do seu nome que o burro do meu pau já se baba todo, como um fraco perdedor.

Aperto-o nas calças e falo com Daniel:

— Fique de olho.

Volto a circular entre os convidados, cumprimentando uns, conversando com outros. Meus irmãos deveriam me agradecer por manter amizade com figurões do estado inteiro. Grande parte de nossos aliados nos negócios frequenta meu clube, nem que seja para beber, apenas.

— Magno. — Me viro e me surpreendo com Amadeo na minha frente.

— O que está fazendo aqui? Sozinho. — Olho para os lados procurando Kate.

— Sim. A Katherine está em *la* casa do Romeo, só *estoy* dando *una* passadinha. — Ele olha ao redor e dá de ombros. — Não sabia que era festa hoje.

— Sim, é. Traje branco, você pode dar o fora. — Ele olha para o jeans, tênis e camisa polo.

— *Hombre*, acabamos de chegar de viagem e *usted* nem vai perguntar como estão *papá y mamá*?

— Como estão os tios?

— *Bien*. Gostaram pra valer da Katherine.

— Quem não gosta dela, não é mesmo?

Eu ia levá-lo ao bar para tomarmos alguma coisa juntos. Posso falar da boca pra fora, mas não nego que estava com saudades desse filho da mãe.

Todavia, antes de eu dizer, vejo a esplêndida visão do paraíso. Ela acaba de chegar. O vestido branco modela seu corpão deleitoso. Seus quadris estão mais evidentes e há um decote discreto cavado mostrando a curva dos seios. Os cabelos soltos, caído em cascatas onduladas.

Lavínia me vê e, como se estivesse em uma passarela, vem desfilando, sua perna saindo da fenda na lateral do vestido longo enquanto caminha. Eu queria ordenar em alto e bom som para os babacas pararem de olhar para ela.

Parece loucura, mas eu queria que somente eu pudesse admirá-la.

— Boa noite. — Me cumprimenta e olha interessada para Amadeo. Ele a olha com um pouco de comedimento. Típico de homens recém-casados quem temem algum deslize.

— Boa noite. Ah, esse é meu primo, Amadeo. Ele está de saída.

— *No, me gustaria de...*

— Xiu. Você precisa ir, querido primo. Depois marcamos de nos encontrar.

— Lavínia. — Ela me ignora e estende a mão para ele. Posso ver como tem mãos bonitas, unhas médias e bem-feitas com esmalte vermelho.

— *Que guapa!* Meu primo sempre escolhe *lo mejor*.

— Obrigada. Adorei seu sotaque. Espanha?

— Sim.

— Eu também tenho sotaque. — Digo parecendo um menino de onze anos tentando impressionar a garotinha bela da escola. — De todos nós, meu irmão caçula é o que menos tem.

— *Si, pero no tan evidente como el mío*. — Amadeo se vangloria.

— Mas não deixa de ser tão charmoso quanto. — Lavínia diz, pisca para mim e meu coração dá um triplo mortal carpado. Por ter ganhado um elogio. Que espécie de homem estou me tornando que sinto isso por causa de um elogio?

Logo eu que reinava andando sobre elogios.

Consegui fazer Amadeo ir embora e volto para Lavínia.

— O que está fazendo aqui?

— Ah, Magno. Essa pergunta de novo? Não é óbvio? Vim me divertir. — Ela envolve meu braço com a mão.

— Achei que estava furiosa comigo.

— Não mais. Você vai ter que dar o melhor de si para me deixar bem calminha. — Inclina para perto do meu ouvido e sussurra: — E isso inclui transar selvagememente, mais tarde.

Minha nuca se arrepia toda.

Sorrio para ela e devolvo: — Espero que tenha vindo preparada. Essa noite te deixo moída.

Lavínia

— Me conte algo sobre você. — Peço assim que nossas bebidas chegam. Seu olhar para mim é confuso por segundos até se tranquilizar. Ele dá de ombros.

— Já fui delegado.

— Sério? Mas e aí? Por que saiu? Não cometeu algo ruim, não é?

— Não. Não fui expulso, pedi conta. Foi bem na época que meu pai faleceu e deixou a empresa à beira do abismo. Tive que me juntar a meus irmãos. Foi uma escolha difícil, mas necessária.

Ele dá um gole demorado escondendo seu rosto e sei que ele evita mostrar o que sente. Assim que ele descruza as pernas e mexe o uísque com o dedo, bem pensativo, eu tento quebrar o gelo:

— Fiquei com tesão querendo te ver em uma farda.

— Posso providenciar isso. — Pela expressão safada, eu tive certeza que era pura verdade. Ele poderia sim aparecer diante de mim de farda e me matar de delírio. — Me conte algo sobre você. — Agora ele pede.

— Não sei...

— Qualquer coisa.

— Sou viciada em comida. Acho que entre flores ou comida, prefiro ganhar coxinhas.

Ele ri, vidrado em meus olhos.

— Se eu te der coxinhas então...

— Já me ganha cinquenta por cento.

— Bom saber disso. Mas me fale algo bem pessoal, como eu te contei.

— Bom... — Penso um pouco e, sem olhar para ele, confesso: — Sou gêmea. E meu irmão gêmeo morreu quando éramos adolescentes.

— Ah, eu sinto muito.

Elevo meu rosto e encaro Magno, que se compadece evidentemente com minha perda passada.

— Já passou. Nós o temos como um anjo que precisou ir. É isso.

Ele apenas assente.

— Mora com alguém? Aqui no Rio. — Magno pergunta depois de um breve silêncio, por causa da minha confissão um tanto triste.

— Com meus pais até poucos dias atrás. Me mudei recentemente.

— Legal. Eu moro sozinho desde os dezoito. Odeio dividir meu espaço com

irmãos, familiares... enfim. — Ele reluta um pouco e noto que ficou desconfortável por falar dos familiares. Sei que o pai faleceu, afinal ele disse há pouco.

— Justamente. Eu também. — Trocamos um sorriso cúmplice.

— Então... Vai ficar um pouco a mais aqui no Brasil?

— Por enquanto sim. Aceitei um papel em uma série de TV. Ficarei esse resto de ano.

— Legal. Te desejo muito sucesso.

— Obrigada. — Sorrimos juntos e me flagro um tanto tímida. Como uma menininha inocente.

— De verdade. Te acompanho já há algum tempo.

— Por causa da música?

— Lógico. Apesar que sempre torci para que você posasse nua. — Gargalhamos e ele se recosta no sofá me olhando.

— Você não é um simples funcionário aqui, não é mesmo?

Ele vira o copo de uísque na boca e levanta a mão chamando um garçom.

— Por que tem dúvida? — Me olha interessado.

— Fora daqui você é um cara de posses. Eu pesquisei sobre a Orfeu. Todo mundo aqui dentro te trata com respeito, as mulheres te olham como se fosse um deus. Até o Felipe te venerava. E para completar, me deu seu cartão e ajeitou para que eu me tornasse membro do clube sem pagar ou assinar nada.

— É, você me pegou. — Ele ergue as mãos. — Não sou prostituto assalariado.

— Mas faz esse tipo de serviço, certo?

— Às vezes. Quando estou entediado, como o dia que você me flagrou na mamada dupla.

— É o Manda-Chuva?

— É. Sou sócio majoritário. Praticamente o dono.

Abaixo a cabeça com a mão tampando o rosto. Estou envergonhada por ter tripudiado dele várias vezes. Levanto os olhos e Magno está com uma expressão de puro divertimento.

— Que vergonha, meu Deus! Por que se deixou ser ameaçado, sendo que é o dono disso aqui?

— Nunca escondi que queria comer você. Se entrar no seu jogo era a única maneira, aceitei.

— Nosso trato continua. — Aponto a taça para ele, torcendo para que não tente refazer as regras. Não quero dividi-lo enquanto estamos transando. Sou assim, não vou aceitar e ponto.

— Com certeza. — Ele concorda e eu sorrio sem querer aceitar que estou aliviada.

— Mesmo sendo o rei do pedaço.

— Estarei a seus serviços.

— É ótimo saber disso. — Fico de pé e ele me olha alarmado. — Antes de subir, gostaria de ir ao banheiro.

— Sim, naquela direção. — Se mostra mais tranquilo. Aceno para ele, pego minha bolsa e saio rebolando propositalmente tendo ciência que Magno me olha.

Bebi bastante champanhe. Estou com a bexiga que não me aguento.

O vestido é de seda, não dá tanto trabalho para levantar e fazer xixi. Sem falar que o banheiro é luxuoso e bem asseado.

Termino, ajeito o vestido e, antes de sair, ouço vozes. Aproximo o ouvido da porta por perceber que as vozes femininas estão em um assunto, digamos, interessante.

Uma com voz fina e enjoativa diz: — Eu fiquei muito puta da vida. Transei uma vez com o Magno, é muito bom de cama, o desgraçado, mas descarta a gente no dia seguinte. E agora me aparece com essa macumbeira de quinta.

Arregalo os olhos ao ter certeza que falam sobre mim.

— Será que é algo sério? — Uma outra voz pergunta. — A Beyoncé fajuta ao lado dele estava se achando.

Beyoncé fajuta?

— Não acho. Ele não fica com ninguém. Magno só pega e não se apegas. Ainda mais com uma negra. Eu que sou loura ele não quis repetir.

Uma terceira voz incrementa:

— Mas ouvi uns boatos aí que essa já é a terceira vez que os dois passeiam por aqui juntos.

— Como ela se chama? Quem é a sujeita?

— Não sei. Apareceu de repente. Uma retirante.

— Ela é linda. Tem um cabelo lindo.

— Alisante e chapinha né, amiga? — A da voz fina ironiza. — Já viu negra nascer com um cabelo bonito daquele? Espero firmemente que seja apenas diversão do senhor Magnânimo.

— E é, com certeza. Ele não namora e, quando namorar, será linda, branca e sofisticada, como nós.

— Verdade, falou tudo.

Conto até cinco, abro a cabine onde estou e saio. Assim que elas me veem pelo espelho, quase caem para trás. Ficam as três paralisadas, de olhos saltados e mais pálidas que o papel-toalha. Calmamente lavo minhas mãos, abro minha bolsa e tiro o batom para retocar.

— Eu gosto de drama. — Digo olhando minha boca no espelho. — Amo óperas por causa do drama. Quebraria as três na pancada aqui para sentir o

drama do momento, mas não farei isso. O tapa simbólico já foi dado. — Termino o batom, limpo os cantinhos, passo um lábio no outro e me viro para elas, olhando com desprezo.

— Sou negra, gostosa, rica e famosa e tenho o dono disso aqui aos meus pés, então, quer ficar de mimimi por que perdeu a chance de ter uma foda gostosa com ele, vai reclamar no Twitter. — Dou um passo para a porta mas me viro novamente. — E quer saber? Um conselho de mulher: tentem ter um pinga de sororidade. Não maltratam outras por causa de homem. Não vale a pena. Principalmente por causa do Magno, ele já está muito bem acompanhado, pela Beyoncé fajuta aqui.

Essa não foi a primeira vez que tive que escutar esse tipo de coisa. Para se chegar onde estou, sendo mulher e negra, não vim pelo caminho do paraíso. Enfrentei desafios, preconceito, decepções, mas não tenho por que abaixar a cabeça.

Por que eu iria me deprimir? Por frases de ódio vindas de alguém nitidamente com inveja? Ao contrário, eu uso essas palavras para colocar na minha armadura e ficar ainda mais forte, confiante de quem eu sou.

Assim que volto para o salão e Magno me vê, ele sai do bloquinho de homens conversando e fica parado lá, com um sorriso estampando os belos lábios e brilho nos olhos, esperando por mim.

Vê-lo sorridente, me esperando, sem olhar para mais ninguém, é a resposta que tenho para dar.



— Você até que não é uma má companhia. — Eu digo. E de verdade adorei a noite. Magno é humorado, inteligente e atencioso. Fez com que eu me sentisse à vontade enquanto passeávamos entre as pessoas. Eu até achei que ele estava bem exibido, me usando como troféu. Todavia eu deixei, eu estava fazendo a mesma coisa. Em uma festa dessas todos estavam de olho no anfitrião da noite, principalmente mulheres, e adivinha quem estava ao seu lado dona do monumento másculo nessa noite?

A exibição era, portanto, mútua.

— Você sempre volta, claro que sou o melhor. — A confiança dele é um dos componentes do seu charme.

— De hoje sua bunda não escapa. — Dou um tapinha no traseiro dele fazendo-o pular para frente.

— *Vade retro, Satanás!* — Dá um passo para longe de mim. — Deixa minha bunda em paz.

— Você é muito machista. — Paro ao lado da porta esperando-o abrir. — O que tem eu agarrar sua bunda?

— Ah, bom. Agora tudo é machismo, até proteger o cu. Vá se danar, espertinha.

Deixo minha bolsa em uma poltrona e me viro para olhá-lo. Magno tira o terno e arranca a gravata. É um pecado ambulante. É um típico homem para namorar, transar, casar, viver apegada pelo resto da vida, porque ele é viciante, não só no âmbito sexual, mas também sua presença. Apesar dos deslizes, hora ou outra sendo preconceituoso, conversar com ele se tornou um gostoso passatempo.

— O que é isso? — Aponto para uma caixinha de madeira em cima do móvel. É preta com laço dourado. Bem chamativa.

— Ah, como hoje foi dia de festa, todos os quartos ganham um kit desse. Para brincadeiras a dois.

— Posso? — Indico que quero abri-la.

— Fique à vontade.

Enquanto ele tira os sapatos, eu abro a caixa. Adoro produtos de sex shop. Um anel peniano, algemas, preservativos de efeito retardante, dados eróticos, óleo de massagem e um ovo masturbador masculino.

— Vamos usar? — Magno chega por trás, usando apenas a calça desabotoada mostrando a cueca.

— Quero te amarrar. — Mostro a algaema para ele. — Ou isso ou nada.

— Nunca. Me prender não.

— Por quê?

— Porque sim, cara. É a lei. Minha lei.

Rolo os olhos perdendo a paciência.

— Fique tranquilo, não vou fazer nada com sua preciosa bunda.

— Não e não. — Ele arranca a calça e o volume enorme esticando sua cueca mostra o tamanho do apetite dele. — Vamos transar normalmente. — Tenta me pegar e eu desvencilho de seus braços.

— Então até logo.

— O quê?

— É o que ouviu. — Pego minha bolsa. — Ou me deixa te amarrar na cama, ou irei embora assistir série o resto da noite.

— Mas que porra...! Lavínia, que besteira é essa?

— Cara, você é acostumado a fazer coisas que o cão dúvida, o que custa me foder amarrado?

— Quem pode foder uma mulher estando amarrado? Diz?

— Você. Me deixe te mostrar.

— Não.

— Então, adeus.

— Espere. — Ele segura no meu braço. — Uma mão amarrada.

— As duas. — Sorrio maliciosamente. — Sossegue, rapaz. Será gostoso. — Enlaço o pescoço dele com meus braços e sussurro sedutoramente: — Prometo.

E ele aceita, afinal está pra explodir de tesão.

Magno analisa o par de algemas. É frágil, específico para brincadeira, não algo de couro ou metal.

Ao se sentir seguro, ele se ajeita na cama recostado na cabeceira e eu apresso em prender cada um de seus pulsos na grade da cabeceira deixando-o de braços abertos. Um delírio de tão gostoso. Mordo o lábio olhando-o nessa posição, nossos olhos na verdade estão cravados compenetrados.

A primeira coisa que eu faço é ficar de pé sobre a cama. Ainda estou vestida e ele foi um bom garoto essa noite, merece um strip-tease particular. Não rebolo como se tivesse uma música, mas mexo meu corpo propositalmente, arrebitando a bunda para descer a calcinha.

Fico apenas de salto alto, pelada de pé na cama. Tiro os grampos do cabelo sem perder o contato visual com ele.

Magno saliva me fazendo sentir maravilhosa.

Me abaixo, e de quatro vou engatinhando para cima dele. Toco em seu pacote colossai evidente pela cueca e a coisa está tão forte que uma simples pegada o faz gemer.

Suas mãos sacodem amarradas e eu sorrio satisfeita.

— Por que não fala o que deseja, senhor da noite?

— Quero sentir meu pau na sua boca, por favor, chupe como se não houvesse amanhã.

— E o que vai me dar por isso?

— Te matar de tanto foder daqui a pouco.

— Nossa! Boas promessas. — Passo minhas unhas na barriga reta dele, corroas para baixo e puxo sua cueca da Calvin Klein descobrindo um dos paus mais bonitos que já vi. Muito bem cuidado, depilado, e nas proporções de tamanho perfeitas.

Esperançoso de que eu vou cair de boca, ele abre mais as pernas e até ergue um pouco o quadril da cama, louco para possuir minha boca.

Hoje meu intuito é brincar. Ele precisa ter paciência. Curvo e planto um beijo nas bolas dele e isso quase faz Magno chorar. Me divirto com sua expressão quando me ergo e saio da cama.

Suas mãos sacodem de novo.

— O que está fazendo? — Grita horrorizado.

— Calma! Está parecendo um virgem inexperiente. Nem parece que é o fodão controlador, deus do sexo.

— Ah, se fode, caralho. Me solte, Lavínia! Chega dessa porra de brincadeira. Não quero mais, se quiser ir embora pode ir.

— Não mesmo. — Trago a caixinha para a cama, me ajeito perto do pau dele e pego o ovo masturbador.

— Ah, merda dos infernos! Vai me torturar? Senta logo no meu pau e me deixa te comer em paz, porra. O homem quando está em paz não quer guerra com ninguém.

— Para de citar frase de música e apenas sinta. — Beijo os lábios dele e abro a embalagem do masturbador. Eu já vi esse apetrecho, ele tem o formato de ovo oco, e é feito de silicone bem macio, que estica. Por dentro é todo granulado, para melhores sensações. Funciona assim: encha de lubrificante, deslize sobre o pênis e comece a fazer movimentos de descer e subir ou girar com o pênis dentro do ovo oco.

Enquanto faço isso devagar, Magno se mantém de olhos fechados e lábios espremidos em uma fina linha.

— Olhe para mim. — Ordeno e ele abre os olhos. Enquanto masturbo com ajuda do brinquedinho, me inclino e beijo sua coxa, em um caminho tortuoso conduzo meus lábios pelas suas pernas, mordendo, chupando, mordiscando, sem parar de mover minha mão masturbando-o.

No umbigo, dou um beijinho e levanto os olhos para vê-lo. Magno está firme e forte, se segurando. Ele consegue, é craque nisso. Sabe as técnicas para não gozar tão cedo. Mas ao menos me agrada vê-lo se queimar de tanta excitação.

— Quero gozar com sua boceta me fodendo, adiante isso logo. Não vai conseguir um pinga de leite sequer.

— Não me desafie. — Rio e tiro o masturbador do pau dele. A cara de alívio é quase cômica, entretanto não esperava que eu fosse chupá-lo com calma, como quem saboreia uma fruta gostosa e que não quer que ela acabe.

— Ahaa cacete, Lavínia! Que merda.

Rio e faço uma carinha de safada tímida com o pau dele na boca, mas os olhos levantados fitando-o.

— Ahh, que porra! — Rosna e sussurra em seguida: — Não faz essa cara.

Passo a língua lentamente de baixo para cima e para baixo novamente indo até as bolas e voltando. Ele mexe as pernas e eu seguro suas coxas.

Magno sacode os braços e eu decido que quero também um pouco de agrado. Me sento sobre o pau dele, esfregando suavemente, e aproximo meus seios de seu rosto.

— Se não aliviar minha tensão, não te alivio. — Imediatamente, sem eu nem pedir novamente ele abocanha afoito um dos meus seios me fazendo gemer com um sorriso de vitória.

O melhor de tudo é o tesão causado pelo momento, por eu ter ele a minha mercê, servindo apenas a mim, não me julguem, sou mesmo uma exibida que ama um macho dando sua atenção toda só para mim.

Eu quase deixei-o entrar em mim. estávamos molhados de tanto tesão e seria fácil deslizar e sentir toda sua potência me dilatar devagarzinho, dolorosamente delicioso até que se acomodasse todo e então ondas de eletricidade e prazer fossem espalhadas pelo nosso corpo.

Só deu tempo de eu esticar a mão, pegar um dos preservativos na caixa e vesti-lo. Não esqueci de desamarrá-lo, porque eu queria seus braços fortes me segurando possessivamente enquanto me embalava na dança sensual de nossos corpos ligados.

Magno me segurou em seus braços e me beijou de uma forma que não tínhamos beijado antes. Havia mais que o fogo costumeiro. Eu me senti mais que confortável em seus braços enquanto ele se aprofundava, saía e tornava enterrar de maneira macia e muito profunda.

Era uma sensação única que nos embalou, algo além do êxtase, um tipo de plenitude compartilhada. Algo que eu não tinha sentido ainda por outro cara. Nem mesmo com Felipe.

Eu vi em seus olhos que ele estava assustado também com nossa ligação tão íntima e deliciosa que eu desejei chorar para me expressar, e o medo estampado nos olhos dele dizia que ele sentiu a mesma coisa.

Magno

No Jardim Botânico do Rio de Janeiro, eu corria atrás de uma garota de cabelos dourados que andava rápido por entre as altas palmeiras.

“Anne, não se case, por favor.” A segurei fazendo-a olhar para mim “Podemos reconstruir o que tínhamos, sei que errei, mas me dê uma chance, cacete!”

“Não adianta, Magno! Já estou entregando os convites. Você teve tempo, tínhamos tudo e você jogou fora.”

“Mas você mandou eu escolher entre o exército.”

“E você fez sua escolha! Me deixe. Se continuar me importunando, vou ter que falar com o seu pai.”

Esfrego os olhos tirando essa lembrança da minha mente, vinda de um tempo longínquo que não gosto nem de pensar. Olho para a mulher ao meu lado, nua, coberta por um lençol branco. Suas curvas são perfeitas, seus olhos transmitem fogo puro e intensidade. Eu não devia ter dormido com ela.

Não devia.

Como eu pude deixar isso acontecer? Lavínia é diferente de outras mulheres. Eu não devia ter sido tão fraco.

Como se soubesse que está sendo vigiada, ela se mexe e acorda. Primeiro abre os olhos devagar e olha em volta reconhecendo o ambiente e, quando me vê, dá um pulo e se senta apavorada.

— Ai, meu Deus! Que horas são?

— Creio que mais de sete.

— Jesus! — Ela penteia os cabelos para trás com as mãos. — Não podia ter dormido aqui.

— E por que não? Alguém te esperava?

— Não. Mas você é...

— Um prostituto de luxo?

— Não, Magno. É meu amante e amantes não dormem juntos. Pelo amor de Deus! — Enlouquecida, ela puxa o lençol para se levantar, mas eu seguro em seu braço.

— Ei, deixe isso pra lá. Vou pedir café para a gente. A merda já está feita mesmo. Também não costumo dormir com mulher nenhuma. Mas enchemos a cara, transamos quatro vezes e dormimos agarrados. O que vier é lucro.

Ela aceita, baixa a guarda e balança a cabeça assentindo.

— Preciso de um banho. Não sei como podemos transar e dormir em seguida.

— Estávamos de porre, nem tínhamos consciência de mais nada. Só mesmo o que era pau e boceta. O resto foi resto. — Pulo da cama e, espreguiçando, caminho para o banheiro.

— Ao menos tenho a bênção de ver sua bunda me dar bom dia. — Ela fala e cai contra os travesseiros novamente.

Talvez pudéssemos ficar assados de tanto trepar, mas eu queria tê-la debaixo do chuveiro e realizar todas as minhas fantasias que já tive quando não podia tocá-la, apenas assistir.

Nem precisou pedir. Lavínia já estava com cara de libertina segurando meu pau e arranhando suas unhas em meu corpo molhado. Enquanto eu a beijava, levou sua mão por trás e apalpou meu traseiro.

— Ah, Magno! Deixa, vai! — Protestou quando eu afastei.

— Não. Vira-se, cara no box e bunda pra mim. — E dessa forma eu satisfiz nós dois com um delicioso sexo de pé e molhados pelo banho.

Após o banho, ligo pedindo um café bem reforçado para a gente. Lavínia penteia os cabelos e os amarra em um belo rabo de cavalo. Enquanto eu me visto, ela já toda vestida senta-se numa poltrona lendo algo no celular.

— Nossa, isso é muito estranho. Outra garota de classe média estuprada.

— O quê? — Abotoando a camisa, caminho até ela.

— Não ficou sabendo? São garotas de classe média que são estupradas, mas depois retiram a acusação e não identificam os criminosos.

— Como assim?

— O padrão é o mesmo. — Lavínia fica de pé e me entrega o celular. — Umas duas ou três garotas desaparecem e depois são deixadas na porta da casa com sinais claros de abuso físico violento. Mas logo depois elas simplesmente retiram a denúncia.

— Claramente estão sendo ameaçadas. — Leio por alto a matéria e devolvo o celular para ela.

— Sim. Isso mesmo. Comentei com Dante, o candidato a governador, é meu amigo, e o mais incrível é que são garotas de classe média alta e sempre são deixadas com seus bens, não levam nada delas.

— Muito estranho isso. Espero que o filho da puta seja logo apanhando.

— Amém. — Ela concorda e guarda o celular.

O café chega e nos sentamos para comer. Estou varado de fome, consumi muita energia durante a noite.

— Quero te fazer uma pergunta íntima. — Ela indaga à minha frente na mesa repleta com o café da manhã. Nem levanto meus olhos do sanduíche que preparo

com os frios que estão fatiados na tábua.

— Sobre sexo, já fiz quase tudo, inclusive dividir uma mulher com um familiar.

— O que disse?

— Eu e meu primo dividimos uma mulher. É bem estranho foder com um familiar olhando. Não recomendo.

— Você me surpreende mais a cada segundo. Mas a pergunta é outra.

— Diga.

— Já namorou? Tipo, sério mesmo?

Levanto meus olhos e acho que demorei exatamente dois segundos para afastar meu olhar do dela e voltar para minha obra de arte chamada sanduíche da manhã.

— Não.

Achei que ela se focaria em sua xícara de café da manhã, mas não é o que acontece. Eu devia imaginar que mulheres são fontes de curiosidade e sempre irão lutar para descobrir coisas, ainda mais se for dos homens.

— Por que nunca namorou, Magno? Ninguém nunca fez a proposta ou ainda não encontrou a pessoa certa?

— Nada disso. — Aperto os ingredientes no pão e dou uma mordida. — Eu nunca namorei porque não quero me tornar um escravoceta. Homem mandado, como meus irmãos.

Lavínia não fica brava ao ouvir isso, ela até dá um sorrisinho.

— Tá ligado que nesse momento você é um escravoceta temporário, não é?

— Lógico que não. Pirou?

— Lógico que sim. Temos um trato de parceria e você vive atrás de mim. — Elegantemente ela toma um gole do café. — Que homem consegue viver sem uma mulher?

— Gays e eu. — Respondo com petulância — Amo mulheres, mas o sexo é a maior ligação que alguma delas vai conseguir comigo.

— E por quê? Você não parece ser misógino.

— E não sou. Para mim, a mulher vem antes de comer e beber. Eu adoro vocês, sério. Só acho que mulheres dão trabalho demais, é muita frescura, transformam o cara em verdadeiros tolos e sem falar na prisão de ter que viver com apenas uma.

— Quem tudo quer, nada tem. — Ela pega sua bolsa e levanta. — Isso aí é falta de boceta.

— O quê? — Ergo as sobrancelhas.

— Estou retribuindo o que homens dizem de mulheres, que a explicação de tudo é falta de rola. No seu caso, uma boa chave de xota irá te deixar pianinho.

Reviro meus olhos com vontade de fazer um textão listando todos os pontos que faz disso uma mentira.

— Já vai?

— Sim. No momento estou atarefada por causa de dois concertos, acabei de me mudar, vou começar a ensaiar para a série de TV. Está tudo muito corrido para eu ainda ter que administrar um amante. Um amante que fala um monte de babaquice.

Me levanto lentamente, como se não quisesse afugentá-la.

— O que quer dizer?

— Que talvez eu tenha cansado, Magno. Que apesar de gostoso o nosso sexo, chegou a hora de eu te devolver sua liberdade.

Claro que isso não pode acontecer. Lógico que ela está blefando. Lavínia adora transar comigo. Sorrio para ela e caminho em sua direção. O melhor de mulher é que elas são tão sensíveis que a um toque já se derretem. Vou mostrar a ela, sem pedir, sem palavras, que ela não está pronta ainda para acabar com isso, que ela ainda precisa do nosso sexo como precisa de água.

Com o nó do dedo acaricio seu pescoço, subo ao queixo e passo o polegar nos lábios dela. Ela os entreabre, os olhos cravados nos meus, cativa do meu olhar.

Encosto minha boca em seu queixo e chupo de leve e daí para os lábios é um pulo. Minha mão sobe pela sua costela chegando à curva do seio e a outra mão já está na nuca puxando-a para aprofundarmos o beijo.

Sinto que ela começa a se entregar, arfa contra minha boca e me deixa rolar minha língua em sincronia com a dela.

Afasto nosso beijo com uma mordida final no lábio, passo o polegar na minha boca e sorrio vendo o resultado de meu poder.

— E então? Ainda quer terminar tudo?

— Acabou? — Pergunta baixinho, os olhos brilhando. Ela passa a mão no pacote da minha cueca e apalpa suavemente meu pau já todo aceso. — Enquanto você ia com os limões eu já vinha com a limonada. Magno, Magno. Vai precisar se empenhar mais se quiser continuar me vendo. — Ela pisca cinicamente, vira-se nos saltos e vai embora.

Isso está ficando extremamente chato. Ela saindo e me deixando plantado com cara de bunda. Sendo que eu que sempre fiz isso. Não vou permitir que essa sem-vergonha tente sair por cima.



Ela que se dane pra lá. Acabou o trato. Voltei à ativa, vou traçar quem aparecer primeiro na minha frente.

— Que cara é essa?

Levanto os olhos e Lorenzo está em minha frente. Claro que vou traçar

alguém do sexo feminino e que não seja da minha família. Ele puxa uma cadeira e se senta. É mesmo de se achar estranho, estou sozinho na sala de reuniões da Orfeu com uma pilha de pastas na minha frente e não faço nada, recostado olhando para o nada remoendo a petulância de Lavínia ontem no clube.

— Nada. — Pego uma pasta e começo a folhear.

— Quer dar um pulinho comigo no banco AMB? Tenho umas coisas para resolver...

— E o Romeo?

— Está avoado, resolvendo uns assuntos da festinha do Gael.

— Hum... — Levanto os olhos para ele. — Que dia é esse bagulho?

— Sábado. Você vem?

— É obrigado?

— Sim.

— Ok. — Volto a atenção para as pastas. O silêncio recai sobre a sala e eu volto a olhar Lorenzo. — O quê é?

— Problemas?

— Tudo certo no paraíso magnânimo. Sempre está tudo certo.

Ele fica de pé e como é um pouco sensível aconselha: — Se for algo que quiser muito, vá atrás. Se eu não tivesse corrido atrás das minhas paradas, hoje não estaria vivendo o melhor momento da minha vida.

Fico olhando para a porta mesmo depois de Lorenzo ter ido embora, há minutos. Se eu for atrás do que eu quero, estarei contradizendo tudo que acredito, estarei indo contra minhas próprias convicções. João Magno nunca vai atrás de uma mulher, e no momento é aquela megera que eu quero.

Me conte uma novidade: Quando você não a quis? — Meu inconsciente sopra e eu aceito a crítica.

Pego o celular e, pelo aplicativo, vejo o ponto do rastreio de Lavínia. Está no novo endereço dela. Sopro profundamente me sentindo esgotado com isso tudo. Uma vez eu errei e deixei a garota que eu queria partir porque não quis dar o braço a torcer. Ela acabou se casando com um escroto qualquer. Não me considero culpado, foi escolha dela, mas se eu tivesse tentado mais, ela estaria comigo hoje.

Lavínia é madura, cheia de si e certa do que quer. Ela vai esperar eu dar o próximo passo, e eu vou acabar dando o próximo passo, porque independente de trato, é apenas aquela desgraçada que eu quero no momento.

Chego às oito horas da noite em frente ao prédio onde ela está morando agora. Ainda dentro do carro confiro o aplicativo de rastreamento para ter certeza que ela está em casa.

O que eu estou fazendo, merda? — Me pergunto revoltado. Saio do carro e, após tocar no contato, coloco o celular no ouvido. Por que transar com ela é a coisa mais importante para mim nos últimos dias?

Lavínia atende depois de muito tempo.

— Oi.

— Desça, tenho algo para você aqui.

— Como é que é?

Desligo e recosto no carro olhando o prédio.

Lavínia desce, como eu achei que faria. Eu a peguei na curiosidade e, não querendo generalizar, mas está para nascer uma mulher que não é curiosa.

Ela está de moletom, olha em volta, sai do portão e caminha até mim.

— O que é? O que está fazendo aqui?

— Estava de passagem.

— O que disse que tem para mim?

Abro os braços me exibindo, dando um sorriso debochado.

— Eu.

Ela não acha nada engraçado, continua com cara de poucos amigos.

— Acho melhor você ir. Não quero te encontrar fora do clube. — Ela se vira para voltar mas eu a seguro. Nos fitamos assim que a trago para junto do meu corpo.

— Me deixe entrar. Porque eu não estou conseguindo esperar sua boa vontade para ir me ver. Que caralho de papo foi aquele de terminar nosso trato?

— Eu também quero, mas... Você tem a mente muito pequena, Magno. — Fala com um pinga de agonia. — Em relação a muita coisa, é pequena demais para lidar com uma mulher como eu. Até mesmo em um caso que é passageiro. Sou grande, penso alto, sou uma figura pública e não um hamster de laboratório. Infelizmente o sexo gostoso não é o suficiente.

Um tremor ruim toma conta do meu corpo, algo que senti apenas uma vez, quando Anne ia se casar com outro e recusou me dar uma segunda chance. Engulo seco.

— Não posso mudar quem eu sou, ou minhas convicções.

— Mas esse não é quem você é. Homens não nascem machistas e babacas, eles aprendem.

Eu assinto, dou um pequeno giro passando as mãos nos cabelos. Ela continua parada me olhando, de braços cruzados. O leve vento da noite balança uma mecha teimosa em sua testa.

Eu nunca falei com ninguém tudo que está dentro de mim. Acho que por isso Vilma prefere Lorenzo e Romeo, meus irmãos são mais sensíveis e expõem seus sentimentos. O exército deixa o cara duro e impenetrável e, para mim, abrir a

boca para falar é o maior dos desafios.

Mas ela vale a tentativa, então eu digo o mínimo:

— Ok. Às vezes eu excedo nos comentários, mas, cara, eu só não posso me expor ao ponto de deixarem que me machuquem. Só um homem tolo deixaria isso acontecer e te garanto que não tem no mundo um ser mais especialista em machucar homens do que as mulheres. Coração longe da foda, Lavínia. Você sabe disso.

Ela apenas assente me encarando com uma expressão dolorosa. Ajeita a mecha de cabelo teimosa e suspira.

— Você não pode entrar. É pelo nosso bem, acredite.

— Ah, cacete. Transe comigo apenas. Não vou falar nada. Olha minha situação, o rei dos reis da foda, o cara que tem uma agenda com lista de espera, estou aqui implorando uma hora de atenção. Porque hoje meu dia foi uma merda, só pensando quando você tomaria vergonha na cara e iria voltar ao clube para me ver.

Ela dá uma pequena risada e seus olhos assumem um brilho que me faz sentir bem em ver. Ela abre a boca para falar algo, mas eu interrompo:

— Eita porra. Que caralho é esse? — Dou um pulo e olho para o chão. Em meio à escuridão, uma pequena bola de pelos se mexe perto do meu pé. Miando escandalosamente.

— Magno! — Lavínia dá um grito meio gemido. — É um gatinho. Você pisou nele. Meu Deus! — O desespero dela ecoa pela noite. Até tampa os olhos para não ver a tragédia.

Me abaixo e pego o pequeno felino. É bem pequenino. Um filhotinho todo preto, apenas a barriga branca; ele mia descontrolado enquanto eu examino-o para ver os danos.

— Que dó. — Ela continua choramingando de perto, sacudindo as mãos.

— Está tudo bem. — Concluo dando o diagnóstico. — Não pisei. Ele só está fazendo drama.

— Ele está miando porque você pisou nele. — Ela acusa.

— Você pisou em mim e nem por isso estou fazendo esse draminha barato. — Acaricio o pelo preto do filhote e ele começa a se acalmar. — Acho que está com fome.

— Me dê. — Ela estende a mão. — Vou cuidar dele.

Olho para o gatinho e para ela. Em seguida, para o portão do prédio. Tenho uma ideia.

— Não. O gatinho é meu. Aonde ele for eu tenho que ir. Se ele entrar, eu entro também.

Ela ri balançando a cabeça e vira as costas para mim.

- Só o tempo de alimentar o gato.
- Assim que se fala. O gatão aqui está com um apetite voraz.

Magno

Lavínia entra correndo e some lá para dentro me deixando na sala com o pequeno felino na mão.

O apartamento dela está nitidamente em reforma, quase concluído, mas ainda há caixas lacradas em um canto, luminárias ainda não instaladas e não há sofá, apenas um tapete com almofadas em frente a um belo e grande painel para a televisão. O luxo é admirável, tem muito vidro com aparência de cristal. Uma prateleira ainda vazia de vidro, um lustre exuberante e janelas gigantescas do outro lado onde pode ver a cidade lá fora. A vista é atraente.

“Miaauu!” — O gato escandaloso mia tentando descer do meu colo.

— Xiu. Silêncio! Quer que a onça expulse nós dois daqui?

Continuo olhando o ambiente. É uma sala grande que é dividida por uma parede de vidro. Do outro lado a sala de jantar e, mais à frente, posso ver a cozinha atrás de um balcão, onde Lavínia está preparando alguma coisa.

Há ainda muita coisa enrolada em jornal, e nada de enfeites ainda. No chão, entre as almofadas tem uma manta e um catálogo de uma lanchonete.

— Aqui. — Ela vem correndo com uma mini tigelinha de leite. — Dê o leite a ele.

— Tome, dê você. Eu só dou leite a gatas, nunca a filhotes. — Pisco para ela provocando uma revirada de olhos teatral.

Com cuidado, Lavínia pega o gatinho das minhas mãos e se senta no chão colocando ele perto da tigelinha.

— Tome, bebê. Tome leitinho.

— Essa frase ficou bem sugestiva.

— Ah, cala a boca.

Compartilhamos uma pequena tensão, olhando o gatinho dar alguns passos e cheirar o leite. Em seguida dá uma lambidinha e gosta do jantar.

— Vou adotá-lo. — Lavínia cochicha, como se não quisesse assustá-lo.

— Negativo. Meu gato, minhas regras.

— Não é seu, estava em frente à minha...

— Ao prédio, que não te pertence.

Ela fica de pé e, de braços cruzados, me encara.

— O que quer?

— Guarda compartilhada? — Sugiro e ela acaba rindo.

— Certo. Como isso vai acontecer?

— Nosso bebê mora com você mas tem que deixar o papai aqui vir visitar sempre.

— Magno, eu não te quero na minha casa, dá um tempo, se toca.

Seguro-a pelo braço e puxo-a com força.

— Você vai me tocar. Me mostre seu quarto.

— Não.

— Vamos foder aqui na frente do filhote?

— Não vamos transar. Eu estava pedindo comida e você chegou, precisa ir embora.

— Peça para nós dois. — Solto-a e com rapidez tiro meus sapatos, o celular e a carteira e coloco ao lado da televisão, desabotoo a camisa sem deixar de dar um sorrisinho patife e, por fim, me sento entre as almofadas. — O que estava assistindo?

Ela fica paralisada com cara de tacho, incrédula com minha naturalidade. Pego o controle e aperto o play.

— Que porra é essa?

— *RuPaul's Drag Race*. — Com destreza, tenta arrancar o controle de minha mão, mas afasto.

— Que diabo é isso? — Vejo perplexo na TV um monte de marmanjo se maquiando em frente a espelhos enormes.

— É um reality sobre drag queens.

— Reality de cu é rola. Assina Telecine?

— Magno, essa é minha casa, é meu momento da noite, meu tapete e minha manta.

— E seu amante pronto te esperando. Quer vim, vem.

Ela bufa revoltada, esfrega as mãos nos olhos e sacode a cabeça desistindo. Eu ajeito as almofadas e me deito escolhendo algo legal para ver. O gato ainda bebe leite, um guloso filho da puta. Lavínia pega o catalogo do restaurante e, após digitar o número, olha com revolta para mim, sabendo que é impossível lutar.

— Hambúrguer?

— O maior, por favor. Estou varado de fome. Coca e fritas. Vamos começar a assistir uma série juntos?

— Não. Muita intimidade. Oi, boa noite. Vocês ainda estão entregando? — Ela começa a falar no celular e sai de perto de mim para fazer os pedidos.

O gato termina o leite e começa a caminhar em passos trôpegos. Apanho-o.

— Tomou um porre guloso? — Levanto-o e, para minha surpresa, algo me chama atenção. Examino suas partes íntimas e não me surpreendo ao ver que é uma gata.

Rio e baixinho a chamo de Xana. Pensei em Xota, mas iria ficar muito explícito. Xana é legal, remete a uma das melhores coisas que Deus já inventou, a boceta, e é uma homenagem à forma que eu descobri sua sexualidade: analisando as partes íntimas.

Deixo a gata no meu peito, ela puxa meus poucos pelos do peito com as unhas novinhas, se espreguiça e deita na maior mansidão sobre meu abdômen.

Lavínia volta e se detém paralisada vendo a cena.

— É uma gatinha. — Eu digo, acariciando de leve o pelo. Os olhinhos da gata fecham devagar mostrando o quanto está relaxada, gostando do carinho.

— Uma gata? — Ela ajoelha perto, sorrindo com encantamento.

— Sim. E se chama Xana.

— Xana? Que merda de nome é esse? — Ela gargalha e sou pego desprevenido. Gosto de sua risada e foi minha vez de pegá-la desprevenida quando puxo-a e beijo sem pressa seus lábios.

Ela afasta, olha para minha boca sem piscar, desce os olhos pelo meu corpo e, em um rompante, pega a gatinha, coloca-a ajeitada em cima de uma almofada a uma distância segura e puxa a blusa de moletom revelando os seios que são minha perdição.

— Sabia que não iria resistir. — Vanglorio tirando a calça na velocidade da luz.

— Calado, apenas faça seu trabalho. — Completamente nua, ela vem para cima de mim e deita sobre meu corpo nos ajeitando pelados em uma posição perfeita.

Ela está completamente no controle, buscando o que deseja e arrancando de mim tudo que pode para lhe proporcionar prazer, como se eu fosse seu empregado sexual, e isso me excita de um modo que nunca senti.

Sexo no tapete com Lavínia foi uma das coisas mais deliciosas que já experimentei durante muitos anos. Por mim eu passarei a noite tendo ela cavalgando meu pau de uma maneira única, sensual e provocante, capturando para ela o melhor que eu tinha para dar.

— E seu amigo?... Paulo? — Questiono.

— Não. Pedro.

— Hum, Pedro. — Ela está na cozinha tirando os lanches das embalagens. Vestiu minha camisa e me puni interiormente por ter gostado tanto de vê-la com minha roupa. Jamais isso tinha acontecido e eu era o principal crítico de caras que deixavam mulheres fazer isso.

Lavínia me entrega os refrigerantes e pega a bandeja com os sanduíches.

— Pedro está legal. Não foi mais à sessão de terapia, como eu havia te

contado.

— Já deve ter caído no pau. Essa é a prova perfeita que você precisa para entender que rola cura muita coisa. — Ela revira os olhos para cima e até ruge levemente revoltada. — Será que se encontrou com Guilherme depois daquele dia? Conheço o cara e ele é bem libertino, come geral.

— Ele ainda não me contou, e eu não vou perguntar, uma vez que ele não sabe que eu já sei. — Ela me olha com pose investigativa. — Você é um machão todo cheio de preconceito, mas tem amizade com esse tal de Guilherme.

— E quem disse que tenho preconceito? Só falo a verdade. — Nos sentamos para assistir e comer. Lavínia não discute, fica calada comendo e assistindo.

Enquanto devoro com voracidade o X-tudo, ela se senta de lado, virada para mim e não para a TV.

— Dei uma olhada sobre você na internet. — Ela fala.

— E...

— Achei seus irmãos lindos. Me conte sobre vocês.

O fato dela dizer que meus irmãos são lindos me incomoda levemente e me faz dar uma resposta atravessada:

— Já não deu uma olhada na internet?

— Sim, mas não é a mesma coisa.

— Hum... — Espremo o pacotinho de ketchup em cima do sanduíche e dou uma mordida. Lavínia me olha pacientemente enquanto mastigo e engulo tudo com o gole de refrigerante. — Tem o Romeo, o mais velho. Vai se casar em breve, mas já mora com a mulher e tem dois filhos. É CEO da nossa empresa.

— Lindo ele. — Ela comenta e eu ignoro isso.

— Lorenzo é o mais novo, se casou recentemente e acabou de ter um bebê; trabalha com a gente na empresa e ajuda a esposa dele na Mademoiselle.

— Ah, é. Que legal. Eu vi mesmo que ele é casado com a Angelina Velasco. Adoro as roupas da Madde. E aquele que estava com você no clube? Seu primo, não é?

Mastigo e engulo antes de responder.

— Sim, Amadeo, meu primo. Tá morando aqui e está tentando uma vaga na nossa empresa.

— Casado, enrolado...

— Meio enrolado. Está caidinho por uma garota. Ah! — Levanto um dedo e sorrio ao lembrar de Kate. — A garota é louca por mim. Ou era, até tempos atrás.

— O quê? Que garota? — A voz dela assume um tom mais alto, mostrando alerta.

— A do meu primo.

— SÉRIO?

— AHAM. — Dou duas bocadas seguidas no sanduíche e mastigo com calma apreciando os sabores. Ela não come, apenas me observa, em suspense.

— E aí? Comeu ela? — Coloca uma batata frita na boca, eu pego um punhado com várias e enfio na minha boca.

— NÃO.

— NÃO COMEU? — Agora ela se mostra mais interessada. — Por quê? Ela se fez de difícil? Já pressinto que foi isso. E você, como não tem saco para essas coisas, mandou ela passear.

— NÃO. AO CONTRÁRIO. — Tomo todo o resto do refrigerante e abro outra latinha. — Ela se jogou em cima de mim descaradamente o dia que me viu pela primeira vez.

Lavínia bebe um gole da minha coca e franze o cenho para mim.

— NÃO ENTENDI PORQUE VOCÊ NÃO A PEGOU. VOCÊ GOSTA DELA?

— NÃO. QUER DIZER, GOSTO MAS NÃO NO SENTIDO DE PAIXÃO. ELA É MELHOR AMIGA DA MULHER DO ROMEO.

— MAS...

— KATE É ESPECIAL. EU VI NO PRIMEIRO DIA QUE ELA É EUFÓRICA E SE APEGA RÁPIDO demais. Pra você ver, meu primo comeu ela durante uma semana e a garota já gamou.

— VIXE, ESSA COLOCA O CORAÇÃO NA FODA. GRANDE ERRO.

— POR ISSO MESMO. PERCEBI JUSTAMENTE QUE ELA É DESSAS. É GOSTOSA, BONITA, ME DEU TESSÃO MAS VI QUE...

— É CHAVE DE CADEIA.

— É. SEM FALAR QUE ROMEO E LORENZO GOSTAM MUITO DELA E SERIA MEIO estranho eu comer, descartar e ficar encontrando-a sempre na casa dos meus irmãos. Imagino o drama que mulheres como ela devem fazer se forem rejeitadas logo depois da primeira transa.

— BOA ESCOLHA VOCÊ FEZ. — APONTA UMA BATATA PARA MIM. — MAS SERÁ QUE ELA AINDA GOSTA DE VOCÊ?

— NÃO SEI SE SUPEROU. — ERGO OS OMBROS. — NUNCA A TRATEI MAL, SEMPRE FUI muito gentil.

— NÃO QUERO SABER DE GENTILEZA COM UMA GAROTA QUE SONHA EM DAR PARA VOCÊ.

— E VOCÊ POR ACASO É MINHA DONA PARA MANDAR EM ALGUMA COISA?

— CARA, UM MÊS, LEMBRA? ENTÃO PODE IR GUARDANDO O MAGNÂNIMO BEM guardadinho na cueca.

Rindo, volto a morder o X-tudo.

Mais tarde, acordei assustado olhando em volta, me situando onde estava. Senti que algo tinha mudado, e de alguma forma fiquei feliz de não estar no

clube sozinho em meu quarto. Lavínia se agarrava ao meu corpo e sua pele arrepiada indicava o quanto sentia frio. A sala estava gelada, além do mais estávamos sem roupa sobre o tapete.

Desliguei a televisão e, sem que ela acordasse, peguei-a no colo e andei pela casa até achar uma porta, entrar e me dar de cara com um belo e gigantesco quarto feminino. Deitei-a na cama e, antes de qualquer outro movimento que eu pudesse fazer, ela abriu os olhos.

— Você ferrou com a gente nesse exato momento. — Sussurrou.

— Eu sei. — Cochichei de volta e me enfiei no edredom com ela, abraçando-a de conchinha. Eu estava ciente de que levá-la para a sua cama e dormirmos abraçados era um patamar alto demais para fingir que tudo não passava de foda de amantes.

Lavínia

Eu disse a mim mesma que não me importei quando acordei e Magno já tinha ido.

Eu jurei para mim mesma que estava tranquila e achando a coisa mais natural do mundo. Mas a quem eu queria enganar? Xana deitada ao meu lado? Não mesmo.

Eu estava toda despedaçada por dentro, por diversos motivos e um deles era sim por ter acordado sozinha com a gata ao lado que com certeza ele colocou.

Acabei de terminar um noivado e já sinto explosões de loucura por outro homem e dessa vez é bem mais preocupante, porque com Felipe eu tinha minha sanidade intocável e bem controlada, já agora com Magno eu não consigo pensar em outra coisa que não seja ele por perto. Quero ficar conversando com ele, poder tocar em qualquer parte do seu corpo enquanto come vorazmente, poder rir de suas piadinhas ácidas e dormir juntos.

Eu até entendo completamente que ele precisou sair bem cedo, não por ter algum compromisso, mas porque deve ter sido bem pesado para ele passar uma noite na casa de uma mulher, fora de seu habitat, de seu território de domínio. Magno não deve estar diferente de mim nessa manhã e posso até sentir, em uma espécie de cumplicidade, essa fadiga que nos envolve.

— Olá, pequena. — Viro para o lado e caricio a gatinha. — Seu papai é um idiota supremo que está fazendo a mamãe pirar.

“Miau.” — Ela se espreguiça.

— Isso aí. É justamente o que vou fazer. Ou seja, nada.

Não tenho nada para fazer a não ser deixar que o destino tome conta. Eu poderia me proteger terminando tudo com ele, mas não conseguiria, em hipótese alguma eu farei isso num momento que a única coisa que me interessa é transar com ele.

Após tomar um banho e um café relaxante, me entrego ao ensaio. O concerto será amanhã à noite e as músicas que escolhemos são mais para clássico, sem a pegada pop que costumo apresentar. A música me domina e em um instante é tudo que sinto: as notas formando a melodia. Todos os problemas e pensamentos somem quando eu me uno ao violoncelo.

Almocei às duas da tarde, só quando eu tive certeza que eu e o violoncelo estávamos falando a mesma língua.

Xana ainda é novinha e só come e dorme. Enquanto ela ocupava uma almofada, eu cochilava ao lado até meu celular vibrar e eu dar um pulo. Era uma mensagem, de Magno.

Mais que depressa apertei em abrir o aplicativo, nem passando pela minha cabeça ignorar.

Sr. Tanque:

Como vai a Xana?

Rio percebendo o duplo sentido da pergunta dele.

Eu:

Está bem, descansando. Adora beber leite.

Sr. Tanque:

Disso eu já sabia. Essa Xana adora um leitinho.

Começo a digitar uma resposta:

Por que saiu tão cedo?

Digito, olho a mensagem e apago. Escrevo outra.

Não me chamou quando saiu.

Fico olhando o celular e apago a mensagem.

Vai voltar hoje?

Que merda, Lavínia. Deixa de ser tola. Chamando o cara para sua casa? Apago.

Como está seu dia?

Reviro os olhos. Nenhuma mensagem que dê a entender que somos um casal. Apago.

Como demoro a responder, ele manda outra.

Sr. Tanque:

Quer ir comigo a uma festa no sábado?

Eu:

Não. Nada de sairmos juntos.

Sr. Tanque:

O que tem a ver? É festa particular, você pode ir como minha amiga.

Eu:

Vou pensar.

Claro que quero ir. Só não vou falar isso.

Sr. Tanque:

Certo. Só me avise antes para eu confirmar presença.

Sr. Tanque:

Já comprei ingresso para seu concerto amanhã.

— Xana, vou para uma festa com o safado gostoso. Sou uma idiota mesmo, e daí? Vai me julgar? — Falo com a gata e ela nem abre os olhos para me dar

atenção.

Eu:

Nos vemos lá, então.

Sr. Tanque:

Sim. nos vemos. Um beijo na Xana.

Rio e envio um emoji de beijinho. Deixo o celular de lado e sem perceber estou sorrindo para a televisão desligada. Como eu deixei que chegasse a esse ponto?



À noite, dou uma passadinha na casa dos meus pais tendo que suportar o drama sem fim do meu pai por eu ter tomado um caminho diferente do que ele queria. Não estou com Felipe e muito menos na casa com eles. É triste não poder fazer as vontades dele, mas sou adulta e preciso decidir o que é melhor para mim.

Após me empanturrar com torta de maçã e imaginando que posso perder tudo na academia, me dirijo para uma breve visita a Pedro. Conversamos rapidamente pelo celular, mas preciso ver com meus próprios olhos se há alguma mudança nele, após o encontro com o cara que Magno indicou.

Naquela noite na boate, ele chamou o homem, contou rapidamente tudo que eu tinha lhe falado sobre Pedro e ele aceitou tentar interferir nos planos do meu amigo para que não se mate nessas terapias ridículas.

Mas agora, estou com medo, porque não é certo eu agir dessa forma, tramando pelas costas, mentindo para ele.

Pedro está sorridente quando abre a porta para mim. Isso me deixa aliviada.

Entro, olho ao redor e de volta para ele. Está de moletom, com os cabelos bagunçados; no sofá um cobertor, um notebook e uma papelada. Ele corre para juntar tudo.

— Sente-se, Lav. Estava trabalhando e assistindo.

— Não sei como você consegue fazer isso. — Me sento e ele pula ao meu lado no sofá após tirar a papelada dali.

— Está serelepe, feliz. O que houve?

— Nada. Quer dizer... — Ele sorri se fazendo de tímido, colocando a mão no rosto.

— O quê? Conte!

— Eu seria um mau amigo se não te contasse.

— Ai, meu Deus! — Exclamo. — Quero saber.

Ele faz um suspense mordendo o lábio, seu rosto fica mais vermelho que o normal e então solta como um tiro à queima-roupa:

— Tive um encontro com um cara ontem.

Ai, que bom! Deu certo! — Comemoro em pensamento.

— Como é que é? Pedro! Sério?

— Calma. Não rolou nada, apenas amigos. Só amigos.

— Me conte mais, quem é?

Sou uma vaca. Eu já sei de quem se trata.

— Nos conhecemos semana passada naquela boate, e ontem ele me ligou. Na verdade ele vem ligando a semana toda, e eu acabei aceitando tomar uma cerveja juntos. Apenas isso.

— Mas e aí? Tem chance? Ele é gay?

— Sim. É bem bonito, tem trinta e oito e é um empresário de sucesso.

— E vai deixá-lo apenas no âmbito da amizade?

— Ai, Lav... — Ele esfrega as mãos no rosto demonstrando o quanto está mexido e confuso. Seguro sua mão e aperto-a.

— Pedro, não desperdice oportunidades. Pense em você, isso é o que você quer?

— Não é sobre o que eu quero. Uma vez que eu fizer, não tem mais volta.

— E por que você teria que voltar? Quando a gente experimenta a felicidade, não é necessário querer macha à ré.

Ele assente me encarando com tristeza.

— Me diga os prós e contras sobre esse cara. Vamos debater, isso sempre ajuda.

— Sim. — Ele se anima, se senta sobre as pernas.

— Ele está interessado? Demonstrou interesse além da amizade?

— Sim. Muito. Ele me quer e deixou isso claro.

— Uau! Então o quarentão é direto. Isso é bom. O que mais?

— Gostoso nível ômega e se veste bem. Bem-sucedido, solteiro, não deve explicações para ninguém, além de fazer dois tipos de luta para autodefesa e ter quase um milhão de seguidores no Instagram.

— Por acaso você fez esse cara no The Sims? — Berro de verdade impressionada. — Pedro, esse cara é o sonho de qualquer um.

Ele concorda com um tímido “sim”.

— Mas então, e você? O que sentiu por ele?

— Atração.

— Apenas?

— É difícil. Eu gostei de conversar com ele. Me contou muita coisa legal, falamos sobre tudo e nem vimos o tempo passar.

— Faça uma coisa por mim, e por você principalmente.

— O quê?

— Continue sendo amigo dele. Apenas isso. Nem precisa ter mais nada,

todavia, uma pessoa que possa te entender vai te ajudar muito. Pelo que contou, ele é bem vivido, experiente e pode te dar conselhos.

— Tem razão. Pensei nisso. Nem fui na terapia por esses dias e o doutor que a conduz já me ligou.

— Não vá mais. Que merda de terapia é essa que tocar em uma vagina vai lhe fazer deixar de ser gay? Quer dizer que se um homem hétero tocar uma rola vai passar a gostar? Isso é ridículo.

Pedro gargalha e em seguida fica de pé.

— Venha para a cozinha, vou preparar um chazinho para a gente. — Deixo meus sapatos na sala e vou atrás dele. O apartamento de Pedro é modesto, mas bem arrumado. A cozinha é toda planejada em vermelho e branco. Pedro sempre teve bom gosto para tudo. Ele mesmo planeja e arruma.

Ele coloca água na cafeteira e eu sento no banquinho do balcão.

— Agora fale de você. Como está com o tal amante lá? — Pega as xícaras e coloca diante de mim. — Aquele homem é um estrondo de tão gostoso, quase me joguei em cima dele na boate.

— Você é um putinho safado. Fique longe do meu boy.

— Seu boy? Que vaca sem-vergonha! Já está nesse nível?

— Ele dormiu no meu apartamento essa noite. Transamos e comemos hambúrguer.

Segurando um pote de biscoitinhos, ele se vira abruptamente.

— Valha-me, Deus! Lavínia, sua doida. Como deixou isso acontecer?

— Eu não sei, tá? Não sei mesmo como eu perdi o controle dessa forma. — Deixo meu semblante cair em lamentação — Só não consigo dizer não. E ele é muito insistente, vive na minha cola, como um cãozinho abandonado. E como eu tenho coração mole...

— E boceta em brasas...

— Cala essa boca. Minha boceta não manda em mim.

— Quer dar para ele mais uma vez? Responda com sinceridade.

— Arrgh! — Rosno tampando o rosto e, quando volto a encarar Pedro, estou com uma expressão sofrida. — Eu só penso em transar com ele.

— Faça o seguinte: mantenha o cara longe de qualquer aspecto íntimo. Longe de sua casa, não deixe que ele faça amizade com seus amigos ou familiares e nem converse muito. Apenas pá-pum. Chega, fode e sai. É a única maneira de se manter intacta.

Entristecida, me vendo em um beco sem saída, confesso:

— Adotamos uma gatinha juntos, temos guarda compartilhada e vou a uma festa com ele no sábado.

Pedro para com a jarra de água quente, me encarando perplexo.

— Uma gata? Sério? Já têm um pet juntos? Me chame para a cerimônia de casamento, cadela libertina.

— O meu chá bem forte, estou precisando me acalmar.

Lavínia

Na noite de terça-feira, eu consegui apagar momentaneamente qualquer preocupação da mente, porque eu tinha que me focar apenas no concerto daqui a pouco.

No meu camarim, pronta para entrar, viro e encaro Pedro.

— Escolhi bem? — Giro exibindo meu vestido longo.

— Maravilhosa. Você sempre está poderosa nos concertos.

— Obrigada.

— Todos estão aí, seus pais, Isaac, Dante e Isa, Magno...

Suspiro quando ouço o nome dele. Não deixo transparecer no meu rosto e nem digo nada que possa me comprometer.

— Vá e arrase.

— É o que sempre faço. — Pisco para Pedro e caminho para a porta.

Ao caminhar sobre o palco até o meu lugar, meu coração palpita de um modo que não tinha sentido ainda todas as vezes que me levanto em um concerto.

Dessa vez tenho consciência da minha família e amigos aqui e dele... Magno. Ele já esteve presente em outros concertos, mas em nenhum outro tínhamos essa ligação feroz que nos impulsiona um para o outro.

Como sempre faço cumprimento a plateia e me sento com o violoncelo apoiado na perna. Ele está na primeira fileira, como sempre em um local privilegiado. Duas pessoas após estão meus pais e sei que não iriam gostar nem um pouco de saber do meu envolvimento com outro homem em tão pouco tempo de fim de noivado.

Fecho os olhos, acompanho mentalmente a introdução do piano e abro os olhos no exato momento que passo a haste a primeira vez nas cordas do *cello*.

Me sinto viva. Tocar sempre vai me dar essa sensação divina de arrebatamento. Meus poros se eriçam arrepiando como se fosse a primeira vez e, sentindo essa saborosa plenitude, nada me dá medo.

Nada mesmo, nem meus sentimentos.

Após o concerto eu vou para meu camarim e visto uma segunda roupa, mais confortável, e curta. Para receber alguns fãs. Aqui no Brasil não tenho tanto assédio como lá fora em outros países, e eu devia esperar que o primeiro fã a vir me ver seria Magno.

— Oi. — Ele sorri todo gato em um terno preto delineando seu corpo grande,

com as mãos para trás.

— Oi. — Meu coração acelera. Eu quero pular nesse cara toda vez que o vejo.

Ele vira as mãos para frente e exhibe um enorme buquê com papel branco e vermelho. — Para você. São coxinhas.

— Como é que é? — Berro rindo, chegando perto para conferir. — Magno! — São coxinhas de verdade e ainda estão mornas. Coloco as mãos na boca.

— Você disse que se eu te desse coxinha eu a teria cinquenta por cento. O resto eu posso conquistar com piroca e chantagem.

Fico sem reação ao ouvir isso. Não sou louca, eu entendi como uma declaração de que vai tentar me conquistar. Eu poderia mandá-lo embora agora, mas a única coisa que faço é receber o buquê de coxinhas.

— Obrigada! — Finjo que não escutei o que ele acabou de dizer. — Vou ter que dobrar as horas na academia para perder toda essa caloria.

— Posso dar uma passadinha lá no apartamento, para te ajudar a comer ou a perder caloria. — O canto do lábio sobe lascivamente, cheio de libertinagem.

— Não. — Rio e me viro, ainda me sentindo febril pelas palavras dele. Deixo o presente na minha penteadeira.

Atrás de mim ele retruca: — Não posso ir?

— Não. Nosso trato é no clube e ponto final. E você vai dar o fora daqui agora porque minha família está vindo e não quero que conheçam você.

— Por quê?

— Porque sim. — Viro para ele e Magno fica inacreditavelmente mais gato quando sorri maliciosamente.

Ele se porta, quase sempre, como se não desse a mínima para nada, não tivesse preocupação e sempre escolhe o lado pachorrento das situações. Seus sorrisos de “foda-se” me cativam cada vez mais.

— Estou com saudade da Xana. Deixa eu ir visitá-la.

— Você colocou esse nome ridículo na gata para ficar fazendo essas piadinhas infames. — Acuso-o sem conseguir esconder o sorriso. — Xana está ótima, mandarei uma foto dela quando chegar em casa.

— Ótimo. Doido para ver o bigodinho da Xana.

— Ah, Magno, cala essa boca e saia daqui. — Empurro-o para a porta e ele se deixa levar. Antes de sair me puxa e beija minha boca. Agarrando meu corpo, pergunta: — Quer ir na festa comigo? Te garanto que não vai se arrepender.

— Sai. — Empurro-o. — Não me pressione. Vou pensar.

— Ingrata. Da próxima vez vou te foder tão forte que vai perder a fala. Mas isso só vai acontecer quando você vier me procurar.

Meu corpo queima ao ouvir isso e dá até vontade de gritar para ele passar na minha casa depois das onze, porque eu quero essa foda selvagem sim. Fecho a

porta e rio para o buquê de coxinhas.

Essa peste desse homem é a tampa da minha panela. Desgraçado gostoso de uma figa. Como vou poder me proteger desse veneno? Me sento de volta em frente ao espelho e abaixo os ombros, cansada de lutar mostrando força, quando tudo que quero é poder ter o sujeito por perto.

Minha família chega com meus amigos trazendo flores reais, me parabenizando pelo excelente concerto. O buquê de coxinhas não passou despercebido e eu apenas disse, sem querer dar importância, que era de um admirador. Pedro logo soube a verdade vendo em meus olhos, já meus pais garantiram que era de Felipe e isso fez a esperança deles aumentar.

Depois de dar uma rápida entrevista, fui para casa dos meus pais para um jantar descontraído em família. Seria uma noite perfeita se acabasse em um delicioso sexo com o rei de copas.



Magno não me deixou em paz nos três dias seguintes. Ainda achei estranho que não forçou a barra para nos ver. Apenas me enchia de mensagens humoradas e fim. Ele queria que eu cedesse e fosse atrás dele, isso era óbvio. Mas não ia acontecer mesmo. O pingo de autocontrole que me restava não me deixou chegar perto daquele clube. Era uma clara disputa de poderes, nós dois temos orgulho de sobra e era o principal fator que atrapalhava o sexo.

Decidi ir na festa com ele no sábado e até lá fizemos jejum de três dias. Xana era o único elo que nos ligava. E quando me dei conta, já estava apaixonada pela gatinha preta dorminhoca.



— É festa de quê? — Isa pergunta ao telefone.

— Não sei. — Me olho no espelho. Um vestido tubinho na frente do corpo. — Balada, na certa. Acha legal um tubinho provocante?

— Talvez. Como ele é?

Analiso o vestido que seguro.

— Tubinho, curto, tomara que caia, de renda azul.

— Fica bom com um dos seus milhares de saltos de marca.

Caminho até a cama, pego outro vestido e trago ao espelho.

— Ou um vestido nude, de alcinha e saia rodada na altura dos joelhos?

— Perfeito. Calce com um salto de cor.

Me sento na cama e olho desanimada para Xana ao lado.

— Nossa, amiga! — Digo à Isa. — Sou acostumada a me vestir para festas de luxo em diferentes países, a escolher minhas roupas para os concertos, mas hoje, que é apenas uma noite com um cara, estou sem saber o que vestir. — Lamento me sentindo com treze anos.

— Vá de Lavínia Torres. Onde quer que ele vá te levar, você vai abafar. Quero o relato completo na volta, você está me deixando de lado e se aliando só ao Pedro.

— Claro. Você não pensa em outra coisa que não seja transar com seu marido. Sua safada. Te ligo quando voltar, beijos.

Magno chegou às oito em ponto me fazendo admirar sua pontualidade. Pela roupa que vestia, era mesmo uma balada. Estava de jeans escuro, botas pretas estilo militar e camisa clara também jeans com as mangas arregaçadas até o antebraço.

— Você está bonita.

— Obrigada. — Até sinto minhas bochechas corarem. Estou quase acreditando que estou vivendo um casinho clichê.

— Mas... — ele passa por mim na porta — não se compara à gata mais linda da noite. Eu seria injusto se não dissesse. — Abaixa, pega Xana e a beija. — Xana, a gata das gatas.

— Idiota. — Volto correndo para o quarto, para terminar de arrumar. Amarro meus cabelos em um coque alto e coloco brincos grandes de tema africano. Minutos depois, saímos deixando a gatinha sozinha em casa. Como a adotamos oficialmente, é hora de ajeitar serviços para ela, como veterinário, hotel de bichos para quando formos sair...

Chegamos a um luxuoso condomínio e meu olhar de interrogação nem parece preocupar Magno. O guarda da guarita o conhece, acena para ele e minha confusão só aumenta a medida que vamos passando pelas belas ruas particulares, bem iluminadas e com árvores bonitas.

— Que lugar é esse?

— A festa, ué. — Diz com a maior cara de pau.

— Que tipo de festa é, Magno?

— Festa com bebidas. — Tamborila os dedos no volante, despistando.

— Você disse que era uma festa particular, para eu vir com vestido de noite.

— Sim. E é. Você vai arrasar lá.

— Em um condomínio?

Como resposta, recebo apenas um sorriso amarelo de pessoa que está aprontando e foi pega no flagra.

Eu abro a boca para berrar pedindo explicações, mas ele para o carro. Olho para o lado e estamos diante de uma casa muito bonita. Há carros na frente e pessoas entrando.

— Chegamos.

Aparentemente, é mesmo uma festa.

Será que é alguma daquelas festas de swing que passam nos realitys do

Discovery? Estremeço só em pensar. Não quero transar com outro cara e muito menos deixar que Magno transe com a esposa de alguém.

Desço do carro, ele dá a volta, abre a porta do fundo e quase me faz ter um ataque ao tirar um dinossauro gigante roxo de pelúcia.

— Mas que porra é essa?! — Exclamo.

— Faz parte, venha.

Isso só pode ser loucura. Sigo-o e as surpresas da noite estavam apenas começando. Do jardim todo iluminado, música infantil nos recebe, engulo seco sentindo meu corpo gelar, Magno aperta minha mão e...

Puta que pariu. Eu vou matar esse filho da puta. Ele me trouxe em um aniversário de criança!

Entro em pânico, mas é tarde demais para eu agir. Praticamente todos viram nos encarando, reconheço os dois irmãos dele e Angelina Velasco.

O desgraçado me trouxe para conhecer sua família.

A sala está toda enfeitada de azul e vermelho, com a decoração do Homem-Aranha. Letras grandes acima da mesa principal com o bolo com os dizeres: “Parabéns Gael”.

— O que você fez? — Murmuro apenas para ele escutar. Com a maior cara de pau do mundo, responde no mesmo timbre, só que em espanhol:

— *Cumpleaños de mi sobrino.*

Eu vou matar ele. Eu quero arrancar as bolas perfeitas desse imbecil.

Só me resta sorrir um tanto sem graça. As pessoas à minha frente parecem estar vendo um fantasma e eu quase posso adivinhar que estão pasmos por Magno ter vindo com uma mulher para um momento tão familiar e isso com certeza é inédito.

— Lav, esses são Romeo e Lorenzo. Meus irmãos.

Lav? Esse cara deve estar bem chapado.

— Olá. — Cumprimento cordialmente. Os dois irmãos vão aos poucos se refazendo do susto.

— Manos, essa é Lavínia Torres. — Ele chega mais perto dos dois homens e cochicha: — Eu disse e vocês não quiseram acreditar.

— Olá, Lavínia. Seja bem-vinda. — Romeo tenta mostrar naturalidade. — Magno falou de você.

— Falou, é?

— Sim, e muito bem.

— Na verdade ele fala de você desde uns dois anos atrás. — Lorenzo fala e ganha um chute na canela acertado por Magno.

— Falando nisso, onde está o aniversariante?

— Ali. — Romeo acena e uma mulher mais velha se aproxima com um

menino vestido numa roupinha do Homem-Aranha.

— Olha, o titio chegou. — A mulher fala e ele pula feliz no colo dela fazendo festa por ver Magno.

— Olha o que trouxe para você. — Magno mostra o dinossauro gigante e o sobrinho berra batendo palminhas:

— Dino!

— Por enquanto pelúcia, quando tiver dezoito, vai ter passe vitalício no clube do titio.

— Só a mãe dele que não pode escutar isso. — Romeo ri e acena para uma mulher, chamando-a para se aproximar.

— Vilma, essa é a Lavínia. — Lorenzo cutuca a mulher que estava com o aniversariante. Agora ele já está no chão pulando no dinossauro de pelúcia. — Está acompanhando o Magno.

— Oh, meu Deus! Minha querida. — Ela passa o olhar avaliador pelo meu corpo me fazendo querer cobrir o decote de meu vestido. — Sou Vilma, a quase-mãe.

Caramba! A quase-mãe. Magno me paga.

— Ah. Oi, Vilma.

— Se está aqui com ele é porque... é sério... entre vocês? — Ela tem um forte sotaque espanhol. Mais do que Magno e Romeo.

— Não, Vilma. — Magno interrompe. — Lavínia é uma amiga.

— Xiu. Fique com os rapazes. — Ela manda Magno calar a boca e me segura. — Venha, vamos conversar ali. Oly! — Grita para a mesma mulher que Romeo chamou. — Venha aqui conhecer uma pessoa.

Magno faz um gesto de “não-posso-fazer-nada” e me deixa ser levada para um grupo de mulheres. Não acredito que isso está acontecendo. A última coisa que eu precisava é conhecer a família do cara e depois sair como a escrota que pisou no coração do pobrezinho e o deixou. Porque eu sei que não há futuro além de sexo para mim e ele.

E para piorar mais ainda, quase cuspo o refrigerante quando sou apresentada a todas, inclusive a uma loira linda bem vestida, com um sorriso divertido: Kate. A dita-cuja que arrastava um bonde por Magno.

Em que eu fui me meter, meu Deus?

Magno

— Chupem, seus pau-no-cu. — Dou um soco no ombro de Lorenzo zoando com eles. — Eu disse que estava comendo a Lavínia e ninguém acreditou em mim.

Romeo ainda olha incrédulo para ela, lá do outro lado no meio das mulheres rindo nesse instante de algo que uma delas disse.

— Ela pareceu bem surpresa de estar aqui. — Ele analisa. — Trouxe-a sem que soubesse, Magno?

— Lógico. Eu tinha que mostrar que cumpri meu papel de macho abençoado. Ela não iria querer vir se eu dissesse que é aniversário do meu sobrinho. Enganei.

— Ela vai arrancar teu couro depois.

— O couro da minha pica de tanto foder.

— *Ôder*. — Gael repete e só então vemos que ele está no chão, aos nossos pés, ouvindo.

— Shhh. Não pode falar isso. — Romeo corrige o filho. — Palavra feia. Vai brincar com os amiguinhos, olha lá o Johnny. — Romeo faz sinal para Carlota, mãe de Olivia, e ela vem pegar o menino e levar para a área das crianças. Meu irmão se volta para mim com o cenho franzido de irritação: — Para de dar mau exemplo para as crianças! Não quero ter que te expulsar da festa.

— Eita. Olha lá a Kate. — Lorenzo aponta sutilmente com o queixo. — Ela está conversando com Lavínia. Deve estar fazendo sua caveira.

— Lavínia conheceu meus defeitos antes das qualidades. Não tenho medo.

— Então é mesmo sério? Já conhecem até defeitos? Bem-vindo ao mundo dos escravocetas, irmão. Quando é que vai dar o rabo? Você prometeu que daria se um dia isso acontecesse.

Romeo gargalha junto com Lorenzo me deixando puto da silva.

— Escravoceta de cu é rola. Olhe bem para minha cara e veja se tenho vocação para ser Lorenzo, Romeo ou Amadeo, que ficam presos com uma única mulher. Estou me divertindo com ela; é foda, ouviram? Trepada, sexo gostoso sem compromisso. Coisas que vocês não sabem o que é.

— Ok. Não precisa ficar furioso. Acreditamos que você não gosta dela e está só passando tempo. — Lorenzo estende as mãos na defensiva.

— Ela é bem bonita e tem uma classe elevada. O cara que colocar um anel no

dedo dela terá sorte. Pena que não será você. — Romeo diz.

O desgraçado me pegou pela cauda. Senti raiva crescente ao imaginar que outro cara vai ao menos tocar nela, veja lá colocar um anel no dedo. Já quero matar o filho da puta que ousar.

Lorenzo percebe minha contradição em falar uma coisa e sentir outra. Bate no meu braço e confidencia: — Está tudo bem. Eu queria destruir dolorosamente uma mulher e agora não consigo ficar um dia sem ela. Eu entendo perfeitamente o que é um cara ter que lutar contra seus próprios princípios.

— É. Ele tem razão. Se for para ser, você não vai conseguir fugir.

— Vocês são uns imbecis facilmente manipulados. Se um dia eu precisar de família, pagarei uma barriga de aluguel para ter um menino e deixar toda minha herança. É meu projeto de futuro, sem mulheres, sem problemas. — Digo, mas continuo olhando sem piscar para Lavínia segurando o bebê encapetado de Lorenzo. Ela ri, faz um comentário para Angelina e todas em volta riem, até Kate.

Não acredito que a gangue da calcinha já está acolhendo Lavínia.

Na hora de cantar parabéns a você, me juntei novamente a Lavínia na mesa de doces.

— E aí? Está gostando?

— Sim. Quem não gosta de aniversário de criança, né? — Ela nem olha para mim, sua atenção nos diversos tipos de doces coloridos.

— Tirando as crianças, é uma boa festa. — De verdade, não sei onde Romeo e Olivia acharam tantas pestes para convidar. Se bem que só as crias dos caras lá do banco AMB já encham uma festa.

— Sim. — Ela ri concordando. — O ruim é que os docinhos aqui é “sirva-se à vontade”, o legal é a adrenalina de roubar. — Ela escolhe dois docinhos e coloca no pratinho.

— Não tem coisa melhor. — Recebo um brigadeiro que ela me oferece. — Mas, e sobre a galera? O que achou?

— Você tem uma família incrível, Magno. Já fui até, contra minha vontade, colocada em um grupo só de mulheres no WhatsApp. Todavia, ainda vai se lascar mais tarde, por ter me trazido de surpresa.

— Me lascar?

— Sem sexo, Sr. Tanque. Essa é a única forma de tocar na sua ferida. Olha lá, todos em volta da mesa, venha, vamos cantar parabéns ao seu sobrinho.

Mais tarde, todos os convidados foram embora. Ficaram apenas a família rodeando a mesa de jantar. Eu tinha comido de empanturrar. Cachorro quente, salgadinhos, docinhos, bolo. Aniversário de criança é a melhor festa para os adultos.

Eu me senti feliz por eles a acolherem e fazerem-na se sentir à vontade. Vilma estava de olhos brilhantes sorrindo maravilhada de tudo que Lavínia dizia. Ela acha mesmo que é a minha salvação, que enfim todos os Lafaiette vão ter seu destino. Eu discordo.

Vilma está toda orgulhosa falando sobre mim, como se vendesse um bibelô e falasse todas as qualidades da peça rara. Como Lavínia é a surpresa da noite, ela é alvo de todos à mesa, mas incrivelmente não se sente desconfortável. É acostumada a dar entrevistas, deve ser isso.

— Nos conte, Lavínia: como é viver mundo afora em turnê?

— Bom, não é algo como turnês da Rihanna, por exemplo. É mais calma, mais centrada para um público mais restrito. Geralmente eu passo um ou dois anos em um país para fazer as apresentações. Minha agência sempre faz contratos nessa faixa de tempo.

Isso ela não me contou. Eu já desconfiava de algo assim, uma vez que pesquisei um pouco sobre ela.

— Então a próxima turnê é aqui no Brasil? Ou está apenas de folga e vai voltar? — Ela olha para Olivia, e depois seus olhos encontram os meus. Titubeia antes de responder, mas quando fala, é pura sinceridade.

— Sim. Estou aqui apenas de folga e, em breve, partirei. — Ela sabe que eu sei que estava aqui apenas para o casamento que não vai mais acontecer. Felipe, o mela-cueca, foi o motivo que a fez vir.

Todos na mesa ficam com a mesma expressão, como se estivesse combinado. Eu posso facilmente ler o que cada um dos rostos diz, algo como: “Mas e o Magno?”.

Finjo que não estou nem aí e já emendo outra coisa:

— Ela vai se apresentar aqui no Rio novamente. Vocês poderiam ir, para ver que show esplêndido.

— Obrigada. — Lavínia sussurra para mim e, como todo mundo já perdeu a expressão de bunda, eu suspiro louco para me dar um soco, por ter ficado bem bolado com essa história dela ir embora em breve.

— Quer conhecer meu apartamento? — Pergunto, quando já estamos indo embora.

Ela nem olha para mim.

— Não. Me leve para casa.

— Se quiser acabar de passar a noite no clube...

— Minha casa, Magno.

Ok, senhora bipolar.

Toco no painel do carro e aumento um pouco o volume. A música que começa

é de Simone & Simaria. Enquanto dirijo, tamborilo os dedos no volante ao som da música.

*“Olha você me ligando, passando mensagens
Se não ligasse eu iria ligar
Mas esperei a tua reação...”*

Olho para o lado e Lavínia continua com a cara fechada dando atenção à rua lá fora, que nem está tão movimentada assim perto das duas da manhã. Tento buscar na minha mente algo que eu tenha feito ou falado para deixá-la assim e, após uma análise, me julgo inocente. É por isso que bato na tecla mil vezes que mulheres são a ruína de um homem. Quem pode aguentar uma coisa dessa? Essa variação de humor como se tivesse saído do circo e entrado em um funeral?

Ela acabou de sair da casa do Romeo, rindo e conversando com todos e agora está com cara de cu.

Agradeço silenciosamente por estar apenas no âmbito “foda”. Se fosse mais que isso, eu juro que já teria surtado, coisa que nunca acontece com um cara tão controlado como eu.

*“Pensei que ‘cê fosse embora
Eu não tive resposta
Mas quando o mel é bom a abelha sempre volta”*

— Quer por favor mudar de música? — Ela pede e, no botão do volante, atendo seu pedido mudando para a próxima faixa.

Eu acho que capeta tem mais facilidade de possuir mulheres, porque não tem condição uma mudança brusca dessa, de comportamento.

A próxima música faz Lavínia revirar os olhos.

Cinco dias, uma hora, dez minutos

Que eu não te vejo

O relógio conta as horas

Enquanto eu conto nos dedos

Eu finjo que nem vejo a instabilidade dela e agora, além de tamborilar os dedos, começo a cantarolar baixinho.

E já pensou?

O ar-condicionado no 15 e a gente suando

Dessa vez ela nem pede, bate o dedo no painel e muda de música.

— O que está acontecendo, porra? Quer se abrir ou prefere se fazer de adolescente?

— Por que você tem que ser desse jeito? — Ela berra enfim.

— O quê? De que jeito, cacete?

— Olha só. Você faz essas merdas e se faz de vítima, de desentendido. Ficou com aquela cara lá na mesa, me fazendo parecer um monstro sem coração.

Como se eu tivesse te abandonando.

— Eu? Que porra de cara eu fiz? Tu *tá* louca?

— Todos lá me olharam com desprezo e te olharam com pena.

Olho para o lado e o ar de revolta banha seu rosto. Inacreditavelmente.

— Você só pode estar bêbada. A culpa não é minha se você é uma nômade.

Ah! Que se dane. Eu não preciso discutir nada com você, não temos nada.

— Sim, não temos nada. E o que combinamos, Magno? Apenas me diga, vai que sofreu um trauma por aí e esqueceu.

— Cara, você é muito dramática. — Grito de volta para ela. — Está fazendo picuinha onde não existe.

— Eu te pedi que não queria família envolvida, não queria nada íntimo. Eu não queria conhecer Lorenzo ou Romeo...

— Ah, até parece que te apresentei a uma milícia perigosa. Vá se tratar.

— Me tratar? — Berra com semblante carregado — Vou mesmo. Porque eu devo ser muito louca para ficar com um cara como você.

— Foda-se.

— E desliga essa merda, caralho! — Ela tem a petulância de desligar o som do meu carro.

Ninguém bate no meu carro e fica por isso mesmo.

— Não vou desligar porcaria nenhuma! — Grito, aumento o volume e canto o mais alto que consigo:

“Esse coração aí

Tá se fazendo de bobo

Ele gosta mesmo é de mim...”

Ela abre a boca perplexa e posso ver que ela acha minha reação infantil e afrontosa.

— Louco! Você é inacreditável, meu Deus. Quero ir embora dessa merda de país logo.

— Que vá! Some. — E para pirraçar continuo cantando muito alto, aos berros:

Esse coração aí

Tá sendo ignorante

Pra me esquecer, vai precisar de um transplante!

Chego em frente à casa dela, nem paro o carro direito e ela salta correndo. Eu saio e vou atrás.

— Lavínia!

— Me deixe.

— Não tem motivo para você agir assim e sabe disso, quando voltar à lucidez e quiser conversar feito adulto, então me procure.

— Sonhe.

O fogo da raiva me consome e eu deixo a boa vontade de lado.

— Vou sonhar mesmo, depois de foder gostoso lá no meu clube. Eu sou a porra de um empresário bem-sucedido, dono do clube de maior prestígio aqui e não preciso mendigar atenção. — Dou as costas para ela e entro no meu carro arrancando, cantando pneu dali.

Do retrovisor posso ver que ela não entrou, continuou no mesmo lugar olhando o carro e, para meu deleite, tem um acesso de fúria e joga no chão a bolsa, louca de raiva.

Que merda foi essa? Nunca, em toda minha vida, eu desci ladeira abaixo dessa forma, discutindo. Geralmente mulheres ficam bravas comigo, mas eu tenho um controle absurdo e apenas fico calado, no fim, meter um pé na bunda delas é a melhor resposta.

Todavia com essa demônia eu não consigo simplesmente me controlar. Lavínia faz desabrochar em mim muitas emoções antes escondidas e começo a me preocupar com isso.

Sem dúvida, transar com alguém é o melhor que eu posso fazer agora, para tentar ter de volta minha vida tão rigorosamente controlada.

É para o clube que vou. Acabar com o jejum de quatro dias sem sexo.

Lavínia

— Eu sei, tá garota? Não olhe para mim com essa cara. — Me sento e abaixo o rosto contra as mãos. Merda! Merda! Eu acabei explodindo, fiquei com muito ódio por... Levanto meu rosto sofrido para Xana, que me encara da poltrona. — O ódio que eu tive, Xana... foi por ter sentido coisas que jamais senti antes. Quando vi o olhar dele, abalado por eu ter que deixar o país, simplesmente perdi o controle.

Me levanto e ando pela sala, abraçando meu corpo, com a respiração rápida me dizendo que mais um passo e eu surto.

Eu não queria ter ido, mas no fundo eu gostei. Não esperava gostar tanto assim, todavia, as garotas são divertidas, incluindo Kate. Estou apaixonada por aquelas vacas. O que me deixa mais chocada é...

Limpo uma lágrima e confesso para Xana:

— Eu me dei conta, quando o vi pálido na mesa, eu me dei conta que já fomos longe demais e eu quero aquele desgraçado na minha cama todas as noites. Aquele patife infernal sabe fazer o serviço bem feito e ainda me deu coxinhas.

A gata mia aleatoriamente e eu sacolejo meu dedo na frente dela, negando.

— De jeito nenhum. Eu não vou dar o braço a torcer. Eu sou Lavínia Torres, morro de paixão, mas não me rebaixo. Nunca fiz esse papel e se eu fizer só serei mais uma nos pés dele.

A gata bem na boa lambendo a pata.

— Maldito! — Pego uma almofada e acerto na estante. Xana dá um pulo assustada.

Eu não seria tão inocente a ponto de ficar esperando alguma mensagem ou ligação dele. Apenas fui dormir, desejando profundamente que ele não fizesse besteira e fosse aliviar a raiva em bocetas alheias. Não perdoarei Magno se ele ousar fazer isso, temos um trato, e claro, o ciúme corre quente em minhas veias só em pensar nele livre lá no clube escolhendo uma daquelas biscates para satisfazê-lo.

Eu quase fiz uma prece mais ou menos assim: “Deus, não permita que meu Tanque funcione com outra motorista. Amém.” — Entretanto, achei um pouco infantil, suprimi essas palavras e fui dormir quando já passava das três da manhã.



Todos os meus sentimentos que estavam em erupção estão controlados agora pela manhã. Sentada no sofá com uma caneca de café, vejo as notícias do dia pelo tablet.

Meu agente me ligou agora cedo dizendo que minha entrevista tinha sido publicada e que ficou linda, e agora a emissora — que vai transmitir a série em que vou atuar — me convidou para ser entrevistada em um programa de grande audiência deles, no domingo à noite.

Após ler a matéria, fico feliz com o resultado e gosto da foto que estampa. Estou de pé com meu violoncelo.

Deixo o tablet de lado e me deixo embalar por pensamentos controversos. No fundo, acho que eu devo um pedido de desculpas a Magno, porque não sou uma garota fútil mimada que dá chlique na primeira oportunidade e é o que ficou parecendo.

Eu poderia esperar ele dar o braço a torcer, mas isso tem a ver comigo mesma, com o que eu sou e não quero deixar transparecer uma imagem que não é minha.

Crio coragem, pego o celular e digito uma mensagem. Curta e direta.

Eu:

Desculpa por ontem. Só estava confusa.

Não sou daquele jeito. Tenha um bom dia.

Penso bastante, olhando a mensagem e só depois de minutos toco em enviar. Ele visualiza quase imediatamente, como se estivesse esperando. Mas não dá indícios de que vai responder. Espero, espero e nada. Talvez esteja em reunião, quem sabe?

Ou ainda na cama com outra, descansando da noite agitada. Esse pensamento atinge em cheio minha sanidade e eu fecho os olhos para contar até dez.

Preciso voltar a meu terapeuta. Essa não sou eu. Sentir essas coisas por uma pessoa que não é nada minha... tecnicamente.

Separo algumas roupas para mandar para a lavanderia, mas como são poucas decido usar minha nova área de serviço. Preciso preencher o tempo para não ficar sentada pensando merdas.

Troco de roupa, visto uma camiseta e shorts e amarro um lenço nos cabelos.

Quando eu morava fora, quase não fazia serviços domésticos. Não tinha tempo, então eu pagava por tudo. Agora, separo as roupas por cor, coloco sabão em pó na máquina e a regulo. Xana me segue por todo canto, ela se enrosca nas roupas no chão e fica de olhos grandes me fitando enquanto canto um clássico de Tony Bennet.

Minha vida sempre foi regada à música, os ritmos me embalam. Gosto dos mais suaves e tenho inclinação ao pop. Sorrio ao lembrar do gosto musical de Magno, ontem no carro, e nesse momento, a cena dele cantando furioso é algo

para se rir hoje.

Jogo as primeiras roupas na máquina e deixo rodar. Como já estou no espírito doméstico, vou até a cozinha e vejo na geladeira o que posso fazer para um almoço caseiro solitário.

Tem frango, o que dá para fazer vários pratos. E tem também legumes frescos que a diarista comprou. Decido fazer frango grelhado com legumes e arroz branco.

Xana vem para a cozinha, pula na cadeira e me assiste abrir a embalagem de frango e colocar no micro-ondas para descongelar.

Nesse instante a campainha toca, e sou obrigada a deixar os legumes na pia e ir ver quem vem me perturbar às dez da manhã. Minha mãe, com certeza.

Abro a porta e sinto um abalo rápido tomar meu corpo ao dar de cara com Magno à la executivo: terno três peças preto e gravata azul.

— O que está fazendo aqui? — Pergunto não dando chance de ele abrir a boca para soltar um “oi”.

— Eu...

— Como subiu?

— O porteiro permitiu. Eu vi sua mensagem. — O sorriso se expande.

— Existe uma coisa chamada dedos e teclado. Bastava ter digitado uma resposta, não precisava vir até aqui.

— Que legal ser recebido dessa forma. — Passa os olhos pelo meu corpo e elogia: — Você está bem... sexy. Não vai me deixar entrar?

— Escuta — recosto no batente da porta —, como foi sua noite? Fodeu horrores? O poderoso empresário bem-sucedido e tal. — Faço-o lembrar de suas promessas gritantes ontem a noite. por que eu não esqueci nem por um segundo.

Ele faz uma pose galante, tranquilo, com as mãos nos bolsos. Seus sapatos são lustrosos de dar gosto. O homem é grande, elegante, bonito, sangue quente espanhol... Combinações perigosas.

— E se eu trepei a noite toda, isso faz diferença para você? — Seu sotaque até se acentua, o deixando mais atraente.

— Se sua intenção for transar comigo, então faz. Se vamos ficar só na conversa de agora para frente, não me importo.

— Bom, já vi que com mulheres o negócio é sinceridade. Boceta não me falta, mas ultimamente estou querendo comer uma específica. Nesse caso, só por causa disso, eu garanto que passei a noite pianinho, como um anjo.

— Seeei.

— Ok. Não como um anjo. Bebi um pouco.

— Então... — toco na gravata dele acariciando-a — quer dizer que nosso trato continua?

— De pé como meu pau.

Puxo-o para dentro de casa pela gravata e Magno já entra me agarrando, me tomando em seus braços.

Está tão cheiroso que eu desanimo de tentar ao menos lutar contra qualquer sentimento em relação a ele. Estou me entregando logo e que se dane.

Magno bate a porta com o pé e vamos andando tropeçando nos móveis, sem desgrudar do beijo acalorado e molhado.

— Se for grosseiro comigo mais uma vez, juro que apago você de minha vida.

— E se for louca varrida mais uma vez comigo, juro que te fodo até fazer seu juízo voltar. — Rindo, abre a boca e abocanha a minha. Sua língua é uma tentação, sua boca inteira me dá arrepios por cada cantinho do meu corpo; Magno tem o beijo mais inesquecível que eu já pude experimentar. Ele me joga no sofá, sim, agora tenho sofá: grande e amplo, e pensei em testar com ele o dia que a decoradora o trouxe.

Todavia, agora eu desvio e caio de pé do outro lado. Ele me olha ofegante e confuso. Suas sobrancelhas sobem.

— Estou fazendo almoço e lavando roupa. Preciso ao menos tirar a roupa da máquina.

— Não achei que fizesse serviços domésticos. — Ele começa a tirar o terno e eu nem paro para apreciar o espetáculo. Saio correndo para a área de serviço. Tiro a roupa lavada, esfrego algumas peças e coloco outro pequeno monte na lavadora, ficou mais um pouco no chão e, para acabar logo, jogo tudo de uma vez só, incluindo dois jeans.

— Sentiu saudades, Xaninha? Hein? — Nem me surpreendo ao ver Magno só de cueca com a gata na mão. Ela fica toda manhosa brincando com os dedos dele e lambendo.

— Tirou a roupa?

— Estou adiantando serviço. Fique ali, os adultos vão conversar agora. — Ele coloca Xana no chão e vem em minha direção.

— O que está fazendo?

— Te pegando. — Me agarra e em um impulso me coloca sentada em cima da máquina de lavar que está em funcionamento.

— Magno.

— Xiii. Vamos nos livrar disso aqui. — Ele desabotoa meu short e eu nem tento impedir.

— Poderíamos ir para o sofá. — Murmuro, aspirando o pescoço dele e mordendo a pele quente em seguida.

— Aqui mesmo, poxa. Estou com fetiche de te comer aqui.

Levanto um pouco o corpo para facilitar que o short saia já com a calcinha.

Me sinto libertina, mas maravilhada com a experiência. Geralmente sexo para mim era feito apenas no quarto.

Magno empurra minhas pernas para abri-las e, com seu polegar, acaricia meu ponto íntimo começando a pulsar de prazer. Ele sorri satisfeito, chupa o dedo, olha nos meus olhos.

— Sempre pronta para mim. Você é toda minha, Lavínia. — Agarrado a meu pescoço, me puxa para beijá-lo.

— Por enquanto. — Sussurro arfando. — E você é todo meu.

— Que seja.

Quando sua boca toca no meu centro latejante, eu quase explodo em pedacinhos. Fazer sexo oral nunca mais será o mesmo depois de Magno. Ele me faz sentir viva em constantes pulsos de prazer feroz. E, por isso, pensar em “pós-Magno” me desestabiliza por dentro. Ele é meu e não quero deixar isso acabar. Todavia sei que ele odeia relacionamento e não vai embarcar em mais nada que além de um mês.

Suspiro quase dolosamente e ele levanta o rosto para me olhar.

— Não pare. — Empurro sua cabeça de volta para o meio de minhas pernas. Eu devo ser louca por estar em debate interior enquanto tem uma língua dessa fazendo loucuras nas minhas partes íntimas.

Magno não tem cabelos grandes que permitem que eu os segure, mesmo assim agarro em sua cabeça e deslizo feliz pela ponte do prazer crescente que ele proporciona em chupadas gulosas, devorando cada parte da minha sanidade.

Eu gozei aos gritos em cima da máquina de lavar que ainda funcionava. Uma das experiências mais incríveis, porque tinha sido sem planejar, natural e, claro, foi com Magno.

— Me leve ao caminho da felicidade, gata. — Ele abaixou a cueca e já tinha um pacotinho de camisinha na mão. Ainda arfando, eu o esperei, devotada, enlouquecida por sua presença, por sua gigantesca força como a carga gravitacional do Sol mantendo a Terra em sua órbita.

E nesse momento eu me sentia melhor do que Ícaro, porque eu voei bem perto do Sol e não me queimei, na verdade eu amo ser queimada por ele, o fogo dele me vicia e me faz querer mais efusivamente.

De pé, entre minhas pernas, ele me abraçou ardoroso, e quando se deslizou para dentro alargando minhas barreiras, sorri gemendo. Tinha algo em torno de cinco dias que não sentia novamente essa deliciosa sensação de sua espessura dentro de mim.

Como uma mão que reconhece a luva, ter Magno em meu interior era tão familiar como se meu corpo o reconhecesse sendo parte de mim, e quando estava todo no meu interior quente e macio, éramos um só.

Eu não sei onde estava com a cabeça em aceitar transar na máquina de lavar. No início até que estava sendo legal. Ligada vibrando embaixo da minha bunda e Magno de pé no meio das minhas pernas mandando ver. Estava muito bom, só que algo deu errado, eu coloquei no máximo e começou a dar umas batidas estranhas. Magno parou de bombar e me olhou, ofegante e preocupado. Mesmo ele parado, a coisa ainda me fazia pular sentada sobre o tampo da máquina.

— Magno... — Murmurei. E então ele se afastou, seu pau saiu e eu fiquei sozinha sentada pelada na máquina que bufava e pulava.

— Eita porra, Lavínia! — Ele exclamou, se afastando mais. — O bagulho tá sério.

— Me tira daqui, Magno! — Berrei segurando nas laterais da máquina. Agora eu pulava igual num touro mecânico, estava envergonhada de estar pulando sentada toda pelada parecendo num show bizarro, com tanta fumaça e faíscas saindo.

— Eu vou morrer, Magno! — Gritei em pânico.

— Vou chamar os bombeiros. — Ele correu pelado, a camisinha ainda no pau. Quase pisou em Xana, que estava no caminho.

— Magno! — Gritei! — Chamar porra de bombeiro, chama logo o necrotério para catar meus pedacinhos.

A gata estava sentada me olhando de um local seguro. Mais vergonha ainda de mim, aqui gritando e pulando pelada na máquina que se prepara para explodir. Vou matar Magno.

Ele voltou correndo e foi para a outra parede, abriu uma caixinha de energia e foi desligando todas as chaves.

Eu estava suando frio de puro medo. A coisa parou e ele veio me resgatar.

— Maldita hora que cismou de transar na máquina. — Bati nele.

— Você também é culpada! — Ele segurou minha mão.

E eu era mesmo. coloquei mais roupas que o normal e ainda deixei no máximo para ver se ela vibrava mais.

— E agora?

— E agora? Local mais seguro. — Arrancou a camisinha do pênis, jogou-a no chão e me pegou no colo. Automaticamente abracei seu corpo com minhas pernas ao redor de sua cintura.

— Sofá, agora.

Deitei no meu sofá grande e novo, e estava prontíssima para batizá-lo com meu fabuloso e delicioso Taque de Guerra. Magno vestiu outro preservativo e deitou em cima de mim, se movimentando em gloriosas investidas com seu quadril e sua bunda grande e musculosa.

Apalpei com as duas mãos, mas ele as tirou, rindo, e as segurou no alto da

minha cabeça.

— Magno... Porra!

Ele apenas riu e calou minha boca com um beijo caloroso. Porque ele sabe que sempre vai me dominar com sua boca gostosa e ainda, combinado com as arremetidas certeiras de seu pau grande e muito duro, eu estava totalmente arrebatada.

A cada arremetida eu gemia cada vez mais entregue. Ele me possuía para si, de uma forma que era impossível querer lutar, eu só queria mais e mais, sentir seu corpo grande sobre o meu.

Depois ele se sentou no sofá, com as mãos atrás da cabeça me olhando vidrado enquanto eu controlava a situação cavalcando ora devagar ora muito forte, usando e abusando.

— Tanque de guerra freado. — Murmurei e curvei para beijá-lo, magno deixou e, quando olhei sua expressão, eu soube que toquei em seu orgulho.

Em uma virada brusca, me jogou no sofá, me fazendo rir. E montou em mim com selvageria, segurando minha cintura e se aprofundando forte, muito forte e delicioso. Seu pau indo e voltando dentro de mim trazia um fogo devastador, me tocando tão fundo que eu apenas gemia enlouquecida, pirada de tanto prazer, ele segurou meus cabelos, pegou forte minha cintura e bateu feroz, como prometeu que faria, me fodendo com urgência. Da maneira que eu precisava, porque eu queria experimentar tudo dele, desde fazer amor lento até ter um sexo hard tendo tudo que o dono do Dama de Copas oferecia a suas parceiras.

Nesse instante, era apenas meu.

Quando ele me envolveu com seus braços e mordeu meu pescoço sem parar os movimentos fortes e rápidos, eu gozei aos gritos segurando apertado a almofada do sofá.

Os gemidos roucos e espasmos mostraram que ele chegou ao ápice também, e, por fim, após retirar o preservativo, caiu ofegante de lado me envolvendo no seu corpo quente.

Decidi que abraçá-lo logo após transarmos era sem dúvida uma das melhores coisas, perdendo apenas para o sexo em si.



Na cozinha, eu já tinha feito muita coisa. O arroz estava no fogo e o frango no forno assando, decidi de última hora assá-lo. Terminando de temperar os legumes, Magno entra na cozinha, só de cueca.

Estava fazendo algumas ligações importantes, foi o tempo necessário para eu adiantar tudo.

— O cheiro está bom, para quem disse que não costuma cozinhar.

— Sei me virar. Mas não é nada espetacular.

— Não importa. Obrigado por me convidar.

— Por eu aceitar, afinal você se auto convidou.

Ele ri, beija meu ombro e se senta em um banquinho.

— Posso? — Aponta para um pote cheio de biscoitos recheados.

— Claro, fique à vontade. Me viro de costas para ele e minutos depois quando meu olhar passeia por acaso de soslaio, vejo o que está fazendo. Raspando os recheios com os dentes e deixando as bandas de lado.

— O que está fazendo? — Tiro o pote de perto dele.

— Comendo?

— Está tirando o recheio dos biscoitos, isso é nojento.

— Primeiro que são bolachas. — Puxa o pote de volta. — E segundo que essas merdas só servem mesmo o recheio.

— Que bolacha, que nada. Ficou louco? Isso aqui é biscoito. — Pego outro pote vazio e coloco as bandas que ele raspou. Os outros intactos eu tomo de volta e guardo.

— Quer escutar um segredo bem coisa de viado? — Pergunta, olhando para uma maçã de porcelana em suas mãos, que acabou de tirar da fruteira de cristal.

— O quê?

— Eu acho que deveria me afastar de você, mas não estou conseguindo devido a seu alto teor de delícia.

— Por que acha que deveria afastar?

— Não sei. Não acha que estamos indo para o fundo do poço? Tivemos nossa primeira briga, já dormimos juntos e agora estamos aqui... Você fazendo comida...

Termino com os legumes, lavo as mãos e ligo a chapa para grelhar.

— Eu acabei de sair de um relacionamento, o meu mais longo de todos. Dois anos de namoro.

— Você o conhecia pra valer?

— Não. Mas essa não é a questão. — Espalho os legumes na grelha e me viro para Magno. — Eu não estou preparada para embarcar em qualquer outro relacionamento sério e é isso. Pode ficar tranquilo que nada será mais que nosso trato.

— Eu também não quero problemas na minha vida. E sabemos que mulher é problema.

— Eu sou um problema?

Ele me olha e dá de ombros.

— Se passar a ser a matriz, sim, será. Nem venha tentar refutar, você saber que é. Namoradas e esposas são a ruína de um cara.

— Nossa, que tocante! — Ironizo e vou ver o frango e o arroz.

— Não se ofenda. Você não se enquadra em nenhuma dessas classes.

— E me enquadro em quê?

— Em foda divertida?

— Ah, cara! Vá se danar e saia da minha casa. — Tiro a luva de forno e jogo nele. Começo a ficar irritada.

— Ok. Desculpa. Esqueci que não posso falar verdades na sua frente.

— Não pode ser machista na minha frente, ainda mais na minha casa, prestes a comer a minha comida.

— É uma feminista?

— Sim. Eu sou. — Encaro-o com as duas mãos na cintura.

— Não parece. — Ele me olha de cima a baixo. — É toda feminina e vaidosa, estava prestes a se casar com um homem e adora rola.

— E o que isso tem a ver? — Ergo uma sobrancelha.

— Bom, feministas geralmente são lésbicas, vestem estranho, têm sovaco cabeludo e odeiam homens.

Eu gargalho, mas sem vontade de rir. Magno é o pior ignorante. É o ignorante do boca a boca. Suas convicções são formadas pelo que ele ouve e não pelo que ele pesquisou saber.

— É triste você opinar por algo que não sabe. Feminismo é apenas lutar por direitos iguais aos dos homens, independente da aparência de quem está lutando. Emma Watson, Beyoncé, Megan Markle (a esposa do príncipe Harry), são exemplos de feministas.

— Direitos iguais. — Ele ri. — Lavínia, me poupe. E o que nós temos a mais que vocês?

Calmamente me sento ao lado dele no balcão.

— Poder sair na rua sem sofrer assédio? Não ser a maior vítima de assassinatos por parceiros pelo simples fato de não aceitarem o fim do relacionamento? Poder ser entrevistado em um emprego sem que o fator “filhos” seja relevante? Poder usar uma roupa do seu agrado ou ir a algum lugar mais tarde da noite sem ser julgado?

— Mas nada disso é culpa dos homens. Eu não posso receber a culpa se outros homens assassinam mulheres. Não acha que fazer uma lei contra todos os homens é injusto e não igualitário?

— Não é criar lei contra ninguém. É conscientização, é aprender a se comportar. Você vai ensinar sua filha a sentar corretamente, mas precisa também ensinar seu filho a não desrespeitar a coleguinha. A sociedade emprega esses juízos de valores contra a mulher porque é uma sociedade patriarcal, hoje a mulher negra periférica...

— Já estamos falando de racismo? — Ele me interrompe debochando.

— Claro que não. Não é só sobre racismo. O feminismo que eu luto é diferente da luta de uma mulher branca.

— Pirou?

— Você sabia que a mulher negra está em uma escala abaixo do homem negro? O modo como a sociedade se importa é: primeiro homens brancos, depois mulheres brancas, homens negros e, por último, mulheres negras. E se eu não lutar constantemente por isso, quem vai fazer por mim?

— Essa escala é ridícula. Isso não acontece. — Sacode a cabeça descreditado — Quer dizer, pode já ter acontecido...

— Magno, enquanto as mulheres brancas lutavam por direitos iguais, as negras tinham que lutar em dobro por vir da escravidão, elas eram as empregadas das brancas, entende? Sem falar da sexualização exacerbada que colocam sobre as negras. Eu por exemplo, sempre (você nunca vai me ver de outra forma) sempre me apresento muito comportada porque quero que olhem minha música e não meu corpo. Por isso que acredito que você me seguia porque gostava do meu dom e não por minhas pernas, ou sei lá o quê.

— Sim. — Ele concorda e parece chocado com minha revelação. — Não vou mentir que sempre fui atraído por você, mas sua música hipnotiza, não tenha dúvidas do quanto maravilhosa você é no que faz.

— Eu não tenho dúvidas, eu ralo muito para estar onde estou. Eu só preciso de, alguma forma, combater certas atitudes, e mesmo que for uma pequena coisa eu irei fazer.

— Por isso nunca posou nua. — Ele conclui.

— Jamais. Eu sei que isso vai contra o que eu prego, que a mulher pode fazer o que quiser, principalmente com seu corpo e não deve ser julgada por isso. Mas é algo importante. Que me vejam como imponente, poderosa, talentosa acima de tudo, e não me comprem por uma imagem sexy que não quero vender.

— Você é rica. Não sofre preconceito. Entra onde quiser. — Ele afirma tendo dúvidas próprias quanto a isso, como se ele torcesse para que eu concordasse.

— Aí que se engana. Dias atrás sofri preconceito no seu clube.

— No meu clube?

— Por ex-amantes suas. E eu não vou choramingar porque não é assim que enfrento isso. Enfrento com ações e não reclamando.

— Quem foram? O que fizeram?

— Apenas comentários desnecessários no banheiro, por eu estar com o dono da casa. Mas se quiser tomar providências, não irei contestar. É loira, magra do peitão e voz enjoativa, tipo anasalada.

— Silvana. Sei quem é. No clube ela não entra mais.

— Tanto faz.

Ele toca minha mão em cima do balcão e, quando nossos olhares se encontram, Magno sorri amistoso.

— Olha, eu posso ainda ter alguns pensamentos enraizados e tal, mas com certeza irei sair com um aprendizado a mais daqui.

— É o primeiro passo.

— Além do mais, você me deixou duro de tesão. Mulher inteligente é outro nível. Por tudo que sei de você, tenho certeza que é a da pica mais grossa que já tive o prazer de conhecer.

— Credo! O quê?

— Pica grossa, pica das galáxias, a dona da porra toda. Entenda como quiser. — Ele me puxa e me faz sentar no seu colo. — Eu nunca achei que diria isso, mas não quero ainda deixar ir a feminista que gosta de rola.

— Ainda bem que sabe o quanto eu gosto. — Termina dizendo com um beijo nos lábios dele.

Magno

Passei o resto do dia com Lavínia. Já mandei minha racionalidade se foder há muito tempo. Não queria saber se estava me enrascando cada vez mais e que todas essas novas coisas que eu sentia podiam ser preocupantes. Eu mesmo estava minando as barreiras que eu mesmo construí com o tempo.

Todavia, não tinha como parar. Eu estava descobrindo que não só o sexo era gostoso com ela. Conversar, e dormir juntos era excepcionalmente gostoso.

Com a cabeça no meu colo, no sofá, ela contava como começou sua carreira ocasionalmente. Lavínia veio de escola particular como bolsista e, após um programa de incentivo do governo para jovens da periferia, ela entrou em uma escola de música aos treze anos. E desde então não largou mais o violoncelo.

É muito satisfatório ouvir sua história sabendo de como nosso país ainda é preconceituoso e mesmo assim ela venceu e hoje usa sua posição para dar voz aos mais necessitados; e eu não tinha consciência disso até ela me relatar vários casos de abuso e preconceito que já sofreu ou presenciou. Em aeroporto, no cinema, em festas luxuosas. E sempre se saiu muito bem de todas essas ocasiões.

— E você? Me conte algo sobre sua vida. — Paro de fazer cafuné em seus cabelos e meneio a cabeça, pensativo.

— Minha vida é isso que você já viu. Vim para o Brasil ainda adolescente e aqui cresci. Fui para o exército, em seguida me tornei delegado.

Ela senta no sofá, ajeita mechas de cabelo atrás da orelha e, pela animação, sei que vem uma pergunta íntima.

— Magno, qual é o seu *guilty pleasure*?

— Quê? Que porra é essa? Marca de roupa?

— Não. — Ela ri. — Em tradução literal quer dizer...

— Prazer culposos?

— Isso. É quando você gosta muito de uma coisa, mas sabe que é contra a opinião geral. É como saber que é errado gostar, mas você sente prazer gostando e mantém isso apenas contigo. E aí? Qual é o seu prazer culpado?

Abano a cabeça olhando para a televisão, que passa um filme, mas nós nem estávamos assistindo.

— Sei lá. Televisão?

— Não. Se você disser que gosta de televisão as pessoas não vão te olhar estranho.

— Humn... Camisinha com sabor?
— Claro que não. Você gosta disso?
— Tem razão. Odeio. Sonho em te ver tocando violoncelo só de lingerie, isso se enquadra?

— O quê? — Ela bate no meu braço. — Tarado. Que tipo de sonho é esse?
— O tipo de sonho que homens costumam ter. Vai realizá-lo para mim?
— Não. Claro que não. Você está desviando do foco. Eu por exemplo amo de paixão reality; principalmente aqueles loucos de consertar casas e arrumar pessoas. Eu sou apaixonada por esse tipo de programa de entretenimento barato. Amo Big Brother, De Férias Com o Ex...

— Puta que pariu. Verdade?
— Sim. Costumava brigar com Felipe para assistir. Às vezes eu passo o dia só assistindo episódios que perdi, pela internet. É como meu vício, sinto prazer vendo, mas sei que se eu falar as pessoas vão me olhar com essa cara que você está fazendo, então eu amo reality em segredo.

Na verdade, eu tenho um que guardo debaixo de sete chaves. Apenas meus irmãos sabem e quase levei uma surra do meu pai porque ele descobriu uma vez e duvidou da minha sexualidade por causa disso. Desde então passo a amar em segredo. Lorenzo já até tentou contar, mas ninguém acredita que o irmão mais macho possa gostar disso.

— Bom... — Sorrio para ela.
— Ai, meu Deus! Você tem um. — Ela estala os dedos ansiosa. — E pela sua cara é bem cabeludo, não sei se estou preparada para ouvir.

— Não envolve sexo.
— Não?
Me levanto e fico na frente dela. Estou apenas de cueca desde mais cedo quando transamos. Depois do almoço deitamos para assistir e aqui estamos.

— Vou dar uma dica e você vai saber logo.
Lavínia, em suspense, está com as mãos no rosto apreensiva.
Aponto para ela e começo a cantar: — *Life is a Mystery | everyone must stand alone*|

I hear you call my name | And it feels like home...
É “Like a prayer”, de Madonna, a rainha da música que curto pra cacete desde os meus quatorze anos.

— Madonna? — Lavínia berra incrédula.
Mexendo minha cintura dura, continuo cantando essa que é a música dela que mais curto.

— Não acredito. Meu Deus, isso só pode ser realidade paralela. Você, o dono do Dama de Copas, o tanque de guerra mais machão...

— Madonna é meu prazer culposo. — Paro de cantar para confessar.

— Como isso aconteceu? Em que momento? — Lavínia está incredulamente extasiada.

— Não sei. O Lorenzo estava passando por um momento difícil e eu vivia em meu quarto ouvindo música para tentar fugir daquilo tudo. Foi uma época difícil para a gente.

— Ai, Magno, que triste. Mas que bom que a rainha do pop possa de alguma forma ter te ajudado.

— Sim, ela ajudou. Sem saber, mas ajudou. Em tempos sem internet, eu a ouvia em um rádio e essa música específica, “Like a prayer”, me encantou por causa da letra. Eu achava que nunca mais viria meu irmão... e eu... bom, foi isso... além do mais nos anos 90 ela era uma gata.

Lavínia mantém a expressão de pena por segundos estampando seus olhos esverdeados. Em seguida sorri notando que eu não quero continuar com esse assunto.

— Então, o que eu cantar de Madonna...

— Eu saberei completar.

Ela fica de pé no sofá e começa a cantar o refrão de “La isla bonita”:

Tropical the island breeze

All of nature wild and free³

Imediatamente recebo-a em meus braços e completo:

This is where I long to be

La isla bonita⁴

No tapete felpudo de Lavínia, nos abraçamos e, em ritmo de tango, pernas entre pernas, mão em sua cintura e rostos próximos, ela ria animada com a situação e eu mantinha uma encenável expressão séria. Sem música, guio Lavínia pela sala no pouco que sei desse tipo de dança. Não sou como o Amadeo, que é mestre em *paso doble*.

Ela prossegue no refrão de “La isla bonita” sem perder o passo, deixando que eu a leve em tudo que aprendi com minha cultura espanhola.

Giro Lavínia e a aparo deixando-a curvada com a cabeça quase no chão, levanto-a passando minha mão pela sua coxa, bunda e seios. Ela usa pouca roupa, como eu. Veste apenas uma camiseta com calcinha.

Ela se vira remexendo, continua a cantar a música de Madonna, junto comigo, e me abraça por trás passando a mão no meu peito e cantando baixinho no meu ouvido. Ela sabe que fiquei de pau duro e, ainda me abraçando por trás, desliza as mãos para baixo afundando de leve os dedos na minha cueca. Levo a mão para trás e seguro seus cabelos, quando me viro, abraço-a e canto um refrão em espanhol que um cantor mexicano adaptou certa vez:

*“Yo quiero estar donde el sol toca cielo
Cuando es hora de siesta tu los puedes ver pasar
Cara tan bellas, si, y no importa nada...”*

Antes de eu terminar, ela berra batendo palmas e pula no meu colo me obrigando a segurá-la.

— Meu Deus. Você cantando em espanhol é um tesão absurdo. Estou toda molhada.

— Conte uma novidade, não pode ver meu pau que já se molha toda. Se controle, garota.

— Safado. Tira logo essa cueca e vamos para o sofá, e por favor só use palavras em espanhol.

— *Carajo. Quiero mucho comer tu culo.*

— *Gana.* — Ela responde em espanhol e eu gargalho. Por que essa única palavra que dizer algo como: “faça por merecer”, “ganhe de alguma forma o direito de comer.”

— Tenha certeza que serei o único merecedor desse rabo. — Rindo, ela cobre minha boca com a sua e seus dedos já fazem a festa dentro da minha cueca.

À noite, aceitei o convite dela para irmos a uma balada que ela quer conhecer, mas nem eu nunca ouvi falar. E olha que conheço todas as baladas mais tops do Rio. Essa parece papa fina. Fica em Copacabana e se chama *O Cata-Vento*.

Com uma calça skinny, camisa preta de botão que deixa meus braços à mostra e botas em couro marrom, fui aprovado por Lavínia quando abriu a porta de sua casa.

Eu passei o dia no bem bom, logo cedo saí correndo da empresa ao ver a mensagem de desculpas dela e só gritei para Romeo que estava cagando nas calças. Depois ele me ligou, eu estava almoçando com Lavínia e tive que dizer que tinha acabado de perder o cu no banheiro, por causa da diarreia brava.

Ele disse que iria pedir à Vilma para ir me ver e, para ter um álibi, liguei para ela e pedi para me cobrir. Ela se prontificou no mesmo instante quando disse que estava com Lavínia.

Quando chegamos na tal boate, eu já notei que tinha algo estranho, não sabia o que era, mas meus instintos diziam para correr dali. Lavínia estava muito decidida a fazer-me entrar logo. Ela me puxou pela mão e largou na frente sem me dar opção de analisar mais um pouco.

A fachada era chamativa. Uma construção de dois andares com um gigantesco cata-vento colorido feito com luzes de neon.

Ela apenas piscou para o segurança e esse a deixou entrar numa boa, contrariando as pessoas que estavam na fila esperando liberar passagem. Notei

que havia muitos homens, na verdade a maioria na fila são homens.

Lá dentro a coisa era bem mais estranha. Diferente das boates que costumo ir. Logo na entrada, uma parede toda com um arco-íris colorido e lustres gigantescos.

As poltronas eram pretas e outras lilás e os bares com luzes neon coloridas. E foi para lá que caminhamos diretamente.

— Que lugar é esse?

— Um lugar que gosto de vir com Pedro.

— O quê?

Olho em volta e para minha surpresa, ou nem tanto, eu estou sendo alvo de muitos olhares gulosos. Eu até ficaria bem se fossem mulheres, mas são um monte de homens tendo pensamentos libidinosos ao olharem para mim.

— Que porra de lugar é esse?

Lavínia desiste de tentar mascarar e confessa o que no fundo eu já sabia:

— É uma boate gay.

— Como é que é? Por que trouxe aqui? Você perdeu o juízo, cacete?

— Ei, olha como fala comigo. — Ela segura forte minha camisa. — O que tem? Não me levou à casa de seus irmãos sem eu saber?

— É a casa dos meus irmãos, casa de família. Família de bem.

— E esse pessoal aqui não é de bem?

Sem querer olhar em volta, fuzilo com um olhar ácido os seus olhos.

— Você está errando muito em comparar minha família com esse tipo de gente. — Viro as costas para sair, mas ela entra na minha frente.

— Como assim, “esse tipo de gente?”

— Quer saber? Eu não quero discutir minhas opiniões aqui, em um lugar que posso ser facilmente agredido.

— Ok. Tudo bem. Eu também não quero discutir. Mas o que custa você ficar um pouco? Eu te trouxe porque hoje tivemos uma conversa bem produtiva sobre minorias e preconceitos, essa ideia me veio e...

— Ideia ridícula, Lavínia. Eu sou hétero, porra. Olha para mim e veja se combino com isso aqui?

— Tá. Eu sei. — Ela segura meu corpo, como se impedisse que eu pudesse partir — Eu só queria que visse com seus próprios olhos que são pessoas iguais a nós.

— Nem você acredita nisso. Olha os caras se beijando lá em cima, como isso pode ser igual?

— E você não beija?

— Homens não.

— Eu quero entender o que isso ali tem a ver de tão absurdo assim que possa

fazer algum mal para sua vida.

— Não faz nada contra mim.

— Então por que se importa? Por que essa revolta se aquilo não te atinge direta ou indiretamente?

Olho mais uma vez para os caras na parte de cima conversando, rindo, e volta e meia dando um selinho um no outro. Afasto o olhar e faço um gesto negando. Ela toca meu rosto e me faz olhá-la.

— Me admira o fato de você ser tão entendido em tudo sobre sexo, ser dono de um clube específico para isso, onde entra todo tipo de gente, e agora está todo encrespado. Eu não esperava que fosse tão mente fechada em relação a isso.

— Venha. — Sento em um banquinho e trago-a para se sentar ao meu lado. O barman me olha com desejo e, após rolar os olhos irritado, peço uma cerveja. Lavínia pede um drinque. — Não sou tão ignorante em relação a sexualidade alheia, eu só não me sinto legal de estar em um lugar que não vai sobrar nada para mim.

— Eu entendo. — Ela diz.

— No clube temos espaço para todo tipo de gente, como você falou, e se eu fosse um ignorante preconceituoso vetaria isso. Eu só não gostei da surpresa desagradável.

O lábio dela, bem vermelho, curva para cima em um sorriso sardônico.

— Não gosta que os caras te comam com os olhos, não é?

— Claro que não.

— É o que nós mulheres sentimos às vezes. E quando não queremos ser colocadas como um objeto sexual, alguns dizem que é mimimi, frescura.

Minha cerveja chega e a recebo junto com uma piscadinha do barman. Tomo um gole demorado.

— Estou me sentindo uma boa moça em um bar de machões. — Digo fazendo Lavínia gargalhar.

— Você é gostoso, sua masculinidade aflora por cada poro de seu corpo e isso atiça muito essas pessoas a nossa volta. — Ela dá um gole no seu drinque e em seguida cochicha: — E ele é gatinho. Aponta sutilmente para o barman.

— Ah, vá se lascar.

— Olá! — Olhamos juntos para o lado vendo um rapaz chegar.

— Tem boceta? Não, né? Pois é disso que gosto. — Respondo rudemente. O rapaz barbudinho fica perplexo e só então parece ver Lavínia do meu lado. Revira os olhos e se afasta dizendo:

— Sabia que era gostoso demais para ser verdade.

— Estou me sentindo como uma safada com vestido curto, sendo assediada.

— Ah, cala a boca. — Ela ri e se levanta me puxando. — Venha, antes de dar

o fora daqui quero te exhibir na pista de dança para as pocs sedentas da boate.

— Poc? Que porra é essa?

— Nova forma empática de se referir aos gays, principalmente no mundo digital.

— Não vou dançar. Isso é o quê? Lady Gaga?

— Jeniffer Lopez. Venha.

Ela me leva para a pista de dança e passa os braços no meu pescoço dançando devagar.

Não olho em volta mas posso sentir o olhar das tais pocs em cima de mim.

— Tem cada gatão por aqui. É como no seu clube, vi uns funcionários que Deus me defenda, de tão lindos.

Isso me irrita em um grau que eu nunca achei que pudesse atingir.

— Você poderia ser um pouco mais contida? Deveria tentar passar boa impressão, já que é uma mulher elegante, inteligente e...

Ela coloca o dedo na minha boca e beija em seguida.

— E eu tenho cara de impressora para passar boa impressão? Que se dane. Eu gosto mesmo de homens. — Aproxima mais e cochicha perto do meu ouvido: — Na verdade, sou viciada em rola. Amo mais que chocolate.

— Não tem necessidade de falar de outros. Você tem um aqui bem na sua frente e que tem uma rola demoníaca de tão boa.

— É. Eu tenho. — Ela me beija momentaneamente e, quando eu já estava relaxando em estar nesse lugar, Lavínia se afasta me fazendo ficar apreensivo com seu sorriso malandro.

— Fique aqui.

— O quê?

— Um segundo. — Ela corre em direção ao DJ, fala algo com ele e parece que é prontamente atendida. Uma música começa, voz de mulher. Pode ser qualquer uma dessas divas do pop, menos Madonna, pois eu conheceria.

Lavínia dá alguns passos para o meio da pista e grita para todos que voltaram a atenção a essa música específica:

— Ei, pocs, venham performar Lady Gaga!

Vários atendem ao pedido dela e a pista vai se enchendo, mas dançando de uma maneira organizada como se seguissem uma coreografia. Eu continuo no mesmo lugar, paralisado observando-a conduzir na dança um bocado de veados.

Mesmo com saltos imenso e uma saia que vai até os joelhos, Lavínia consegue fazer os passos ritmados. Seu corpo move com leveza sem deixar de cantar com Lady Gaga:

I'm beautiful in my way

'cause god makes no mistakes

I'm on the right track baby

*I was born this way*⁵

Sua energia contagia todos e em um instante a pista de dança está lotada com o povo dançando e cantando em alta voz.

Sinto meus olhos brilharem sem conseguir desviar a atenção dela.

E nesse momento, justo nesse lugar, eu me dou conta que perdi a batalha. Que tudo que um dia eu disse que jamais aconteceria comigo acabou de acontecer. Embasbacado, vendo-a dançar, aceito que acabou para mim. Ela me nocauteou e estou prostrado por ela.

Paixão?

Eu não conhecia, e por isso jurava que jamais iria sentir o que Lorenzo e Romeo sentiram. Olho para o chão, assustado com minha descoberta e tenho uma leve tontura, porque um dia eu achava que teria que me matar se por acaso sentisse vestígio de paixão, mas agora, quando enfim eu a sinto pela mulher mais bela, forte e maravilhosa que conheci, quero sentir a dita paixão por cada momento de meus dias futuros.

Eu queria me virar e correr porque o lugar estava me deixando tão boiola com esses pensamentos, mas Lavínia veio, segurou meu rosto com as mãos sem parar de cantar.

— Se fodeu, Lavínia Torres! — Gritei para ela acima da música.

— O quê?

— Se fodeu! Você é minha.

— Que caralho é...

— Bico fechado. Sem chance. — Prendi-a em meus braços e a beijei com todo furor que eu sentia pulsando em minhas veias como altas doses de adrenalina. Ela agarrou forte meu corpo e correspondeu imediatamente.

Esse seria meu novo segredo obscuro: O fato de eu ter aceitado comigo mesmo continuar alimentando nossos sentimentos e emoções, estando no lugar mais impensável para mim: no meio de dezenas de gays dançando “Born this way”, da Lady Gaga.

³ [A brisa da ilha tropical / Toda a natureza selvagem e livre]

⁴ [Isso é onde eu gostaria de estar / A ilha bonita]

⁵ [Eu sou linda do meu jeito / Pois Deus não erra / Eu estou no caminho certo, baby / Eu nasci assim]

Magno

Eu não dormi nada à noite.

Depois que fomos embora e transamos enlouquecidos, ela logo caiu no sono. Eu levantei e fui para a sala fumar um charuto.

A minha parte racional brigava furiosamente com minha parte emocional. Eu queria continuar com ela, porque era bom de uma maneira que eu não conseguia explicar. Era algo que eu não conseguia imaginar em outra mulher, como Lorenzo e Romeo afirmando que não queriam transar com outras que não fossem suas companheiras. É justamente o que sinto nesse instante. Quero estar com Lavínia., dormir com ela, conversar com ela e transar apenas com ela.

Que porra eu me tornei?

Apaixonado de cu é rola. Essa devia ser a máxima que eu deveria acreditar, mas não era. Apaixonado era eu mesmo passando a madrugada em claro fumando e olhando a cidade lá embaixo pela janela.

Xana se enroscou aos meus pés e eu a peguei. Me sentia o caralho de um homem fraco, do mesmo modo que fui anos atrás, com Anne. Por causa dela eu quase perdi minha lucidez e jurei não deixar acontecer de novo.

Mas Anne pisou no amor que eu ofereci a ela. Era tão novo e inexperiente...

Abalado com tudo, vesti minha roupa e fui embora deixando Lavínia sozinha na cama. Eu só não podia continuar mais um segundo lá naquela casa com todos os meus pensamentos prestes a explodir.

Precisava beber, então fui para o clube. Será que há alguma maldição nos Lafayette? Romeo estava picado de paixão, sentou no balcão do Dama de Copas sem aproveitar nada, só pensando na Olivia. Depois veio Lorenzo, sentou aqui e chorou pitangas. E agora eu, o senhor do lugar, dono de tudo isso, estou olhando para o copo de uísque como se tivesse perdido cem milhões em uma aposta.

E o mais impensável é que, assim como eles, eu recusei uma mulher. Eu, Magno Lafayette, recusando mulher.

Virei as costas e subi para meu quarto pedindo a Daniel que não me perturbasse.

Lavínia não me ligou, mas eu mandei uma mensagem no início do dia dizendo que precisei sair cedo. Ela acreditou, pois mandou um “ok” seguido de um emoji.

Agora, estou na minha sala olhando a área de trabalho do computador, sem saber o que fazer.

Minha secretaria entra, entrega um pacote de bolachas recheadas e sai. Eu olho o pacote com desanimo.

Sem ajuda não poderei tomar uma decisão. Cada um dos meus irmãos veio a mim quando se sentiram assim, confusos, e queriam um conselho porque eles confiam em mim, e não tem pessoas que eu possa confiar mais que eles.

Pego meu terno na cadeira, visto e saio da minha sala.

— Romeo está aí? — Pergunto a Saulo, o secretário do meu irmão, quando chego na ala que ele trabalha.

— Sim. Quer que eu avise?

— Não.

Quando entro na sala, Romeo levanta os olhos e, assim que vê que sou eu, volta a digitar.

— E aí? — Pergunta sem me olhar.

Me sento a sua frente e abaixo a cabeça nas mãos. Ele continua digitando por alguns segundos até estranhar meu silêncio e me dar atenção.

— Magno? O que houve?

— Cara. — Levanto o rosto e me recosto na poltrona. — Ah, cara. Eu estou fodido.

— O que houve? O que você fez? É com a empresa?

— O que você fez quando descobriu que não queria ter outra mulher que não fosse a Olivia?

Ele parece entender o que estou passando. Se levanta, vai até seu organizado bar, serve duas bebidas e me dá uma. Senta na poltrona ao lado da minha.

— Lembra daquela vez que você me fez ir ao seu clube para eu transar com outra e descobrir se eu estava mesmo querendo só a Oly?

— Sim, me lembro. Minha funcionária te drogou e você pirou.

— Naquele dia eu me dei conta que era chegado o meu momento. Todo homem um dia vai se entregar. Talvez uns nunca aceitem, outros mantenham preso dentro de si e outros demonstrem demais. Entretanto, vai acontecer, seja lá qual for a sua forma de encarar.

Tomo o uísque que ele me deu e desolado o encaro.

— Olha para mim. O cara mais forte que você conheceu. Olha a desgraça que eu me meti.

— Mano, apenas deixe seguir normalmente. Não caia nessa paranoia de que homem para ser homem tem que comer geral e não se apaixonar. Se você gosta dela, quer estar com ela, se preocupa e quer protegê-la até mesmo de uma mosca, quer mais masculinidade que isso?

Ele espera minha resposta, mas não tenho nada a dizer. Apenas aceitar que ele está certo.

— Eu não vou contar para ela. — Digo.

— Não precisa. Deixe o rio seguir seu curso. Mostre a ela com ações, se você quer essa mulher em sua vida, se não consegue suportar a ideia de vê-la com outro, então dê a ela a certeza que ela pertence a um lugar, que o que vocês têm é muito importante. Crie seu pequeno universo com ela e faça-a feliz. Pra que tantas bocetas se pode ter a única que te deixa louco?

— Você fala umas frescuras, mas que deixam as mulheres derretidas.

— Eu fui um admirador secreto, era minha obrigação ser romântico. E eu tenho certeza que conquistei minha mulher, dei a ela o nosso próprio mundo para ser feliz.

— Estou em lágrimas. — Ironizo fazendo-o rir — Vou convidar Lav para jantar.

— Já é Lav? Só deixe para casar depois de mim. Não faça como o boiola do Lorenzo que passou em minha frente e casou primeiro.

— O que disse? — Lorenzo entra nesse instante, sem bater.

— Magno se ferrou. — Romeo adianta, feliz da vida. Puxa uma cadeira e senta para eu contar. — O cara estava a pouco me dando força e agora já vai zoar.

— Se ferrou, ou se ferrou bonito?

— Se ferrou bonito.

— Que coisa boa de se ver. Eu e a Angel apostamos para ver quanto tempo demoraria para o convite de casamento chegar. Eu escolhi dois meses.

— Por que você não se fode, cara? Olha para você, com trinta anos e já está aí todo lascado, com mulher e filho para sustentar.

— Fique tranquilo, mano. — Ele bate no meu ombro e vai pegar bebida. — Em breve seremos os três Lafaiettes lascados com filhos.

— Ele terá filhas. — Romeo interpõe.

— Teu cu.

— Sim, filhas para aprender a respeitar filha dos outros. — Lorenzo concorda.

Minha secretária consegue para mim uma mesa em um bom restaurante e, assim que confirma, ligo para Lavínia.

— Oi.

A voz suave e risonha dela atende:

— Oi.

— Como está o dia? — Pergunto, sorrindo para meu reflexo na janela.

— Bem. Estou ensaiando.

— Que ótimo. Vou deixar você em paz, só queria saber se aceita sair comigo, essa noite, para jantar.

— Não é nenhuma gracinha para dar o troco na boate gay, não, é?

— Não. É um jantar. Um jantar a dois, como nunca tivemos, em um restaurante e tal.

— Eu aceito. — Sua voz é firme. Aceitando com rapidez.

— Sabia que aceitaria. Você é louca por comida.

— Mostre seu empenho, Magno, restaurante bom de verdade.

— Pode deixar. Sou um Lafaiette, não trabalho com mais ou menos. Passo às oito.

— Ok.

O restaurante que minha secretária conseguiu é um dos melhores na lista de restaurantes de luxo no Rio. Foi fácil conseguir, uma vez que somos parceiros do dono. Bastou falar meu nome para as portas se abrirem.

Fica no Leblon, e tem uma vista única, esplendorosa para o mar e a cidade iluminada.

Lavínia está perfeita como sempre, ao meu lado, vestindo um elegante vestido sem mangas, mas de renda e que chega até os joelhos. Nos pés, como sempre, saltos altos. Os cabelos presos em um penteado alto.

— Reserva para Magno Lafaiette. — Digo e somos levados a uma mesa para dois, no canto perto de uma grande janela que dá vista para a cidade.

— Não conhecia ainda esse aqui. — Lavínia diz. — Parece ser maravilhoso.

— Sim. E sugiro que prove o robalo salteado com guarnição de arroz preto e lulas.

— Adoro peixe. Vem sempre aqui?

— Mais ou menos.

— É o prato que indicaria a suas acompanhantes?

Sorriso percebendo a intenção dela. As vezes mulheres são tão evidentes.

— Está querendo saber se eu trago mulheres aqui?

— Já que desconfiou, diga logo.

— Não. Você é a primeira, mas costumamos trazer clientes importantes para almoçar ou jantar aqui.

— Que bom.

O garçom me entrega a carta de vinhos e sugere que peçamos um vinho para cada refeição, para que combine com os pratos. Aceito a dica e peço um rosé para acompanhar a entrada e, para o prato principal, pedimos o robalo e um vinho branco para acompanhar.

— Amo luxo. — Ela diz e eu não perco a oportunidade:

— Eu fiz o melhor escolhendo esse. Mulher gosta de dinheiro, quem gosta de homem é viado.

— Então eu sou viado, pois eu adoro os machos, dinheiro consigo por conta

própria. — A resposta certa dela me faz rir, olhando-a sem piscar.

— Achei que iria me bater por ter falado isso, que mulheres são interesseiras.

— Nem você acredita nisso. Sabe muito bem que eu estava com você quando achava que era um mero garoto de programa.

Isso é verdade. Lavínia não me conhecia de verdade, inicialmente. Assinto e recosto na cadeira.

— Me fale mais, sobre suas experiências. — Peço de verdade interessado. E isso é bem bizarro, uma vez que eu nunca tive interesse em ouvir papos femininos. Eu sempre partia para o ataque.

— Ao longo de minha vida estive nos melhores restaurantes ao redor do mundo. — Ela diz, com uma expressão nostálgica — fiz até um diário com fotografias, meu diário gastronômico. Eu uso meu dinheiro para me sentir bem. Se tem um vestido de dez mil reais e eu gostei, levo para casa. Da mesma forma se eu encontrar uma blusinha de dez reais e gostar.

— Eu não abro mão de uma boa camisa de marca. — Contraponho — O tecido é melhor, até minhas cuecas precisam ser selecionadas.

— Quem compra roupas para você? A Vilma?

— Não. Eu mesmo. Homem não pode comprar suas roupas?

— Geralmente são tão escorados que nem isso sabem fazer. — Ela mostra um ar superior. — Fico feliz que saiba escolher sua própria cueca.

— Eu faço tudo, menos serviços domésticos, porque para isso tem as mulheres.

— É como eu. Faço tudo, menos passar vergonha, porque para isso tem os homens. e quer saber? Talvez eu considere sexo como serviços domésticos. Que pena que você não é adepto.

— Para de zoeira.

— É bom saber seu ponto fraco. Homens são tão pobrezinhos, falam horrores, mas, se ameaçam deixá-los sem sexo, já ficam pianinhos. Depois dizem que problema de mulher é falta de rola. Sendo que vocês só se encontram na vida após uma boa surra de xota.

— Veio jantar ou fazer militância?

— Os dois. E mais tarde te foder até seu pau cair.

— Isso sim é vida boa. — Falo mais baixo porque o garçom chega com o vinho.

Após o jantar, saímos de mãos dadas do restaurante. Caralho, bicho! Eu jamais segurei na mão de uma mulher. Isso é muito frescura, pelo menos eu acreditava. Via os caras de mãos dadas e falava: “Olha lá o escravoceta”, e agora eu que peguei na mão dela, porque eu queria mostrar que essa deusa ao meu lado era minha e de mais ninguém. E as mãos dela entrelaçadas a meus dedos cabem

tão perfeitamente que parece que foram desenhadas em conjunto.

Andamos para o estacionamento que fica no subsolo do restaurante.

Tem muito carro, mas está silencioso e vazio.

— “...E que quase me mata de rir, quando tenta me convencer, que eu só fiquei aqui por que nós dois somos iguais...” — Ela canta baixinho enquanto rebola caminhando.

— Adoro o hotel. — Digo e ela me olha confusa.

— Hotel? Que hotel?

— Hotel Rabo.

— Que podreee! — Gargalha. — Ai, Magno, você me faz broxar. — Venha aqui para eu te mostrar o que adoro. — Segurando minha mão, me puxa para um canto atrás de um carro.

— O que...

Ela me empurra para a parede, olho para os lados e sou atacado por ela, que me beija ferozmente. E eu retribuo.

— Abaixa as calças! — Lavínia grunhi ainda entre meus lábios. Foi uma ordem ofegante.

— O quê?! — Exclamo me afastando dois centímetros.

Lavínia olha para os lados, passa a língua no lábio e gruda os dedos no meu cinto.

— O que está fazendo? — Seguro as mãos dela.

— Quero chupar seu pau.

— Cacete! Estamos num local público! — Geralmente era para eu ter proposto isso, mas depois de aparecer na mídia em situações duvidosas, estou meio travado.

— E o quê que tem? — Os olhos dela brilham junto com um sorriso muito pervertido. — Não vai me dizer que o famoso comedor está melando a cueca?

— Claro que não. Está me estanhando, cacete?

— Magno, esse pau gostoso não será chupado sozinho, me dê, por favor.

Que cristão pode negar um bom boquete?

Já convencido, ajudo a desabotoar meu cinto e abaixar minha calça. Ela me empurra para um carro qualquer, bato as costas e me apoio já de calça arreada e pernas abertas.

— Preciso ajoelhar. — Ela resmunga olhando em volta. Morde os lábios pensativa, pega a bolsa, coloca no chão e ajoelha em cima. — Ah! Você sabe rechear uma cueca, garoto! Estou ensopada. — Começa a massagear meu pau.

Cacete! Ela não para de falar essas safadezas e isso me deixa muito louco. A mulher é uma selvagem, me domina por completo e gosta de ser dominada. Resumindo: minha forma; pirada por sexo como eu.

Lavínia enfia os dedos pela perna da cueca e consegue pegar minhas bolas.

— Oh! — Gemo e me reteso todo pelo choque gostoso. Tesão puro queimando minhas veias. Massageia com a mão e chupa por cima da cueca a ponta do meu pau. Faz isso comigo por tanto tempo que meu corpo todo lateja, ela abaixa a cueca lentamente, meu pau salta melado, duro na altura da cara dela.

— Cara! Estou apegada no seu pau. Me chame do que quiser. Mas é disso que eu gosto! — Ela fala antes de avançar e engolir com satisfação a cabeça.

Pirado. Puramente pirado.

Ela abraça minhas duas coxas e faz do jeito que qualquer um sonha: mamando sem reservas, e ainda olhando para cima fazendo de propósito uma carinha inocente. Como eu posso deixar essa mulher por aí, solta para ser de outro cara? Não, sou muito possessivo com minhas posses e ela é minha e acabou.

Ela faz o que quer com minha rola. Pinta e borda, engole fundo, chupa só a pontinha, cabeceia a bochecha repetidas vezes, acaricia minhas bolas até me fazer gozar em estremecidas delirantes. Meu pau tem marcas de batom e isso me faz querer foder muito de tanto tesão.

— Uau! — Murmuro e ela fica de pé, rindo. Enquanto eu volto a vestir minha calça, ela limpa a boca olhando por um espelhinho. Retoca o batom e me olha com cara natural, como se não tivesse me levado à porra do paraíso com uma mamada espetacular.

— Vamos? — Diz logo depois de ficar de pé, sorrindo safadamente diante da minha respiração descontrolada.

— Va... vamos.

Vamos direto para a casa dela.

Guardo o carro no estacionamento do prédio e, quando saímos do elevador, já nos pegando aos beijos, mas precisamos parar.

Pedro está sentado diante da porta de Lavínia e, quando levanta o rosto, podemos ver que estava chorando.

Lavínia o leva para dentro de casa, ele senta no sofá de cabeça baixa, nitidamente envergonhado por eu estar perto. Ela volta da cozinha com um copo de água e senta ao seu lado. Para dar lugar, vou para a cozinha, mas posso ouvir a conversa.

— O que houve, Pedro? Me conte?

— Lav... eu não consegui... estou no fundo do poço.

— Meu Deus. Você está gelado. Me conte o que aconteceu? Alguém te feriu?

— Não. — Ele bebe um gole de água e fica olhando o copo. — Ele... o Guilherme... me beijou. Me beijou muito.

Lavínia olha para mim, daqui da cozinha dou de ombros mostrando que não posso fazer nada.

— Mas, Pedro, e aí? O que houve em seguida?

— Eu corri. Corri muito e... estou assim, Lav... Porque estou com medo de mim. Porque eu gostei muito de beijar ele. Eu estou com medo de não ter mais volta.

(POV) Pedro

Guilherme é astucioso. E eu não estava preparado para cair em um jogo de um cara que me quer. Na verdade, nunca pensei nessa hipótese, de ter um cara a fim de mim. Se eu tivesse premeditado, seria mais fácil.

Ele chegou ao escritório onde trabalho, me surpreendendo e, como é um nome de peso no meio empresarial da cidade, meu chefe recomendou que eu aceitasse seu caso.

Ele estava lá sorridente e mais gostoso do que nunca, sentado na minha frente e eu apático, como se fosse uma serpente me encarando.

Guilherme queria apenas um advogado para acompanhar seus bares e boates, e como meu patrão tinha recomendado, eu aceitei.

Entretanto, essa noite eu estava em minha casa quando ele me ligou dizendo que eu precisava encontrá-lo em um de seus bares porque tinha surgido algo. Como parte de seu quadro de funcionários, corri imediatamente para lá.

Dei dois toques na porta de seu escritório e sua voz grossa ordenou para eu entrar.

Assim que entrei, quase tive um mini enfarte.

Ele estava falando ao celular, de pé ao lado da janela. Mas o que me afetou foi mesmo sua aparência. Apenas da calça social e sapatos lustrosos, ele exibia o peito forte e os braços apolíneos. Engoli seco diante de tanta virilidade.

Guilherme é mais alto que eu. Tem cabelos negros que quase sempre estão desalinhados e agora vejo que é tatuado, parte do braço esquerdo e ombro cobertos por desenhos diversos. É uma prova de controle para qualquer mente sã.

Ele terminou a ligação e veio até mim.

— E aí? — As mãos nos bolsos, me encarando com seu típico olhar inocente, como se não soubesse o que está provocando em mim.

— Ah... me chamou... algum problema?

Seus olhos passaram lascivamente pelo meu corpo antes dele se virar, ir a um bar e servir bebida em dois copos.

— Venha aqui, Pedro. — Caminhei obedientemente em sua direção e não me surpreendi quando empurrou um copo para mim. — Tome. Sente-se aqui. Vamos conversar.

E eu me sentei em uma poltrona bem à frente dele.

— Eu gostaria que me contasse com sinceridade, o que está acontecendo com

você.

— Comigo? — Até coloquei a mão no peito.

— Pedro, eu já demonstrei que tenho interesse em você.

— Gui...

— Sim, eu sei. Você não está preparado. Mas eu não consegui aguentar e descobri algumas coisas sobre você.

— Sobre mim? Andou me espionando? — Aumentei meu tom de voz na mesma proporção de minha perplexidade.

— Infelizmente. Isso não é do meu feitio, mas eu fiz.

Me levantei revoltado, mas ele foi rápido e tocou meu peito.

— Sente-se. Eu faço isso com todo mundo que vai trabalhar para mim. Com você foi além do interesse, foi profissional.

Me sentei com todas minhas defesas acesas. Ele se recostou na poltrona e esperou um pouco, creio que dando um tempo para eu me acalmar. Em seguida, disse:

— Já fiquei sabendo dessa porcaria de terapia aqui na cidade, que tem um psiquiatra promovendo e já tomei as devidas providências para denuncia-lo pelos métodos desumano que usa. Por que está nessa, cara? Seja sincero.

Bom, como Lavínia havia me dito, ele pode me entender porque sente o mesmo que eu sinto. Sei que ele também já passou por seu momento de confusão quando se viu diferente dos outros homens. penso bastante olhando para a bebida em meu copo e só depois de tomar uma decisão levanto o rosto para ter um contato visual.

— Como foi para você? Como foi encarar o fato de que era diferente?

Guilherme não parece ter problemas em falar. Ele tem quase quarenta e com certeza é experiente e dono de si.

— Aos quatorze anos eu já tinha certeza que garotas não eram o que eu queria. Eu tentei, não contei para ninguém e fiz por conta própria. Eu fui em frente pegando toda menina que aparecia em minha frente. Mas não tinha nenhuma reação com meu corpo e às vezes tinha até uma pitada de repulsa. Eu me decidi sozinho, se não estava fazendo bem para mim, por que eu iria gastar meu tempo sendo infeliz?

— E seus pais, a religião?

— Meus pais só ficaram sabendo quando eu já era independente. Eles não têm nada a ver com minha vida adulta. E religião não deveria ser para julgar ou condenar e sim para abraçar o fraco e necessitado. Não era isso que Cristo ensinava?

— Sim. — Abaixei a cabeça olhando meu copo. Ele tinha razão. Mas para mim era diferente, uma vez que meus pais já têm pensamentos homofônicos. E

eles são tudo que tenho.

Como se tivesse acesso a meus pensamentos, Guilherme indagou:

— Quer sacrificar sua felicidade para agradar outras pessoas?

Sem resposta, mantenho a cabeça baixa.

Senti quando ele se levantou. Ficou de pé na minha frente, pegou o copo que eu segurava e colocou em uma mesinha.

— Pedro, você está se matando apenas para tentar ser aceito, sendo que já é aceito na sociedade. Você é formado, tem seu emprego, não tem por que pensar no que as outras pessoas vão achar de suas escolhas pessoais.

Eu estava olhando para cima, fitando com atenção o seu rosto. Abaixei os olhos passando pelo peito largo e musculoso, desci para o abdômen, umbigo e para a calça volumosa.

— O que você quer de mim? — Indaguei.

— Venha aqui. Fique de pé. — Estendeu sua mão. Pensei por alguns segundos e acabei aceitando-a. Quando fiquei de pé, ele acariciou minha bochecha.

— Nunca beijou um cara?

— Não.

— Fico feliz que serei o primeiro. A partir de agora vou te mostrar como é gostoso ser você mesmo.

Ele me pegou segurando minha nuca e beijou minha boca me deixando de alguma forma inerte, sem reação, apenas sentindo sua boca contra a minha e sua barba arranhando meu rosto.

Quando tentei me esquivar, Guilherme usou sua estatura e seus músculos e me empurrou contra uma parede, ele segurou meus braços, sorriu muito devasso e, antes de voltar a me beijar, sussurrou:

— Relaxe, desfrute de mim o quanto quiser.

E eu desfrutei, porque meu corpo se acendeu como jamais tinha acontecido. Eu estava sentindo coisas que nunca pensei sentir. E isso me assustou muito.

Acho que Magno ficou um pouco furioso porque Lavínia o mandou embora para me fazer companhia. Eu insisti que não queria incomodar, mesmo assim, ela insistiu e Magno teve que ficar sem a noite que com certeza ele tinha planejado.

— É ele? — Lavínia perguntou olhando meu celular, que tocava desde que cheguei aqui.

— Sim. Não para de me ligar.

— Atenda e diga que está tudo bem.

Assinto e atendo.

— Guilherme?

— Porra, Pedro! — Ele berra. — Onde se meteu, seu filho da puta? Estou como um louco preocupado com você. Cara, não vá fazer merda.

Apesar dos gritos, aprecio a preocupação dele.

— Fique tranquilo, estou bem, estou na casa de minha amiga.

— Que amiga?

— A Lavínia.

— Passa aí para ela.

Nem contesto, entrego o celular a Lavínia.

— Guilherme, não se preocupe, Pedro está aqui e vai dormir na minha casa, ele está bem. — Olhando para mim, ela o escuta e diz assentindo: — Pode deixar. Tenha uma boa noite.

Ela desliga, me devolve o celular e senta ao meu lado.

— Eu agi como a porra de um adolescente, não foi? — Questiono me sentindo envergonhado.

— Se tratando de sexualidade, você é um neném ainda. Venha cá. — Ela me puxa e faz com que eu deite no seu colo. — Posso fazer uma única observação?

— Sim.

— Se você ficar com ele, está de parabéns, porque o bicho é gostoso.

— Vaca.

— Sortudo. — Ela ri e beija minha testa, sem parar de fazer cafuné nos meus cabelos. E no fundo eu estava concordando com ela. Meu primeiro beijo foi com um homem maravilhoso, não podia ter sido melhor.

Lavínia

Sou acordada com um cheiro gostoso de café.

— Está na hora de acordar. — Entreabro os olhos e vejo Pedro de pé ao lado da cama. Sorrio e espreguiço entre os lençóis. Não tive a noite que esperava, ao lado de Magno, mas foi uma noite legal.

— Fez café? — Ajeito os cabelos e me sento.

— Sim. — Ele senta na cama recostado na cabeceira, e me entrega uma caneca.

Me arrasto preguiçosamente e me sento ao lado dele. Dou um gole na caneca de café e está do jeito que gosto: forte e doce.

— Desculpa por ter acabado com sua noite. — Pedro diz, um tanto sem graça.

— De boa. Eu e Magno ainda temos muito tempo.

— Não vai propor mais tempo depois que esse período acabar?

Desanimada, olho para ele e minha resposta é um suspiro longo com um gole de café em seguida.

— Você não está apaixonada, não é?

— Que apaixonada o quê, rapaz? Me respeita. Sim, estou. — Choramigo em seguida. — Não tem como ser outra coisa, Pedro. Eu sinto por Magno algo forte demais, não é nem parecido com o que eu tinha com Felipe, é quase como um vício. Não sei explicar, porque é algo novo para mim.

— Você precisa de um momento sozinha, para entender o que está acontecendo.

— Sim.

— Não faça nada precipitado.

— Pode ter certeza que não farei. Magno é o tipo de homem que a gente se apaixona fácil. Ele tem esse poder, mas também é aquele tipo que sabe que provoca isso nas mulheres. Mais uma apaixonada por ele não seria novidade.

— É isso aí.

— E você? Está melhor? — Olho para ele.

— Nada como uma noite de conchinha com você para aliviar meus nervos.

— Deveria experimentar uma conchinha com o Guilherme, nunca mais iria querer outra coisa.

— Safada.

— Sensata, isso sim.

Depois que Pedro foi embora, eu recebi uma ligação da produção da série de TV confirmando para hoje o primeiro ensaio com o elenco.

Estou bem animada com isso, já tenho uma base em aulas de teatro e hoje darei o meu melhor na atuação.

Às onze Magno me ligou e eu fiquei olhando o nome “Sr. Tanque” na tela até decidi atender a chamada.

— Demorou. Estava cagando?

Apesar de sorrir, reviro os olhos.

— Nossa, bom dia para você também, Magno. O que deseja?

— Sem delongas, gostaria que desse uma olhada por aí e verificasse se eu deixei minha carteira. Preciso dela com urgência.

Com o telefone no ouvido, vou para a sala e nem preciso olhar muito para vê-la no aparador no hall de entrada.

— Sim, está aqui.

— Ah, graças a Deus! Você poderia por favor trazê-la para mim? Por favor, poderíamos aproveitar e almoçar juntos. O que acha?

— Posso mandar um motoboy.

— Não vou transar com um motoboy e sim com você. Traga-a aqui para mim, por favor.

Como eu estava cheia de tédio agora pela manhã, dou de ombros e mais uma vez deixo a vida me levar.

— Ok. Me dê o endereço.

Ele me passa o endereço e me arrumo rapidamente. Na hora de sair, pego a carteira. Fico olhando-a por algum tempo. Devia apenas enfiar na bolsa e pronto. Não é minha e não tenho que mexer no que é dos outros. Entretanto, aqui dentro tem muita coisa sobre quem é Magno.

Mas por que eu quero saber?

Nada, apenas curiosidade.

O que mais a respeito dele eu posso querer descobrir, sendo que já sei muita coisa?

Porque é uma necessidade básica: curiosidade. Fim.

Decidida, abro a carteira. É marrom e de couro puro da marca Armani. De um lado tem quatro cartões de crédito. Um deles platinum.

Pra que uma pessoa precisa de tantos cartões?

Na abertura de dinheiro, conto umas cinco cédulas de cinquenta, duas de cem e várias de vinte. Em outra abertura, uma bagunça de tickets de estacionamento e segundas vias de compras em cartões.

É uma carteira normal. Olho os documentos, a identidade diz que ele tem trinta e dois anos.

Dois anos mais velho que eu.

Tem cartão de plano de saúde próprio de sua empresa e outro cartão magnético para entrar no clube, visto que o dele ainda está comigo.

Estava quase encerrando a espionagem quando algo me chamou atenção. Em um bolsinho escondido abaixo de onde coloca moedas, tem algo, e, para minha surpresa, são duas fotos. Uma delas me faz sorrir: é ele e os dois irmãos, bem mais novos, e a outra foto me deixa em choque. É uma menina, uma garota loira, aparentemente de classe média e com certeza deve ter uns quatorze ou quinze anos.

Atrás não há nada escrito e a foto não é tão velha. Isso me deixa encucada. Quem é essa garota na vida dele?

Guardo-a e saio de casa. Como eu mexi no que não é do meu interesse, resolvo não perguntar nada a ele.

O endereço que Magno me passou e eu digitei no GPS do carro me leva a um prédio de luxo bem em frente à praia da Barra.

Isso não parece a empresa. Sem sair do carro, ligo para ele.

— Oi. — Atende.

— Me passou o endereço certo?

— Sim.

— Estou em frente a um prédio de luxo de frente para o mar. Isso não é a Orfeu.

— Não estou na empresa, estou em casa.

Eu devia ter adivinhado.

— Me trouxe para sua casa?

— Como se eu nunca tivesse ido na sua. Suba logo, Lavínia, já avisei o porteiro.

Cansada para discutir, sopro o ar do pulmão buscando um pingo de paciência e saio do carro.

Minha entrada é permitida e pego o elevador direto para a cobertura. Um triplex, como eu já esperava.

Magno abre a porta quando dou o primeiro toque. Está, sem surpresa, muito gostoso, vestindo apenas short dry fit, desses de academia. O famoso short bom para beijar.

— Oi. — Pronto, já cumprimento melosamente. Derretida só em vê-lo. Nem consigo segurar o sorriso.

— Oi. Se livrou do viadão dramático?

— Não fale assim dele. — Advirto.

— Ok. Ele dormiu com você?

— Ele é gay, Magno. — Cruzo meus braços em pose severa.

— Mas dormiu?

— Sim, dormimos juntos. É como dormir com uma garota. Vou entrar ou vai me deixar aqui fora mesmo?

Ele me puxa direto para seu corpo e eu o abraço. Com uma mão na minha nuca e o outro braço me enlaçando, ele curva e me beija.

— Que bom que está aqui. — Creio que devido ao momento quente, ele acaba soltando isso em um sussurro. Magno não é homem de ficar confessando sentimentos, me afasto quase abruptamente e tento disfarçar.

— Cuidado com quem está se metendo, garoto. — Rindo, aponto para a cara dele. — Quero conhecer sua casa. Posso?

— Fique à vontade. Ele acorda de pau duro? Seu amigo.

Com o cenho franzido em uma expressão pasma, encaro-o.

— Eu não sei, Magno. Não fiz essa gentileza de pergunta a ele. E por que quer saber?

— Porque não estou conseguindo assimilar que uma rola possa ter te cutucado essa noite e não foi a minha.

Apesar de me deixar um pouco mais abalada, acabo rindo.

— Esquece o Pedro. Por um mês, sua rola é a única que me alimenta.

— Ótimo.

A sala é bem chamativa em tons de madeira e ferrugem. Tem um sofá grande amarronzado, com uma textura parecendo borrado e faz combinação com duas belas poltronas cinza-escuras quase pretas. As persianas são brancas, largas e, na vertical, parecem reluzentes. Em uma parede decorada de madeira uma televisão gigante é o foco. Imagino que deva ser uma sala aconchegante, as cores dão essa impressão.

— Gostei. — Aponto para um jarro enorme vermelho em cima de um móvel preto, contrastando com o ambiente.

— Era da minha avó. Enfie a mão e tire um bilhete da sorte, leia e jogue aí dentro de novo.

— Sério?

Ele faz um sinal para eu ir em frente.

Um pouco temerosa, me aproximo do vaso.

— Funciona mesmo?

— Sim. Você pode ler e guardar só para você ou pode compartilhar. É sorte ou azar para o futuro.

— Credo. Mas ok, estou curiosa. — Enfio a mão, sinto vários papéis dobrados, fecho os olhos e pesco um.

Olho para Magno me assistindo sorridente.

— Você tira um todo dia?

— Não. Uma vez ou outra quando me sinto pressionado.

Abro o papel e meu coração palpita quando leio:

“O amor não é apenas cego, ele cega completamente. Quando menos espera, estará cego de amor.”

Como é que é? Só pode estar de brincadeira com minha cara. Esse vaso não é de Deus. Levemente revoltada, joga o bilhete lá dentro de volta.

— Algo ruim?

— Um pouco. — Claro que não vou contar para ele essas merdas de amor. Se eu fiquei toda eriçada lendo uma babaquice dessa, imagina ele?

— Lorenzo uma vez tirou algo assim: “Se você odeia alguém, é porque odeia alguma coisa nele que faz parte de você.” E ele estava louco buscando vingança contra sua atual esposa.

Ainda em choque com a frase que tirei, encontro nessa fala dele algo para tentar tirar o foco.

— Eu lembro que ela perdeu a administração da empresa. Foi isso?

— Sim. Saiu em todos os jornais. Disseram que era uma sociedade, mas na verdade meu irmão tomou tudo dela. Deixou a coitada quase na sarjeta.

— E ainda casaram depois?

— O burro era louco de amor pela megera. No fim se entenderam e hoje têm o bebê mais encapetado que já podemos conhecer.

— Ah, eu achei ele a coisa mais fofa.

— Por acaso ele estava comendo ou dormindo? Porque é só nesses momentos que o pirralhinho sossega.

— Não gosta de crianças, Magno? — Meu olhar divertido o faz recuar.

— Adoro. Eles lá e eu cá. Criança é igual peido, a gente só aguenta os próprios. — Rio concordando com o que ele fala. Esse cara não seria um bom pai. Ou talvez tivesse que ensiná-lo.

Quando dou por mim, estou encarando Magno e ele está na mesma onda. Nós dois com caras de pamonha fitando compenetrados um o outro. Isso é coisa de louco. Abano a cabeça e ele também parece acordar de um transe.

— Eu pedi comida. Daqui a pouco chega. Quer ver meu quarto?

— Não agora. Está legal aqui.

— Você quer transar agora ou depois de almoçarmos?

Eu rio e ele não parece compreender por que estou rindo.

— Sério que não tem a opção “ficar sem transar?”

— Quer ficar sem transar? — Ele está cada vez mais incrédulo.

— Sim, tem. A opção na verdade é a que eu quiser, porque a mulher que decide. Então por que não traz uma bebida para a gente?

— Ótima ideia.

Ele volta com um vinho, me entrega uma taça e se senta com outra, relaxado no sofá, com as pernas abertas mostrando que está sem cueca.

— Que ideia é essa que a mulher que decide?

— Sim, porque se forçar é um abuso, então o sexo só pode rolar se houver o sim da mulher. Se não quiser assim, bate punheta ou faz com homem.

— Ou com outra que queira. — Ele joga achando que vai me provocar, mas errou feio em me dar a deixa.

— Ou com outra que queira. Perfeitamente isso. A questão é querer.

Ele apenas levanta a taça em minha direção, como brinde. Na verdade, eu estou louca para pular em cima dele, mas escolho permanecer com meu orgulho.

O almoço chega e comemos na bela cozinha dele, bem equipada, e que suspeito não servir para quase nada. Magno é o típico solteiro rico que prefere comer fora do que pagar para alguém cozinhar, sem falar que ele tem o clube, que por sinal serve uma comida maravilhosa.

Foi uma deliciosa refeição pedida em um bom restaurante. Falei com ele sobre a série de TV que vou atuar e conversamos trivialidades. E eu descobri que Magno decidiu ir para o lado do orgulho também. Ele não ia me chamar para transar e estava fazendo de tudo para me seduzir e eu acabar cedendo.

Isso não iria acontecer.

Ele fingia naturalidade enquanto mexia no pau, flexionava os braços, acariciava os peitos, bem na minha frente, sabendo que eu curto demais o peitoral dele. Inclusive até virou a bunda para mim, numa tentativa fracassada de me fazer perder.

Eu queria apertar e morder aquela bunda, mas fiquei na minha.

Eu tinha que sair para ir ao ensaio, e antes ele me puxou e prensou meu corpo contra a parede. Minhas mãos formigaram para tocar em seu corpo, que emanava um bom cheiro de macho e vestígios de colônia que só ele usa.

— Um beijo de despedida. — Piscou para mim e me segurou de uma forma bruta e gostosa, quase me fazendo ver estrelas enquanto consumia meu juízo em um beijo erótico. — Fique e foda comigo. — Ele pediu quase com urgência, fazendo meu corpo se arrepiar.

— Tarde demais. Eu retruquei.

— Eu vou te comer amarrada, Lavínia, pra aprender a não fugir. Até não sentir mais suas pernas. Tudo bem?

Minhas mãos estavam grudadas em seu corpo, assenti olhando fixamente seus olhos.

— Não vai me amarrar.

— Vou. E vou te fazer implorar, pela primeira vez.

— É o que veremos.

Ele se afastou, pegou minha bolsa no chão e estendeu para mim, foi em seguida abrir a porta para eu passar.

Eu estava ali esperando mais alguma coisa, um convite para voltar, negociarmos onde seria esse duelo mais tarde. Eu estava louca querendo deixar tudo acertado. Mas Magno apenas mexeu no seu short com o pau evidente e sorriu.

— Vou dormir um pouco e depois ir para a empresa. Nos topamos por aí.

— É, nos topamos.

Olha só. Pela primeira vez eu me via frustrada. E era uma sensação horrível ganhar a disputa com o orgulho intacto.

Magno

Eu tenho uma namorada.

Depois de anos sendo um desbravador de bocetas em carreira solo, chego aos trinta e dois anos com uma namorada. Porque todo mundo já sabe que Lavínia não é menos que isso para mim.

Puta que pariu. Em que merda eu fui me meter?

E ainda vou me meter mais fundo, uma vez que não tenho intenção de acabar com esse rolo.

O que eu deveria fazer se tivesse minha racionalidade intacta? Ir para o clube tentar reverter essa situação, me esbanjar na minha lista de espera. É garota que não acaba mais. Todavia, sei que irei no trato de um mês até o fim. É como saborear um bom sanduíche triplo sabendo que está fazendo regime. Você sabe que precisa parar de comer, mas não consegue e decide ir até o fim e encarar as consequências depois.

Me arrumo para voltar à empresa e assim que chego lá mando uma mensagem para ela. Vou mostrar a ela como fode uma pessoa amarrada. O segredo é começar bem antes, fazendo a pessoa querer ser presa e fodida com excelência.

Eu:

Feche os olhos e pense na minha boca devorando seus seios. E você não pode fazer nada, pois suas mãos estão presas.

Ela apenas visualiza e sei que deve estar em uma situação que não pode atender.

Na minha sala, tiro o terno e a camisa e, segurando a gravata ao redor do pescoço, tiro uma foto e envio.

Lavínia:

Não posso falar agora.

Eu:

Tire uma foto de sua calcinha para mim e então eu paro.

Lavínia:

Não.

Abaixo as calças revelando minha cueca, tiro uma foto e envio.

Eu:

Vai perder a chance?

Lavínia:

O quê?

Eu:

Primeiro, quando você estiver presa,
irei chupar demoradamente seus seios.

Um de cada vez, sem tocar na boceta,
para ter o gosto de te ver esfregando as pernas.

Eu:

Em seguida, será a vez de sua boceta.

Irei tocá-la de leve, fazendo movimentos
circulares com meu dedo e só então
tocarei meu pau. Mas sem meter, apenas
pincelando devagar, deixando você louca
sacudindo as mãos. Irá ver mas não poderá tocar.

Eu:

Quando eu então começar a foder, você estará
tão quente e molhada que estará pirando a
cada socada funda, gostosa. Pense no alívio
que será quando eu te desamarrar e você então
poder tocar em meu corpo. Tenha um ensaio, até mais.

Volto a me vestir, e não respondo mais as mensagens dela. Ela diz que mais tarde conversamos, mas ignoro-a e é assim que vai ser a partir de agora, até ela vir de bom grado para minha cama.

Me enfio no trabalho e só desperto quando minha secretária entra perguntando se eu vou querer café.

Decido descer para comer, porque uma xícara de cafezinho não vai nem forrar meu estômago de gigante. Estou faminto.

Deixo o terno na cadeira e saio da minha sala arregaçando as mangas da camisa. Entretanto, paro na recepção.

— Magno, esses senhores acabam de chegar para falar com você. — Minha secretária já vinha a minha sala me comunicar da nova visita.

— Pois não? — Encaro um dos homens mais velhos.

— Polícia Civil. — Mostra um distintivo — Precisamos falar com o senhor.

Ai cacete!

— Sobre o que seria? Algo da Orfeu?

— Magno, o que está acontecendo aqui? — Romeo chega igual um tiro. Falou em algo que possa manchar o nome da empresa ele brota igual erva daninha. Com certeza o secretário dele já o avisou que os *homens* estão no prédio. Ele

encara um dos policiais e se apresenta: — Romeo Lafaiette, CEO.

— Romeo, somos investigadores da Civil e o assunto não tem nada a ver com a empresa e sim com o clube Dama de Copas. Também pertence à empresa?

— Não. Não tem ligação alguma. — Recebo um olhar acusador.

— O clube é meu. Venha comigo, senhor...

— Barroso.

— Barroso. Venha até minha sala para conversarmos. — Dou uma última olhada para meu irmão e a expressão dele é: “*Tu já era se deixar merda respingar na empresa*”. E eu sei disso. É tanto que fui totalmente contra a guerra de Lorenzo contra Angelina, justamente para que nada respingasse na empresa que tivemos tanto trabalho para reerguer.

— Sentem-se, por favor. — Indico as poltronas e dou a volta na mesa me sentando na caldeira executiva.

Ele é direto, pega uma foto e passa para mim.

— Conhece?

Recebo-a e analiso. É uma garota de no máximo treze anos.

— Não. Deveria? — Passo os olhos de um para o outro.

— Essa garota é uma vítima de estupro e foi vista perambulando perdida nos arredores de seu clube. Com ela já chega ao número de dez as garotas violentadas tendo o mesmo padrão, dando a entender que se trata de um mesmo criminoso.

Ah, cacete.

— Olha, meu clube está aberto a qualquer investigação. Não tem como essa garota ter entrado lá. A segurança é rigorosa.

— Tem responsabilidade por todos os membros do seu clube?

— Não. A casa oferece serviços para os clientes, mas sobre a vida de cada um, não é problema nosso.

— Certo. Vamos precisar de uma lista com o nome de todos os membros homens. Queremos também câmeras de segurança dos arredores do clube.

— Será providenciado. Mas primeiro vocês precisam de um mandado. Quebrar esse tipo de sigilo em uma casa noturna onde frequentam nomes de peso não deve ser feito de qualquer maneira.

— Voltaremos ao clube com um mandado.

Fico de pé e estendo minha mão para ele.

— Estarei esperando.

Eles saem e só quando batem a porta eu caio na cadeira soltando o ar do peito. Mais rápido que o som, pego o telefone e ligo para Daniel.

— Diga, patrão.

— Os homens vieram aqui. Ficou sabendo de um caso de garotas violentadas?

— Vou até meu bar e nem sirvo uísque em um copo, tem pouco, bebo na garrafa mesmo.

— Não. Quer dizer, acho que por alto. O que houve?

— Uma dessas garota foi encontrada nos arredores do clube. — Com o controle remoto, fecho as persianas impedindo que quem passe me veja dentro da sala. — Os investigadores vão voltar com um mandado. Apenas dê uma geral na casa para recebermos visitas.

— Pode deixar.

— O mesmo de sempre. Apenas impedir que tenha qualquer coisa sobre BDSM, fechar o salão de confraternização e verificar a cozinha.

— Deixa comigo. Farei tudo isso e mais um pouco.

— Está a seu cargo, me ligue caso ocorrer qualquer coisa.

— Falou, chefe.

Desligo e sento na quina da mesa. Mas que merda uma garota de treze anos estava fazendo sozinha nos arredores do clube?

Antes de ir embora, Romeo vem saber o que tinha acontecido. Ele também fica muito preocupado e eu peço que não comente nada com Vilma, principalmente.

Por ora, esqueço de Lavínia. Minha cabeça parecia que ia explodir e eu precisava remoer um pouco, sozinho.

Na minha casa, tomo um banho relaxante, faço a barba, tomo um pouco de vodca e ligo mais uma vez para Daniel, só para ter notícias. Ninguém apareceu por lá ainda e isso me deixa mais tranquilo.

E com a tranquilidade, a bomba volta a explodir dentro de mim: Lavínia Torres. Até sorrio ao ter de volta todo o fogo no meu corpo, sentindo a falta dela.

Pego meu celular e digito uma mensagem:

Eu:

E então? Arregou?

Nem quero me dar conta que estou igual um trouxa retardado sorrindo para o celular esperando uma mensagem. Ela visualiza e começa a digitar. Prendo meu lábio entre os dentes.

Lavínia:

Quais são suas jogadas?

Eu:

Champanhe, algumas
sobremesas à base de chocolate...

Lavínia:

Sexo, chocolate e champanhe?

Tô chegando aí, seu filho da mãe.

Eu:

Hahaha

De verdade, rio da mensagem dela. Levanto em um pulo e ligo para um restaurante pedindo só sobremesas. No meu quarto preparo o ambiente deixando preservativos e duas gravatas em posição estratégica na cabeceira.

Tenho consciência de que nesse nosso jogo ninguém quer ceder, mas no fim ambos acabam jogando tudo para o alto e caindo na farra.

Lavínia chega minutos depois e eu a recebo com distanciamento, preciso fazê-la querer. Ela vai ter que vir a mim.

— Olá. — Ela diz, balançando o corpo de leve.

— Olá. Está com fome?

— Um pouco. Não vai me oferecer nada para tomar?

— Claro. — Vou para a cozinha e percebo que ela me segue. Lhe sirvo uma taça de champanhe e fico com a outra para mim, enfio a garrafa no balde de gelo. Nós dois estamos com as defesas lá no alto. Dizem que dois bicudos não se beijam. Eu não cederei, e ela não está com cara de que vai pedir para transar de uma vez por todas.

— Então... aqui estou eu de novo.

— É. Quer tirar outra sorte? — Aponto para o vaso e ela balança a cabeça negativamente, fazendo um bico de repúdio para o vaso.

— Sabe... — Caminho para o sofá. — Estou salivando querendo chupar uma boceta.

— Hum... — Ela escolhe uma poltrona e senta.

— Passar minha língua bem devagar de lá... para cá. — Passo o dedo na borda da taça. Abro as pernas deixando o tecido fino do short envolver meu pau mostrando o contorno. — Quero lambe cada pedacinho e depois passar meu pau que estará bem duro, devagarzinho no queixo... e lábios.

Os lábios dela entreabrem e noto que ela respirou fundo. Fico de pé e me aproximo da poltrona que ela está. Deixo meu pau a centímetros do rosto dela.

Desço minha mão e toco com o nó dos dedos no seio dela. Lavínia perde contato visual comigo e fecha os olhos. E por cima da roupa dela, pinço seu mamilo e o puxo fazendo-a suspirar. Quando eu solto e ela abre os olhos, acaricio meu pau e me afasto virando minha bunda propositalmente.

— Você que decide.

— Ah, já chega, me fode logo nessa porra porque não estou aguentando mais.

— Belo palavreado, senhorita.

— Que se dane. — Ela coloca a taça na mesa e avança sobre mim, buscando um beijo urgente que possa acalmá-la.

— Não. — Afasto meu rosto. — Vai deixar eu controlar a situação? Do jeito

que eu quero?

— Magno, pelo amor de Deus. Vai ficar aí regrando sexo?

— Não. Só quero uma resposta.

— Sim. — Ela revira os olhos — Pode fazer do seu jeito. Vamos logo com isso.

— Ótimo. — Seguro o maxilar dela e abraço seu corpo deixando que sinta o meu enquanto a beijo possessivamente. Lavínia geme de alívio e arrasta as unhas pelos meus braços.

Eu a pego nos braços e ando em direção à escada. Chegou a hora do bem bom. Melhor ainda porque eu fui o vencedor em uma disputa que não conseguíamos ficar muito tempo no controle.

Não estou sozinho nesses sentimentos obtusos. Lavínia com certeza sente tudo e mais um pouco. Ao menos, se for para se foder depois, que seja se ferrando em dupla.

Magno

— Teremos palavra de segurança? — Ela pergunta olhando eu amarrar seu pulso com a gravata na cabeceira da cama.

— Claro. Sim e não. Basta dizer essas duas palavras. — Termino, verifico se o nó está firme e levanto da cama.

— Não sei onde estava com a cabeça de deixar você fazer isso.

— É apenas um troco. Eu deixei, você deve me amarrar. — Tiro a cueca — Não é a defensora dos direitos iguais?

— Tosco.

Coloco-me pelado em cima dela na cama e Lavínia ofega sem tentar esconder seu tesão se ascendendo por cada parte de seu corpo. Ela é escultural, me faz ficar embasbacado, boca e pau babando em sintonia. Tem curvas perfeitas, pernas longas, lisas e torneadas e os seios são meu ponto de veneração.

Seus cabelos cacheados espalham pelos travesseiros e eu sorrio com a bela visão.

— Eu sonhei cada segundo dos meus dias em poder ter esses peitos nas minhas mãos. — Confesso para ela. E Lavínia apenas me olha vidrada. Estou ajoelhado sobre ela com meu pau descansando em seu ventre.

— Saiba apreciá-los enquanto ainda os tem. — Ela sussurra me fazendo sorrir ao mesmo tempo que sinto algo ruim fisgar dentro de mim por ter ouvido a palavra “ainda”.

Como resposta, meu lábio apenas repuxa para cima numa tentativa de demonstração clara que não me preocupo com isso.

Curvo-me sobre ela apoiando minhas mãos em cada lado do seu corpo e beijo de leve sua boca. Lavínia sacode os braços ao tentar me beijar, mas afasto.

— Vai brincar? — Pergunta.

— Vou.

Com os dedos, pinço seus seios puxando os mamilos, como um beliscão erótico. Lavínia morde o lábio sem deixar de olhar para mim. Mantenho os beliscões até ela começar a suspirar impaciente sem conseguir controlar a excitação. E só então seguro seus seios enchendo minhas mãos e abaixo recebendo-o em minha boca como se ela abocanhasse uma fruta macia e suculenta.

Circulo a língua na aréola e chupo em seguida. Faço isso alternando de um

seio para outro, quase deitado sobre ela, mas não totalmente, só a ponto de ela sentir meu pau duro roçando em suas pernas.

— Ooh, Magno! — Balança os braços presos e isso me dá muita satisfação em ver.

— Você escolheu montar no cavalo selvagem, agora aguenta. E eu nem comecei.

— Sério? Eu nem estava prestando atenção. — Ela se faz de durona me fazendo gargalhar. Olhando nos olhos dela, começo a cantar:

...I hear you call my name

And it feels like home⁶

Que é um trecho da música “Like a prayer”, de Madonna, a minha preferida, como eu já tinha contado para Lavínia. Os olhos dela se saltam levemente com um brilho admirável. Ela gostou de me ver cantando. Continuo cantando baixinho, em modo lento pausando apenas para beijar seu corpo. E a música “como uma oração” é justamente tudo que eu poderia um dia falar para outra pessoa. Eu a guardei dentro de mim por anos a fio, pois representa minha queda, a ruína de minha família, minhas conquistas e agora minha nova paixão.

Just like a prayer, I’ll take you there

It’s like a dream to me⁷

E paro de cantar quando chego à boceta dela, abro suas pernas e passo a língua sentindo-a estremecer gemendo docemente. O melhor som que eu vou ouvir em toda minha vida: uma mulher gemendo. E o gemido de Lavínia é ainda mais satisfatório, porque ele é a prova de minha conquista.

Meu pau dolorido implora para entrar na farra, mas ainda não é o momento. Degusto-a com calma, quero elevá-la ao patamar mais alto e depois empurrá-la de lá.

Puxo com os lábios seu clitóris e sorrio com contentamento pelo gritinho que ela soltou e se balançou toda presa às grades da cama. Mantenho as pernas dela abertas e chupo calmamente sugando cada dobra e ainda usando minha língua e dedo para acariciar gentilmente seu ponto mais sensível. Enfio o dedo devagar, circulo um pouco e o tiro para fora.

— Aaahhuu. — Ela geme mais alto. E eu repito o processo algumas vezes aumentando para dois dedos, sem tirar a boca de perto.

— Mag... Magnooo!

— Diga. — Murmuro chupando vorazmente sua deliciosa boceta.

— Carambaaa!

Dou um beijinho de despedida, e beijo suas coxas até levantar completamente o rosto. Lavínia está em ânsia.

— O quê?

Fico de joelhos e seguro no meu pau dando algumas batidinhas na boceta ensopada. Passo ele de lá para cá forçando a cabeça na entrada, mas sem penetrar. Apenas fazendo-a sentir o calibre.

— Hoje é sua prova de fogo. Vai ter que ser muito guerreira e aguentar essa robustez, sem poder mexer os braços. — Continuo pincelando com meu pau, devagar de um lado para outro. — Quando vou poder te foder sem camisinha?

— Não vai. Mete isso logo. Andaaa!

— Xiuu! Calma, tanques costumam ser eficazes, destruindo tudo a sua volta, mas eles agem com calma. — Pego o preservativo e, sob o olhar atento dela, levo todo o tempo do mundo para vesti-lo. Em seguida paio sobre ela dando um beijinho quase casto em seus lábios. Lavínia tenta aprofundar o beijo, mas afasto rindo.

— Seu cretino! Vai se ferrar na minha mão depois.

— Que mão? Essa aí amarrada? — Gargalho *punhetando* de leve meu pau encamisado. — Você quer sentir o fetiche de foder amarrada, mas na hora fica nessa ansiedade. Acalma, respira, apenas sinta o que eu farei com você.

E assim me deslizo para dentro dela. Bem devagar sentindo a deliciosa sensação de ser recebido pelo interior aveludado. Mesmo com camisinha, é muito gostosa a sensação.

Comigo não tem miséria, dou todo o pau até o talo sentindo-o tocá-la bem fundo. Na boca entreaberta do gemido suspenso, ela sorri levemente e eu não aguento: deito sobre ela beijando sua boca e me movo devagar, tirando e colocando nos satisfazendo com o tesão de cada metida.

— Meu pau te recheando não é a coisa mais gostosa que você vai sentir?

Ela titubeia mas acaba concordando, sem desviar o olhar do meu, balança o pescoço positivamente.

— Não canso de te comer. Nunca.

— Eu sei. — Ela responde cheia de orgulho e minha reação é meter mais forte e rápido até arrancar altos gemidos dela. Sentindo minhas bolas batendo do lado de fora e meu pau muito duro, como se fosse explodir, paro um pouco, fico de joelhos, seguro uma perna dela no meu ombro, espalmo a mão no seu ventre e volto a foder forte embalando-a rápido.

— Me desamarre. — Ela implora. — Por Deus, me desamarre!

— Aguenta! — Sem qualquer inibição, fico praticamente montado em cima dela, todo penetrado metendo vigoroso e com a boca em seus peitos. Lavínia grita se balançando sentindo todo o furor da minha grossura lhe abrindo em rápidos golpes.

E assim a faço gozar. Seguro-a firme na cama não parando de socar, sentindo-a se contorcer em torno de mim. Quando termino, ainda sem gozar, ela está

quase acabada, os braços moles ainda amarrados e os olhos fechados.

Liberto-a e deixo que me abrace, beijando-a devagar.

— Aguenta mais um pouco?

Ela ri bem pertinho de minha boca.

— Esse foi seu melhor? Quero mais!

Viro-a de lado abraçando-a por trás, para finalizar em uma conchinha turbinada.

Segurando sua perna, forço meu pau e ele entra todo de uma única vez indo deliciosamente até o fundo e voltando com a boceta dela piscando gulosamente. Lavínia aperta meu braço que a envolve e sinto seu corpo suar junto ao meu; meus músculos saltam e meu coração bomba feroz quase nas mesmas batidas do meu saco batendo fora dela.

— Ahh, que porra! Que delícia! — Urro sentindo minhas pernas tremerem com o gozo vindo. Espero-a chegar pela segunda vez e só então encho a camisinha de puro prazer em forma viscosa.

Devagar, Lavínia se vira e me abraça encostando a cabeça no meu peito. Respiro compassadamente acariciando os cabelos dela.

— Estou me sentindo a Anastasia Steele. Transar amarrada é muito bom.

— Quem é essa?

— Uma amiga. — Lavínia responde rindo e eu fico sem entender. Ainda rindo, ela levanta a cabeça para me olhar: — Só estarei de verdade realizada quando puder afundar as unhas nessa sua bundona.

— *Vade retro*. — Rindo, beijo-a e afasto um tiquinho para propor: — O que acha de tomar um banho e cavalgar meu pau ali na poltrona?

— Acabamos de transar.

— Não ficou sabendo? Meu recorde é oito em uma noite.

— Mentira. — Gargalha incrédula.

— Quer pagar para ver?

Ela se senta e ajeita os cabelos. Abana o rosto com a mão e olha em volta, creio que procurando roupa.

— Quero um banho, mas depois vamos comer. Você prometeu me alimentar, estou faminta e com sede.

Me sento com ela, arranco a camisinha do meu pau e planto um beijinho em sua boca antes de levantar.

— Sim, senhora. Vamos providenciar seu estômago cheio, para conseguir dar conta de um segundo round comigo.



Em frente a uma seleção de embalagens de sobremesa, nos sentamos para comer. É bom apreciá-la comendo sem nenhuma cara de nojo. Lavínia tem

preocupação com a dieta e com seu corpo, assim como eu tenho, mas é voraz com a comida do mesmo modo que é com o sexo.

Ela alcança o único porta-retratos que tenho na sala. Estão eu e meus irmãos. Lavínia analisa enquanto come e depois aponta:

— Bonito. É o quê?

Olho e ela está apontando para meu broche na lapela do smoking.

— É um broche. Uma joia de família.

— Sério? Que legal.

— É topázio. Meu avô fez três. O do Romeo é um anel, do Lorenzo são abotoaduras e o meu é o mais gay: um broche. Eu uso porque as garotas gostam.

— Besta! — Recebo um pequeno chute na perna. — Vocês três já usaram as joias juntos, no mesmo lugar?

— Sim. Em várias ocasiões. Romeo é o que mais usa, Lorenzo tem birra porque tinha uma treta com nosso pai, mas acabou usando no casamento dele.

— E você usa para pegar mulher?

— A joia que preciso para pegar mulher basta dar uma apalpada de leve e elas já caem aos pés. — Aponto para minha cueca e isso provoca uma bela revirada de olhos em minha direção.

— Nem um pouco idiota.

Em seguida, depois de tanto doce e champanhe cara, subimos para o quarto e queimamos calorias em outra rodada de sexo hard.

Era a primeira noite que eu dividia a minha cama com uma mulher. Já aconteceu outras vezes de ter mulher na minha cama no clube, mas nunca aqui na minha casa.

Eu estava não só dividindo a cama como também abraçado a ela sentindo bem-vinda a sensação do corpo feminino junto ao meu. A solidão de dormir sozinho sempre tinha sido bem apreciada por mim, mas agora, sinto-me ainda melhor.

Acordo mais tarde com meu celular tocando.

Tateio no escuro e o encontro do lado na cabeceira. Lavínia nem mexe.

— Diga. — É Daniel.

— Magno, precisa vir ao clube.

— O quê, porra? Agora? — Olho no celular e são duas da manhã.

— Sim. Tem uma pequena crise aqui e só você pode conter.

Nem cogito recusar a ir. Me visto o mais silencioso possível e saio deixando apenas um bilhete para Lavínia. Não vou acordá-la e preocupá-la. Ela pode querer ir embora para não ficar sozinha no meu apartamento, conheço-a há pouco tempo e sei que faria isso.

Chego ao clube em tempo hábil; por ser madrugada, as ruas estão quase

desertas.

Me dei conta de que nem perguntei a Daniel que crise era. Fiquei tão aflito que apenas disse que estava chegando.

Daniel me recebe na porta, bastante preocupado, e eu só posso pensar na polícia aqui.

— O que houve?

— Venha comigo. — Ele anda em passos rápidos e eu o sigo para o segundo piso. Para diante de um quarto qualquer, me olha um pouco indeciso e abre a porta para mim. Espio e lá dentro há uma pessoa deitada na cama.

— O quê?

— Ela apareceu aqui em completo choque, surtando, toda molhada e machucada.

Apreensivo, com os batimentos cardíacos em suspensão, me aproximo da cama. Então ela vira-se e se senta apavorada. Ao me ver, seu semblante se torna mais brando.

É uma mulher bonita, muito bonita. De cabelos loiros e longos. Sorrindo ela me encara quase como se eu fosse um anjo.

— Magno. Sou eu, Anne.

⁶ [...Eu te ouço chamar o meu nome / E me sinto em casa]

⁷ [Como uma oração, eu te levarei até lá / É como um sonho para mim...]

Lavínia

— Você saiu durante a noite, ou foi impressão minha? — Pergunto olhando para Magno de costas para mim dentro da geladeira. — Me lembro de acordar e você não estava do meu lado. Mas estava tão cansada que nem levantei. — Ele traz uma caixinha de leite e coloca no balcão. À minha frente, muitas coisas recém-compradas de padaria. Os pães estão quentes.

— Sim. Problemas no clube, fui resolver.

— Algo sério?

— Não. Coisa boba. Café ou leite? Ou os dois? Se quiser leite quente tem que esquentar você mesma no micro-ondas.

— Nossa, quanto cavalheirismo. — Me levanto para esquentar o leite.

— Levanta e faz o que quer comer, essa é a política da minha casa. Eu não sei ligar esse fogão aí. É todo cheio de frescura. — Ele relata com naturalidade.

— Por isso me obrigou a fazer o café?

— Eu apenas pedi com carinho enquanto eu fazia o pedido de pães na padaria.

— Padaria agora é fast-food? — Encaro o copo de leite rodando dentro do micro-ondas.

— A daqui perto é. Eles me conhecem e trazem tudo pronto: leite quente, café, tudo.

Olho para ele com uma expressiva cara de desdém. Está com a boca cheia mastigando vorazmente.

— Não me olhe assim. Por que vou me preocupar em aprender fazer uma coisa sendo que posso pagar para fazer para mim?

— É esse seu pensamento? — Questiono e, antes de ele abrir a boca, concluo: — Inacreditável. Eu não deveria estar chocada. — Tiro o copo do micro-onda e volto para a bancada. — Se você fosse meu, iria aprender na marra.

— Seu sonho. — Ele tripudia e eu me limito a revirar os olhos. — Seu café é muito bom. Já está aprovada para casar. Mulher só pode casar se souber fazer café. — Ele sabe que esse comentário me deixa irritada e sorri olhando para minha cara enquanto mastiga de boca fechada.

— Certíssimo. Até porque um cafezinho bem feito salva qualquer casamento, né? Ela faz o café para o marido e o vizinho traz os mimos para ela.

— Apelou, perdeu.

Mostro o dedo do meio para ele e, inesperadamente, Magno inclina e o beija.

Cochicha em seguida: — Mama em mim daqui a pouco? Meu leite nem precisa esquentar no micro-ondas.

— Hoje você está tinindo, né? Impressionante. Para de falar e passa esse pão aí.



Magno me deixa na porta da boate de Guilherme. Preciso ter uma conversa com ele e ontem marquei de encontrá-lo agora. Me despeço dando um beijinho no amante mais gato que pode existir. Está de terno, todo cheiroso indo para o trabalho. Deve ser uma luta diária ser namorada desse homem e não sentir ciúmes. Sendo apenas meu caso gostoso, já me mordo enciumada.

— Passo no clube depois. — Digo e ele parece empalidecer, ou foi impressão minha.

— Ah, sim. Claro. Me ligue antes.

— Não está fazendo sacanagem com as safadas lá não, né? — Semicerro os olhos mostrando minha desconfiança.

— Claro que não. É um mês de saliência exclusiva.

— Estou confiando. — Pisco para ele e saio do carro.

— Lavínia. — Guilherme estende a mão para mim quando entro em sua sala indicada por um funcionário.

— Guilherme. Como vai?

— Bem. sente-se aí, por favor. — Sento na poltrona que ele me oferece e espero-o se sentar na outra, após cruzar as pernas e recusar alguma bebida, vou logo ao ponto:

— Guilherme, era para eu ter vindo aqui ontem, mas tive alguns compromissos.

— Aconteceu alguma coisa? O Pedro está bem? — Noto que o ar de preocupado é mesmo verdadeiro.

— Sim. está. E é sobre ele que quero falar.

— Diga.

— O Pedro não ficou nada bem. Na verdade, ele ainda não está nada bem.

— Eu sei e...

— Espere. — Estendo a mão para ele parar. — Eu cheguei à conclusão de que eu e Magno erramos em ter pedido você para intervir. Ele é adulto, a vida é dele. Aquele tratamento estava fazendo mal a ele, mas eu poderia ter convencido de outra forma. Foi um erro. Eu e Isa nos sentimos culpadas pelo que ele está passando agora.

— Mas e antes? Era um cúmulo o que estava acontecendo. Ele me contou. Eu sei de um caso que o cara se matou por causa das terapias desse psicólogo.

— Eu sei. Mas iremos conversar com ele. Não precisamos mais que você...

que você ajude.

— Mas eu quero, Lavínia.

— Por quê? Não é do seu interesse. Pedro precisa saber a verdade.

— Não conte. — Implora com urgência. — Ele vai me odiar, vai achar que eu o beijei por pena ou apenas porque você pediu. Deixe ele comigo, por favor, não conte nada a ele.

— Isso é errado. Eu tenho convicções de ser uma pessoa boa, honesta, ainda mais com meus amigos. Enganá-lo vai contra o que eu prego.

— Não. Eu o quero de verdade, e mesmo você sendo amiga, eu sou o que mais pode ajudá-lo no momento. Eu passei por essa confusão que ele ainda alimenta. Eu consegui superar e fazer todos a minha volta aceitarem minha orientação sexual. Preciso mostrar isso a ele.

Encarando-o, fico pensativa. A amizade de Pedro é tudo para mim, ele e Isa são meus amigos há anos e são os únicos que tenho por aqui no Brasil. Guilherme percebe que eu ainda estou indecisa e reforça seu pedido:

— Por favor, me deixe tentar.

— Pedro é uma pessoa especial.

— Eu sei. Por isso estou interessado nele. Seu amigo estará em boas mãos. — Leio sinceridade em seus olhos e, de verdade, torço para um possível romance entre eles, isso salvaria Pedro.

Fico de pé, coloco minha bolsa no ombro e aponto o dedo ameaçadoramente para ele.

— Escuta aqui, Guilherme, eu ficarei de olho. Não tente se aproveitar da falta de experiência dele, não tente usá-lo e descartá-lo.

— Não faço isso. Você não me conhece.

— Pois bem. Te darei espaço para tentar ajudá-lo. Mas estarei vigiando. Caminho para a porta e ele dá a volta à mesa para me acompanhar.

— Pode deixar. Obrigado pela confiança.

Na volta para casa, ligo para Pedro e ele diz que está tudo bem. Está no trabalho e garante que passará na minha casa mais tarde. Pela voz, parece mais tranquilo. Ainda no táxi, ligo a seguir para Isa contando tudo sobre o encontro com Guilherme e que eu dei a ele uma chance de tentar. Isa também acha que mesmo Pedro ficando com raiva quando descobrir, será algo que fará bem a ele.

Estamos nos sentindo duas vacas enganadoras.

Chego a meu prédio e assim que desço do táxi o visitante que me espera faz todo meu corpo gelar como um mau presságio. Sinto meu sangue fugir do rosto com o choque de ver Felipe.

Não devo nada a ele, mas revê-lo me desestabilizou de alguma forma.

— Felipe?

— Oi, Lav. — Passa os olhos pelo meu corpo e assente. — Você está linda.

— Obrigada. — Ainda o encaro pasma, esperando alguma resposta para ele estar plantado na portaria do meu prédio.

— Dormiu fora?

— Ah, o que faz aqui?

— Vim conversar. Tá saindo com alguém? O porteiro me contou que um cara veio aqui.

— Bem fofoqueiro ele, hein! — Abro a bolsa e procuro minhas chaves. Encontro e abro o portão.

— Posso entrar ou ainda está com raiva de mim?

Miro os olhos dele por alguns segundos e noto que não sinto mesmo raiva dele. Consegui digerir toda a situação.

— Claro que não, venha. — Deixo-o passar e faço questão de olhar com carranca para o porteiro, mesmo ele não se dando conta do real motivo.

— Uau! Que lugar lindo. — Felipe elogia ao entrar no apartamento. Embasbacado, olha tudo ao redor. — Cara! Você arrasou. Essa sala é igual à que planejamos para nossa casa.

— Sim. É. Eu tinha o projeto e mostrei à designer.

— Que legal, Lav. Representou muito para você, não é?

Tiro meu casaco e jogo com a bolsa no sofá, me viro de braços cruzados para ele.

— Sim, Felipe. Representou muito.

— Lav — caminha em minha direção —, podemos conversar? O que eu fiz... Olha, eu fiz em um momento impensável e aquele filho da puta me influenciou.

Não sei por que, mas meu cérebro decide ficar com raiva por ele ter xingado Magno. Reviro os olhos para meus próprios sentimentos em uma demonstração de que é inviável eu ter algum sentimento de proteção por alguém que não me pertence.

— Felipe...

— Não. Me escuta. Eu falei com seu pai...

— Falou com meu pai?

— Sim. Falei. — Pega minhas mãos e segura forte. — Volte comigo, vamos voltar com o casamento e podemos fazer um contrato de seis meses apenas. Seu pai ficará feliz, nós ficaremos felizes, se der certo continuaremos.

— Felipe — puxo minhas mãos —, infelizmente não é mais a mesma coisa.

— Mas podemos reviver tudo. Sei que podemos.

— Como está o trabalho lá na agência de advocacia?

— Está bem. Mas eu errei em colocar eles na frente de você. Eu queria poder voltar no tempo.

— Bom, mas não dá para voltar. Agora tem que encarar as consequências de seus atos.

— Eu vou tentar, Lavínia. Eu vou lutar para ter você de volta. Vamos nos casar novamente, eu juro.

Magno

Ainda não contei para ninguém sobre Anne.

Romeo e Lorenzo nunca souberam nada sobre ela. Nosso caso ocorreu quando eu tinha acabado de entrar no exército e me pegou desprevenido. A única que sabe sobre ela é Vilma, porque sempre foi tudo para a gente, ela sabia mais coisas do que nossa própria mãe. Lorenzo sempre confiou cegamente em Vilma e comigo e Romeo não foi diferente.

Tudo voltou como um bombardeio feroz para cima de mim. Senti o baque do passado me abraçar e até perdi o ar ao vê-la novamente ali na minha frente. Tinha mudado bastante, e acho que se não tivesse falado que é a Anne, eu não saberia.

Depois eu notei as semelhanças e meu coração saltou de leve com a lembrança do que tínhamos.

Eu e Anne nos conhecemos quando eu ainda estava no colégio militar. Eu tinha entrado contra a vontade de meu pai, uma vez que ele queria formar empresários para sucedê-lo e não um militar.

Naquela época eu fazia de tudo para chamar a atenção do meu pai, porque eu queria ser como ele: um homem poderoso na sociedade, cheio de si e que podia fazer tudo sem ser questionado, principalmente por minha mãe, que sempre rastejou atrás dele.

Mas o único que era bem visto pelo velho era Romeo, que nem se importava em tentar ser o melhor filho. Ele era sem nem tentar, apenas era. Já Lorenzo era a ovelha negra da família e, quando toda a merda aconteceu na vida dele, uma grande cratera se abriu entre meu irmão caçula e meus pais.

Eu estava chateado com tudo que acontecera e, na rebeldia do momento, fui para uma carreira totalmente diferente do que ele queria para mim. Anne me conheceu nesse momento, sendo meu primeiro contato com uma garota, e ela curou minhas feridas emocionais de um jeito que me fez querê-la para toda a vida. Mas eu não estava disposto a deixar tudo por ela. Anne tinha a mesma mentalidade de meu pai, não aceitava que eu estava ingressando no exército. Para ela era uma carreira sem futuro, e depois de meses amando-a profundamente, me colocou entre a cruz e a espada, me fazendo escolher: ela ou o exército.

Anne não só terminou comigo como encontrou alguém para se casar dois

meses depois de me deixar. Ela tinha dezessete e ele trinta e cinco e era podre de rico, coisa que eu jamais seria estando naquela carreira.

Ela me fez implorar todos os dias que se seguiram e eu implorei até o último momento. E então ela se casou e foi embora de vez da cidade.

Agora, eu estava balançado em vê-la novamente. Tão frágil e bela...

O caso é que um detalhe gigante está me deixando maluco: Lavínia. Não acho que ela deva saber. Mas por outro lado, acho que ela deve sim saber. Há uma mulher sob meus cuidados e que está prestes a ir ficar uns dias no meu apartamento. Sim, no meu apartamento.

Na noite passada, quando eu a encontrei, ela me agarrou e chorou copiosamente. Eu fiquei imóvel sem saber que porra eu iria fazer ou dizer.

Anne perdeu tudo. Casa, filho e o marido a agrediu e a trouxe a força aqui para o Rio de Janeiro e a jogou nas ruas.

Um médico foi chamado ao clube e, após examiná-la, ele me pediu que desse apoio a ela nesse momento, porque o estado dela era de choque pós-traumático e que no momento eu era a única pessoa que ela dizia conhecer aqui no Rio.

— Anne, você vai ficar bem. — Prometi enquanto ela se refazia do choro. — Eu posso te ajudar com advogados...

— Por enquanto — soluçou —, me dê apenas um lugar para ficar. — Ela implorou em lágrimas. — Desculpe estar te incomodando. Sua esposa ou namorada não deve gostar.

— Não tenho esposa ou namorada, não é incômodo. Pode ficar aqui o tempo que quiser para se recuperar.

— Você deveria estar me odiando pelo que fiz. Eu joguei nossa vida juntos fora.

— Não tenho por que te odiar.

O tanto de mulher que eu comi sendo solteiro, eu tenho é que te agradecer. — Apesar de achar inoportuno, minha mente teve esse tipo de pensamento.

— Você está me ajudando pelos velhos tempos, Magno?

— Estou te ajudando porque eu ajudo pessoas.

Ela levantou a mão gelada e fina e tocou meu rosto.

— Você é muito bom. Eu gostaria muito de ter tido um marido como você. — Por educação, apenas sorri. Não sou o tipo de cara que escuta essas merdas e apenas sorri. Mas, devido às circunstâncias, optei pelo silêncio.

Decidi, durante a noite, deitado com Lavínia, que Anne deve ir para meu apartamento. Tem um quarto sobrando lá e ela poderá ficar comigo até que consiga ficar sozinha em um hotel. Não a deixarei no clube por ser um ambiente inóspito para uma mãe de família.

Ela veio atrás de mim, não vou negar abrigo. A única coisa que preciso fazer é

não deixar Lavínia voltar a pisar no meu apartamento. Senão a coisa fede.

Na empresa, fico com esses pensamentos na minha cabeça durante quase uma hora. Não quero abrir mão de Lavínia, está quase completando um mês e ainda temos muito a desfrutar um do outro.

Levanto em um ímpeto, pego meu terno e saio da sala.

— Aline, cancele toda minha agenda para hoje.

— Magno, você tem dois clientes importantes para a tarde.

— Ligue e tente remarcar. Se não conseguir, me ligue.

— Certo.

Saio correndo com um destino certo em mente. São dez da manhã e preciso tomar minhas devidas atitudes. Vou direto para o clube. E só de vê-lo por fora, eu já estremeço em antecipação de revê-la.

Durante muitos anos Anne foi tudo que eu quis e agora ela está aqui, precisando de mim. Em que momento eu me tornei tão fraco dessa forma?

— E aí? Como estão as coisas? — Pergunto a Daniel assim que ele vem ao meu encontro.

— Está tudo bem. — Me segue em passos rápidos rumo à escada. — A hóspede ainda está no quarto, mas já se alimentou.

— Ótimo. Você vai me ajudar a tirá-la daqui, a polícia está vindo com um mandado e não quero eles fazendo perguntas sobre Anne.

— Certo. Para onde vai levá-la?

— Minha casa.

— Uau! A gatona lá não vai se importar?

— Quem? Lavínia? — Levanto uma sobrancelha na direção dele.

— Tem outra?

— Ela nem sabe. E nem precisa saber.

— Corajoso você, mas eu não duvidaria do grande rei de copas.

— É isso aí.

Dou dois toques suaves na porta do quarto antes de abri-la. Anne está deitada de lado e se vira um pouco assustada. Ao ver que sou eu, senta-se depressa e o semblante se ilumina.

Ela tem um ar inocente que me parece proposital. Mas ela sempre foi assim, então eu não acho estranho. A doçura de Anne tinha me encantado anos atrás e essa mesma doçura foi a responsável por eu me fechar em relação às mulheres. Porque eu passei a vida comparando-as com o modelo de perfeição que minha mente tinha elaborado: Anne.

Lavínia foi a única que furou esse bloqueio e foi longe mais do que qualquer outra.

— Oi, Anne. — Cumprimento-a.

— Oi. Que bom que voltou. Estava me sentindo tão sozinha.

— Bom, não dá para você continuar aqui.

— Magno, por favor! — Começa a chorar sem lágrimas. — Não me mande embora.

— Fique calma. Te levarei agora para meu apartamento. Não pode ficar aqui. É um clube noturno, se é que me entende.

— Sim, claro. Eu quero ir. — Ela se levanta e desequilibra, mas sou mais rápido e a seguro. — Obrigada. Ainda estou fraca.

— Tudo bem, eu te pego. — Ergo-a em meus braços e faço sinal para Daniel pegar a bolsa dela.

Ele foi comigo no carro, comigo no banco da frente e Anne atrás, a todo momento nossos olhares se chocando pelo retrovisor. Durante todo esse tempo, desde a volta dela, eu não tinha parado para pensar o quanto fiquei abalado. Já sou um homem adulto, com minhas concepções formadas em relação a muita coisa, principalmente no que diz respeito a mulheres.

Sou praticamente um *sommelier* de mulher e aprendi como elas agem arruinando o homem e como podemos detê-las. Todavia, Lavínia veio e desestruturou tudo e agora é a vez de Anne me dar um nocaute.

Quando chegamos, Daniel vai à frente e eu a abraço pela cintura para apoiá-la. Seu corpo é delgado, em forma. Inevitavelmente meu olhar desliza para baixo indo direto para os seios dela aparecendo pela gola do vestido folgado. Alvos e aparentemente macios.

Anne me flagra olhando e dá um sorriso imitando timidez.

Chegamos a minha cobertura e assim que entramos ela começa os elogios. Posso ver verdade nos olhos brilhantes dela. Como se estivesse deslumbrada pelo luxo da minha casa.

— Meu Deus! Que lugar bonito, que bom gosto! — Ela caminha mancando para os enormes janelões da sala e olha a cidade lá embaixo. Quando volta para me olhar, está sorrindo quase eufórica. — Eu vou ficar aqui?

— Ao menos até você se recuperar. Posso te ajudar a encontrar um bom lugar, pagar um advogado...

— Muito obrigada, Magno. Não mereço toda sua gentileza.

— Para com isso. Apenas aceite minha ajuda.

— Sim. — Ela vem até mim e toca meu peito. — Você se transformou no homem que eu sonhei. Tão bonito, empresário de sucesso, estou tão orgulhosa!

— Eu estou orgulhoso de mim. — Acaricio a bochecha dela com o polegar e me afasto. — Venha, vou te mostrar o quarto que vai ficar.

— E você?

— Eu tenho o meu.

Apresento a ela o quarto e, como era de se esperar, Anne rasga seda de tanto elogio. Meu cenho se franze e cruzo os braços encarando-a.

— Anne, você se casou com um homem rico, certo?

— Sim. Ele tem muitas posses, mas eu não tenho nada. Ele tirou tudo de mim.

— Hum, entendo. Mas você age como se nunca tivesse tido contato com luxo. — Penso em Lavínia que veio a minha casa e elogiou, mas achou natural por ser acostumada a viver de forma suntuosa. O próprio apartamento dela se compara ao meu nessa questão de beleza e conforto.

— Ah, sim, eu sou acostumada, só... não achei que você fosse tão rico.

— Entendi. Bom, eu vou ter que voltar para a empresa, mas você pode ficar à vontade, tome um banho, tem toalhas e roupões limpos. Irei pedir comida em um restaurante.

— Tudo bem. Obrigada.

Viro-me para sair, mas ela anda depressa e me segura.

— Espere. — Me viro e, sem esperar, ganho um beijo rápido nos lábios. — Eu tinha que fazer isso, porque te reencontrar reativou tudo que eu sentia por você.

Surpreso, eu apenas assinto sem ter o que falar e saio do quarto.

— Ela quer muito dar para você. — Daniel fala no carro. Coloco os óculos escuros e finjo encarar o trânsito. — Já desconfiou, né?

— Claro. Conheço pelo olhar quando uma mulher que dar para mim.

— E aí?

— E aí o quê, porra? Não tem “e aí”. — Meu tom saiu enfurecido denunciando como estou mexido com toda essa merda.

— Cara, você mete a rola em tudo que se move. Não acha que vou acreditar que não vai comer a loirinha que está dormindo na sua casa? Viu aqueles peitos?

Incrivelmente não sinto vontade de bater em Daniel e outro dia ele apenas chamou Lavínia de gatona e eu já queria esganá-lo. Algo para se preocupar? Talvez, mas não irei remoer sobre isso.

Deixo Daniel no clube e volto para a empresa. Penso que é melhor eu convidar Lavínia para o clube ou ir à casa dela, para impedir que vá a minha. Tentarei deixá-la fora disso até conseguir um lugar para Anne.

Ligo para ela e, depois de vários toques, enfim atende.

— Oi. — Encaro meu sorriso refletindo na parede de vidro e recolho os lábios.

— Oi.

— E então, liguei para saber se vai hoje ao clube... sei lá, escolher um prostituto de luxo... O que acha?

Ela ri e, antes de responder, ouço: “Lav, cortar a abóbora desse tamanho está bom?” — Imediatamente tudo fica mudo e eu sei que ela colocou a mão no

microfone do celular. Essa voz é muito conhecida, cara, é o filho da puta do Felipe. Ele está na casa dela? O que está fazendo lá?

Será que... voltaram?

Não. Claro que não. Lavínia não me esconderia algo assim, combinamos de sermos sinceros.

Até porque você não está escondendo uma mulher em sua casa. — Minha consciência me lembra mas eu descarto essa culpa, uma vez que Anne não tem o mesmo peso que Felipe.

Ela volta a falar e dá logo sua resposta:

— Ah, te ligo mais tarde para combinar. Até mais. — E desliga.

Fico olhando o telefone na minha mão com cara de pamonha. Não acredito que vou fazer essa merda, mas ciúmes são o sentimento mais tenebroso e não gosto nem um pouco de senti-lo. Pego o terno que tinha acabado de tirar e saio novamente.

Lavínia

Merda! Será que Magno ouviu a voz de Felipe? Penso olhando fixamente para meu celular. Mordo o lábio e abano a cabeça negativamente. Acho que não ouviu e, se ouviu, não tem nada a ver com isso. À noite irei ao clube e poderemos conversar.

Volto para a cozinha onde Felipe me ajuda no almoço. Ele conseguiu me persuadir a deixá-lo ficar e almoçarmos juntos. Uma maneira, segundo ele, de tentar reverter o que tínhamos e foi perdido.

Como pretendo destruir de uma vez por todas as esperanças dele, deixei que ficasse para almoçarmos e só então conversarmos seriamente. Para mim, maturidade é encarar alguém que vacilou comigo sem ter que surtar e brigar. Demonstrar todo meu controle emocional. Se eu permitir que a raiva me domine, serei uma pessoa instável e infeliz.

— Sente-se, Felipe, deixe que eu termino tudo aqui.

— Não. Vou ao menos olhar você fazendo esse purê de abóbora.

— Ok. — Vou ao fogão mexer a panela de molho e Felipe se aproxima.

— Então, vi que saiu com o Marcos. — Ele diz.

— É. Saí. Uma noite. E você? Saiu com alguém?

— Não. Estava muito focado no trabalho. Mas que bom que se divertiu. Como está sendo gravar a série?

— Na verdade ainda não começamos, mas já tivemos o primeiro ensaio e gostei bastante. — Boto um pouco de molho na mão e provo. — Me passe o sal, por favor. — Ele me entrega o sal e olha em meus olhos.

— Quando poderemos falar sobre a gente? Você ainda não me deu espaço.

— Olha, Felipe, eu estou tentando ser o máximo possível educada com você, porque eu sou assim com as pessoas, mas se continuar forçando não será legal. Eu não trabalho sob pressão.

— Mas poxa. Você sabe que eu sou um cara aberto a qualquer coisa, eu errei, mas estou disposto a qualquer proposta para reparar meu erro.

— Apenas deixe-me terminar isso aqui e iremos ter essa conversa.

— Posso tomar um banho enquanto isso?

— Não. Infelizmente não. Não somos mais nada um do outro, você é meu convidado para almoço apenas, por que não se senta aí um pouco?

— Tudo bem.

Ele fica calado apenas me olhando enquanto termino em silêncio o preparo do prato. Senta-se em um banquinho no balcão e eu me pergunto se fui muito rude com ele. Talvez eu pudesse ser mais polida. De soslaio, vejo-o pegar o pote de biscoitos que Magno roeu e comer um. Será que não percebeu que estão sem recheio? Felipe acha gostoso o biscoito e pega outra banda das que foram raspadas por Magno. Abro a boca para alertá-lo, mas a campainha toca. Bem no momento que estou com as mãos ocupadas tirando a carne assada do forno.

— Veja quem está na porta para mim, por favor.

— Certo.

Espeto o garfo na carne e para meu alívio está assada, além de linda. Dourada de uma forma suculenta. Volto a colocar a assadeira no forno desligado, porém quente. E então ouço:

— O que está fazendo aqui?

— Eu que te pergunto. Cadê a Lavínia? — Tiro a luva de forno, dou a volta ao balcão e corro para a sala. Paraliso no meio do caminho vendo Magno soltando fogo pelas narinas. Ai, meu Deus! O que ele veio caçar aqui? Não posso acreditar.

— Magno?!

— Você está se encontrando com esse cara? — Felipe se espinha todo para cima de mim.

— Sim, ela está e acho melhor você dar o fora daqui. — Magno entra e coloca as mãos na cintura encarando Felipe. Está muito bravo, e fica ainda mais belo estando nervoso. Eu posso ver nitidamente o ciúme banhar o rosto dele.

— Dar o fora daqui? Como assim? Essa casa é minha. — Dou alguns passos me aproximando dos dois.

— Ah, então vai proteger esse imbecil? — Magno vira-se para mim — O que vocês estavam fazendo aqui?

— Magno, podemos conversar...

— Você não fala assim com ela, filho da puta. — Com um impulso, Felipe gruda no terno de Magno. — Vou te ensinar a respeitar mulher dos outros.

— Mulher dos outros uma porra. Tire suas patas de cima de mim.

Meu grito sai em câmera lenta quando vejo o braço de Magno se erguer e arremessar com força contra o rosto de Felipe. Meu ex-noivo se desequilibra, mas a raiva é tanta que em segundos já se recompõe e devolve o soco.

Magno parte para cima dele com fúria, mas não é uma tarefa fácil, uma vez que Felipe também é bem alto e tem bom porte físico.

— Pareem! Pareem os dois! — Grito enlouquecida e corro para o meio da briga entrando pelo meio. Seguro Magno, e Felipe se afasta. Ambos têm sangue na boca e estão ofegantes como dois cães bravos.

— Que merda foi essa? — Berro intercalando o olhar de um para outro fazendo-os encolherem com minha revolta. — Você! — Aponto para Felipe. — Não somos mais nada, não tem que tentar mandar na minha vida. Viro-me para Magno: — E você, não temos nada mais que um rolo, então não tente expulsar as pessoas da minha casa. Quero que vá embora.

— O quê? Está me mandando embora?

— É isso mesmo. — Corro até a porta e abro-a. — Vão os dois. Eu não sou uma mocinha coitada que serei prêmio de macho. Mando na minha vida e se dane o que vocês pensam a respeito. Fora, os dois.

Ainda incrédulo, ele fica segundos me encarando, buscando verdade nos meus olhos. E a encontra, nunca falei tão sério.

— Só espero que não caia na lábia desse sem-vergonha pau-no-cu. — Magno vocifera e Felipe logo rebate:

— E só espero que você não seja tola o suficiente para se tornar apenas mais um número na lista desse libertino safado.

— Ok. Magno, até mais. — Ele me fita e em seguida fuzila Felipe com um olhar raivoso, limpa o lábio com as costas da mão e, antes de sair, fala:

— Vou vir buscar a porra da gata, ouviu? É minha.

Assim que ele sai, Felipe me pede explicações com o olhar.

— É, a gata é de nós dois. Agora você deve ir.

— Tem um bicho de estimação com ele? Há quanto tempo estão saindo?

Levanto uma sobrancelha e cruzo os braços. *Sério?*

— Um tempo que não te diz respeito, por favor, é melhor você ir. Conversaremos depois.

Felipe assente, pega o terno no sofá e sai sem olhar para trás. Eu bato a porta e me jogo no sofá.

Meu Deus! Por que homem dá tanto problema? São tão gostosos, mas são o maior problema de uma mulher.

Com toda a briga, Xana continua deitada no sofá. Pego-a, coloco no meu colo lhe dando carinhos suaves.

— Pois é, minha amiga, fique longe de machos. Aprenda a se aliviar com os dedinhos e sossegue. É o conselho que tenho para te dar.

Magno

Se eu for para a empresa, Romeo vai pirar. Pelo retrovisor, olho minha boca. Tem um pequeno corte, além de um arranhão na bochecha, e meu terno rasgou no ombro.

Desgraçado. Eu quero matar aquele filho da puta. Não acredito que Lavínia está novamente dando atenção para ele. E espero que seja apenas atenção que ela está dando.

Merda, merda! Bato no volante sentindo meus pulsos vibrarem com a raiva de mim mesmo por estar furioso em quase desespero sem querer pensar que ela possa ao menos ter tocado em outro cara. Nunca achei que sentiria algo assim e até julgava e criticava homens que manifestavam esse tipo de reação. E agora eu entendo como é ruim imaginar a pessoa que a gente gosta nos braços de outro. Eu só não sei ainda lidar com essa situação.

Chego ao meu apartamento e bato a porta. Arranco meu terno, gravata e camisa ali na sala mesmo. Jogo carteira, chaves e celular na mesinha e quando estou retirando os sapatos me lembro que não estou sozinho. Anne me olha da escada.

— Ah!... Oi. — Ela gagueja.

— Oi. — Pego minhas coisas e subo para meu quarto passando por ela. Tenho que tomar um banho, me trocar e voltar urgente para a empresa. Não posso mais negligenciar meu trabalho. Termina de me despir, pronto para o banho, mas nesse instante a porta se abre e Anne espia.

— Anne! — Ainda bem que estou de cueca. Ela se mostra perdida e tímida, mas não sai. De cabeça baixa, sussurra:

— Vi que você não chegou nada bem. O que aconteceu?

Minha paciência se esgotou há muito tempo, entretanto, não vou descontar tudo nela. Anne foi, durante muito tempo, a idealização de meu sonho não cumprido, e agora volta desestabilizada precisando de ajuda. Não faz sentido eu ser rude com ela.

— Não é nada. Pode ficar tranquila.

Ela levanta os olhos e analisa minuciosamente meu corpo antes de fixar em meus olhos.

— Magno, tivemos tanto no passado, mas agora ainda não conversamos como deveria. Falar sobre tudo que ocorreu... Eu queria saber de sua vida.

— Olha, Anne, as coisas mudaram. Hoje minha vida é outra e não gosto nem um pouco de compartilhá-la. Desculpe, não é grosseria, é sinceridade.

— Sim, eu sei. Para homens é mais difícil se abrir. Eu gostaria de contar de mim. O que houve comigo. — Dá um passo em minha direção.

Que merda é essa? Meu pau está drogado? Não é possível. Semanas atrás ele já estaria saltando da cueca por ver uma loira dessa na minha frente. Agora a única coisa que sinto é apreensão com a proximidade.

— Teremos esse momento. Agora preciso tomar um banho e voltar para a empresa. Se puder dar licença...

— Você já não estava lá? — Antes de eu responder, ela emenda mais outra pergunta: — O que é isso em sua boca? — Dá mais alguns passos se aproximando de mim.

— Um desentendimento. — Toco no meu lábio. — Nada demais.

— Por causa de mulher?

— Ah...

— Vi um par de brincos na bancada da cozinha. — Ela revela. Seus olhos azuis brilham em um tom sedutor. Como eu disse para Daniel, percebo em um olhar quando a mulher quer dar pra mim, e Anne está muito a fim de me seduzir. — Só quero te dar um conselho. — Abaixa a voz em um tom rouco intencional: — Se há outro homem brigando por ela, é porque ela não te merece. — Sua mão se ergue e toca meu braço. — Você é bonito, rico, pode ter quem de verdade te merece. Pense nisso, não se deixe fazer parte de joguinho de ego feminino.

O que ela disse não deixa de ser verdade. É algo que eu jamais me deixei envolver. Mulheres têm ego altíssimo, principalmente em relação a outras mulheres. Se uma delas está com o melhor cara da noite, ela fará de tudo para esfregar seu prêmio nas fuças das outras.

Presenciei muito isso, quando eu escolhia uma, ela desfilava toda contente comigo, mostrando às outras que ela era a opção da vez.

Todavia, isso não acontece com Lavínia. Ela é do tipo que prefere mostrar ela mesma do que ser referência por causa de homem.

— Lembrarei disso.

Ela funga e esconde o rosto demonstrando que uma forte tristeza a tomou a ponto de ter lágrimas em sua face.

— Anne...

— Será que um dia poderemos ter de volta o que perdemos? Eu casei obrigada pelos meus pais e me arrependo todos os dias. Se um dia você puder me dar uma chance, serei tão feliz, Magno.

— Uma chance?

— De ter você de volta.

Ah! Caralho! Ela expressou o que eu já sabia.

— Olha, não é assim que funciona. Você tem razão, eu tenho outra pessoa e não pretendo terminar o que tenho com ela. Quando tenho um compromisso, eu costumo cumprir. Você precisa deixar meu quarto. Eu te darei todo apoio que precisar, mas como velhos amigos.

Um pouco estática com minha resposta, ela acena positivamente e caminha para a porta, dá uma última olhada em mim e sai fechando a porta de leve. E eu solto o ar do pulmão como se estivesse debaixo d'água ansiando por respirar.

Cacete! Como é difícil ser gostoso!



Durante a tarde fui chamado no clube porque a polícia estava lá com o mandado para busca. Acompanhei cada momento da inspeção e, como eu já sabia, nada foi encontrado. O delegado que conduz o caso disse que nada ainda foi descartado e está coletando mais informações. Eles levaram as imagens das câmeras e eu pude respirar tranquilo.

À noite, eu não tinha certeza que Lavínia poderia ir ao clube ou ao meu apartamento. Ela estava furiosa e eu fiz um propósito de não ligar e muito menos ir atrás. Todavia, tive que me precaver: caso ela fosse me procurar, que fosse no clube.

Anne está na sala vendo televisão. Bem provocante em um short curto e blusa fina branca quase transparente. Disse que pegou poucas roupas quando estava fugindo do marido agressor.

Entro na sala abotoando o colete que faz conjunto com o terno e ela me olha surpresa.

— Vai sair?

— Sim. E talvez tenha que dormir por lá. estou indo resolver alguns problemas no clube.

— Ah, que pena. Achei que jantaríamos juntos.

— Pois é. Surgiu uma emergência. — Visto o terno por cima e enfio carteira e celular nos bolsos da calça.

— Ela estará lá, te esperando?

Mano do céu! Isso está me tirando do sério. Anne não era tão inconveniente dessa forma, quando a conheci.

— Não sei. Não combinamos nada.

— Que bom.

— Tem um número de um restaurante na memória do telefone. Basta ligar e pedir no meu nome. Aqui está seguro, qualquer coisa interfone para o porteiro.

— Claro. Então, até amanhã?

— Sim, até amanhã.



Hoje a casa está especialmente cheia. Eu me vesti em um bom terno de três peças com sapatos italianos para circular nos salões dando assistência, e não ficar preso no escritório. As pessoas me olham com admiração e desejo enquanto passo como um deus abençoando todos.

Sou o rei desse lugar, e os súditos se dobram à minha presença.

No fundo, sei que estava ali circulando entre a galera apenas para ver se ela viria. Cabe à Lavínia vir me pedir desculpas e espero isso sinceramente.

De qualquer forma, o dia hoje estava tranquilo na casa. A polícia tinha vindo e, por causa disso, algumas atividades estavam suspensas e pretendia reabrir os serviços só a partir de meia-noite.

Sentado com alguns amigos, saboreando um bom uísque, percebi o momento exato que ela chegou.

Todos os homens que se reuniam comigo olharam naquela direção e eu me delicieei com a visão gloriosa da minha mulher.

É tão louco eu dizer minha mulher, quando tudo que eu menos queria era ter uma mulher só para mim.

Lavínia tem uma leveza única no andar e, como qualquer mulher vaidosa, ela rebola movendo suas curvas como se estivessem sendo regidas por um talentoso maestro.

O vestido de mangas longas deixa seu corpo alto mais curvilíneo e os cabelos soltos ao natural, encaracolados, jogados de um lado.

Eu finjo não me importar, continuo na mesma posição, com um copo de uísque na mão e o charuto na outra.

As três garotas que nos acompanham não escondem a decepção pois sabem que não sobrará Magno para elas. E eu dei indícios de que escolheria uma, ou as três juntas para uma farra privada no meu quarto.

— Boa noite. — Lavínia cumprimenta todos cordialmente e se volta para mim. — Boa noite, Magno.

— Boa noite. — Dou uma generosa tragada no charuto antes de descartá-lo no cinzeiro. — Apreciando a noite?

— Muito. Quer dar uma volta comigo?

— Ah, não por enquanto. — Me faço de difícil. Ou acharam mesmo que esse artifício pertence só à classe feminina? — Não quer se juntar com a gente? — Ela não parece chocada, apenas assente e diz:

— Tudo bem. Irei tomar alguma coisa no bar.

Se afasta e vai direto para o bar.

— Está fazendo manha para uma mulher dessas? — Um dos homens sentados comigo me cutuca. — Se não quiser, poderia me emprestar por uma hora? Se

bem que uma gostosa dessa uma hora seria impossível saciar.

— Fale isso de novo e garantirei que chegará em casa de cadeira de rodas. — Tomo meu uísque e mantenho meu olhar fixo em Lavínia lá longe. Alguns homens estão no balcão do bar acesos com a presença dela e um imediatamente puxa um banquinho para ela sentar e ela aceita. Nem olha para trás na minha direção porque essa demônia tem certeza que eu estou encarando-a.

— Se não for eu, outro vai fazê-la feliz. — Meu colega de negócios cochicha e eu entendo que encontrei alguém do orgulho tão alto como o meu. Me levanto, aceno um até logo para as pessoas e caminho até o bar.

Levanto um dedo para o barman e, como sou dono, ele vem de imediato.

— Traga duas taças de *Château Moutou*. Uma para mim e outra para a dama aqui.

— Sim, senhor.

Ele se afasta e de pé encaro Lavínia.

— Achei que ficaria com seus amigos. — Ela cruza as pernas elegantemente chamando atenção do cara ao lado. Com um olhar ácido, eu o dispenso. Ele entende que perdeu qualquer chance e sai.

— Achei que Felipe fosse mais interessante.

— Ah, sério?

Dou de ombros apenas. Ela se vira no banquinho me encarando com ar incrédulo.

— Me tira uma dúvida: foi encontro planejado?

— Se fode, Magno. Eu não devo esse tipo de satisfação. O que combinamos foi: nada de sexo com terceiros. E não houve. — Ela recebe a taça de vinho, agradece e dá um golinho. Eu nem pisco, encarando-a.

— E sobre o que foi esse encontro tão inesperado?

— Você acabou de dizer: inesperado. Eu não te devo nada, mas, explicando, ele simplesmente apareceu.

Me convenço com a explicação dela e enfim me sento ao seu lado, tendo a fúria um pouco abrandada. Tomo um gole do vinho e, calados, nos encaramos sorrindo.

— Você foi grosso chegando lá em casa daquele jeito.

— Fui, é? — Dou pouca importância.

— Malcriado.

— Sou um macho muito selvagem. Acostume-se.

Rindo, ela toma um gole de vinho.

Assim que terminamos, fico de pé e estendo minha mão para ela. Lavínia não pergunta para onde vamos, entrega sua mão e juntos andamos pelo primeiro salão, sendo alvo dos olhares curiosos. Não era só eu que estava de nariz

levantado exibindo minha parceira da noite. Lavínia tinha em sua mão o melhor que qualquer uma poderia sonhar.

Entramos na área da boate e toca uma música dançante. Ela olha para mim e grita:

— É *Habits*, da Tove Lo. A música minha e do Pedro. — A galera daqui é mais contida, não tem muita gente na pista, apenas nas mesas. Lavínia me puxa para o meio.

— O que está fazendo?

— Dança comigo. — Ela grita e já envolve meu pescoço. Lavínia se move me obrigando a me mover também. Não dançantes, apenas de lá para cá, mais lentos que a música.

— Você tem um mundo de felicidade nos olhos. — Sussurro e nem sei se pode me ouvir, por causa da música. Todavia, o que ela diz eu posso ouvir, só não entendo em que sentido ela disse:

— Nesse momento, você só perde para meu violoncelo, Magno. — Segura minha nuca e puxa minha cabeça para encontrar minha boca em um beijo. E a música toca ao fundo algo como:

“Você se foi e eu tenho que ficar chapada

O tempo todo para manter você longe da minha mente”

Lavínia

Não sei como me controlar diante de tanta paixão em doses cavaleares que entram em meu corpo como se fossem uma droga potente que me faz querer mais, cada vez mais, não pensar com clareza ou raciocinar sobre o que está acontecendo. Meu coração e vagina batem na mesma sintonia, ensandecidos e viciados em Magno.

Eu tinha uma leve impressão de que isso poderia acontecer. Não por eu ser uma mulher chiclete que gruda nos caras que levo para a cama. Mas porque no dia que vi Magno soube o quanto ele era devastador para mim.

Haverá em algum lugar uma mulher imune a ele. E essa não sou eu.

Magno me convenceu de uma loucura, algo que nunca pensei fazer antes. E para me convencer me entregou uma máscara pequena, dourada, que tampa boa parte do rosto. O que ele quer?

Que sejamos o centro das atenções em um dos quartos públicos. Onde muita gente estará lá fora, nas vitrines, assistindo a tudo que faremos. E o que mais me espantou foi que eu aceitei. Eu tinha curiosidade para as coisas desse clube, e deixar ele me mostrar era, sem dúvida, satisfatório.

O quarto não era algo comum, como o que transei com ele para Felipe assistir. É um quarto equipado. Tem inclusive uma armação na parede que se parece um X de madeira, o que ele me disse que a pessoa pode ser amarrada ali e usada como quiser pelo parceiro. Eles apelidaram, amigavelmente, de crucificação. Eu não quis experimentar. Já estava indo longe demais transar com ele e deixar ser vista por várias pessoas desconhecidas, que eu sabia que estariam atrás das paredes de vidro.

Magno tirou minha roupa devagar, apreciando cada centímetro que a roupa revelava do meu corpo. E uma vez nua, eu estava ardendo em chamas querendo-o logo, todavia, ele queria fazer tudo muito devagar, como uma apresentação, mostrando o rei do clube que ele é.

Magno fez coisas incríveis, me fazendo voar em um paraíso de prazer alucinante. Quem precisa de drogas quando pode enlouquecer no pau desse homem? Eu estava enlouquecida e o segredo de tudo era justamente se jogar, sem lembrar que tinha pessoas nos assistindo. Era sem dúvida um espetáculo único e raro para todos. O rei de copas estava mostrando o seu melhor, e eu me senti sensual e ousada em ser a mulher que o fazia gemer para todos verem.

Havia um divã curvo que parecia algo feito exclusivamente para transar. E ali, Magno se deitou, antes puxando o móvel para ficar bem de frente às janelas: ele queria mostrar ao pessoal. Me fez montar nele e, em um delírio compartilhado, cavalguei livremente, deixando meu prazer me dominar e fazê-lo contorcer abaixo de mim, levando a gente a uma experiência sensacional.

Havia paixão nos olhos dele, e mesmo que as pessoas estivessem assistindo, apenas eu poderia ver as chamas em seus olhos, direcionadas para mim.

Agora, já no quarto dele aqui no clube, depois de transar mais uma vez, selvagememente, gemendo enlouquecida, amando-o e me movendo em uma sintonia erótica, com nossos corpos quentes e suados, descanso ao seu lado dividindo o mesmo lençol e usando o braço dele como apoio para minha cabeça. Seus dedos passam mansamente pelas minhas costas em uma carícia terna.

— Magno.

— Oi.

— Cante algo para mim em espanhol.

— O quê? Pra quê?

— Ah, vai. Não custa nada. — Abraçada ao corpo dele, miro parte da lua pela janela aberta. A brisa fria banha nossos corpos no quarto entregues à meia-escuridão.

— Eu não sei cantar.

— Sabe. Você canta Madonna.

Ele fica calado e de repente canta:

Bésame... Bésame mucho,

Como si fuera esta noche la última vez!

— Não. Essa não. Não gosto dela. — Lembro que toquei uma vez essa música com *Andrea Bocelli* e naquele dia sofri um acidente, então essa música me remete a coisas ruins.

— Qual então? — Ele pergunta, calmo, sem parar de acariciar minhas costas.

— Não sei. Canta o que vier em sua mente. — Faz silêncio, acho que ele está se decidindo ou escolhendo a música. E então começa cantando já pelo refrão de uma música bem conhecida:

— “*Como quisiera poder vivir sin aire...*”

Canta em um timbre baixo e lento. Ergo a cabeça e apoio no meu cotovelo. Olhando em meu rosto, ele continua:

Como quisiera calmar mi aflicción

Como quisiera poder vivir sin agua

Pela luz tênue que vem da luminária, admiro seu rosto. Sua mão acaricia meus cabelos e ele termina:

— *Me encantaría robar tu corazón.*

— Adorei! — Dou um beijo em sua boca, escondendo o quanto fiquei de verdade mexida com esse pequeno momento forte que nossos olhares toparam e ele cantou esse trequinho.

— É só uma música. — Despreza.

— Shhi! — Coloco a mão em sua boca. — Não estrague o momento.

— Me fale como é seu processo de criação, nos seus concertos, como escolher as músicas?

Volto a deitar, agora com o rosto em seu peito.

— Ah, depende do concerto. Se for algo mais culto, eu escolho músicas sérias, clássicas. Se for uma apresentação mais popular, como a de São Paulo por exemplo, escolho músicas descontraídas da cultura pop e que o pessoal conheça.

— Eu gosto do seu repertório. A primeira vez que vi pessoalmente você tocar, era uma música que eu gosto pra caramba, então eu fiquei lá sentado babando enquanto todo mundo se levantou para aplaudir.

— Sério? — Rio. Essa confissão me atíça e eu levanto o rosto de novo. — Que música era?

— *Take me to church*.

— Nossa, que legal. Eu amo tocar essa música.

— Agora, quero ver você tocar alguma da Madonna.

— Farei isso, prometo.

— Pelada?

— Cala essa boca. — Empurro a boca dele, e caímos juntos em um acesso de riso. — Me conte: — apoio o queixo em seu peito — além dessa ousadia, qual é o seu sonho?

— Meu sonho? — Entorta os lábios e olha para cima pensativo. — Acho que não tem.

— Claro que tem. Todo mundo deseja muito ter algo realizado na vida.

— O meu já se realizou: comer a violoncelista gata.

Balanço a cabeça me fingindo de pasma, afinal vindo dele era isso que eu devo esperar; e ele emenda:

— Não fique com essa cara. Devia estar feliz por ajudar eu realizar meu sonho.

— Okay, mas realizou esse sonho e fim? Não tem outro?

— Sei lá... — Ele acaricia meu ombro levando alguns segundos para pensar sobre o assunto. — conseguir o autógrafo da Madonna, talvez...?

— Não tem autógrafo dela? — Isso de verdade me espanta.

— Claro que não. Pirou? Sou macho, porra.

— Você que disse.

— Sim, eu gostaria de ter, mas não é algo que eu vá ficar falando.

— Certo. Conhecer ela é um dos meus vários sonhos. — Empolgada, me sento descobrindo Magno com o lençol para me cobrir. — Vamos um dia conhecê-la e ganhar um autógrafo?

— Impossível. — Cruza as mãos atrás da cabeça.

— Claro que não. Eu tenho uns contatos, talvez possa conseguir com um pouco de esforço. Veja meu plano: O que acha de eu tocar “Like a prayer” e você cantar? O vídeo viraliza, ela vê e ganhamos um encontro com a rainha.

— Ah, vai se foder. Nunca que eu vou sujar minha imagem cantando Madonna e virar sarro para o resto da vida. Eu sou Magno Lafayette, respeitado e desejado.

— Mimimi. — Faço boca-de-pato com os dedos — Deveria capinar um lote, arrumar umas goteiras... Lugar de homem é calejando mão com a enxada.

— O quê? — A testa dele se enrugou.

— Isso é falta de: — faço sinal com as mãos que imita uma vagina — boceta. Fica falando essas merdas porque não achou ainda uma mulher boa para botar moral.

— Mulher para colocar moral em mim? Você é louca.

Pulo da cama e desfilo pelada pelo quarto.

— Estou apenas parodiando os discursos machistas que vocês dizem. Peça umas comidas gostosas para a gente comer, e venha se lavar que eu quero foder seu pau de novo.

Rio debaixo do chuveiro ouvindo-o resmungar um palavrão e em seguida dizer ao telefone: “Daniel, peça para trazer o menu da noite para a gente.”

Tomamos uma ducha e nos empanurrámos com o delicioso jantar, bebemos mais champanhe e acabamos dormindo sem transar novamente. A janela ficou aberta e acordo com algo que parece barulho de carro. Assusto e demoro alguns milésimos de segundos para eu lembrar que estou no clube. Magno me abraça confortavelmente. Tento voltar a dormir, mas a claridade da lua está batendo bem na minha cara.

Queria tanto poder ter poderes da mente para fechar a cortina daqui. Estou quase fechando os olhos de sono e morrendo de preguiça. Sem falar que a posição em que estamos é tão aconchegante que desestimula totalmente e demora minutos a fio para eu tomar forças para levantar e ir fechar a janela.

Saio do abraço gostoso de Magno e ele assusta, mas não totalmente.

— Estou indo fechar a cortina. — Cochicho e ele volta a fechar os olhos. Em passos trôpegos, chego à janela e, quando vou fechar, algo chama minha atenção lá embaixo, no jardim da frente.

Comprimo os olhos apurando as vistas e vejo um carro parado e dois homens perto como se estivessem vigiando. Então vem um terceiro homem de dentro do

clube e abre a porta traseira do carro. Me escondo atrás da cortina porque um deles está atento, olhando tudo em volta.

Para meu completo horror, o homem tira uma garota do banco de trás. Ela está inconsciente, nos braços dele. Entra no clube com ela.

Apavorada, dou um passo para chamar Magno, mas minha mente se clareia instantaneamente ao lembrar da notícia das garotas violentadas.

Os criminosos são possivelmente pessoas ricas, elas são sequestradas e desaparecem por dias, mas nenhum resgate é pedido. Entro em estado de choque. Me recuso a aceitar. Olhando para Magno dormir, tento me convencer de que é impossível. Isso não pode estar acontecendo nesse lugar que pertence a ele.

Ele não pode estar metido nisso.

Visto um roupão. Sem saber o que fazer e com medo de ser descoberta, pelo meu celular, aciono a lanterna e saio do quarto, sem que Magno perceba.

Nuca mesmo que vou deixar isso passar. Se minhas suposições se confirmarem, eu derrubo esse lugar.

Saio do quarto e sigo pelos corredores até a escada. De lá consigo chegar até o primeiro salão.

As luzes estão acesas, mas não tem ninguém. Tudo silencioso. Escondida atrás de uma parede, escuto conversas vindo da porta de entrada e então Daniel entra com dois homens que são seguranças; eles conversam em cochichos, os homens voltam para fora, e ele vem, caminhando muito rápido para o segundo salão, que é onde fica a boate. Ele não me vê, passa reto e, ao invés de ir pelas escadas, some por um corredor.

Noto que as luzes do corredor onde ele entrou são de presença. Elas ficam acesas por um tempo e em seguida se apagam mostrando que não há mais ninguém lá.

Minha mente está em pandemônio. Não sei o que farei, não posso chamar Magno sem saber se ele faz ou não parte disso, mas talvez não seja nada do que eu estou pensando.

Quem seria a menina? Filha de algum deles? Não dá para saber, mas não dá para confiar.

No meu celular, digito um número e espero chamar até cair em caixa de mensagem. Sigo em alerta em direção ao corredor que Daniel entrou e toco no celular para chamar de novo. Está quase caindo na caixa de mensagem quando uma voz sonolenta atende.

— Lav? O que houve?

— Pedro, preste atenção. Preciso de sua ajuda.

— O que está acontecendo, onde está? — Ele parece bem desperto agora. —

Por que está cochichando? — Ele vai falando e eu continuo andando, a primeira luz do corredor acende e eu dou mais dois passos. À minha frente, apenas a escuridão; a próxima luz se acende e eu paro. A de trás apaga e eu fico no meio do breu medonho. Meu corpo gela, como em filmes de terror. Começo a tremer, e só não sinto tanto medo porque Pedro está ao telefone comigo.

— Estou no clube Dama de Copas, do Magno. Há algo errado e eu estou indo investigar.

— Errado? Sobre o que, Lavínia? Investigar o quê? — Pedro começa a demonstrar grande aflição na voz, presumindo que não estou fazendo algo certo.

— Cara, eu acabei de ver uns homens entrarem com uma menina desacordada. Isso aqui é um clube para adultos, e o tipo de adultos que são pervertidos. — Meu estresse na voz deixa a situação mais tensa ainda, só em eu me ouvir falando.

— Ai, meu Deus. — Minha ansiedade o tomou — Lav, pelo amor de Deus. Não faça nada. Onde está Magno?

— Está no quarto. — Olho em volta assustada. — Acha bom eu chamar a polícia?

— Volte para o quarto e fique em segurança. Onde você está? Em que lugar do clube?

— Em um corredor, depois da escada do segundo salão... — Eu não termino de falar. Recebo uma pancada atrás da cabeça e caio, todavia, não estou desacordada. em pavor crescente, posso ouvir Pedro gritar pelo telefone: “Lavínia, o que foi isso? Lavínia, fale comigo!” Ainda tonta, me viro de frente sentada no chão e vejo dois homens de pé diante de mim.

Antevejo coisas ruins para mim.

Eu grito o mais alto que posso, fazendo completo escândalo quando um deles me segura e o outro estica a fita adesiva para colocar na minha boca.



Eles não se preocupam em tampar meu rosto, me deixa ver o caminho enquanto me levam, é aqui mesmo, dentro do clube. Conseguiram amarrar meus pés e mãos. Isso me deixa em aflição completamente porque eu sei que eles vão fazer alguma coisa comigo. Todo mundo já ouviu falar em queima de arquivo, não é mesmo?

Apesar desse terror, não choro. Não derramo uma lágrima. Apenas sinto cada gota de adrenalina no meu corpo. Algumas pessoas se tornam corajosas em momentos de perigo e isso é bom, porque ajuda a lutar até o último segundo. Eu sou uma dessas pessoas.

Os homens seguiram pelo corredor e desceram dois lances de escada até chegar a um lugar subterrâneo, com portas de metal muito grossas e que com

certeza são à prova de som. Respiro muito rápido e o suor derrama em bicas pela minha testa.

O lugar para onde eles me levam não é muito limpo, mas é bem organizado e não parece com o luxo de lá de cima. Não tem muita coisa e um ar de improvisado dá o toque final, os móveis são de péssima qualidade.

Cadeiras e mesas desmontáveis e paredes sujas. Poderia apostar que as manchas negras nas paredes são de labaredas de fogo. Como se tivesse ocorrido um incêndio aqui.

Eles vão me carregando e sinto o grito preso na garganta ao ver dois quartos abertos e com colchões no chão, onde posso enxergar um par de pernas femininas. Alguns cômodos estão fechados, mas há barulho dentro deles, denunciando a presença de pessoas lá dentro.

Os homens empurram a porta de um quarto e me joga lá dentro em cima de um colchão, bem ao lado da menina desacordada que eu vi entrar.

Saem ignorando minha tentativa de grito e fecham a porta.

Magno

Acordo com meu celular tocando, mas quando pego-o a ligação termina. É um número que não conheço. Acendo a luminária ainda tonto pelo sono pesado causado pela alta quantidade de champanhe que ingerimos. Esfrego os olhos e não vejo Lavínia do meu lado. O cômodo está escuro, incluindo o banheiro, mas me deparo com a porta do quarto entreaberta.

Acendo a luz, visto a calça e olho o corredor silencioso lá fora. O clube está calmo, hoje teve movimento fraco e tudo já se aquietou. Chego no primeiro piso e vou até o segurança que sempre fica do lado de fora. Ele precisa fazer algumas rondas durante a madrugada e trocar de hora com o segurança que fica dentro.

— Por acaso viu se a Lavínia saiu?

— Não, senhor. Aqui não saiu ninguém na última hora.

— Certo. Fique de olho por favor. — Volto para dentro e tenho o salão imenso vazio e calado a minha frente. Não há uma suspeita ou algo que possa me ajudar a discernir.

Onde ela se meteu?

De uma coisa sei: está aqui dentro do clube.

Penso em cada parte do clube e decido dar uma olhada nos banheiros, mesmo sabendo que não tinha motivos, afinal no quarto tem banheiro. Depois vou ao salão de confraternização.

Será que Lavínia é sonâmbula? — É uma das minhas teorias enquanto continuo andando e procurando quando sei que é em vão.



Lavínia

Escuto meu coração bater nos ouvidos, uma pulsação feroz, em ritmo de alerta. De olhos fechados, tento controlar minha quase cólera gerada pelo puro terror. Se eu entrar em pânico e surtar será pior, preciso, antes de tudo, me manter viva e para isso sabemos que não posso dar motivos para que algum deles tente me calar.

Me concentro no barulho lá fora. São vozes e não dá para distinguir, mas dá para ouvir uma voz mais alta dando sermão.

É o Daniel! — Meu Deus, é ele. Sabia que estava metido nisso. Droga! Eu devia ter chamado Magno, com certeza isso aqui é um lugar clandestino, se

Daniel toma conta de tudo, é provável que Magno está alheio a essa merda toda.

Olho para a garota ainda inconsciente. É pequena e magra, parece ter de treze a quatorze anos. O que esses monstros estão fazendo com essas meninas?

Como se ouvissem lá de fora minhas indagações, a porta se abre de repente interrompendo meus pensamentos, que ficam em suspensão. Arregalo os olhos ao ver Daniel ali confirmando minhas suspeitas. Um homem entra, pega a garota e leva me deixando sozinha com o covarde filho da puta.

— O dia que Magno me pediu para te enviar um convite, eu sabia que iria dar merda. — Daniel começa a falar, vem em minha direção e arranca com força a fita que cobre minha boca. — Mas eu fiz, porque eu não podia contrariar o babacão, afinal, se ele me demitir, perco minha mamata.

— Que lugar é esse? — De queixo erguido, mantenho-me séria, apesar da voz tremulante. — O que você está fazendo com essas garotas?

— Bom, já que vai morrer mesmo, pode ficar sabendo. — Ele ri odiosamente. — Esse é meu negócio. Lucrativo, não? Pois é. Primeiro meus soldados saem por aí olhando meninas desavisadas, depois as atraímos em redes sociais, sim, existem demais meninas que caem. Depois trazemos para cá e ganha a novinha o cliente que der o maior lance. Ele pode fazer o que quiser, menos danificar a peça.

Só então uma lágrima deixa meu olho, mas de ódio. O mesmo ódio que faz meu corpo todo vibrar.

— Depois de usada, devolvemos a garota a sua casa. Fim, todos ficam felizes, ninguém se machuca, ninguém morre.

— Ninguém se machuca? Seu monstro! — Berro já quase fora de mim. — Olha o que está fazendo com essas crianças! Está acabando com a vida delas.

— Que crianças o quê? Daqui a pouco elas vão dar de graça para qualquer moleque. Eu só estou vendendo o que elas vão distribuir. Meus clientes são homens de bem. Elas estão em boas mãos, mas não posso dizer o mesmo de você. — Ele abaixa diante de mim. — Você tinha que vir aonde não te interessa. Infelizmente meu patrãozinho perderá a puta particular dele.

— Filho da puta. Você não sabe o que te espera. — Grito e quase nem mesmo eu acredito em minhas ameaças. — Eu vou fazer questão de acabar com você.

— Como? Vindo me assustar à noite quando for um fantasma? — Dá um tapinha em meu rosto e recoloca a fita na minha boca. — Que nada. — Fica de pé e me assombra com suas palavras seguintes: — Os caras vão vir te dar um trato. Precisa aparecer sem vida e violada, para eles investigarem estupro e não assassinato por queima de arquivo. Até mais, tenha ótimos bons momentos de vida.

Respiro em desespero, sem poder lutar, assim que os dois homens aparecem

na porta.



Magno

Volto para o quarto após as buscas infrutíferas. Pego o celular na intenção de ligar para Lavínia, todavia vejo a ligação que eu perdi e toco para retornar. Em dois toques a pessoa atende.

— Magno? — Grita do outro lado.

— Sim, sou eu. Quem é?

— Aqui é o Pedro. Pelo amor de Deus, você precisa ir atrás da Lavínia. Ela está em perigo. Já chamei a polícia.

Quase tenho um mal súbito com o que acabo de ouvir. Uma eletricidade cáustica percorre meu corpo indicando que o sumiço de Lavínia é mais terrível do que imaginei.

— Caralho. — Saio correndo do quarto. — Como assim? Onde ela está?

— Uns caras, entraram... entraram com uma menina e ela viu. Eu... eu ouvi... ouvi quando pegaram ela...

— Pedro. Fale devagar, você não está me ajudando, cacete. — Minhas passadas rápidas me levam em segundos para o andar de baixo.

— Da última vez que me ligou, estava seguindo uns caras dentro do seu clube. Eles entraram com uma menina e ela viu. Eu não sei, você precisa encontrá-la.

— Aqui dentro do clube? — Paraliso no meio do caminho, estava quase chegando à porta principal para pedir apoio ao segurança.

— Sim, disse que era um corredor depois da escada do segundo salão.

Automaticamente, olho para trás de mim.

— Certo. Sei onde é.

— Faça algo depressa! Eles a pegaram. Meu Deus, eles a pegaram! — Não deixo que a aflição dele me contamine. Desligo a ligação e uso minha racionalidade antes de agir. Se esses tais homens entraram aqui com uma garota, então o segurança viu. Portanto, dou meia-volta. Não é confiável eu chamar um deles para me ajudar.

Subindo dois degraus por vez, volto para o segundo piso, entro no meu escritório e vejo meu dedo tremer enquanto digito a senha do cofre na parede. Dentro, há tudo que preciso: um revólver. Recarrego-o e antes de sair, ativo o aplicativo de rastreamento do celular dela, torcendo para que ainda esteja em sua posse.



Lavínia

Os dois homens vêm para cima de mim e eu me debato o máximo que consigo, mas é quase impossível, uma vez que já estou de mãos e pés atados.

— Hummhnnm!! — É o único som que consigo emitir por baixo da fita na minha boca, e isso é desesperador, tentar gritar e não conseguir. Sem esperar, recebo um soco no rosto.

— Cala a boca, puta! — Resisto sem querer me dar por vencida, mesmo levemente desorientada pelo golpe. Junto cada pinguinho de força e continuo me debatendo ferozmente tornando a tarefa de um deles, que tenta me segurar, mais difícil. Ganho outro soco e esse acerta minha boca. Minha cabeça ricocheteia contra o piso e me sinto tonta, com a visão embaçada. As mãos de um deles abrem meu roupão e eu me chacoalho desesperadamente sem querer acreditar que esse possa ser meu fim.

Nada de últimas imagens passando diante de meus olhos. Enquanto ainda sinto a respiração, ainda estou viva e continuarei sem abaixar a guarda.

Um dos homens está se despindo, mas ele para de repente como se tivesse escutado algo.

Eu também escuto. São gritos, vozes altas de homens e então ouço um tiro. Os dois homens ficam em alerta, mas não têm tempo de sair do quarto. Magno entra ofegante com uma arma em punho e vejo alívio com revolta em seus olhos assim que ele me vê. A realidade se torna bem mais tenebrosa vista pelos olhos dele. E só então as lágrimas deixam meus olhos vindo em um pranto violento de puro alívio.

Deixo meu corpo cair e fecho os olhos escutando o barulho da briga. Mesmo Magno estando armado, os homens partiram para cima. Há tiros e socos por todo quarto, entretanto eu fraquejo e não quero ver nada, continuando a chorar de olhos fechados.

Quando tudo silencia e mãos me tocam, eu me sacolejo desesperada, mas a voz que ouço alenta minhas emoções.

— Lavínia, está tudo bem. Estou aqui. — Rapidamente, Magno tira a fita da minha boca e começa, trêmulo, a libertar minhas mãos. Pulo em seus braços assim que consigo movê-los e de relance vejo os dois homens caídos do outro lado.

— Está tudo bem. Você está bem. Calma. — Ele me aperta fortemente trazendo a calma que pede para eu ter. Só então minha respiração não parece dolorida quando exalo.

Ele me tira do quarto às pressas e me deparo com a desordem do pequeno salão. Dois homens estão caídos aparentemente desacordados e não há vestígios de Daniel.

— É o Daniel... Magno. É ele que... fez isso. — Murmuro sentindo muita dor

no maxilar, por causa dos socos.

— Eu sei. Ele conseguiu escapar, mas a polícia está chegando.

A polícia chegou levantando rebuliço, gritando para todos saírem do prédio e invadindo às pressas.

— Senhor Lafaiette, você deve nos seguir para a delegacia. — O delegado diz após uma pequena olhada no subsolo do clube, onde sempre estava trancado por ser uma área abandonada. — O lugar está sob seus comandos e vai precisar se explicar sobre todo esse crime acontecendo debaixo do seu teto.

— Claro, precisarei ligar para meu advogado.

Eu fui levada para uma ambulância que chegou de sirene ligada fazendo escândalo e, de lá, sendo examinada, pude ver Magno conversar com os policiais. E em um instante não sei mais o que pensar e o que sentir. A única coisa que sei é que quero ir embora, não estar aqui nesse lugar.

Magno me olha e as notícias não parecem boas, posso ver daqui que ele está em maus lençóis. E acho que acredito no que a polícia aponta. Mesmo tentando ser parado, ele vem correndo em minha direção, porque viu minha desconfiança.

— Lavínia...

— Magno, agora não. Quero ir embora.

— Eu não tenho nada a ver com isso. — Desvio meu olhar porque não quero ainda ver qualquer sentimento em sua expressão que possa me induzir.

— Você tem a foto de uma adolescente em sua carteira. Isso dá margem para eu pensar tantas coisas...

— Ah, que porra! — Seu estresse extrapola e suas mãos correm pelos cabelos baixos. — É a Anne, uma pessoa que foi muito importante para mim, anos atrás e... Olha, vou te contar tudo, mas agora só precisa me dar um voto de confiança.

— Eu acho que vai precisar provar.

— Então desconfia de mim? — Sua decepção me acerta de uma forma dolorosa e eu gostaria de dizer a ele que confio cegamente em sua palavra, mas não posso fazer isso.

— Senhor Lafaiette, não pode conversar com a testemunha e vítima. — O delegado puxa o braço dele e faz sinal para os paramédicos fecharem a ambulância. E não perdemos contato visual enquanto ele se afasta desanimado e pasmo com minha expressa desconfiança.

Lavínia

Eu sou uma pessoa prática e precavida. Sempre premeditei tudo em minha vida até os pequenos detalhes. Não queria encontrar um homem fixo antes da hora porque a prioridade era trabalho, depois planejei namoro com Felipe e o casamento. Mas nunca planejei me apaixonar de uma forma tão avassaladora que eu só ouvia falar em livros e filmes.

E agora não só estou completamente picada pelo bicho “paixão” como também desmotivada e derrotada sentimentalmente por imaginar que Magno esteja de alguma forma compactuando de todo aquele horror em seu clube. Sem contar o trauma que eu sofri, me deixando à beira de um ataque.

Deitada na cama de hospital, limpo uma lágrima solitária. Tenho como companhia apenas meus pensamentos nada agradáveis. E de alguma forma é a única companhia que eu quero e preciso.

Às cinco da manhã, Pedro entrou correndo pelo quarto, trazendo desespero. E enquanto eu o tinha em cima de mim me abraçando, coube a mim a tarefa de acalmá-lo.

— Ei, amigo. Está tudo bem, eu estou bem.

— Lav, por Cristo! Senti tanto medo...

— Eu também. — Aperto firme sua mão. — Obrigada por ter chamado a polícia. — Sussurro, sentindo tremor ao dizer isso. Torna tudo tão real e mais cru.

— Eu avisei Magno. Foi ele que te salvou.

— É, eu sei. — Desvio o olhar triste, mas não a tempo de ele perceber. Pedro senta na cama ao meu lado.

— Acha que ele... sei lá, de alguma forma, sabia de toda aquela merda?

— Eu quero acreditar que não, mas não posso ter certeza e, para pensar com calma, preciso me afastar dele, completamente. Inclusive o delegado orientou isso.

— Sim, claro. Eu acho também. É um caso muito grave.

— E as garotas? Sabe alguma coisa? Eu sei que tinha mais meninas lá.

— Não sei, nada foi divulgado ainda. Mas logo o nome do clube estará em todos os noticiários. Acabou, de qualquer forma, para Magno.

Tento não demonstrar em gestos as más reações que essa frase me provoca. Nesse instante, a porta se abre e Dante entra com Isabelle e meu irmão Isaac.

Mas nada da minha mãe. Conto resumidamente o que aconteceu, tentando o máximo isolar partes do caso que eu tinha com Magno. Não quero expor isso a minha família.

E mesmo depois de eu contar tudo e afirmar que estou bem, o olhar preocupado ainda banha o rosto do meu irmão. Eles se entreolham e percebo, para meu terror, que há algo mais do que a preocupação por mim.

— O que está acontecendo? — Passeio meu olhar por cada um deles. Isaac abre a boca e nesse instante já sei que é mesmo algo ruim.

— O pai... Ele sentiu algo muito forte quando os policiais chegaram em casa.

— O quê?! — Berro me sentando. Onde ele está, Isaac?

— Fique calma, Lav. Isabelle toca em meu braço, mas calma é a última coisa que tenho ao encarar seu rosto.

— Onde ele está?

— Está no CTI. Ele sofreu um enfarte. — Meu irmão diz e eu desabo. Não literalmente, mas no âmago do espírito. Me sinto totalmente derrotada, com minha última gota de lucidez sendo sugada.

Passo pouco mais de um minuto olhando para cada um dos rostos que me rodeiam. E então o sague volta a fluir no meu corpo.

— Eu preciso vê-lo. — Tento me levantar.

— Não. — Isaac é incisivo. — Não vai. Você só vai piorar as coisas, eles não deixam ninguém entrar e pode ter certeza que está tendo o melhor acompanhamento.

— Eu... preciso ver meu pai. Não me negue isso. — Sinto meu rosto molhado de lágrimas e não importo muito de estar em prantos. Minha família é tudo para mim e a culpa me corrói de uma maneira dolorosa.

— Calma, minha irmã. Você tem que manter a calma, como nós estamos.

— Foi minha culpa. Meu Deus, foi minha culpa. — Seguro bem forte na mão de Isaac. — Eu causei isso para ele.

— Não diga isso, Lav. — Isabelle intervém vindo para o outro lado da cama. Ela senta e abraça forte.

Nos braços dela, fecho os olhos e choro com todas as minhas barreiras sendo quebradas de uma única vez. O trauma que passei, as descobertas em relação a Magno e agora meu pai.



Dante e Isaac tiveram que ir, mas Pedro e Isa ficaram comigo, me fazendo companhia até dar o momento de eu ir embora. Quando eu já estava me arrumando para sair, Felipe chegou e gentilmente pedi que Pedro e Isa nos deixassem a sós.

— Eu vim assim que soube. — Ele murmura perto do meu ouvido enquanto

me mantém presa em seus braços.

— Obrigada. — Afasto para olhar em seus olhos. — Meu pai...

— Eu sei. Ele é forte, vai sair dessa. Fique calma. — De olhos fechados, sinto suas mãos de lá para cá nos meus cabelos. — Tenho certeza que tudo ficará bem.

Sentindo o cheiro dele, sinto conforto e as memórias de quando estávamos juntos voltam abrasadoras. Eu era feliz. Não estar apaixonada por ninguém deixa a gente feliz, sem um pinga de mágoa ou preocupação.

Mas eu iria me casar sem amar Felipe? Sem ao menos sentir paixão? Sim. E só agora vejo isso, porque o poder dos sentimentos que tenho por Magno é muito maior do que eu tinha por Felipe e eu jamais conhecia o que de verdade era esse delicioso e doce sentimento até experimentá-lo.

Sentirei saudade da risada dele.

Do corpo alto e forte.

Do cheiro almiscarado e natural, dele mesmo.

De seu ego gigantesco.

De seu abraço ao dormir...

— Queria voltar no tempo e nunca ter entrado naquele maldito clube. — Confidencio a Felipe.

Por que eu acabei me viciando, me deixando levar e amando um homem que não foi feito para ser apenas de uma mulher.

Magno é de todas, mas nenhuma é dele. E pensar isso me dói tanto que quase tampa minha garganta.

— Eu digo o mesmo. Se eu não tivesse te levado, nada disso teria acontecido. — Felipe concorda achando que eu lamento pelo momento que passei, mas meu verdadeiro descontentamento é pelo que vou passar de agora para frente, sofrendo para curar um trauma e um amor febril que jamais será correspondido.

Eu fui liberada do hospital, fui em casa acompanhada de Pedro e Isa. Eles ficaram lá comigo até as sete na noite. Eu sou o tipo de pessoa que precisa digerir tudo sozinha, tenho melhores resultados remoendo sozinha do que compartilhando minha dor. Mas eles não quiseram me deixar, e ainda receberam o pedido do meu irmão para não tirarem os olhos de mim.

Odeio que tentem dar ordens e direcionar caminhos em minha vida, sou adulta o suficiente para fazer minhas escolhas. Isso me deixou bem desconfortável, mas não protestei. Estava fraca demais para tentar uma disputa.

Deixei Isa preparar algo para comermos e fui me enfiar debaixo da água quente do chuveiro em uma tentativa inútil de amenizar minha indisposição.

— Toma, vista isso. — Pedro me entregou um vestido qualquer de algodão e eu achei o cúmulo ele fazer isso, uma vez que eu não estava enferma ou debilitada. Mais uma vez não protestei diante de meu desconforto.

— Vocês terão tempo de conversar. Ele vai se explicar, Lav.

— Não quero falar sobre isso, Pedro. Por favor.

— Sim, claro. Desculpe. — Ele entendeu sem eu precisar pedir e me deu espaço, saindo do quarto e me deixando sentada em posição ereta na ponta da cama. Dentre tudo que aconteceu, Magno era uma preocupação bem depois da saúde de meu pai. Porque ele e minha mãe são as coisas mais preciosas que tenho e, durante os minutos que fiquei sentada ereta na ponta da cama sem me mexer, fiz milhares de preces. Eu queria meu pai comigo e faria qualquer coisa para vê-lo bem e sorrindo novamente.

De repente, a porta se abriu e Isa me olhou solidária, com olhos saltados. Eu soube que algo tinha acontecido e não era notícia ruim.

— Lav, seu pai está consciente e deseja te ver.



Meu pai queria me ver, especificamente. Minha mãe estava lá do lado de fora da porta do CTI desde que ele fora trazido. Chego às pressas sendo seguida por Isa e Pedro. Minha mãe e Isaac já estão lá, acabaram de falar com ele.

— Como ele está?

— Está bem. Ele quer te ver, minha filha. — Minha mãe murmurou, os olhos inchados das lágrimas recentes.

Fui sozinha. Segui um enfermeiro e ele me levou até a ala cardíaca. Meu pai estava respirando com ajuda de um pequeno fio transparente preso ao nariz. Havia aparelhos ao redor da cama monitorando seus batimentos e em geral parecia bem.

— Pai! — Rindo e chorando, não sabia ao certo o que era, corri e o abracei.

— Minha princesa. — Ele sussurrou com a voz embargada. — Poder te ver de novo é um presente dos céus.

— Pai. Meu Deus, senti tanto medo!

— Eu que senti. Nunca mais me apronte uma dessas.

— Nunca mais. — Prometo a ele no mesmo instante. Com calma, limpo as lágrimas que deixam os olhos dele.

— Filha, olha minha situação. — Ele levanta a mão devagar e logo eu entrego a minha para ele segurar. — Não sei quanto tempo de vida eu tenho.

— Não diga isso, pai. O senhor vai viver muito ainda. Conhecer seus netos...

— Sim. É o meu desejo. Mas tenho algo a te pedir. Te implorar, na verdade.

— Diga. Farei o que puder para fazer seus dias felizes.

Meu pai não faz rodeios. Como sempre foi, desembucha tudo de uma vez:

— Case-se com Felipe. Me dê a alegria de te ver no altar com ele. É tudo que te peço.

Magno

Meu mundo estava em ruínas. Tudo que para mim importava tinha perdido. Antes de tudo, se algo me abalava, o clube era meu alento, meu refúgio. Agora, me sinto desamparado. O sofrimento é como a perda de um filho.

Em frente à mesa do delegado, ao lado do meu advogado, eu senti pena de mim, porque eu sabia que a merda seria muito melhor que minha vida a partir de então.

— Aquele lugar está interditado há uns dois anos. Não fazia ideia. — Cochicho, de cabeça baixa, encarando a caneca de café que foi colocada a minha frente, como uma cortesia irônica.

— Pode repetir mais alto? — Levanto os olhos para o delegado. Ele usa seu olhar investigativo para tentar descobrir algo nas entrelinhas, como minhas reações, ou me pegar em alguma contradição. Eu já fui delegado, sei como funciona. Repito o que eu tinha dito, em alto e bom som dessa vez:

— Então era dono do clube, mas não sabia o que acontecia lá dentro? Isso soa um tanto estranho, não acha?

Troco um olhar cúmplice com meu advogado e ele faz um gesto sutil de que eu devo falar.

— Acho. Se eu tivesse aí desse lado não estaria acreditando em nada do que eu estou falando.

— Então...

— Então que mesmo sendo incrível, essa é a verdade. Daniel era meu braço direito. Eu ia ao clube e cuidava da superfície. A tesouraria, para ser mais exato. Ele fazia o resto, inclusive vetar ou aprovar entrada de novos membros, às vezes falava comigo, mas não era sempre.

— Tem provas?

Faço um gesto ao meu advogado e ele entrega cópias das fichas de inscrição do último ano. A maioria assinada por Daniel. Enquanto o delegado analisa, pergunto:

— E as garotas? Estão bem?

Ele levanta os olhos do papel e já estão semicerrados.

— Não tem que saber detalhes sobre as vítimas. Mas sim: foram resgatadas e estão bem.

— Ótimo. E Daniel?

— Ainda foragido.

— Miserável, desgraçado. — De verdade eu queria encontrar aquele filho da puta e afundar sua cara no murro.

O delegado termina de analisar e deixa as fichas de lado.

— O que diria sobre as inspeções policiais no seu clube e nunca nada daquilo foi descoberto?

— Eu sempre pedia para Daniel cuidar de tudo. Se quiser, pode quebrar meu sigilo telefônico e ver que eu pedi a ele para ajeitar algumas coisas no clube porque a polícia vinha.

— Que tipo de coisas?

— Cozinha. — Dou de ombros. — É sempre muito asseada e organizada, mas caso desse um azar... também lá acontecem práticas BDSM, talvez policiais não entendessem... essas coisas.

— Então ele sempre estava por dentro das operações policiais?

— Sim. Como a de ontem. Ele guiou os policiais por todos os cantos do clube.

— Eles os levou para onde quis. — O delegado conclui o raciocínio.

— Sim.

— Então, senhor Lafayette, tem algo mais que possa provar que o senhor não sabia do que acontecia naquele subsolo?

— Há câmeras de segurança. Nelas não haverá, em nenhum momento, alguma imagem minha indo para aquela direção. Porque eu não ia, estava interditado. — Exalo profundamente e acrescento: — Eu salvei Lavínia. Se eu tivesse sabendo de tudo, teria deixado que acabassem com ela para queimar arquivo e não revelar o esquema.

Ele me estuda mais alguns segundos e depois de eu estar aqui a sua frente por quase duas horas, ele assente e me libera.

— Por enquanto o senhor pode ir. Mas vou pedir que não deixe a cidade em hipótese alguma ou emitirei uma ordem de prisão.

— Claro. — Me levanto e saio da sala dando de cara com Romeo e Lorenzo, pálidos, apavorados me esperando. Penso que Romeo vai me dar uma bronca do caralho, mas o que ele faz me pega desprevenido: me abraça apertado, mostrando todo o alívio por me ver bem. E Lorenzo, que sempre foi mais reservado, apenas massageia meu braço me mostrando que tenho todo seu apoio.

— Está em todos os noticiários. Estão crucificando seu clube. — Lorenzo diz trucidando um pedaço de mim. Me afasto de Romeo e encaro-o.

— Estou bem, mano.

— Cara, como isso aconteceu? Sei que você não é culpado daquelas merdas.

— Eu não sou.

— Temos certeza. — Lorenzo reforça e isso é o que importa. Eles acreditam

em mim.

— Vamos. — Romeo diz. — Vamos para casa.

No caminho, me lembrei que Anne estava em minha casa e aceitei de bom grado ir para a casa de Romeo, onde Vilma estava e podia fazer um café do jeito que eu gosto. Eles ainda não sabem sobre Anne e não acho que seja o momento de contar. Durante todo o caminho, o silêncio é sepulcral. Meus irmãos sabem que preciso de um tempo com meus demônios interiores e, como todo homem, sabem que lidamos melhor com problemas quietos do que falando para os quatro cantos.

Na casa de Romeo, tomo um banho e visto um roupão dele. São seis da manhã e a água quente do chuveiro reviveu em mim momentos gostosos tão próximos da noite anterior.

Lavínia. Meu maior erro e acerto. Eu gostaria de nunca tê-la conhecido, mas também gostaria de ter repetido cada segundo com ela, porque foi muito bom. A dor debaixo da água quente era pior do que descer um tobogã de gilete. Porque a dor era em uma parte de mim que nunca tinha sentido, nunca nem achava que existia. Uma dor desconhecida, e por isso incomodava tanto, porque eu não tinha o antídoto para ela.

Desci e fiquei na mesa com todos ao redor calados me esperando. Lorenzo de pé, recostado de braços cruzados, Vilma apreensiva e quase em choque me olhando com pena, Romeo sentado à mesa comigo e Olivia.

O cheiro do café me remete a lar, a algo bom e seguro. “Like a prayer”, da Madonna, me toma a lembrança como um tiro. E eu quase vacilo na porra dos sentimentos.

— Ele usava meu clube para vender... — abano a cabeça sentindo nojo em tomar ao imaginar toda aquela perversidade — para abusar sexualmente de meninas. Foram mais de dez no último ano. E essa noite tudo foi descoberto graças à Lavínia...

— Lavínia? O que ela fez? — Romeo questiona.

— Ela estava comigo no quarto e de madrugada viu os caras chegarem com uma garota. Lavínia quase foi morta pelos capangas de Daniel.

— Ah, por Cristo! — Vilma exclama estarrecida!

— Se eu não chegasse a tempo, nem sei o que teria acontecido, nem gosto de pensar nessa porra. E agora, ela acha que eu...

— Que você é culpado? — Lorenzo adianta.

— Vou conversar com ela. — Afirmo e acho que foi uma maneira de me tranquilizar porque, nos olhares ao redor, ninguém tem fé de que vai dar algum resultado.

Por mais que Romeo e Vilma tenham pedido para eu ficar por lá, acabei indo

para minha casa, antes liguei para um corretor que conheço e pedi que providenciasse um pequeno apartamento. Anne precisava urgente sair do meu lar. Eu não estou com cabeça para aguentar eu mesmo, veja lá um fantasma do passado que não tem para mim o mesmo peso de anos atrás.

Chego quase arrastado em casa e, assim que jogo minhas coisas na mesinha da sala, Anne entra não me deixando esquecer de sua presença. Todavia, de uma forma estranha, vê-la me dá acalento.

— Oi. — Sorrio e me sento no sofá. Ela se aproxima mansamente e senta ao meu lado. Você viu, não é? Indago, me livrando dos meus sapatos.

— Sim. Eu sinto muito por você, Magno.

— Obrigado.

— Venha aqui. — Ela me faz virar e me abraça forte. Não é a mesma coisa de quando éramos jovens, não tem mais a mesma loucura de sentimentos, é como se não fosse a mesma pessoa, ou melhor, é como se eu não sentisse mais nada por Anne e finalmente estivesse pronto para deixá-la partir.

Por anos, eu vivi em função do que tivemos. Tratei todas as mulheres em generalização como resultado do que ela me fez. Durante todos esses anos, a foto dela esteve em minha carteira porque eu tinha que lembrar quanto veneno uma mulher poderia ter.

Eu construí minhas barreiras em cima de minha imaturidade, criando um conceito deturpado. Agora sei que não são todas as mulheres, foi apenas uma que vacilou comigo.

Afasto do abraço dela e acaricio seus cabelos loiros lisos.

— Você precisa ir.

— Magno, escute. E se a gente tentar? — Ela se ajeita no sofá para mais perto de mim e toca no meu rosto. — Eu nunca te esqueci, e tudo isso só pode ser trama do destino, para nos unir.

— Não sou o mesmo, Anne. Eu sou um homem livre, tenho todo o controle que preciso. Não vai rolar.

— É a mulher que estava aqui? Ela é tão importante para você?

Penso em Lavínia e em tudo que vivemos nas últimas semanas e agora peso em uma balança mental o quanto a opinião dela é importante para mim, acreditando em minha inocência. É maior do que a opinião de qualquer outro.

— Sim, ela é muito importante, mais do que eu mesmo poderia entender.

— Temos uma ligação, ela apareceu por agora. — Anne quase grita em desespero acentuado. — Temos uma história, Magno! Nosso reencontro mexeu comigo... Confesse que não mexeu com você?

— Sim, mexeu. Mas foi apenas surpresa por rever você. — Fico de pé e toco gentilmente no queixo dela. — Preciso ficar sozinho, já preparei um apartamento

para você ficar. Infelizmente, para você, não terá a sorte de provar um pouco de mim.

É absolutamente estranho estar em uma casa com uma pessoa que já deixou claro que deseja algo mais que apenas amizade. Eu estou completamente fodido em todos os sentidos figurados e pensar em relacionamento amoroso é a única coisa que vai acontecer.

Eu fui dormir cedo e não forcei uma conversa com Anne quando ela deixou claro, amuada em um canto, que estava muito magoada comigo. Eu só queria dormir logo para poder ver Lavínia na manhã seguinte.

O delegado me proibiu de ter contato com ela por ser a vítima, mas eu estava mandando ele para a casa do caralho e iria fazer o que eu bem quisesse.

Bem cedo eu já estava de pé surpreendido comigo mesmo e a força de vontade que me dominava pela manhã. Eu devia estar me dando uma surra de cipó para deixar de ser otário, afinal o clube, meu maior bem, estava sendo crucificado e o que eu estava fazendo? Correndo atrás de rabo de saia.

Mas o que ninguém podia entender é que tê-la de volta fazia todo sentido para mim.

Liguei para ela e incrivelmente aceitou me encontrar sem que eu precisasse pedir uma segunda vez. E eu iria pedir, porque no fundo do poço que cheguei, qualquer cagada era comum.

Eu não iria em seu apartamento, iríamos nos encontrar em uma cafeteria, um lugar bom para um encontro matutino.

Para descrever melhor o que estou passando, ou o que qualquer homem passa nesse estágio, imagine o seguinte: o nosso pau é um cara pentelho, bem mala-sem-alça mas que adoramos, e vive diariamente ao lado do sujeito. Dorme, come, toma banho, tudo. Ele fica soprando coisas no nosso ouvido, na verdade gritando: *“Magnoooo! Come essa mulher, caraaaa! Pelo amor Deus! Se não comer, hoje não te deixo dormir.”*

É daí que vem o conceito de homem pensar com a cabeça de baixo, porque quase sempre é verdade.

Mas por que quase sempre? Quando é que o pau é vetado de ter vontades? Quando chega a mandona conhecida como Paixão.

A paixão simplesmente é a namorada linha-dura que o pau traz para morar com ele. E então fica os dois do lado do homem dia e noite, como opostos de consciência soprando bem e mal em cada lado do ouvido. E como mulher sempre manda, a paixão sempre vai falar e o pau calar a boca. Ela fica gritando direto: *“Magnoooo! Olha lá a coitadinha da Lav! Se não fizer um plano foda pra caramba e ir conquistá-la, eu vou te perturbar, não te deixar dormir e ainda vou escutar Whitney Houston ao seu lado. Ah! E vou deixar meu namorado*

Pênis de castigo, aí você não fica mais com ninguém a não ser a Lav.”

Sim, ameaças femininas são bem mais incisivas e, por causa dela, essa namorada pau-no-cu que meu pau arranhou, eu estou fazendo coisas que jamais estaria fazendo com minha sanidade estável.

Chego ao local do encontro antes dela.

Errado! Isso jamais aconteceria. Eu sempre atrasava porque a mulher tinha que sentir-se agraciada de estar em um encontro comigo. E, com meu atraso, ela começaria a pensar que tinha perdido. Isso é ótimo para dar mais valor ainda.

Tiro os óculos escuros e me levanto assim que um táxi para e ela desce. Afasto uma cadeira para ela sentar, me portando com cavalheirismo.

— Obrigada. — Ela murmura. Me sento e encaro-a.

— Como está? — Pergunto logo, na lata.

— Estou bem. E você? — Não é uma pergunta retórica, visivelmente ela se importa.

— Também estou. Muito bem. Estava preocupado, queria notícias de você...

— Eu... tinha esquecido completamente de te dizer isso: Obrigada por ter me salvado. Devo a você a minha vida.

Apenas assinto sem desviar os olhos dos dela. Parecem mais claros agora pela manhã, porém não tão vívidos como sempre se apresentavam. Um garçom chega, pedimos café e, quando ele sai, Lavínia informa, de cabeça baixa:

— Meu pai ficou sabendo e sofreu um enfarte. Está no hospital.

Ah, que bela merda. Agora sim ela jamais me perdoa. Vai colocar isso na minha conta, querem apostar?

— Sério? Eu sinto muito. Como ele está?

— Melhor. — Ela ajeita mechas de cabelos na testa e respira fundo trocando um olhar triste comigo. — Magno, independentemente de qualquer coisa, gostaria que soubesse que esses dias foram perfeitos para mim. Não arrependo de nada.

— Eu também.

Nosso café chega. Lavínia toma um golinho e volta a me encarar.

— Eu decidi dar um fim no nosso trato.

Eu podia ter tido alguma reação silenciosa, ou apenas tomar um gole de café me fazendo de indiferente, mas exclamei rapidamente:

— Eu não sou culpado. Consegui mostrar isso ao delegado!

— Eu acredito. — Ela até sorri exibindo sinceridade maciça nos olhos.

— Acredita? — Sinto meus olhos saltarem pela surpresa das palavras dela.

— Sim. Passei a noite pensando a respeito. De todos ali, você era o último a ter qualquer motivo para se envolver com todo aquele crime.

— Obrigado pela confiança. Eu dei muito poder a Daniel, e ele usou de minha

boa vontade para fazer isso.

— Espero que os culpados sejam punidos. Eu vivi um horror naquela noite, as lembranças me maltratam por dentro. — Esconde o olhar carregado de terror e só volta ao contato visual quando seguro sua mão.

— Eu prometo que farei cada um deles pagar.

— Todavia, independente disso — faz uma pausa antes de continuar —, não quero mais continuar, pelo nosso bem.

— Cara, eu não vou implorar. Não vou me rastejar ou correr atrás. Você teve um bom tempo para conhecer que não sou esse homem; não é do meu feitio implorar para que uma mulher fique comigo.

— Sim, eu sei. Eu sei que me deixará ir assim que eu quiser.

— Mas podemos escolher... continuar...

— Não dá. — Ela sacode a cabeça negando lentamente, tristeza em sua fisionomia. Eu sei que ela não vai dar uma chance para terminarmos juntos o mês. — Eu quase perdi meu pai, quase perdi minha vida. E com isso eu pensei bastante que preciso viver meus dias com muita perseverança. Quero cumprir os desejos do meu coração e do meu pai, quero poder fazê-lo feliz, porque a vida é tão curta.

Venha ser perseverante do meu lado, porra! Tenha lucidez, mulher. Cacete!

— Eu entendo completamente.

— E infelizmente, um caso com o empresário bonitão e safado não está em meus planos. — Apesar da dureza da conclusão, ela sorri de leve.

— Eu sei. Você não vai mesmo ficar comigo, não é?

— Não vou.

— Certo. Posso ver a Xana ocasionalmente?

— Não faça as coisas serem mais difíceis, Magno. — Sussurra desoladamente cortando minha tentativa de desconstrair — Vamos agir como se fosse um dia qualquer, sem despedidas e adeus. Apenas seguirmos caminhos separados.

— Sim, é a melhor solução.

— Ham... eu preciso ir. Eu preciso... até logo, Magno.

Ela se levanta rápido escondendo algo no rosto que eu pude jurar ser uma lágrima. Coloca a bolsa no ombro e vai para a calçada da cafeteira parar um táxi com um gesto.

— Lav. — Meu coração bate de uma forma tão irregular e ruim por vê-la se afastar que quase tenho a porra de um surto. Ela se vira em sua costumeira pose elegante, a porta do táxi aberta. — Eu tinha dezoito anos e tinha acabado de entrar no exército quando conheci a Anne. A garota da foto na minha carteira. Ela quis que eu escolhesse entre exército e nosso romance e eu fraquejei e deixei minha garota ir por causa de um sonho. Ela se casou depois e me tornei o que

sou. Porque toda a merda que sempre faço é ferir a quem eu amo e a mim mesmo.

— Eu fico feliz que tenha me contado isso. Você não é esse cara mesquinho e pavoroso que muitas afirmaram. Você se permite ser feliz, Magno. Mesmo com pensamentos pequenos, volta e meia. — Ela vem até mim e me surpreende com um abraço caloroso. — Fico triste por estar partindo sem a oportunidade de beijar sua bunda.

Rimos juntos sem afastar um milímetro.

— Você é louca, garota. — Sussurro e beijo o alto de sua cabeça.

— Como você.

— Seja feliz, eu sempre a seguirei pela mídia.

— Eu sei, João Fã. — Dá um soquinho de camaradagem no meu peito. — Meu tanque de guerra.

Nos abraçamos novamente e, após afastar-se, ela entra no táxi e acena para mim. Sem conseguir conter minhas pernas, eu caminho junto do carro sem perder contato visual com ela. Eu estava sendo fraco e corajoso, porque estava preferindo meu orgulho a implorar para ela nos dar uma chance, mas também estava sendo corajoso o suficiente para deixar que ela fosse feliz, sem segurá-la.

Eu acho que me apaixonei por Lavínia o dia que a vi tocar pela primeira vez e só agora me dou conta disso.

— Lav! — Grito aumentando o passo. — Eu cantaria com você para atrair a Madonna e conseguir o autógrafo dela.

— Eu sei que sim. — Ela ri com lágrimas nos olhos.

— Conheça-a por nós dois. — Paro de andar deixando o carro ir. — Adeus, garota!

Assim como deixei Anne partir lá no passado, estou repetindo o mesmo erro nesse instante. Mas agora eu sou bem mais forte para recomeçar.

Lavínia

— Por mais que eu sofra, é a coisa certa a se fazer. Acabar tudo de uma vez por todas, como puxar um band-aid e seguir em frente. — Digo para a terapeuta sentada em uma poltrona me estudando atentamente. Eu estou sofrendo o que nunca tinha passado após deixar Magno para trás e virar essa página da minha vida. — Tudo que eu passei, o terror daquela noite, foi o suficiente para eu rever alguns conceitos.

— E deixar esse homem de algum modo ajuda você a superar?

— Essa é a pergunta de um milhão, doutora. — Olho para minhas unhas bem-feitas e minha mente entra em uma profusão de lembranças, dentre elas, as melhores são as que tive com Magno. E o que será em seguida se ele se cansar de brincar de caszinho? Minha derrota maior. Por isso tenho certeza que foi minha melhor escolha.

— Sim, me ajuda a superar.

— Entendo que de alguma forma ele está ligado ao seu trauma recente, vivido naquela noite. Mas tome uma decisão que vá lhe beneficiar, independente da opinião alheia.

E eu sabia com toda minha alma que eu não iria tomar a melhor decisão para o meu benefício. O que eu tinha em mente e não contei para ela é que pretendia fazer a vontade de terceiros. E isso ia completamente contra a mulher forte que eu sempre mostrei ser.

Saí da consulta e fui direto para o apartamento de Pedro. Faz dois dias desde que falei com Magno naquela manhã fatídica, e até agora não conversei sobre isso com ninguém, apenas com minha terapeuta.

Na porta do prédio, aperto o interfone, mas ninguém atende. Pode ser que ele esteja no escritório, o que acho difícil, afinal hoje é sábado. Toco na tela do celular no nome dele e espero chamar. Pedro atende com uma voz notavelmente distante.

— Pedro?

— Diga.

— Está em casa?

— Não.

— Onde você está? Queria conversar um pouco...

— Estou no aeroporto, não posso falar agora. — Além de seco, parece

distante.

— Aeroporto? Pedro, para onde está indo?

— O Guilherme me contou, eu sei que você e Magno armaram para que um cara pudesse me seduzir.

Entro em pânico e grito no celular:

— Não... Pedro! Não foi assim.

— Não me importo, Lavínia, não estou com raiva, só estou chateado por ter sido enganado e agora a armação de vocês me jogou num poço mais fundo ainda, porque não consigo tirar aquele homem da cabeça e sabemos que a única coisa que ele queria comigo era cumprir um plano elaborado por vocês.

— Não pense isso. Eu conversei com Guilherme, pedi a ele para interromper tudo, eu ia te contar. Mas ele me garantiu que queria prosseguir, que queria algo com você.

— Não piore as coisas. Eu vou desligar, meu voo já vai sair.

— Não. Espere, Pedro, me perdoe. Por favor... me diga para onde está indo?

— Eu te perdoo, mas não posso dizer. Quero um tempo sozinho. Até mais e se cuide. — Desliga me deixando apavorada com o celular na mão encarando a rua a minha frente. Furiosa, procuro o número de Guilherme nos meus contatos e, assim que ele atende, jogo uma enxurrada de palavras no ouvido dele.

— Como você pôde fazer isso?! Eu te pedi que não contasse nada para Pedro.

— Lavínia... eu não podia esconder isso dele, se quero conquistá-lo, o primeiro passo é a sinceridade.

E o cara que conheci a pouco temo me dá uma aula de bom sendo em uma única frase.

— O Pedro foi embora — lamento com a voz embargada — ele está no aeroporto e eu não sei para onde está indo.

— Como é que é?

— Escuta aqui, seu cretino, conserte isso nesse momento. — Desligo a ligação e me sinto uma vilã tentando controlar a vida das pessoas, quando a minha está uma droga e eu não consigo colocá-la nos eixos.

O velho clichê é a melhor saída: ir para casa, me empanturrar de porcarias e lamentar a vida.

Meu pai já saiu do CTI, mas ainda se encontra internado. Hoje não fui vê-lo, pois ele volta com o mesmo pedido, para eu fazê-lo feliz nesses últimos anos de vida. E isso pesa em mim como uma bigorna. O médico conversou com a gente e afirmou que a cirurgia realizada ameniza a situação, mas não é uma cura. O infarto causou a morte de uma pequena área do tecido cardíaco.

O que mais penso é: e se ele morrer sem eu ter realizado seu desejo?

Nem mesmo tocar eu consigo, e isso sempre ameniza as dores de meus

problemas.

Os dias passam, acho que dois, ou três. Pedro ainda não apareceu e agora até Guilherme sumiu. Tentei ligar, mas foi inútil. Eu só tive certeza que hoje é terça-feira porque tive ensaio da série de TV e fui a uma reunião com o maestro e os outros músicos para definirmos as músicas do próximo concerto, que será em Santa Catarina.

Vesti uma camiseta velha, calcei pantufas e, com Xana no colo, me sento em frente à televisão comendo um pudim meio velho que tinha na geladeira.

— Sabe, minha amiga, vou te dar um conselho: gatos são um porre. Fique longe. — Digo a Xana e ela nem se mexe, mansa, deitada no meu colo.

Meus dias se resumem a isso. A essa solidão, tendo apenas os pensamentos e a gata como companhia. E depois que meu pai melhorou e saiu da zona de perigo, pensar em Magno é a única coisa que faço.

Tínhamos tudo para sermos felizes juntos. Somos idênticos, combinamos tão bem que antes de completar um mês eu já estava louca por ele como nunca estive por outro homem. Mas a pergunta é: Por que a despedida? Pelo que houve no clube? Ele não teve culpa, sei disso. Pela quase morte de meu pai? Também não foi culpa de Magno. Pela dependência cada vez maior que meu coração tem por ele?

Talvez. Sim, pode ser isso. Interiormente, eu não quero sentir tanta paixão por um cara a ponto de precisar dele continuamente do meu lado.

Mas se não for com ele, será com outro, isso é certeza. Então o que me impede de ter um relacionamento com o homem que eu gosto?

O desejo do meu pai?

Ele vai entender se eu explicar com calma, depois quando estiver melhor. Eu não quero ser a porra de uma teleguiada, sempre fiz tudo que quero, na hora que quero, para meu bem-estar.

Como se eu tivesse visto uma aparição, arregalo os olhos vendo com clareza toda a situação. Eu sou muito burra. Pulo do sofá e corro para meu quarto. São sete da noite, ele está em casa. Me visto em segundos e com a bolsa no ombro passo correndo na sala. Xana me olha de orelhas em pé.

— Esqueça o que eu disse, amore. Vá sim procurar seu gatinho. Eu estou indo atrás da minha felicidade. Deseje sorte para a mamãe.

Durante todo o caminho de ida para a casa de Magno, eu só podia pensar em uma coisa: Como eu pude deixá-lo? Como eu deixei meu homem sozinho?

Eu pude ver todas as coincidências que nos colocaram cara a cara. Ele é meu fã e Felipe me levou diretamente para Magno. Eu quero ver isso como um sinal. Chega de tentar ser orgulhosa, de me mostrar madura demais para seguir em frente e me foder em seguida. Quero a felicidade com ele. O meu tanque de

guerra.

Rio sozinha no carro, indo em uma velocidade considerável. Quero chegar logo e beijá-lo, sem me importar em explicar nada.

Na entrada do prédio, dou um olá para o porteiro e digo:

— Posso subir?

— Sim. Quer que eu avise o senhor Magno?

— Avise sim. Estou subindo, diga que é a Lavínia.

Entro no elevador com um sorriso gigantesco, estou até suando. Minhas mãos estão geladas e meu ventre se contrai em expectativa. Não sei o que vou falar, vou apenas agir e conversaremos depois.

As portas se abrem diretamente no hall da cobertura dele. Sopro o ar da boca e caminho para a sala.

— Magno... — Está silencioso. Olho para a mesinha e vejo duas taças de vinho. — Magno! Está em casa?

Ai caramba! Eu devia ter vindo?

Meu coração gela quando vejo no sofá um vestido. Caralho! Ele não me esperou mesmo. Mas eu posso ficar com raiva por ele estar com outras sendo que eu tinha terminado tudo?

Acho que não é meu direito, todavia, quem pode mandar no coração? O ciúme quase me faz cegar e vem junto com uma crua vontade de bater nele.

Decido sair, caminho para a porta, mas paro quando escuto atrás de mim.

— Oi.

Me viro e dou de cara com uma loira estonteante descendo as escadas devagar. Se parece uma modelo da Victoria's Secret.

— Ah...oi. Já estou de saída.

— Estava procurando o Magno? — Ela vem andando dentro de um robe dele e faz questão de deixá-lo aberto para eu ver que usa apenas calcinha e sutiã. A raiva e a decepção atuam juntas dentro de mim me dando ânsia, vontade de chorar ou bater em alguém.

— Sim, estava.

— Ele está no banho. Quer deixar um recado?

— Não. — Viro as costas para ela e bato no botão do elevador.

— Você é a...

Não te interessa. — Era o que eu queria responder. Mas como sou educada e não irei me mostrar ferida, respondo:

— Lavínia.

— Oi, Lavínia. Sou a Anne. — Estende a mão para mim na maior cara de pau.

— Anne? — Repito, completamente assustada. Olho-a com mais calma e então seu rosto não é nada estranho. É a garota que vi na foto. Um pouco

mudada, mas dá para ver a semelhança.

— Sim, ficou sabendo sobre mim? — Ela ri animada.

— Vagamente.

— Ah, que lindo. Aposto que foi Magno que contou. Éramos apaixonados no passado e agora ele me reencontrou. Foi atrás de mim e implorou para que eu viesse vê-lo. Está muito mal pelo que aconteceu ao clube dele e não achei que ele fosse buscar em mim esse apoio.

Eu nem tenho condição de falar nada. Apenas ouço cada palavra como se fosse uma faca em meu peito.

— Estamos nos entendendo. Mas e você? É alguma funcionária dele? Secretária? A diarista? Se quiser esperar...

— É... eu não sou ninguém importante para ele. E sendo diarista ou não, garanto que sou bem melhor que você. Sejam felizes. — Entro no elevador e ela me dá um tchauzinho cínico.

— Estamos sendo muito felizes, flor. Até logo.

Eu desmorono. Não consegui ser forte e passar por isso com indiferença. Minhas barreiras caíram e me espremi no meu sofá, abraçando uma almofada e chorando minhas dores.

É o fim, sem dúvida. Acabou para mim, agora além de sofrer pela falta dele, a raiva me acompanha. Raiva de todos, de mim, de Felipe por ter me feito conhecer Magno, raiva do próprio Magno e até daquela piranha, por ter sido cínica comigo. Me pergunto por que não a deixei com um olho roxo.

Na Bíblia diz que o choro dura uma noite, mas a alegria vem logo pela manhã.

Eu demorei uma noite inteira para remoer e decidi o que iria fazer, que caminho seguir. Não foi com sorriso de alegria que eu recebi a manhã desse novo dia. Foi um semblante carregado pela decisão tomada. Se eu não podia ser feliz, eu iria fazer outra pessoa muito feliz. A felicidade do meu pai, o sorriso dele iria me dar ânimo. Então convidei Felipe para vir me ver.

Ele chegou um pouco desconfiado, e não sei o que ele pensava sobre estar em minha casa depois daquela briga com Magno. Eu não disse qual assunto iríamos tratar e mesmo assim ele veio. Passei uma maquiagem leve para esconder as olheiras e não delatar que passei a noite em claro.

— Lav! — Me cumprimentou com um beijinho e sentou comigo no sofá. E eu fui direto ao ponto, não me importando em parecer animada.

— Como era mesmo a proposta do casamento por seis meses?

Os olhos de Felipe saltaram de um modo quase cômico. Ele ficou sem fala, mas logo a recupera porque eu o olho seriamente esperando a resposta.

— Bom... é um contrato que vai ser bom para os dois lados. No escritório, o meu chefe pede que o próximo associado sênior seja casado. Para eu me

inscrever à vaga, preciso...

- Então quer o casamento como parte de um negócio?
- E porque você é a mulher que eu gosto.
- Bom, e eu quero para fazer meu pai feliz.
- Quer?
- Sim, vamos ajeitar os papéis o quanto antes. Vamos nos casar.

Magno

Eu voltei a minha vida solitária, e agora sem o clube as coisas ficam ainda piores. Eu quero reabri-lo, mas sei que vai demorar muito para conseguir na justiça. O clube vai precisar ser inocentado no tribunal. Preciso provar que o Dama de Copas em si não teve nada com o que ocorreu. Daniel, apesar de meu funcionário, era um parasita ali.

Eu tento todos os dias não entrar no drama da saudade, fracasso vergonhosamente todas as vezes que me flagro pensando nela. Lavínia acabou comigo, como eu suspeitava que seria, desde quando eu apenas fantasiava ter sexo com ela.

O desânimo me toma por completo. Tenho apenas meus irmãos para me apoiar.

Romeo está atendendo um cliente então vou atrás de Lorenzo, que não resolve porra nenhuma quando o assunto é conselhos.

Ele acaba de atender um cliente, está se despedindo e me olha com curiosidade.

Entro em sua sala e me sento fitando meus sapatos.

— Problemas? — Ele me fita com as mãos na cintura. Sobrancelha levantada.

— A mesma merda... estou na porra de uma fossa.

Mais curioso do que atencioso, Lorenzo se senta diante de mim preparado para ouvir. Nesse instante, a porta se abre e Romeo espia.

— Estava me procurando?

— Sim. — Ele entra, olha de mim para Lorenzo analisando o que está acontecendo. Romeo é do tipo investigativo, mas nada misterioso, sempre deixa evidente.

Conto para eles rapidamente o término com Lavínia e meu passado com Anne e não me admiro que ambos estejam abismados com meu relato.

— Você teve um relacionamento de oito meses e a gente não sabia?! Quando foi isso, porra? — Lorenzo questiona em um tom incrédulo.

— Eu estava no exército. A época lá em casa estava uma merda. O papai surtava por pouco, você — olho para Romeo — se preocupava em ser o melhor na faculdade, e você — olho para Lorenzo — tinha ido passar uma temporada com a vovó na Espanha.

— Era um inferno essa época. — Lorenzo comenta. — O pai achava mesmo

que conseguiria nos moldar. — Gargalha e diz acidamente: — Babaca. — E nem se importa com o olhar repressor de Romeo.

— Pois é. Guardei toda essa merda comigo. Me fez muito mal ser abandonado daquela forma... Anne pisou com vontade no amor que ofereci.

— Então essa Anne está de volta agora? E aí? — Compenetrado no assunto, Romeo indaga.

— E aí? Eu que pergunto. Ela está enfiada em minha casa e não quer sair. E agora que Lavínia terminou tudo comigo...

— Não contou para Lavínia?

— E nem iria contar. Pra quê? Causar intrigas?

— Então vamos ver se entendi. — Romeo diz. — Você ia continuar levando Lavínia ao clube enquanto mantinha sua ex-namorada abrigada em seu apartamento?

— Basicamente. — Dou de ombros.

— E você não quer nada com essa Anne? — Lorenzo complementa.

— Não, cara. Nesses últimos dias só penso naquela marrenta. Não consegui ainda ficar com outra.

— Lorenzo, compre os foguetes, porra! — Romeo dá um grito me assustando. — Esse é o momento, caralho! O grande magnânimo se apaixonou.

— Puta que pariu! — Lorenzo se dá conta da zoeira e acompanha berrando também. — Quem é o irmãozinho que vai ficar arrombadinho? Quem é? Quem? Magnozinho. Vai ter que dar o rabo, pois prometeu.

— Vai tomar dentro do cu vocês dois. Eu aqui como um otário tentando encontrar uma solução e vocês me zoando.

Romeo já está com o telefone no ouvido e nem se importa comigo.

— Saulo, traga champanhe. — Desliga e bate palmas.

— Vai ter foguete sim. — Lorenzo entra na folia e eu me levanto indo para a porta.

— Precisa ser noticiado no jornal essa porra! Magno se apaixonou e está a dias sem conseguir comer ninguém. Já dizia o vovô: a língua é o chicote da bunda. Tanto falou da gente e agora está pagando o preço.

— Vá se foder, caralho. — Bato a porta com muita força e vou cego de raiva para minha sala. Até topo em alguém. — Sai da frente, cacete.

Eu apaixonado? Vai sonhando.

Me tranco na minha sala e deixo um aviso para a secretária: se alguém me incomodar, o pau vai comer.

Eu sei que será difícil eu ter minha vida de volta. Ter de volta o clube e a minha imagem respeitável. A merda irá passar e vou dar a volta por cima. Tudo que estava ao meu alcance já foi feito.

Trabalho o resto do dia igual um condenado e saio sem ser visto por Romeo ou Lorenzo. Minha vida perdeu o sentido sem meu clube. Está impedido de abrir até finalizar todo o processo, entretanto, é para lá que vou.

Vê-lo assim, todo vazio e com lençóis cobrindo os móveis, causa um aperto doloroso no meu peito. Exalo profundamente e caminho por entre as poltronas cobertas, vou até o bar, me sirvo de um uísque e, sendo acompanhado pelo silêncio, visito cada ala do clube que fez feliz tanta gente.

É culpa minha. Eu devia ter me importado mais, devia ter olhado mais de perto, estar a par de tudo. Deleguei poder demais a Daniel.

Chego ao quarto com vitrine onde transei com Lavínia pela primeira vez. Aqui eu conheci o verdadeiro significado de vício, paixão e felicidade. Tiro meus sapatos e deito na cama.

Eu a perdi e perdi minha segunda casa. Anne era a coisa que eu mais queria por longos anos, hoje eu a tenho, mas dentro de mim nada acontece ao lembrar dela. A porra dos sentimentos masculinos é algo estranho e complicado e eu não faço questão de tentar entender.

Acabei dormindo sozinho no clube. Pela manhã, fui embora para ser recebido por Anne e um parrudo café da manhã. Percebi que o bagulho era sério. Ela estava disposta a tudo para provar um pouco de mim e agora, sem Lavínia, comecei a ver Anne com um olhar sexual.

— Arrumei um apartamento para você. Ficaré até estar pronta para enfrentar seu marido. Terá todo apoio que eu puder dar.

— Muito obrigada. Tenho que sair hoje?

— Não. Claro que não. É sempre bem-vinda aqui.

— Obrigada. Café ou leite? Ela oferece apontando para as garrafas térmicas.

— Café. — Enquanto ela me serve, pego um jornal posicionado bem perto de onde estou.

— Comprou jornal?

— Amo ler jornal no café. Se quiser, deixo compartilhar. — Ela ri e me entrega a xícara.

— Obrigado. — Provo o café e está delicioso. Desdobro o jornal procurando a página de esportes, está na página de celebridades, onde provavelmente Anne estava lendo. E quase caio para trás ao dar de cara com a notícia:

VOLONCELISTA E ATRIZ ESCALADA PARA A NOVA SÉRIE

“PERIGO IMINENTE”, LAVÍNIA TORRES SE CASA NO PRÓXIMO SÁBADO.

A foto sorridente de Lavínia e Felipe me faz engasgar.

— Magno! Algum problema? — Anne fica de pé preocupada.

— Não. Estou bem. — Tento ler a matéria, mas são tentativas inúteis. Consigo apenas pescar algumas palavras, o que me faz entender que o noivo é mesmo

Felipe, e eu até olho para ver se não é notícia velha. Mas é de hoje o jornal.

Desgraçada! Por que ela está fazendo isso? Por quê?

Nem vejo a hora que levanto do balcão deixando o jornal e o café. Anne me chama, mas subo rápido a escada, puto de raiva.

No isolamento do meu quarto, pego meu celular, toco no nome de Lavínia e começa a chamar. Ando impaciente pelo quarto até ela atender. E eu já disparo como uma metralhadora:

— Como pôde ser tão burra a esse ponto? — Não devia, mas já estou berrando no celular como um moleque instável.

— Como é?

— Você vai mesmo se casar com aquele infeliz? Tenha um pinga de respeito por si própria.

— Olha como fala comigo, você não tem nada a ver com minha vida! — O tom de voz dela aumenta também.

— Então essa é a resposta? Acho que nunca tive nada a ver, não é? Porque não me quis? Diga! Por que não ficou comigo?

— Porque você não tinha nada a oferecer. Nunca vai conseguir dar a uma mulher o respeito que ela merece. — Isso veio certo como um soco de um boxeador.

— Você me fez de tolo, eu devia ter desconfiado que vocês mulheres são todas iguais, não valem nada!

— Olha quem fala. Aquele que trata todas como lixo. Mal acaba com uma e já vai comer outra. Se enxergue. E não me ligue mais. Ouviu?

A ligação acaba e eu tento ligar novamente, mas agora só dá caixa postal. Em um nível de ódio que jamais tive, acerto a parede com o celular. Em seguida chuto a poltrona e passo o braço em cima de uma prateleira na parede derrubando tudo que tinha ali.

Merda. Caralho dos infernos. A desgraçada acabou de pisar no resto que sobrava de mim. Que ela seja bem infeliz com aquele filho da puta.

“Não vejo mais você faz tanto tempo

Que vontade que eu sinto

De olhar em seus olhos, ganhar seus abraços

É verdade, eu não minto”

[Você não me ensinou a te esquecer – Caetano Veloso]

Os dias vieram pesados como um trem carregado de ferro. E eu arrastava da empresa para casa. Fui depor mais uma vez na delegacia e fiquei feliz em saber que Daniel tinha sido capturado após uma denúncia anônima, eu não pude bater nele, mas só em saber que seria massacrado no presídio, eu estava feliz. Aceitei

imediatamente falar tudo que sei e entregar qualquer prova aos investigadores.

“Você bem que podia perdoar

E só mais uma vez me aceitar

Prometo agora vou fazer por onde nunca mais perdê-la”

Eu não tentei ligar novamente para Lavínia, mas fui um burro idiota por ir para a rua do apartamento dela e ficar lá de vigília, até vê-la sair com Felipe, de mãos dadas. Meu coração bombou tão forte e triste me fazendo tremer de raiva por estar sentindo isso sem forças para controlar. Eu queria apenas seguir...

Agora, que faço eu da vida sem você?

Você não me ensinou a te esquecer

Você só me ensinou a te querer

E te querendo eu vou tentando te encontrar

Em casa, Anne continuava comigo e foi inevitável não nos aproximarmos. Ela soube que eu estava acabado, completamente massacrado, bebendo muito e sem ânimo para nada.

Em uma noite, depois de bebermos, contei para ela sobre Lavínia. Era a primeira vez que eu abria de verdade meu coração para alguém. Anne me abraçou me consolando e então transamos.

Foi algo meio induzido por ela. Eu não queria e até tentei levantar, mas Anne me amansou me beijando vorazmente e eu deixei que ela conduzisse a situação.

O sexo com ela se mostrou péssimo, e era de se espantar que eu, Magno Lafaiette, estava classificando uma transa de péssima. Anne se regozijou e me prometeu que ficaríamos juntos.

E eu apenas me calei com ela nos meus braços, nua na minha cama.

“Vou me perdendo

Buscando em outros braços seus abraços

Perdido no vazio de outros passos

Do abismo em que você se retirou

E me atirou e me deixou aqui sozinho”

Quando a manhã do sábado chegou, eu não estava na cama. Sentado na varanda do meu quarto, eu olhava o sol nascer perdido nos meus pensamentos, sem um rumo para seguir. Eu não queria outra mulher, essa era a verdade que eu passei todo esse tempo para aceitar. Eu não queria nada na vida se ela fosse de outro.

Anne esmurrava a porta do quarto e isso já estava quase me fazendo surtar.

— O que foi, Anne? — Abro a porta.

— O que foi? Você se trancou nesse quarto desde ontem, não deixa eu me aproximar...

— Você precisa ir embora. — Vou para meu closet e pego uma roupa.

Começo a vestir e ela chega.

— Ir embora? Ficou louco? Temos um relacionamento, Magno.

— Não, não temos. Transamos uma vez e isso não é relacionamento.

— Por que está fazendo isso, hein? É por causa daquela piranha? Olha o que ela está fazendo com você, enxergue isso, pelo amor de Deus.

— Não se intrometa na minha vida. — Eu até me recusava a olhar para ela.

— Está desse jeito por uma negra? Eu não consigo entender. Você é um homem rico, bonito e branco, precisa de uma mulher de classe, branca como eu. Acorde para a vida, Magno. Vai ficar atrás de uma...

— Se continuar com essa frase, te jogo na rua sem cerimônia. — Aponto um dedo ameaçador na cara dela. — Arrume suas coisas, seu apartamento está pronto. Ainda farei o favor de pagar um advogado para você.

Parece que minhas palavras surtiram efeito. Anne me olha inerte, quase amedrontada. Até sinto pena de ser rude com ela, depois de tudo que sofreu. Mas não posso permitir que ela seja má e ainda fique aqui, na minha cola.

Penso em dar uma passadinha na casa de Romeo para tomar um café digno, e resolver de uma vez por todas a mudança de Anne. Saio de casa, mas acabo esquecendo o principal, que é a chave do carro. Volto para buscar e tive quase certeza que esquecer a chave tinha sido uma obra do destino. Assim que volto, ouço a voz de Anne, na cozinha.

Espio e ela está falando com alguém pelo celular.

— Você precisa ter paciência, amor. O processo é demorado. Sim, não pense nisso. Faz parte do plano ter que transar. Ele vai ceder, eu sei que vai. Magno é louco por mim. — Ela faz uma pausa escutando a pessoa do outro lado da ligação. — Sim, ele ajeitou um apartamento para eu morar. Está acreditando e vai pagar um advogado para mim. Eu escolho o advogado e você manda seu irmão vir fingir que é advogado. Assim ganhamos mais ainda.

Sem esperar ela terminar, começo a bater palma bem alto. Anne se vira bruscamente e até deixa o celular cair.

— Eu estou admirado comigo. Porque antes eu conseguia farejar uma vagabunda de longe. Acho que a paixão que sinto por Lavínia me impediu de ver tudo isso.

— Magno... ele... está me obrigando, é um plano dele. — Começa a gaguejar, vendo que a casa caiu.

— Mas quer saber? Eu percebi que nada foi como anos atrás, quando estávamos juntos. Sabe por quê? A Anne que eu amei não existe mais. Antes que eu chame a polícia, vaza da porra da minha casa!

Me mantenho distante para não ter problemas, não quero ser acusado de agressão, pois se eu pegá-la, a jogarei porta afora.

— Aquela negra desgraçada veio aqui. — Ela se aproxima mostrando a verdadeira face maquiavélica. — Correr atrás de você como uma cadela no cio, e daí eu abri a porta gentilmente e a fiz ver que você nunca iria dar valor a ela. Saiu devastada, coitadinha.

Ao ouvir isso, meu queixo vai ao chão. A porra do meu estômago dá um mortal carpado se revirando todo. Anne mantém sua voz arrastada, maldosa: — Você nunca será feliz. Porque trata as pessoas como meros...

— Cala essa boca fodida e saia da minha casa, filha da puta! — Grito deixando-a pálida de susto. — Está querendo armar contra mim, é? Me extorquir? Você escolheu o cara errado, garota. Eu vou descobrir quem é a porra do seu marido e vou acabar com o resto de vida que vocês têm. Suma da minha frente.

Ela sobe correndo e volta em dois minutos com uma bolsa pequena. Troca um olhar comigo antes de correr para o elevador.

Não satisfeito, pego meu celular e faço uma chamada para meu amigo da polícia, o mesmo que me arrumou o equipamento de rastreamento. Ele se prontifica no mesmo instante a investigar sobre Anne e seu marido. Envio para ele uma foto dela e peço urgência. Quero acabar com a vida dos desgraçados.

Lavínia veio aqui? Caralho. Essa não! Por isso ela deve estar me odiando. Penso em correr até a casa dela e dizer que foi um mal-entendido, mas ela acreditaria? Anne deve ter sido bem convincente.

Eu não farei mais nada. Decido. Já estamos em caminhos opostos, acabou para a gente.

(POV) Pedro

A manhã de sábado me encontra bem feliz acabando de acordar. Estou em um hotel em Recife, onde tentei me esconder dos problemas, todavia, meu maior problema conseguiu me encontrar e agora está aqui, na cama comigo, com seu corpo viril me abraçando.

Eu desisti de lutar e me sucumbi às tentativas de Guilherme. E depois que eu abaixei as guardas e deixei ele me mostrar o quanto estava perdendo, aproveitei cada instante ao seu lado, e isso já dura mais de uma semana, juntos tendo deliciosas férias, o que muitos considerariam uma lua de mel.

O esforço dele para me encontrar foi louvável. Conseguiu de algum modo no aeroporto saber para onde eu tinha embarcado. E quando chegou aqui na cidade, fez uma lista de hotéis e começou a ir de um em um, até me encontrar no sétimo da lista.

— Vá à merda, cara. — Eu gritei quando abri a porta do quarto e o vi. — Saia daqui. — Ele não se moveu, ao contrário, forçou a porta para entrar. Éramos dois homens medindo forças, mas ele ganhou, por ser mais alto e forte.

Assim que ele entrou no quarto, fechou a porta se escorando nela e gritou para mim, muito puto da vida:

— Vai deixar de infantilidade e me ouvir agora! Seja adulto uma vez na vida e para de correr em círculos fugindo de você próprio.

E depois de uma discussão acalorada, acabamos juntos nos abraçando na cama, beijando vorazmente. Eu estava pronto para seguir uma nova vida, lavamos toda a roupa suja e nada mais importava depois de tudo que ele me fez enxergar.

Estar com Guilherme é perfeito, porque ele me entende melhor que qualquer um, ele é romântico, engraçado e sexy, muito sexy; bem erótico, eu diria. E me propõe momentos maravilhosos de prazer, o qual eu jamais pensei experimentar. E claro, eu consigo retribuir muito bem; seus gemidos é música para meus ouvidos.

Se eu soubesse que era tão gostoso fazer o que a gente deseja, eu teria desistido de lutar há mais tempo.

Hoje acordei bem cedo, preocupado com Lavínia. Eu briguei com ela, mas agora devo agradecimento, por ela ter empurrado Guilherme na minha vida. Entretanto, não é para agradecer que eu tenho que voltar. Só ontem à noite que

eu fiquei sabendo da loucura dela: vai se casar hoje com Felipe. E creio que esse é um momento que ela vai precisar muito de um ombro amigo.

Me viro na cama ficando de frente para Guilherme.

— Gui. — Balanço-o devagar. Não demora para abrir os olhos e me olhar um pouco assustado.

— O quê?

— Precisamos ir. Precisamos pegar o voo mais cedo.

— Caramba. — Ele se espreguiça. — Não posso dormir mais umas duas horas com meu namorado?

— Não e não sou seu namorado. — Tento me levantar, mas ele me abraça apertado.

— Tem razão, é meu bezerro de estimação. — Aspira minha nuca e morde meu ombro. — Mamar antes de ir? — Sussurra no meu ouvido me fazendo rir, como um putinho que me tornei.

— Já que você insiste...

Pegamos o voo às oito e meia, sem escalas, e às onze e meia da manhã estávamos pousando no Rio. Feliz da vida, como nunca estive, andei ao lado de Guilherme, pronto para enfrentar qualquer coisa.

Dividimos o táxi, ele ficou em seu apartamento e eu fui direto ver Lavínia.

— Quero conhecer sua casa. — Guilherme avisou logo de cara assim que paramos diante do prédio dele.

— Vá quando quiser. Fique com minhas malas para eu ter um pretexto de vir buscar e poder conhecer a sua.

— Ótimo. Vou preparar nosso cantinho. Nos vemos no casamento da Lavínia.

— Se tiver casamento. Até logo. — Beije rapidinho sua boca e acenei para ele, parado na calçada do prédio.

Caralho! Eu tenho um homem na minha vida, um namorado, e isso devia ser muito assustador, se alguém me contasse semanas atrás, jamais acreditaria e ainda bateria na pessoa. Sorrio mesmo com o olhar reprovador do taxista que nos viu beijar. Que se dane, agora quero que o mundo se exploda, desde que não mexam comigo.

Minha entrada foi liberada na casa dos pais de Lavínia e ela veio abrir a porta para mim. O casamento será às quatro da tarde, e ela já está com bobs nos cabelos, vestida com um roupão.

Assim que ela me viu, percebi emoção lhe possuir.

— Pedro! — Me puxa para um abraço. — Que bom que está aqui.

— Me desculpe, Lav. — Afasto para olhar seus olhos. — Precisava de um tempo para assimilar tudo.

— Você também precisa me desculpar. Pelo que eu fiz. E então? Está melhor?

Fiquei tão preocupada. — E seus olhos levemente saltados mostram que ela ainda está preocupada.

— Guilherme me achou. Estamos juntos.

— Sério? — As duas mãos tampam sua boca.

— Muito sério. Nunca estive tão feliz e devo te agradecer por isso.

— Ah! — Ela volta a me puxar para um abraço. — Que notícia maravilhosa, que alívio! Estou tão feliz por vocês, Guilherme gosta de verdade de você.

— Eu sei. Agora me conte essa loucura de casamento. O que houve?

— Venha, vamos ao meu quarto. Isa está lá. Você ficará a par de tudo.

Lavínia

— E foi isso. É um trato de seis meses. — Conto tudo para Pedro e, boquiaberto, ele corre os olhos por mim e Isa.

— Mas e Magno? — Questiona abismado.

— Magno é um babaca de marca maior. Já está com outra, além do mais me ligou todo desaforado. Não acho que o verei novamente tão cedo e, se vir, nem cumprimento.

— Já com outra? Que cachorro! — Isabelle exclama se mostrando chocada — Ele parecia gostar de verdade de você.

— O pior é que no meu caso eu não parecia, eu gostava mesmo do filho da puta. Eu me apaixonei pelo maldito.

— Lav, se casar com outro não vai facilitar as coisas para você. — Pedro acaricia minha perna, deixando entrever em seu olhar pura pena.

— Não estou fazendo por mim. É pelo meu pai. E vai beneficiar Felipe. Todos sairão ganhando.

— Menos você. — Isa interpõe. — Sempre foi tão forte, decidida, independente, e agora está se mostrando uma mera manipulada.

— Não, Isa. Está enganada, ninguém me manipulou. — Me levanto e ando pelo meu quarto, olho meu reflexo no espelho e me viro fitando os dois. — Eu só decidi ser feliz em ver a felicidade do meu pai. Felipe sabe que é um casamento de conveniência; nem mesmo fui para spa ou salão me arrumar. Não tem importância.

— Estamos aqui para te apoiar. Independente da decisão. — Isabelle diz e Pedro reforça acenando positivamente concordando com ela.

— Obrigada. Pedro, você aceita ser padrinho junto com o Guilherme?

— E ainda pergunta? irei adorar. — Ele pula da cama se pondo em pé. — Vou providenciar o terno nesse instante.

Isa foi embora arrumar os filhos dela e o marido, enquanto eu fiquei na companhia da minha mãe me maquiando. O vestido foi comprado em uma loja qualquer de noivas, entrei, escolhi um e pronto. Nada muito programado. Eu até tinha um bem especial que estava sendo elaborado por estilistas famosos, mas eu cancelei quando terminei o noivado com Felipe.

Agora, não tinha importância.

Era simples, estilo sereia sem muitos detalhes. E eu estava agindo no

automático, sem querer parar para pensar no fim que eu tinha escolhido para minha história. Não totalmente o fim, porque daqui seis meses estarei divorciada, mas esse não era mesmo o plano de futuro que eu tinha em mente: casar, divorciar e ir embora do Brasil.

— Seu pai está tão feliz — minha mãe diz, me ajudando com o cabelo.

— Eu sei. — Evito que meu olhar se encontre com o dela, pelo espelho.

— Na verdade, todos nós estamos. Felipe é como um filho para a gente.

Não tenho o que responder, apenas assinto mantendo os olhos baixos para ela não ver meu desânimo. Ontem participei de um talk show de televisão e o apresentador disse que eu não parecia a noiva em véspera de casamento. Eu contornei a situação dizendo que era o choque do pedido. E ele logo interpelou debochado: “Então acho melhor seu noivo apressar antes que o efeito do choque passe.”

E eu lembrei de Magno, porque ele falaria algo assim, entretanto usando palavras pelo meio. Lembrar de meu ex-amante quando estou me preparando para casar não é a melhor saída. Esses últimos dias foram essenciais para eu tentar me desintoxicar de todo o poder que ele me envolvia, uma eletricidade deliciosa que meu corpo se recusava em saciar. Eu estava embebecida por Magno e queria muito mais.

Sabe toda aquela história de que mulher não transa sem sentimento? Comigo era balela. Eu transei muito na vida apenas por diversão, e antes de ontem fui para a cama com Felipe. E foi um momento horrível. Não por ele, mas por mim, porque é horrível transar com um cara quando não tira outro da mente, e tudo que Felipe fazia eu tinha que comparar.

Peguei em sua bunda e ele nem ligou. Senti falta das mãos tentando me parar. Magno às vezes até falava: “Para de tentar me violar por trás, cara, tô ficando traumatizado.” Pedi para me amarrar e ele falou apenas: “Esquece, não vai rolar.” E no fim, quando disse que só faltava um baseado, Felipe ficou carrancudo e se levantou.

Não era a mesma coisa e nem vai ser, nunca.

Meu pai entrou no quarto e seus olhos brilharam ao me ver de noiva. Modéstia à parte, eu estava fantástica, porque eu sou uma mulher maravilhosa. Não diminuindo outras, mas me enaltecendo, se eu não fizer isso, não posso esperar que alguém o faça.

— Minha garota... — Ele choramingou vindo me abraçar. — Você é a noiva mais linda.

— Eu sei, pai.

— Hoje é o dia mais feliz da minha vida.

Se soubesse o que seu futuro genro fez, não estaria tão feliz. — Penso e

rapidamente enxoto esse tipo de afronta mental. É meu pai e ele não merece saber nada do que passou. Ele merece ser feliz e, se cabe a minha fazê-lo, então farei.

Ele se passa a mão no meu rosto, sorrindo suavemente.

— Eu só quero sua felicidade, minha querida.

O desânimo me engolfou, mas eu não demonstrei isso. Fui com ele para o jardim, para o carro que já estava me esperando para levar à igreja, onde aconteceria a cerimônia religiosa. Hoje mais tarde, em minha casa, será a breve cerimônia civil, onde eu e Felipe assinaremos os papéis do contrato de seis meses. Fazendo exatamente como foi o sonho dos meus pais, mas nunca foi o meu.



A pequena capela foi onde meus pais se casaram. É um pouco afastada da cidade com uma bela vista à frente: um vasto campo verde. O sol já estava descendo, mostrando a tarde indo para o fim, e os raios que invadiam os vitrais da igreja pareciam bênçãos vindas diretamente do céu.

Esperei com meu pai dentro do carro. Isa veio correndo dizer que já ia começar e que eu era a última a entrar. Ajeitou meu buquê, e me entregou de volta.

— Lav, tem certeza? — Cochichou, para não ser ouvida pelo meu pai.

— Tenho. Absoluta.

— Tudo bem. — Ela balança a cabeça, vira-se para sair e volta-se rapidamente: — Não tentou falar com ele uma última vez?

— Ele?

— Magno.

— Isa, por favor. — Massageio minha têmpora. — Magno está pouco se lixando comigo ou com qualquer outra pessoa. Ele só pensa nele mesmo. Não vou rastejar atrás de macho.

— Ótimo. Você é dessas.

— Eu sou. Se tem alguém que precisa rastejar, não sou eu. — Ela assente e dessa vez se afasta definitivamente. Fecho os olhos e começo a contar junto com as batidas do meu coração, assim que ouço a música começando, dando início à cerimônia.

Magno

— Mais um desse. — Aponto para o copo de uísque fazendo o pedido ao barman que eu conheço há um bom tempo. Já misturei vodca com vinho, cerveja e agora uísque. Quero um porre sim. E não devo nada a ninguém. A bebida é a melhor amiga do homem quando ele chega ao subsolo abaixo do fundo do poço.

Olho em volta, o grande bar estilo rústico está vazio, mas pelo jeito a noite será agitada. Dois cantores no pequeno palco já enchem meu saco com as músicas, uma hora dessas e essas pestes já estão cantando, todavia não tenho coragem de levantar e ir embora.

“Não aprendi dizer adeus

Mas deixo você ir

Sem lágrimas no olhar

Se adeus me machucar

O inverno vai passar

E apaga a cicatriz”

— Porra, Kleber, os caras têm um repertório fodido, hein? — Reclamo ao barman e dono do bar quando ele me entrega o uísque. — Traz logo a porra da garrafa! Vou sentar ali no canto. — Pego meu copo e me arrasto como uma bosta até a mesa. Daqui posso ver Kleber girar o dedo para os cantores amadores e eles mudarem a música.

Eles atendem imediatamente com entusiasmo vendo que tem gente interessado no show. Eu estou sentado bem de frente para os desgraçados. Eles cochicham e chegam a um consenso, e reviro os olhos quando começa:

“Há uma nuvem de lágrimas sobre meus olhos

Dizendo pra mim que você foi embora

E que não demora meu pranto rolar”

Estão de zoação com minha cara, esses filhos da puta. Meu celular toca, olho quem é. Romeo pela décima vez. Desligo, viro o copo de uísque na boca. Os caras ainda cantam:

“...Me ensina a te esquecer

Ou venha logo e me tire dessa solidão”

Eu relevo. Deixo passar e, quando a música acaba, decidem pôr mais outra bem a nível de dor de cotovelo. Esses merdas estão vendo minha cara de perdedor e fazendo chacota comigo.

Kleber traz a garrafa de uísque e me olha interessado.

— Ela vale a pena, cara.

— O quê?

— Magno, eu te conheço, e se chegou ao ponto de encher a cara lastimavelmente dessa forma, é porque a sujeita tem algum valor.

— Ah, vá se foder.

Ele vira as costas voltando par o bar, mas diz por cima do ombro:

— Liguei para Romeo, ele está vindo te buscar.

— Se fode. — Volto a atenção para os caras cantando. As palavras de Kleber martelando sem dó minha mente. E eles cantam:

“...Esse é o meu único aviso

Se ela quis ficar contigo

Faça ela feliz

Faça ela feliz...”

Minha memória decide jogar na mesa momentos bons que passei com aquela megera. Me sirvo mais de uísque e tomo em goles grandes e mesmo assim nenhuma lembrança some. Eu só queria cair desacordado e esquecer que um dia a tive comigo e agora ela está se casando com o pior filho da puta da face dessa terra. Sem clube, sem Anne, sem Lavínia...

Eu estou acabado.

“Cuida bem dela

Você não vai conhecer alguém melhor que ela

Promete pra mim

O que você jurar pra ela

Você vai cumprir”

De cabeça baixa, vejo na mesa uma gota cair. Levanto o rosto, apalpo minha face e confirmo que estou no último grau de decadência masculina: chorando.

Que se foda tudo! Eu não tenho que estar assim por causa de uma mulher.

O caralho da música conseguiu me tocar profundamente. Os deixa terminarem a música, mas quando a próxima vem, eu me levanto cego de raiva. Eles estão me provocando, estou certo disso.

Indiferente com o que esperam, cantam suavemente em um inglês ensaiado o hino de Freddy Mercury:

Love of my life, you've hurt me

You've broken my heart

and now you leave me⁸

— Magno. — Ouço Kleber me gritar, mas não tem mais volta. Meu punho acerta em cheio o rosto de um dos cantores derrubando-o do banquinho.

— Cante agora, seu filho de uma égua! — Acabo de berrar e recebo um soco

do outro que estava ao lado. Tinha esquecido que eles estão em dois. Totalmente tonto da bebida, desequilíbrio e saio tropeçando e caio contra a mesa. Demoro a ficar de pé, e quando fico recebo outro soco, e defendo o próximo acertando o maldito. Quebro uma garrafa de cerveja e um dos cantores pega o pedestal do microfone, tenta me acertar, mas eu pulo e ele acerta um jukebox. Aproveito a distração deles e dou um soco em cheio no abdômen de um deles.

— Da próxima vez vai provocar a vaca de sua mãe.

Os dois vêm para cima de mim e Kleber entra na frente gritando, com um revólver em punho e atira para cima. Um garçom do outro lado está com o telefone no ouvido e posso ouvi-lo chamar a polícia.

Eu estou ferrado. Tento até correr, entretanto, Kleber me segura e me joga em uma cadeira.

Não demora muito para chegar. Acho que deviam estar por perto. Uma viatura para na porta e em seguida duas motos.

Eu estou em uma mesa com o copo de uísque ainda com pedras de gelo, pressionado contra o olho e os cantores sentados no palco. Eles ficam de pé assim que veem os policiais entrando. Eu nem me movo.

De cabeça baixa, ouço Kleber e os caras contando o que houve e posso ver que estão todos olhando para mim.

— Ei, amigo. — Com o cassetete, o policial toca em minha perna. Olho para ele.

— Como se chama?

— Magno. João Magno Lafayette. — O policial faz um sinal para outro, que sai do bar indo para a viatura, com certeza checar minha ficha.

— O que tu *aprontou* aqui? — Ele interroga.

— Nada. Eu vou pagar os danos.

— Acha que é só abrir a carteira que resolve? Tem que esclarecer as coisas.

Nesse instante, em um rompante, Romeo e Lorenzo entram e, quando veem a polícia, me sinto ainda mais fracassado por presenciar horror nos olhos do meu irmão mais velho.

Romeo sempre fez tudo para nos proteger, cuidou de Lorenzo, na verdade salvou nosso irmão das garras do papai. Lutou bravamente para reerguer nossa empresa, salvou Olivia do inferno que ela vivia e faz de tudo para que todos ao seu redor sejam felizes sempre. E hoje me sinto um merda por ser um adulto escroto que não consegue dar alegria para ele.

— Magno! Cara, que porra!

— Estou bem, mano. Só quero ir embora.

Lorenzo conversa com Kleber e um policial e eu evito encarar qualquer um.

— Magno! — Romeo fala em um tom severo. — O que está acontecendo com

você, porra?

— Eu a perdi. — Digo baixinho — E estou acabando com minha vida.

— Ah, caramba. — Ouço-o sussurrar já compadecido por mim. O policial que foi olhar minha ficha volta dizendo o que encontrou, Romeo vai conversar com eles. Posso ouvir Romeo confirmar: “Sim, ele foi delegado por uns dois anos.”

Meu celular apita, tiro do bolso e o lembrete debocha de mim piscando na tela:

“A vaca está se casando com o pau-no-cu. Sejam infelizes.”

Inacreditável que eu coloquei alarme para o horário do casamento. Olho para a rua lá fora, a tarde está clara e mostra os raios de sol entrando pelas janelas altas. Alguns curiosos se aproximam. O pessoal conversa sobre mim; meus irmãos tentam amenizar a situação.

Eu vou mesmo deixá-la ir embora sem tentar? Apenas por orgulho? A bebida não me deixa raciocinar direito. Fico de pé. Cambaleio entre as mesas.

Com Anne, eu tinha uma escolha entre ela e o exército, agora tenho que escolher entre Lavínia e meu orgulho. Caminho mais rápido tentando manter o controle das pernas.

— Ei, amigo, sentado aí! — Um policial grita.

— Magno! — Romeo chama.

Apresso o passo rumo à saída, mas um deles me segura e, sem pensar, me viro e acerto um soco. O policial cai contra as mesas e os outros já vêm correndo em posição.

Troco um último olhar com meus irmãos e eles sabem que vou fazer merda, corro para fora, olho para os lados, meu carro está longe, quase no fim da rua. Não tenho outra opção senão pegar uma das motos do policial que entrou assim que me viu bater no colega.

Nunca se deve deixar a chave na ignição. Ele esqueceu essa regra.

Coloco a moto em movimento e ouço: “Não atire. Vão atrás dele. Não atire.”

O endereço da capela onde está sendo o casamento já sei decorado, inclusive até passei em frente um dia, não por ser caminho de algum lugar que eu tenha que ir, mas por que eu quis mesmo passar em frente. Como um otário ferido.

Acelero e, mesmo costurando entre os carros, sei que serei alcançado. Há um policial de moto atrás de mim, a viatura também já vem vindo. Não resta outra opção. Ligo a sirene da moto e automaticamente começo a ter passagem pelas ruas. Os carros vão se afastando para eu passar e acho que é bem bizarro para quem vê a polícia perseguindo uma moto da polícia.

Na minha mente tem a imagem de Lavínia entrando na igreja, sorridente sendo aplaudida por fodidos convidados sorridentes e indo se encontrar com um sorridente e arrombado noivo.

Não sem antes a chegada da fada má que vai jogar a maldição. Quem? Eu mesmo.

O vento bate forte na minha cara, afinal estou sem capacete, e até me surpreendo por ainda não ter batido, afinal, bebi um bocado. E isso será com certeza acrescentado a minha extensa ficha de delitos diante da lei, além de roubar um veículo de polícia e agredir um policial. Nada disso me importa no momento, a única coisa que peço silenciosamente como prece é que eu consiga chegar a tempo.

A tempo de quê? Matar o noivo? Sequestrar a noiva? Me declarar como um idiota dos filmes da Sessão da Tarde?

Não sei, só preciso chegar antes da troca de “sim”.

— Encosta, cara. — Olho para o lado e vejo um dos policiais em uma moto. Eles só não atiraram em mim ainda porque sabem que sou um ex-delegado, porque sei muito bem que a polícia daqui do Rio não dá colher de chá.

— Encosta meus ovos! — Grito para ele e acelero, passando veloz entre os carros que não conseguiram a tempo desviar para a folia de sirenes da polícia passar.

Espere por mim, Lav! Estou chegando com a cavalaria.

Lavínia

— Chegou a sua vez. — A cerimonialista fala comigo e eu saio de dentro do carro. Há uns dois fotógrafos de revistas que foram convidados por meus agentes, para publicarem sobre o casamento.

O coração aos pulos, o nervosismo me toma por completo e não de uma forma boa, aquele tremor gostoso que noivas devem sentir. O meu estremecimento e o furacão no estômago são mais de arrependimento antecipado. Não é isso que quero para mim, mesmo que seja pelos próximos seis meses apenas. E mesmo que Felipe tenha me dito que eu poderei ficar com quem quiser, que isso inclusive o excita, não consigo ficar em paz comigo mesma, ao contrário. Acho bizarro o futuro marido dizer isso a sua futura esposa.

Meu pai estende a mão para mim e o brilho dos seus olhos me faz fraquejar. Eu estava prestes a sair correndo à la Julia Roberts em *Noiva em Fuga*. Mas isso acabaria com meu pai. Meu coração se parte e eu entrego minha mão para ele. Sua felicidade me dá ânimo de continuar.

— Você é a noiva mais linda do mundo. — Ele fala pela milésima vez e eu o abraço.

— Obrigada, pai. Estou muito feliz que o senhor esteja aqui, vendo esse momento.

— Eu sobrevivi para isso.

Me posiciono com ele, dois homens abrem as portas da capela e entramos. Todos se levantam para me receber e a marcha nupcial entoa vinda de um órgão instrumental da própria igreja.

A minha frente Felipe sorri e eu não consigo retribuir. Sinto meu rosto paralisado. Engulo seco, continuo andando quase sem piscar.

Pedro está ao lado de Isa e da namorada de Isaac. Em outro momento eu estaria rindo por ele ter escolhido ficar no lado das madrinhas, enquanto Guilherme ocupa o lado dos padrinhos.

Chego até Felipe, ele me recebe com um beijinho na testa e nos posicionamos de frente ao padre para darmos início à celebração.

Ele fala muitas coisas que minha mente não consegue assimilar, uma vez que parece que minha alma não está presente.

O que eu estou pensando enquanto estou ao lado do meu noivo em frente ao padre prestes a trocar promessas?

Em Magno em cima de mim, enquanto estou amarrada na cama.

Nem era para eu estar me casando em uma igreja sabendo que o casamento tem validade, mas é o sonho do meu pai, então se for para realizar, que seja por completo.

— Felipe, é de sua livre e espontânea vontade se casar com Lavínia?

— Sim. — Ele responde de imediato.

— Lavínia, é de sua livre e espontânea vontade se casar com Felipe?

Engulo seco, troco um olhar rápido com Pedro e Isa, estes completamente apreensivos, olho para meu pai e, quando abro a boca para responder, ouço algo. Na verdade, todos ouvem. Um barulho infernal de sirenes vem se aproximando e logo ficamos em alerta.

— Lav... — Felipe chama minha atenção. Volto a olhar para ele e, apesar do susto de todos, o padre deve prosseguir e ele torna a perguntar:

— Lavínia, é de sua livre e espontânea vontade se casar com Felipe?

As sirenes estão muito próximas e de repente um barulho alto faz todos sobressaltarem esperando pelo pior; como alguma coisa caindo no chão e arrastando, algo como um veículo topando, ou uma moto caindo. Inclusive, posso discernir o barulho de motor ligado.

Algumas pessoas correm para ver e todo mundo permanece parado olhando fixamente para a porta. Até que ele entra correndo como um louco.

Ah, meu Deus!

Magno para no meio do corredor. Muita gente se levanta com medo, achando que pode ser um bandido que está em fuga da polícia.

— Tudo bem. Eu o conheço! — Grito para tentar acalmar o pessoal antes que forme um tumulto.

Magno vem andando rápido até mim.

— Magno! Pare com isso! — Imploro aos gritos antevendo o pior, mas ele nem liga. — Isaac! — Chamo o meu irmão para impedir uma catástrofe, tarde demais. Magno já está quase levantando Felipe pelo colarinho.

— Magno, por favor, escute, olhe para mim. — Continuo pedindo agarrada a seu braço, e Isaac tentando fazê-lo soltar o noivo. Felipe com os olhos saltados apenas tenta se libertar, inutilmente.

— Eu não pude dar tudo que ela merece. — Ele rosna alto. — Você vai jurar perante todos que vai dar tudo de si para fazer Lavínia feliz. Se um dia eu souber que a fez sofrer, eu juro que acabo com sua raça, porque o homem que ganhou essa mulher deve agradecer todos os dias. — Ainda segurando no braço dele, deixo as primeiras lágrimas brotarem. Vários policiais entram na igreja gritando para Magno largar o noivo e ele larga, dá um passo para trás, olha para mim com a pior expressão de derrota que eu já pude ver e volta a fitar Felipe: — E nem

precisa grandes coisas para fazê-la sorrir. Basta surpreendê-la com algumas coxinhas, elogiar o trabalho dela e compreendê-lo, amar a Xana (estou falando das duas xanas) e entender que mulher pode tudo tanto quanto o homem, inclusive comer uma sacola de pão pela manhã independente se ela é rica e pode escolher comer brioques ingleses, mas prefere mesmo pão. — Ele se volta para mim, Romeo e Lorenzo entram correndo na igreja e os policiais seguram as mãos de Magno para trás. Magno continua falando, em um tom mais baixo, agora, mantendo contato visual comigo: — Não deixe que ela toque em sua bunda, porque é um desafio a ser cumprido e ela gosta de tentar a façanha de conseguir. Você só tem que amá-la.

Ele não quer perder contato visual, mas os policiais o algemam e o empurram para andar pelo corredor.

— Desculpem, pessoal. — Romeo diz cordialmente para todos. Meus pais estão assustados, mas estão bem. — Foi um mal-entendido. — Romeo fala, acena para mim e sai seguindo os policiais. O silêncio nos abraça e eu só consigo ouvir meus batimentos. As lágrimas já descem até o queixo e percebo que nunca tinha chorado assim por esse tipo de coisa.

— Lavínia. — Felipe sussurra, mas eu nem olho para ele, desço do altar, não vendo nada, apenas a frente como meu foco.

— Por quê? — Eu grito. — Magno... Por quê?

Os policiais deixam Magno se virar.

— Porque eu nunca vou conseguir ser o cara que você precisa. Mesmo que eu queira tentar.

— Então tente... merda.

— Eu não quero te fazer sofrer algum dia, Lav. E eu sou Magno Lafaiette, alguma hora faço uma merda. Um fã deseja sempre o melhor para seu ídolo. — Ele dá um último sorrisinho e se vira deixando que o leve. Dou um passo para correr atrás, mas uma mão me segura.

É o meu irmão.

— O papai não está se sentindo bem. Não faça nada precipitado.

Olho para a porta e para um enfermeiro, que já está de plantão, medindo a pressão do meu pai. Respiro fundo e corro para perto dele, me lembrando do verdadeiro motivo para o casamento: deixar meu pai feliz e orgulhoso. É só isso que tenho que pensar.

Magno

O trabalho árduo de esquecer e seguir em frente estava dando certo. Duas semanas tinham se passado desde o rebuliço que criei. Naquele dia, eu consegui realizar meu breve plano emergencial e de certa forma deu certo.

Fui levado para a delegacia, e dessa vez fui parar atrás das grades esperar por um habeas corpus. Eu agredi um policial e roubei seu veículo, não seria tão fácil me safar. E àquela altura dos fatos, eu nem me preocupei com isso.

Passar uma noite inteira na cadeia me ajudou a curar a ressaca e tentar colocar coerência em meus pensamentos.

Eu me declarei na frente de muita gente. Estava gravado inclusive em câmeras. Disso eu não podia correr, e foi um papelão o que eu fiz. Me rebaixei rastejando por uma mulher e, no fim, foi cada um para seu lado. Por que eu fui atrás dela se não queria algo sério?

Ou eu queria algo sério e não admiti? Que porra eu estava pensando quando fiz aquilo?

Bom, essa indagação reverberou na minha mente mesmo depois de Romeo e o advogado terem aparecido com o habeas corpus e me tirar de lá na manhã seguinte. Eu estava calado, envergonhado de meus atos e querendo sumir por um tempo.

Foi exatamente o que fiz. Não tinha permissão para deixar a cidade, mas podia me enfiar no meu apartamento, como a merda de uma prisão domiciliar. Eu não queria saber nada sobre Lavínia, nem mesmo estava ligando a TV para não ver alguma coisa sobre ela, entretanto as notícias chegavam para mim como uma espécie de vírus. Ninguém quer pegar uma gripe e até tentam se proteger, mesmo assim, as pessoas gripam. Lorenzo achou que eu gostaria de saber que Lavínia não se casou e isso saiu em toda a mídia junto com o circo que eu armei.

Ela não se casou? Já tinham se passado duas semanas, e onde ela estava que não tinha vindo atrás de mim? Eu estava sendo muito otimista ou arrogante ao achar que ela viria correndo atrás de mim?

Esperei, esperei e descobri dias após, sem a minha vontade, que ela tinha viajado. Pedro veio me visitar com Guilherme e contou que ela viajara. Eu não quis saber mais detalhes. Se ela tivesse ido embora para sempre, que fosse feliz.

Havia um casal de gays sentado no meu sofá e eu os via com naturalidade, coisa que não iria acontecer com o Magno de meses atrás.

É, eu era bem estreito em pensamentos. E ela abriu minha mente.

Estou voltando aos eixos aos poucos. Daqui uns meses, serei novamente o famoso Mustangue Selvagem, dono do maior clube noturno da região. Será Dama de Copas 2.0. Meu ressurgimento. E quando eu estiver novamente no topo da cadeia alimentar, lembrarei de tudo isso com nostalgia e humor.

Agora, por exemplo, acabo de ser informado que meus advogados estão aqui para me ver. Estou trabalhando igual um condenado e isso me ajuda muito. Peço para a secretária mandá-los entrar.

Os dois entram, se acomodam na minha frente, nas poltronas. Eu não tinha nada programado para hoje, portanto não sei o que pode ser, e pela cara de ambos, não parece ser coisa ruim.

— E aí? O que houve?

Eles se entreolham e um deles tira um papel da bolsa. Já estão sorrindo.

Ah, caramba! Já posso desconfiar o que seja.

— Magno, ganhamos.

— Ganhamos? Caralho, rapaz! — Recebo o papel, olho rapidamente e volto a encará-los. — Ganhamos o quê?

— O Ministério Público não vai te processar no caso das garotas.

— O quê?! Sério?

— Seríssimo. Tem algumas trocas, mas você não responderá por aqueles crimes.

Me levanto e passo as mãos nos meus cabelos.

— Caralho! Sério?

— Nunca falamos tão sério.

— Yeh! — Soco o ar em comemoração. — Puta que pariu, mano! Vocês são demais. Meu Deus, que alegria do cacete! — Volto a me sentar. — Caramba, eu estava morrendo de medo.

— O Dama de Copas ainda não tem aval para ser aberto, e você vai precisar ser testemunha de acusação contra Daniel.

— Claro. Claro que eu serei, com toda a certeza. Quero foder a vida daquele miserável.

— Sabíamos que iria ficar feliz. Essa é uma vitória muito grande, e não foi fácil provar sua inocência.

— Eu sei disso. Bom, eu tenho que contar para meus irmãos.

Eles se levantam prontamente.

— Estamos de saída. Continuaremos trabalhando no processo, agora o próximo passo é abrir o clube novamente.

— Eu fico feliz em saber que cada centavo do meu dinheiro está sendo bem gasto com vocês.

Assim que os dois saem, chamo Lorenzo para ir à sala de Romeo e corro para lá. Mesmo com Romeo perguntando o que está acontecendo, espero Lorenzo entrar e então digo:

— Manos, eu acabo de ganhar uma batalha. Não serei processado no caso das garotas.

— Eita porra! Que notícia boa, cara. — Os dois vêm me parabenizar com um rápido abraço.

— Sim, muito boa. Eu estava morrendo de preocupação com isso. É um peso a menos nas minhas costas.

— Aproveita e vamos hoje à noite em uma festa de um cliente. — Aproveitando a animação, Lorenzo convida: — Será um motivo para você comemorar. Não saiu de casa todo esse tempo, tá até barbudo.

— Verdade. — Romeo concorda, me entregando um copo com um dedo de uísque. — Ele nos convidou e pelo jeito será coisa boa.

— Festa? Sei não, viu. Não estou no clima.

— Como não? Reaja e supere, cara. Vamos ser felizes. — Olho atravessado para Lorenzo querendo dar um peteleco nele, mesmo sabendo que está coberto de razão.

— Não tem nada aqui para ser superado. — Viro o copo na boca, bato ele na mesa e aponto para os dois: — Não. Fode. Só vim dar a notícia. — Caminho para a porta, mas Romeo irrompe na minha frente.

— Escute, será bom para a empresa ter os três representantes lá. Apareça por lá às nove, não nos decepcione. — Miro os olhos dele por alguns segundos e assinto. Ele me deixa passar e saio da sala.

Festa não é algo que está me atraindo ultimamente, mas não custa dar uma passadinha por lá.



Saio do banheiro pelado, cantando com a toalha em volta do pescoço. Giro no meu quarto, felizmente contente por estar tendo progressos interiormente nas minhas emoções, que antes de tudo ficavam mais escondidas que pernas femininas no século dezenove.

Me analisando pelo espelho, concordo com Lorenzo de que estou mais barbudo e, vendo agora, mais malhado. Nesses últimos dias é meu único passatempo: comer como um condenado e puxar ferro como um boi arador.

É isso, garoto. Está pronto para a desforra. Hoje será minha noite de tirar o atraso. Estou de volta na versão cavalo parrudo barbudo.

Escolho um terno slim azul-petróleo, sem gravata, e sapatos italianos lustrosos. Meus cabelos estão maiores, mas nada alarmante. Apenas um pouco mais do que o costumeiro corte militar. Diferente de Lorenzo, que tem cabelos

lisos, o meu incha se deixar crescer demais.

Entre meus dois carros, escolho o Mustang e saio para a noite quente do Rio me recebendo com entusiasmo, ao menos é o que eu penso. Há tempos que não saio para desfrutar da noite que era a minha melhor companheira e hoje estou vivo novamente pisando fundo no acelerador.

O local é uma boate que com toda certeza está fechada para clientes e aberta apenas para essa tal festa. Deixo meu carro com o manobrista e estranho o fato de não ter várias pessoas na porta.

Minha entrada é permitida e, quando chego na pequena sala de entrada, paro bruscamente. Kate está sentada em uma poltrona e se levanta assim que me vê. Bela como sempre. O vestido branco acentua a barriga de grávida aparecendo.

— Oi, Magno.

— Oi, Kate. O que faz aqui? — Olho para o corredor e não há música vindo de lá.

— Vim para a festa, ué. Como você está?

— Estou bem... ah... — ergo uma sobrancelha — Amadeo está aí?

— Está sim. Lá dentro. — Ela aponta com o polegar.

— Ah...

— Sabe, eu esperei por você aqui, porque de alguma forma eu sentia que tinha que encerrar de vez o que quase tivemos. Nosso lance natimorto.

— Eu fico bastante feliz que você esteja feliz com meu primo. Eu não era o cara certo, Kate.

— Eu sei. Não era o cara para mim, mas é o de outra e ela vai te ajudar a ser o certo para tudo.

— Eu não sei o que você está...

— É o seu caminho, Magno, de uma forma um tanto bizarra estamos agora ligados pelos anos seguintes: pelo Amadeo, pela Oly... vamos conviver e eu não desejo apenas sua felicidade, eu desejo a nossa felicidade juntos.

— Isso está bem estranho, mas... que bom que você me falou isso. Venha aqui, dá um abraço no seu ex-sonho-de-consumo.

— É crush que fala. — Ela fala rindo, ainda presa em meu abraço.

— Essa porra é coisa de boiola, não vou falar.

— Pronto, já chega. — Ouço a voz de Amadeo e olho para ele espiando do corredor. — Venha aqui, primo. — Ele me chama. — A festa é por aqui. — Seguro a mão de Kate, dou um beijinho nela e sigo com eles pelo corredor com uma estranha luz vermelha. Chegamos a um grande salão e não tem quase ninguém.

Tem gente, mas apenas pessoas que eu conheço. Não apenas conhecidos, melhores amigos e familiares.

— Mas que porra...

Olivia, Romeo e Vilma, Pedro, Guilherme, Lorenzo, Angelina, os caras do banco AMB e suas esposas... Todos me olham como se eu fosse a porra de um premiado da noite. Sem entender bulhufas de nada, fico no centro do salão olhando para as caras -de-bunda.

— O que está havendo? Que porra essa? — Só quando as cortinas vermelhas se abrem no palco é que me dou conta. Paralisado no meio do salão da boate, meu queixo cai ao ver Lavínia rodeada de uma orquestra. Ela me olha com um breve sorriso e começa a tocar “Like a prayer”, da Madonna.

Eu fico imóvel e ela toca mostrando que domina perfeitamente cada nota da música, o que prova seu empenho para ensaiar e se apresentar aqui.

Meu peito vibra com as batidas frenéticas do coração. Nunca tinha experimentado uma emoção assim, é como perder algo muito grande e logo em seguida ganhá-lo novamente. Dou alguns passos, no modo automático, indo para perto do palco, sei que meus olhos estão brilhando, como os dela estão fixos nos meus.

Quando ela termina de tocar, se levanta e recebe os aplausos de todos os presentes. Incluindo eu. Não canso de babar nessa mulher. E hoje ela está especialmente linda.

— É um concerto para mim? — Pergunto, a voz embargada me obriga arranhar a garganta em um pigarro.

— Sim. Gostou? — Ela limpa uma lágrima.

— Você é a melhor. Vou gostar até se tocar atirei-o-pau-no-gato. — Dou a volta e subo no palco, ficando de frente com ela, bem pertinho. — Você está bem bonitona. Como sempre.

— Eu sei. — Ela sussurra e rimos juntos. Emenda a seguir: — Desculpa.

— Pelo quê? Todas as desculpas, eu que tenho que pedir.

— Por eu ter passado duas semanas sem ir atrás do que é meu.

— Beija logo. — Alguém grita na plateia e eu apenas mostro o dedo do meio sem me dar o trabalho de virar para ver quem foi o autor da fala.

— Ir atrás do que é seu? — Enrugo a testa estreitando os olhos, mas meu sorriso já antecipa que eu entendi perfeitamente.

Ela acaricia a lapela do meu terno, os dentes segurando o lábio inferior.

— Meu tanque de guerra. Meu rei de copas. Só meu.

— Então quer dizer que o nosso trato se estendeu?

— Parem de cochichar, *carajo. Nadie está oyendo.*

**ninguém está ouvindo.*

. Essa voz eu sei que é do Amadeo. Ignoro-o, não desvio um centímetro dos olhos esverdeados cheios de lágrimas de Lavínia.

— Vamos prolongar? — Refaço a pergunta com um certo entusiasmo que para mim deveria ser estranho. Há em mim a expectativa velada de que ela vá dizer sim.

Ela segura minhas mãos e crava seus olhos nos meus.

— Podemos complementar um ao outro. Você é o homem certo para mim, e vou ajudar a te mostrar isso todos os dias, enquanto eu empenharei para ser a mulher de sua vida. Eu quero poder ver você na plateia dos meus concertos, quero comemorar vitórias que você consegue na empresa, quero ter alguém para me acalmar quando eu perder o controle e quero ser aquela a quem você vai procurar quando estiver pirando ou apenas para ficar por perto. Eu não quero mais lutar contra o amor que sinto por você, Magno, então, o que acha de prolongar nosso trato sem uma data limite?

Eu nem preciso pensar duas vezes. Olho para a plateia. Todo mundo com seu par, não tem ninguém sozinho, com exceção da Vilma. E o que eu mais temia na minha vida hoje é o que mais quero: uma mulher só para mim, mas não qualquer uma, essa aqui à minha frente, disposta a tudo assim como eu. Estamos apostando alto um no outro.

É o que sempre digo: o carma sempre vem, ele é como uma ex namorada maligna. É uma vadia sanguinária.

— É claro que aceito. Quero trepar todos os dias com você, meu amor. — Curvo para beijá-la, mas sua mão me impede tampando minha boca.

— O que disse?

Penso um pouco e, sem entender a perplexidade dela, repito:

— Meu amor...?

— Sim. Eu não ouvi nada, fale mais alto. — Lavínia cantarola cheia de entusiasmo.

— Como assim? Eu disse: “meu amor”.

— Diga mais alto, Magno. O pessoal não ouviu. — Ela aponta para a plateia que assiste a nós dois como se fôssemos uma peça de Shakespeare em pleno palco.

— Sim, diga logo, coloque tudo para fora! — Pedro grita na plateia colocando lenha na fogueira. Nem mostro o dedo, porque representa pau e ele não vai se irritar com isso.

— É, fale a frase que nunca aprendeu em toda sua vida. — Lorenzo acrescenta e logo em seguida Romeo emenda:

— Eu vou te ajudar: coloque um “eu”, depois um “te” e por último um “amo”. Nessa sequência. Você consegue.

Abano a cabeça rindo e volto minha atenção para Lavínia. Ela espera ansiosamente. Eu não quero perder mais tempo. Abro os braços para ela

convidando-a para um abraço.

— Venha aqui, gatona, eu te amo. — Ela ri e, sem pestanejar, se joga nos meus braços.

— Não ouvi. — Olivia grita.

Compre um aparelho auditivo. — É o que quero falar, mas sai outra coisa.

— Eu te amo, Lavínia Torres! — Rodo-a nos meus braços em cima do palco.

— Eu amo essa mulher seus filhos de uma égua, engulam essa.

Nesse mesmo instante, assusto com estampidos altos. Eu fico pasmo junto a Lavínia ao olhar para o alto e ver o teto da boate se abrir, mostrando um teto de vidro como uma bela vitrine para o céu noturno, mas o que enche os olhos de todos são as cores dos fogos de artifício. Meu olhar encontra o de Romeo e ele pisca debochando mostrando que cumpriu a promessa, que iria soltar foguetes quando eu me apaixonasse. Depois o infantil sou eu.

— Ah, vão se ferrar, seus... — Não termino o xingamento, Lavínia puxa meu queixo e beija minha boca ternamente me dando uma paz tão boa e gostosa que eu não sentia há anos em minha vida.

Sob aplausos, continuamos nos beijando, como em uma cena de um fodido filme de romance da Sessão da Tarde.

Lavínia

Duas semanas atrás, quando Magno invadiu a igreja, meu pai olhou nos meus olhos para dizer: — Filha, vá atrás dele, corra atrás da sua felicidade.

— O quê? Não, pai... — Tentei contestar, mas ele negou com a cabeça antes de eu terminar de falar.

— Querida, eu vi a paixão nos seus olhos quando viu aquele homem. Uma paixão que jamais pude ver enquanto você esteve com Felipe.

— Pai, eu...

— Tudo bem. Não haverá mais casamento. Eu estou casado há quase cinquenta anos e não aguentaria tanto se não amasse sua mãe. Quando se ama, a gente nem vê o tempo passar e deseja mais cinquenta anos juntos. Eu só quero sua felicidade e a casa cheia de netos.

Emocionada, eu chorei abraçada a ele.

— Eu te darei isso, pai, eu prometo.

Felipe que não aceitou e começou a berrar me xingando e só calou quando meu irmão tirou o terno, arregaçou as mangas e disse: “O que você falou da minha irmã? Repete”.

Meu ex-noivo dava pena. Não se garantia em nada. Nem no sexo, nem em uma briga e muito menos no próprio emprego.

Agora, diante de todos em cima do palco nos braços de Magno eu consigo me encontrar em uma felicidade avassaladora, algo tão pleno e gostoso que faz meu corpo vibrar.

— Xana estava com muita saudade. — Digo a Magno e ele ri. Olha para o pessoal lá embaixo com cara de malícia e eu já prevejo a piadinha de duplo sentido.

— Eu estava com muita saudade da Xana pretinha.

Gargalhando, acompanho os olhares horrorizados, principalmente o de Vilma. Me afasto dele, vou atrás do palco e pego a gatinha que estava em um cestinho.

— Seus mente suja. — Magno fala. — Só pensa putaria. Eu estava falando da nossa gatinha que se chama Xana e é preta. — Ele levanta a gata apresentando-a a todos. — Mas isso não anula a saudade da outra Xana. — Pisca para mim e recebemos mais aplausos.

— Que comece a farra! — Alguém grita lá embaixo e a música começa a tocar.

— Bem-vinda à família Lafayette. — Olivia diz quando me aproximo das mulheres. Elas me ajudaram quando eu fui ao grupo que me colocaram anteriormente dizer minha ideia para fazer uma bela declaração a Magno, colocá-lo diante de todos e não deixar que fugisse.

Olivia é a veterana da turma de três mulheres, quatro comigo, a última agregada. Apesar de tímida, ela tem a postura de líder da turma e será a próxima a se casar. Depois será a vez de Kate e, por fim, se tudo der certo, arrasto Magno até o altar. Essa é minha vontade, mas ele ainda não precisa saber.

— Você é mais poderosa que a Mulher Maravilha. — Angelina diz acima do som da música. — Conseguiu laçar Magno. Cara, isso parece uma realidade paralela. Ele falava coisas absurdas sobre relacionamento.

— Verdade. — Kate concorda. — E eu posso dizer, afinal eu tentei.

— Eu já quis socar a cara de Magno várias vezes pelos comentários dele, agora, foi colocado no devido lugar. — Olivia levanta uma taça de champanhe como se estivesse brindando.

— Eu acho que foi meu desprezo que o fez apaixonar. — Dou de ombros.

— Desprezo?

— Eu conheci Magno no clube e no início eu achava que ele era garoto de programa e não dava moral para ele.

Abismadas, elas gargalham e param quando duas pessoas se aproximam.

— Desculpe, meninas, mas ficar com os caras não me agrada. — É Pedro que chega com Isa.

— Meninas, essas são minhas fadas madrinhas. Isabelle. — Apresento-a.

— Ah, você é a mulher de Dante Menezes. — Angelina diz e depois fala com todas nós: — A Mademoiselle a vestiu no primeiro encontro de pré-candidatos e vai vestir na posse.

— Sim, sou eu. É um prazer conhecê-las. E sim, haverá uma posse. Dante e Isaac são a melhor chapa.

— E esse é Pedro. Confidente, estilista e advogado nas horas vagas. — Deixo Pedro cumprimentá-las e acrescento: — Ah, não se preocupem. Se ele beber um pouco mais, vai elogiar os atributos dos maridos de vocês, mas ele tem namorado.

— Para de me difamar, amore. Vamos beber.

Mais mulheres se aproximam e em instantes estamos todas separadas dos homens planejando a despedida de solteira de Olivia, que seria algo simples, um chá da tarde na casa dela, e agora já estão cogitando uma boate de strip-tease. Ideia de Kate e Pedro.

Pessoal, esquece. Eu não vou para uma boate de homens pelados. Olivia nega veementemente, entretanto ninguém aceita os protestos dela. Maria Luiza,

executiva do banco AMB, já planeja uma maneira de irmos todas juntas farrear na noite sem que nenhum dos homens perceba e isso será uma missão bem impossível.

— Se meu marido descobre, ele vai querer planejar para tentar impedir. Tenho certeza. — Maria Luiza confia e vejo que cada um dos homens faria exatamente isso para não deixar que a gente assista a machos bombados dançando e tirando a roupa.

— Vamos para Las Vegas então. — Kate dá a ideia. — Sem eles saberem.

— E as crianças? Não posso deixar meus bebês. — Julia fala se referindo aos trigêmeos dela.

— Podemos levá-los e deixá-los no hotel.

— Eu acho que Romeo pira se não me encontrar com as crianças. — Olivia comenta, pensativa.

— É perigoso Lorenzo ter um surto. Não posso fugir com nosso bebê. Vamos pensar em outra coisa.

— Simples, gente. — Pedro grita acima da música e das nossas vozes. — Basta dizer que é um encontro íntimo feminino na minha casa. Único lugar onde não tem esses machos bestas possessivos. Se o meu souber, ele vai brigar para ir também.

Gargalhamos e erguemos nossas taças para selar o trato.

— Vamos combinar isso direito. Será no mês que vem, a melhor festa de despedida de solteira que o mundo já viu.

— Despista. Agora vamos falar de filhos, Romeo está vindo. — Olivia acena discretamente e já dá o pontapé inicial: — O Gael não me dá tanto trabalho para dormir. Mas a Laura é um pouco teimosa nessa parte.

— Por que vocês estão abandonando a gente? — Romeo indaga. — Estamos tão deprimidos.

— Estamos conversando sobre algumas bobagens. Vamos nos unir. Vocês não são ninguém sem a gente.

— Não mesmo.



A festa não foi até tarde. A maioria ali tem filhos e, mesmo que eles estivessem com babás, não foi o suficiente para deixar os pais relaxados. Mas não tinha problemas, a festa continuaria no apartamento meu ou de Magno, eu tinha certeza.

Fomos para o meu e chegamos lá já quebrando tudo. Só deu tempo de eu jogar a gata no chão. Magno me agarrou e eu escalei seu corpão, do qual eu estava com tanta saudade.

Enquanto ele me beija vorazmente e suas mãos tentam a todo custo arrancar

meu vestido, eu consigo ir mais além e abro seu cinto e a calça. Magno interrompe suas tentativas e me ajuda abaixando a calça junto com a cueca.

— Camisinha. — Ele murmura, enlouquecido, com a boca grudada na minha. Ouvir isso é bom, afinal mostra que ele não estava preparado para pegar alguém por aí na noite.

— Eu previ e estou tomando anticoncepcional. — Arranco o pau dele de dentro da cueca. Duro e imenso, pronto para a ação.

— O quê?

— Não era o que você queria? Sem camisinha.

— Sim, mas... — me olha com extrema desconfiança — você tinha certeza que voltaríamos?

— Absoluta, meu querido. Eu te conheço. Agora para de falar e me coma, gostoso de uma figa!

Os lábios se abrem em um sorriso erótico. Magno está bem mais belo barbudo, um absurdo de tão gostoso. E todinho meu.

Ele me vira bruscamente com a cara para a parede, arranca meu vestido por cima e sussurra no meu ouvido:

— Bem-vinda à campanha do saco cheio. Vai sentir a potência de duas semanas sem gozar. — Eu rio como resposta e me arrepio toda do dedão à nuca quando ele morde o lóbulo de minha orelha e desce mordendo meu pescoço e ombro. Seu pau vigoroso friccionando contra minha bunda.

— Puta que pariu! Renda! — Magno suspira passando a mão na minha calcinha de renda. — Você quase me mata apenas com uma calcinha. — Fecho os olhos e mordo os lábios sentindo a calcinha descer devagar pelas minhas pernas. Esse é um momento que ele quer saborear.

Ele passa as mãos em minha bunda provocando tremores que percorrem meu corpo como eletricidade.

— Ah, que rabão. — Sinto os lábios dele encostando e dando um beijo e uma mordida a seguir. — Vou devorá-lo.

Me contorci loucamente quando sua língua encostou na minha parte mais sensível e pulsante. Meu estômago flutuou, e minhas veias pareciam inchar pelo sangue bombando muito rápido. Automaticamente, empino a bunda querendo mais e mais de suas carícias. Meus seios também imploram, os bicos estão duros e sensíveis.

Gemendo em tom crescente, desço minha mão para entre as pernas, porque Magno lambe devagar, notavelmente me provocando e testando e está impossível aguentar, preciso de mais.

Ele percebe minha intenção de me tocar e impede a tempo.

— Não. Nada disso. Deixe tudo comigo.

— Magno... porra.

— Se você tocar nessa boceta, eu paro.

— Então vá depressa, caralho.

Ele fica de pé e comprime meu corpo com o seu, me fazendo sentir seus músculos e seu cheiro, até seu calor convidativo. Tira meus cabelos para o lado e fala cheio de presunção:

— Olha o jeito que você fala com seu homem. Mãos na parede, senão não continuo.

— O quê?

Ele segura minhas mãos e as colocam na parede, perto da minha cabeça.

— Pernas abertas e mãos na parede, deixe eu dar meu show. — Morde minha orelha cheio de provocação — Se tirar a mão, eu paro de chupar. Você escolhe.

Ele desce devagar beijando minhas costas e, quando chega novamente na minha bunda, arrepio por completo. Fecho as mãos em punhos e mordo o lábio quando a língua volta a me possuir.

Eu sinto o poder do gozo acumulado vindo rasgando tudo por dentro a cada movimento de seus lábios se fechando contra minha vagina. Suavemente, degustando cada pedacinho, brincando com meu clitóris sem importar com meu desespero delicioso.

Ele segura forte minhas pernas, mantém sua boca em constante movimento e me faz gozar assim, de pé, na cara dele. Meus gemidos, quase gritos, avisam aos vizinhos que a festinha aqui está muito boa.

Não despenco no chão porque ele fica de pé e me apara, me abraçando de um jeito carinhoso e safado muito gostoso. Acariciando sem pressa meus mamilos enquanto morde meu ombro.

— Calma, está apenas começando. — Falando isso, desliza devagar o pau em meu interior ainda pulsante e sensível. Recebo-o com prazer indescritível chegando a sorrir.

Ele me envolve com um braço, segura meus cabelos e, antes de acelerar as arremetidas, testa os movimentos, tirando e colocando devagar repetidas vezes. Quando eu já estava arranhando a parede como uma gata no cio querendo tudo de uma vez, ele me aperta e seu ritmo me faz alcançar os céus.

Minhas pernas fraquejaram com as vigorosas estocadas e nem pude me libertar em novo gozo. Magno saiu, me pegou no colo e, beijando minha boca, me levou para o sofá.

Eu estava vidrada em seus olhos quando se abaixou sobre mim, ofegante e encantado.

Acaricieei seu rosto, embasbacada com o ardor e paixão que nos unia de uma forma crua, extrapolava a definição de sexo. Com Magno sempre foi mais que

fodas aleatórias. Colocamos nosso coração no meio e nos entregamos em uma ligação perfeita. Como se nós tivéssemos sido desenhados juntos e separados pelo acaso.

Quando nossos corpos nus se juntam, como agora no sofá, ele se movendo lentamente dentro de mim, sem perder o contato visual, é como um choque de partículas poderosas, sinto tudo que me é permitido e sei que não é diferente para ele. Posso ler em cada pontinho de seus olhos e em cada repuxar dos lábios.

— Não deixe que isso entre a gente acabe. — Sussurro junto à boca dele.

— Não deixarei. — Ele afirma deixando isso claro em sua expressão.

— Ótimo, porque eu te amo e, se fizer alguma merda, eu terei que te matar.

Ele fica me olhando paralisado e eu não consigo entender o motivo, afinal já trocamos declarações.

Abaixa o rosto, me beija e, quando levanta, mantém contato visual. Tira todo o pau pra fora e mete intensamente, tudo de uma vez me fazendo arquejar, ao mesmo momento que diz:

— Eu...

Faz o mesmo movimento tirando todo e metendo com força e diz:

— Também...

Repete pela terceira vez e eu já seguro forte em seus braços.

— Te...

E, na última vez, ele faz com vontade. Mete tão fundo tudo de uma vez arrancando um grito de mim.

— Amo.

— Por que fez isso? — Dou um tapa nele.

— Para ficar gravado em sua boceta, mente e coração. Te amo.

— Descarado. Me foda de uma vez por todas. Meu tanque. — Feliz da vida, devoro sua boca em um beijo gostoso enquanto ele volta a ondular em cima de mim. Nem tudo é perfeito, corro minhas mãos para sua bunda, ele ri, tira elas de lá e as segura no alta da minha cabeça, sem parar de entrar e sair de mim.



— Eu quero que você tire essa merda do meu celular agora mesmo! — Berro ao ouvir a confissão descarada de que ele plantou um rastreador no meu celular. Magno sai de dentro da geladeira, fechando-a com o pé e me olha atento.

— Lav... pode ser útil.

— Útil para que? Para me espionar? Sou uma fugitiva da justiça?

— Não, mas é minha mulher. — Cheira uma caixinha de comida chinesa e após pegar um garfo vai para o sofá. Bufo revoltada ao ouvir isso. É como andar de coleira. Só por quê tem compromisso, devo ter meus passos rastreados?

— Isso mesmo. — Corro atrás dele. — Sua mulher, não sua propriedade. Tira

agora, Magno.

— Ok. Vou tirar. Por que mulheres tem que ser tão dramáticas? Acalme-se. Tudo bem? — Senta no sofá, só de cueca, e aponta o controle para a televisão.

— Nada de tudo bem. Agora me conte sobre aquela vagabunda que estava na sua casa. Quero saber tudo. — Peço a ele.

— Ah, a Anne. Ela é uma vaca, queria me passar a perna. — Resumidamente Magno me conta sobre ela e fico horrorizada ao descobrir que a desgraçada me enganou e ainda tentou dar um golpe nele.

— Mas agora está tudo bem, descobri sobre o marido dela e fiz uns contatos, o cara está sem crédito em qualquer lugar da cidade. Ninguém mexe com um Lafaiette e fica por isso mesmo.

— É ótimo saber isso. Não é maldade, mas o carma precisa vir. — Concluo. — Tive tanto ódio por ela ter dito que estava com você. Se fosse agora, eu mataria a maldita.

— É. Mulheres gostam de proteger seu homem.

— Então somos namorados? — Questiono olhando para Magno ao meu lado no sofá. Está comendo um resto de yakisoba que tinha na geladeira de ontem. O cara já comeu igual um javali na festa e agora está se empanturrando de comida dormida.

— Não sei. Somos?

— Eu acho que sim. Quero dormir com você, como vamos fazer?

— Como assim? — Enfia uma generosa quantidade de comida na boca.

— Aqui na minha casa, ou na sua?

— Um dia aqui, outro lá. Outro sozinhos...

— Verdade. — Aponto para ele concordando com o que disse. — Gosto de ter meu espaço, nem sempre vou querer um homem espaçoso na minha cama.

— E nem sempre eu vou querer ficar sem cobertor no meio da madrugada. — Joga a embalagem vazia de lado e pega a latinha de cerveja.

— Eu nem tomo seu cobertor. — Contesto.

— Deixa de ser cara de pau. — Me lança um olhar incriminador. — Teve uma vez que dormimos cada um com um edredom e mesmo assim eu acordei desembrulhado tremendo de frio por causa da porra do ar. Vou te amarrar para dormir.

— Sonhe, querido. Reclamações à parte, vamos deixar rolar ou fazer um cronograma?

— Ah, não. Você está com Magno e não Lorenzo. Ele que tem essas viadagens de cronograma. Meu irmão tem toque por organização e limpeza.

Reviro os olhos para ele ver.

— É, pelo jeito eu fiquei com as sobras dos Lafaiette. Cada um com sua cruz.

— Na hora do pauzão entrando, ninguém fala que é cruz, né?

— Com certeza. Prioridades. — Rio e deito a cabeça no colo dele. — Escolha um filme para a gente assistir. Meu novo namorado.

Ele curva em minha direção e planta um beijinho na minha boca com gosto de cerveja.

— Eu estou tão fodido... — Murmura zapeando os canais na TV.

Magno

Minha primeira manhã sendo namorado oficial de alguém não trouxe pânico a meu espírito livre. Antes eu enxotava mulheres da minha cama logo pela manhã arrependido de ter deixado passar a noite. Agora, a única coisa que faço é deleitar-me com as curvas femininas ao meu lado. De bunda para cima, Lavínia se exhibe dormindo e eu estou como um garoto que acabou de ganhar um videogame. Vício total.

Rolo para cima dela deitando sobre suas costas. Lavínia se mexe ronronando. Puxo o lençol que cobre seu corpo e beijo suas costas.

Ela se mexe mais e entreabre os olhos.

Afasto os cabelos para o lado e mordo devagar o ombro descendo meu queixo na pele dela para que sinta minha barba.

— O que está fazendo?

— Acorde, quero colocar meu neném para mamar.

— Sendo tosco a essa hora? Por que mesmo eu estou namorando você?

— Por causa disso. — Passo meu pau na bunda dela para que sinta o calibre.

— Hum... é um bom argumento. — Ela se vira embaixo de mim ficando de frente. — Ei, grandão, por que não ajoelha no meu rosto e deixa sua ferramenta balançando na minha cara?

— Caralho, você é a melhor namorada que Deus já pode ter criado.

— Sou única. Mexa logo essas coxas grossas e providencie a mamada que me prometeu.

Me ergo em cima dela e fico de joelhos na altura de seu rosto deixando meu pau próximo à boca. Seguro meu pau e passo a cabeça vagarosamente contornando cada lábio, um de cada vez. Lavínia apenas sorri safadamente.

Ela massageia minhas bolas e meu pau baba todo feliz. Até suspiro de prazer. E quando enfim seus lábios o envolvem úmidos e quentes, não tem como segurar um gemido.

Ah, cacete! Foder uma boca dessa pela manhã, e não qualquer uma, a boca da mulher que se ama, não é para qualquer um. Agora, enfim, entendo os bestas dos meus irmãos que são escravocetas de carteirinha.

Se eu sou um?

Claro que não, porra. Eu domino a situação. Como agora, que estou cada vez mais louco de paixão. Tenho tudo sob controle.



— Eu confesso que estou um pouco amedrontado de ir almoçar com seus pais.
— Ao meu lado no carro, Lavínia me olha com uma sobrancelha erguida e uma risada pronta. — Não me olhe assim, nunca tive sequer a ideia de como deve ser lidar com sogros.

— Minha mãe vai adorar você e vai falar pelos cotovelos. Já meu pai será um pouco difícil, uma vez que ele gostava muito de Felipe e... você não é negro.

— Seu pai tem preconceito com brancos? — Divido a atenção entre ela e a direção. Minhas sobrancelhas erguidas de perplexidade.

— Não vamos colocar desse modo. Digamos que ele prefere que eu me case com um negro. Então sue o dobro para conquistá-lo.

— Vou mostrar a ele que o caráter não está na cor da pele.

Ela se curva para o lado e dá um beijinho no meu rosto.

— Você acaba de me conquistar um pontinho a mais depois dessa frase. Mantenha o foco e tudo ficará bem.

— A propósito, o que aconteceu com ele? O Felipe. Aceitou simplesmente?

— Não. Naquele dia na igreja ele pirou e começou a me xingar, inclusive de vagabunda.

— Filho da puta.

— Aí meu irmão entrevistou e ele ficou pianinho. Fiquei sabendo depois que voltou apara Brasília.

— Que suma daqui mesmo.

Eu já tinha antes passado em frente à casa dos pais de Lavínia. E agora entrando vejo como é uma bela casa própria para pessoas mais velhas. Com jardim, varanda com cadeira de balanço e muitos pássaros nas árvores. A mãe dela, uma mulher pequena, nos recebe sorridente na porta da frente.

Primeiro abraça a filha e depois me olha com um ar de curiosidade, mas mantendo o sorriso.

— É o doido da igreja. — Aponta para mim.

— Mãe! — Lavínia ralha e emenda a apresentação: — Esse é o Magno. E agora é meu namorado. Magno, essa é Salete, minha mãe.

— É um prazer, Dona Salete. — Seguro na mão dela e dou um beijinho.

— Agora, vendo assim de perto, você parece mais ajeitadinho. Na verdade, bem bonito.

— Eu faço o possível.

Ela ri junto com Lavínia e entra na casa chamando a gente para acompanhar. Em cochicho, diz que já teve uma conversa com o pai de Lavínia e ele está mais compreensível.

Há várias pessoas na casa que eu já conheço. Pedro, Dante e a esposa estavam

ontem na apresentação particular de Lavínia. Cumprimento primeiro quem conheço e me volto para Isaac, irmão dela, que quase me nocauteia no dia do casamento.

Eu estou bem apreensivo, porque é algo que não domino. Esse contato com família da mulher, e que durante todo o tempo que eu estiver com ela será minha segunda família.

Ela nos apresenta e trocamos um aperto de mão.

— Você teve coragem de invadir a igreja daquele jeito. Foi uma baita declaração.

— Coragem é meu segundo nome.

— Então use ela para falar com esse velho ali. — Olho para onde Isaac aponta. Um homem na casa dos sessenta anos conversa com Lavínia, ele sentado em uma poltrona dessas de pai. Ela fica ereta e me chama para aproximar.

— Magno, esse é Valter, meu pai.

— Senhor Valter. — Estendo minha mão e ele aperta, o semblante taciturno, não uma carranca, mas se mostra bem sério.

— Pai, esse é Magno. É empresário, tem trinta e dois anos e é da Espanha, mas mora no Brasil há anos. Trabalha com os próprios irmãos na empresa da família. — Eu entendo que, para ele, Lavínia precisa ditar todo meu currículo e mostrar que eu não sou um vagabundo como aparentei ser no dia do quase-casamento.

— Vejo que minha filha gosta muito de você, rapaz. Eu só quero que você a deixe sempre assim: sorrindo, com brilho nos olhos. Não me faça ter que te matar se a fizer sofrer.

É algo que eu diria para um cara que estivesse com uma filha minha. Se eu tivesse uma filha, coisa que será bem difícil. Só vou querer meninos, para não ter esse problema.

— Bom, depois que joguei a sanidade para o lado e invadi uma igreja em uma moto roubada da polícia, o que vier é moleza. — Todos riram e os lábios do velho se repuxaram levemente.

— Conheço seu tipo, rapaz. Estou de olho em você.

— Sei que estará.

O almoço foi melhor do que eu havia imaginado. O pessoal é bem de boa e, com rapidez, eu já tinha conquistado cada um ali presente com minha facilidade em entreter e conquistar. Todo mundo me ama, todo mundo me quer. Sempre foi assim.

Conquistei o sogro um tantinho a mais quando disse que fui delegado e servi o exército. Ele não podia ter pedido um genro melhor na sua vida.

A mãe de Lavínia fez seu papel de mãe contando tudo sobre a vida da filha,

desde quando era pequena, seus costumes, o que a deixava chateada, ou com medo. E a melhor parte foi quando disse:

— Era uma menina bem firme na sua opinião, desde sempre. Deixou de mamar aos três meses e não tinha quem a fizesse aceitar.

Minha mente ainda é pouco evoluída para ouvir algo assim e ficar de boa. Olhei para ela usando um ar sugestivo.

— Deixou de mamar aos três meses, hein? Que bonitinha. — Ganhei um beliscão de Lavínia. Eu disse à mesa e acho que todos entenderam; Pedro até cuspiu o vinho e Isaac revirou os olhos perdendo a paciência comigo, só a mãe dela que não percebeu e continuou o assunto.

Estava concluído todo o processo de iniciação. Estar em um relacionamento até que não era tão ruim. Estar com Lavínia me fazia feliz, então mandei toda a merda das antigas convicções para a puta que pariu e fui ser feliz com ela.



A maior surpresa para mim foi descobrir, dias depois, que alguém havia filmado ela tocando para mim e tinha viralizado na internet, com isso o vídeo foi visto por ninguém menos que Madonna.

Com um mês de namoro, embarcamos para Las Vegas. Madonna mandou um convite para Lavínia, ela ia se apresentar em um hotel em Las Vegas e queria nos encontrar.

Assistimos ao show, com direito a homenagem. Madonna cantou “Like a prayer” acústico acompanhado por violão e dedicou a música para nós dois. Conseguimos tirar uma foto com ela e ainda ganhamos autógrafos. Mas isso foi parte do processo. A melhor coisa foi depois estarmos livres e sozinhos em Las Vegas. E eu não cansava de adorar minha nova vida de homem compromissado.

E com o compromisso vinha a parceria e confiança. Ela ficou do meu lado no processo do clube e lutou para reabri-lo. Lavínia fez sua parte depondo no julgamento e, com a ajuda de meus excelentes advogados, conseguimos reabrir o Dama de Copas alguns meses depois.

Eu fiquei ainda mais besta por ela. Uma mulher forte, inteligente e que lutou comigo porque sabia que aquele lugar era como um filho para mim.

No dia da reinauguração, nossos amigos estavam lá para prestigiar o momento. Era a primeira vez que Olivia entrava no clube, e estava de cara amarrada após descobrir que esse tempo todo Romeo ainda era membro. Eu conheço muito bem as mulheres e sabia que meu irmão teria trabalho para amansar a fera.

Angelina também estava e ela tem um certo trauma do lugar, por ter sido leiloada pelo safado do Lorenzo. Mas, no fim, tudo deu certo e Lavínia foi incisiva no seu discurso:

— Nessa noite, reabrimos o clube e deixo claro que Magno não estará mais no jogo. Ele ficará apenas na parte administrativa. Nem adianta tentar, ouviram, garotas? O rei de copas enfim encontrou sua rainha de copas.

E eu apenas aplaudi junto com os outros, concordando com ela. Era a pura verdade. Estávamos juntos nisso.

E seis meses depois, em um concerto de Lavínia na Espanha, ela ficou grávida depois de um ataque providenciado por mim no camarim. Acho que por um descuido no uso das pílulas. Eu fui saber que seria pai dois meses depois, quando ela desmaiou nas gravações da série e me ligaram falando que Lavínia estava no hospital.

Corri para lá e ela me recebeu com os olhos encharcados, deitada em uma cama e sorrindo, apesar de ter identificado medo em seu rosto.

— Lav, o que houve? — A abracei apertado. Afastei para analisar seu rosto. Era uma mistura de felicidade com apreensão.

— Eu... Não era assim que eu planejei te contar. — Sussurrou. — Acabei de descobrir.

— Sobre o quê?

— Você foi promovido de titio a papai. Daqui a alguns meses. — Tocou no ventre e, lentamente, como se ali estivesse um alien, fui abaixando o rosto até encarar por completo sua mão pousada na barriga.

— Ah, caralho!

— Eu estou com medo, Magno. Mas muito feliz também.

— Ai, caralho!

Fiquei de pé totalmente fora de mim. Eu também sentia o mesmo que ela. Era um contraste de sentimentos. Medo e felicidade. Uma felicidade que nunca tinha experimentado. Um bebê... Tipo meus sobrinhos? Que eu não sabia nem segurar. Agora seria sangue do meu sangue, um ser babão e cheio de truques, vindo diretamente de dentro do meu saco. Eu estava fora de mim.

— Ah, caralho! — Girei pelo quarto com as mãos na cabeça.

— Para de dizer só “caralho” e diga algo sobre isso. Eu estou morrendo de pânico. Diga que vai ficar tudo bem. Está muito cedo para termos um filho.

Eu a olhei e, sem que esperasse, dei as costas e corri. Continuando a repetir: “Ah, caralho!”

Pelos corredores do hospital, escutava atrás de mim a voz de Lavínia, e eu cego correndo sem saber o que fazer da vida.

Ser pai?

Não sabia se conseguiria. Meu peito parecia que explodiria tamanho era o estresse das batidas do coração.

— Magno!

Nem precisava virar para saber que ela estava quase me alcançando. Alcancei as portas da frente do hospital, pude escutar um segurança falar: “Senhorita, não pode sair”. E a voz de Lavínia em seguida: “Vá se foder”

— Magnoooo! Porraaa! Eu vou te matar.

Parei. Desisti e sentei no meio-fio, em frente ao hospital. Caralho! Um filho.

Recebi um tapa na cabeça e ela sentou ao meu lado.

— Que porra! O que está pensando? Não vai fugir não. Você será pai.

— Eu serei... pai. — Repito, cochichando para ela, como se eu tivesse contando a novidade.

— Eu estou tão assustada como você, mas precisa ficar do meu lado, por favor.

— Eu vou ficar. Eu te prometo, eu nunca... deixarei vocês. Caralho! — Puxo-a para meus braços. — Eu quero vocês comigo, eu quero...

Ela sopra aliviada se agarrando com muita força a meu corpo. Os enfermeiros vêm e pegam Lavínia de volta e a levam para o quarto.

— Tudo bem. — Me sentei do seu lado na cama. segurei ela apertado em meus braços. — Vamos pensar com calma, nada de pirar. Conseguimos criar a Xana. Será fácil criar um bebê.

Sei que eu estava errado. Eu vejo como meus irmãos passam apuros com as pestes deles. Entretanto, o amor que eles têm pelos filhos é bem maior que qualquer dor de cabeça.

Eu já amo nosso tanquinho. É isso mesmo, eu já amo esse grãozinho dentro dela.

— Ei, vai ficar tudo bem. Eu já amo nosso tanquinho.

— Tanquinho é um ótimo nome. — Ela riu chorando e voltou a me abraçar. — Eu também o amo. Vamos ser uma família. Eu, você, Xana e o Tanquinho.



À noite, nos reunimos no Romeo depois de passarmos na casa dos pais de Lavínia para contar a boa nova. A mãe quase morre de alegria e o pai me abraçou tão apertado que quase me ergue do chão. Era meu último golpe para conquistá-lo. Senhor Valter estava rendido, como todos, morrendo de paixão por mim.

Meus irmãos e primo não perderam a chance de zombarem de mim diante de uma notícia tão especial.

— Quem é agora que vai estar cheirando a leite e talco de manhã na empresa? — Romeo pergunta servido champanhe na taça de cada um. Todos respondem com risada e Lorenzo continua:

— Quem vai perder o luxo do carro com cadeirinha instalada no banco de trás?

As risadas aumentam, Romeo termina de servir o champanhe e aponta a taça para Amadeo:

— Quem não vai mais poder fazer campeonato de baralho na casa porque o bebê precisa dormir?

Antes do meu primo tentar entrar na farra da zoação, eu intercepto:

— Olivia, Angelina. Deem um jeito nos meninos de vocês, o adulto precisa falar.

— Chega, amor, deixa ele falar. Ele vai ser pai, tem o direito. — Olivia diz ainda rindo e eu a agradeço com um gesto. Assim que todos fazem silêncio na sala, eu fico de pé.

— Uma vez ele zoou a gente porque disse que não podíamos mais bater punheta. — Lorenzo teima e interfere.

— E aí, Magno? Está mantendo *el palhacito* descabeladinho adequadamente? — Amadeo pega o bonde de Lorenzo e a sala cai em gargalhada, até Lavínia. E eu acho que mereço toda essa merda, afinal eu passei dois anos inteiros tripudiando dos dois das melhores formas que eu conhecia.

Espero os ânimos se acalmarem e levanto minha taça indicando que todos devem também levantar as suas.

— Estou feliz pra cacete. Essa mulher só me faz feliz. — Toco no ombro de Lavínia e grito: — Ao primeiro herdeiro do Dama de Copas.

— Ou herdeira. — Lavínia interrompe meu brinde e foi inevitável minha cara de contrariedade.

— Lav, minha querida, se sair uma menina daí de dentro, ela jamais ao menos passará em frente ao clube. — Cochicho.

— E por que se for menino ele será herdeiro?

As pessoas ao redor nos sofás da grande sala de Romeo riem se satisfazendo com o debate que iria iniciar caso eu não concordasse. Todavia, jamais concordaria com um disparate desse. E que se dane se me acharem machista.

— Porque é um ambiente onde garotas de bem não vão.

— Está dizendo que eu não era uma garota de bem quando entrei lá?

Um gelo chegou a percorrer minha espinha com o fora que dei. Lavínia possui o maior poder para tocar no meu ponto fraco: o sexo.

— Não... não é isso...

— Se garotas de bem não vão, por que meu marido ainda é membro desse clube? — Olivia intromete. Já está criando asinhas, essa daí. — Romeo, exijo uma explicação.

— Não liga para o Magno, ele está só latindo, não morde.

— Eu estou lá te ajudando, Magno. E agora me pergunto por que nossa filha...

— Possível filha. — Corrijo. — Mais chance de ser um menino.

— Possível filha, não poderá nem passar em frente?

— Lavínia, sem choro. É minha filha, e eu sei tudo que acontece lá dentro. Fecho aquele clube antes de ela dar ao menos um passo no primeiro salão. E fim de história.

— Você está sendo opressor.

— Olha quem fala. Seu pai não é melhor que isso. — Os lábios dela repuxam contra a vontade em um sorriso porque ela sabe que é verdade. E o pai dela jamais aprovaria a vida de safadeza que a filha levava e ainda leva comigo.

— Por isso, refazendo o brinde: um brinde ao futuro herdeiro do clube Dama de Copas, o rei das bocetas nascerá em poucos meses. E um brinde a uma possível filha, que poderá ser o que ela quiser, desde astronauta a médica. Menos se aproximar do clube.

— Um brinde. — Amadeo é o primeiro a gritar e é seguido por Lorenzo e Romeo, menos as mulheres, que me ignoram revirando os olhos.

— Estamos torcendo para uma intervenção sua. — Kate aponta a taça para Lavínia

— Fique tranquila. Lá em casa a última palavra é dele. Dizendo: Você tem razão, amor.

E mais uma vez as risadas tomam a sala. Eu perdi mesmo o respeito aqui nessa merda de casa.

Chegamos em casa e fomos direto para a cama, como sempre. Eu estava aproveitando enquanto Lavínia estava em forma e seus peitos ainda estavam liberados. Eles logo serão interditados e ficarão ocupados por meses após o nascimento do bebê.

O peito da mãe: Um direito do pai que é emprestado ao bebê.

Eu estava de boca aberta, ofegante após a foda selvagem. Lavínia levantou o rosto e me olhou. Eu a vi pensativa além de arfante e pude discernir que o assunto para ela era preocupante.

— O que foi?

— Já pensou em um nome?

Eu sabia. Para mulheres, o nome do bebê é algo pensado com muita antecedência.

— Não sei. Gosto de Miguel. O que acha?

— Bem comum, não? Pensei em Lucas.

— Comum também. — Me ajeito na cama e recosto na cabeceira — Leon. O que acha?

— Hum... não sei. Soa estranho. Para menina eu pensei em Milena ou Analu.

— Que menina? Não será menina. Eu tenho certeza.

— Tem mesmo? — Dá um sorriso malicioso como se já tivesse certeza que eu

estou enganado.

— Tenho. Meu saco só produz macho.

Lavínia gargalha nitidamente me olhando com pena.

— Sobre isso eu não sei, mas de uma coisa posso garantir: tem grande chance de ser gêmeos.

— Como é que é?! — Me sento na cama de susto.

— Eu sou gêmea, minha mãe é gêmea. Tem chance.

— Ah, meu Deus. Estou lascado!

— Pois é. — Ela me empurra de volta para a cama e monta em cima de mim.

— Ainda vai agradecer a Felipe por ter me levado ao clube pela primeira vez?

— Apesar de tudo, sempre agradecerei aquele mané por ter feito algo prestável na vida. Te levou para mim.

— Então aceite seu destino.

— Me faça aceitar.

Puxo o rosto dela para beijar e Lavínia se molda perfeitamente no meu corpo se aninhando gostosamente.

Na verdade, já aceitei há muito tempo e agora estou na fase de agradecer. Porque hoje eu tenho Lavínia Torres como mulher e ela é a mulher mais sortuda por ser dona do melhor Lafaiette que existe.

Epílogo

Lavínia

Eu consegui acordar cedo, antes de Magno. Geralmente eu sempre acordo depois, porque meu trabalho me permite ficar até tarde na cama. Hoje é sábado e mesmo assim ele acorda cedo. Meu coração acelerou quando olhei para o lado e Magno estava com aquela bundona para cima. O safado ama dormir pelado. Suspirei e me preparei para atacar. Me movi devagar e saí da cama.

É minha oportunidade. Magno protege essa bunda dele com a própria vida. Acha que se eu fizer coisas nela, a sexualidade dele fica estremecida.

Na cozinha encontro o que quero e volto correndo pisando nas pontas dos pés. Xana vê a movimentação e vem atrás.

Me preparo, chacoalho o chantili e miro em uma das bandas. Já retirei o lençol devidamente revelando assim o melhor traseiro que alguém vai respeitar. Eu já tinha avisado a ele: bunda e peito são o que me atrai em um cara, pedi para ele esconder a dele se não quisesse experimentar meus dentes. Lá vai eu morder essa obra viva da natureza. Afinal, o tanque não tem só um bom canhão. A retaguarda é chocante!

Que maravilha!

Faço um montinho de chantili, me preparo, tomo impulso e abocanho. Ele pula, seguro firme e consigo dar mais uma lambida.

Ele praticamente voou e caiu do outro lado do quarto horrorizado, sem fala, a bunda cheia de chantili, a mão no peito me olhando assustado.

— Que porra é essa, Lavínia?! — Grita descontrolado.

Passo o dedo suavemente na minha boca. E com olhar de vampiro para um pescoço virgem, vou andando em direção a ele.

— Lavínia...

— Corre! Hoje vou te lambar todo. Até a bunda.

Ele finge que nem liga e anda rápido para o banheiro. Liga o chuveiro para lavar a bunda e eu não perco tempo. Entro debaixo da água morna.

— Não me provoque. — Ele avisa. Como resposta, o agarro acariciando seu corpão molhado.

— Sabe o que vai conseguir com isso, não é?

— Sei. uma foda gostosa e selvagem no box. Já lambi sua bunda, querido. Relaxe, já a estreei.



Eu tive uma ótima gestação. Não fui daquelas que passam muito tempo tendo

enjoo, entretanto, os desejos estranhos eram frequentes. Além de eu ter quase triplicado de tamanho, eu estava comendo como uma condenada e chorando como um bebê. Por tudo.

Eu chorei com o pau de Magno na boca e isso foi bem desconcertante. Ele me olhou assombrando e até analisou o pau para ver se tinha algum problema ali. Eu só estava lamentando por estar tão enorme que nem conseguia transar gostoso com meu namorado e ele tinha que ficar de pé diante de mim enquanto eu o chupava.

Depois rimos de chorar, acabou o tesão e terminamos no sofá comendo sorvete. Eu usando berinjela crua como acompanhante para o sorvete.

Eu estava certa. Minha gravidez era de mais de um bebê. Intuição de mãe não falha. Magno quase teve uma síncope quando a médica disse sorridente que eram gêmeos. Mas ele se recuperou logo. A cor foi voltando aos poucos a seu rosto e ele não tinha outra coisa a fazer a não ser se preparar como eu estava também me preparando emocionalmente.

— Ainda bem que fazemos sexo sem camisinha. — Magno riu depois que a médica se afastou.

— O quê? O que isso tem a ver com o fato de ser gêmeos?

— Porque se fosse com camisinha eles poderiam achar que aqui fora estaria sempre chovendo?

— Como é que é? — Minhas sobrancelhas subiram excessivamente.

— Sim, iriam falar: “Olha, mano, esse visitante careca sempre nos cutuca com capa de chuva”.

— Ah, cala essa boca. — Tentei não rir, mas fracassei. Eu sabia que ele queria quebrar a tensão do momento.

— Só para descontrair. Estou nervoso demais, porra. Dois bebês de uma única vez? Sabia que eu tinha pau poderoso, mas não a esse ponto.

E pior ainda ele ficou quando descobriu que seriam duas meninas.

— Ah não, velho. Ah, isso não, caralho! — Girou pelo consultório enlouquecido. — Ah caramba! A médica de olhos saltados. Fiquei com vontade de falar com ela: “Tudo bem. Ele só é dramático.”

Isso porque negou que fizesse um chá revelação do sexo dos bebês. Disse a plenos pulmões que seus dois meninos não precisavam de um chá boiola para mostrar que seriam machos. Iludido. O carma é grande amigo das mulheres.

Eu ri, Magno ficou amarelo pela palidez acentuada e a médica não entendeu. Ele queria um menino e agora iria lidar com duas meninas: três mulheres em sua vida.

— Sou tão sem sorte que até a gata que eu achei é fêmea. — Ele choramingou quando chegamos em casa. — Será que dá tempo de eu construir uma torre igual

à da Rapunzel para protegê-las?

— Quem, nossas filhas?

— Sim. Eu vou morrer antes dos quarenta, porque não vou aceitar que um malandro ao menos olhe para elas. O que eu fiz para merecer isso?

E ainda tem cara de pau de perguntar o que fez. Iludiu centenas de mulheres.

— Calma. — Usei uma voz suave enquanto acaricio o braço dele — Elas têm ainda até os treze anos apara começar a se interessar por namoro.

— Treze?! — Berrou em sobressalto — TREZE, Lavínia? Ficou louca? Minhas filhas com treze anos estarão assistindo às Meninas Superpoderosas. — Magno andou desorientado pela nossa sala passando as mãos na cabeça. — Eu vou preso, porque vou matar o desgraçado.

— Que desgraçado? — Gargalhei. — Não existe ninguém ainda. Fique calmo e vamos aproveitar cada momento delas.

— Aqueles putos safados vão zoar de mim até ano que vem. Quero me isolar na porra de uma cabana no mato.

— Para de ser machista. Não pode deixar que zoem de você porque terá duas filhas. Isso é uma bênção.

— Não teremos um Tanquinho. — Ele lamenta comicamente. Ainda rindo, acaricio seu braço consolando-o.

— Teremos, depois. Mas a primogenitura será feminina. Estou transbordando de felicidade que irei com nossas filhas e Xana derrubar o patriarcado dessa casa.

— Ok. Então fique sem a rola do patriarcado. Quero ver você durar uma noite. Berrei gargalhando e pulei nele para abraçá-lo.

— Adoro meu neném furioso por ter perdido a batalha. Diga que está feliz, diga. — Beijo sem parar seu queixo, barba e boca.

— Estou feliz. Minhas meninas serão as meninas do Magno, imbatíveis e a favor do patriarcado.

— Otimismo é essencial. — Ri na cara dele e o beijei.

E ele demonstrou que estava mesmo feliz ao longo dos meses seguintes até o fim da gravidez. Sem forçar situação, era automático, era natural. Seus olhos brilhavam a cada gesto, claro, sem perder os requintes de ogro.

As meninas nasceram meses depois, Alicia e Milena. Lindas. Têm meus olhos. Deitada na cama de hospital, eu apreciava Magno abobalhado com as duas meninas. Segurando as duas ao mesmo tempo exibindo-as para todos que chegavam para visitar. Ele sempre falou da boca para fora, agora, é a paixão dele dividida em duas pequenas vidas. Assim como me ama e ama Xana.

Um casca-grossa que só encontrou garotas em seu caminho.

— A felicidade dele é tocante. — Olivia fala ao meu lado, assistindo comigo a

Magno mostrando as meninas a Romeo e Lorenzo.

— Cara, vai com cuidado. — Ele fala com Lorenzo ao entregar uma das meninas para o irmão segurar. — Olha a cabecinha. Segura direito, Lorevaldo.

— Vá se ferrar, Magno. Eu fui pai antes de você, sei segurar um bebê.

— Não fode. Seu moleque é só jogar para o alto e segurar. É um pestinha. Cuidado com minhas magnânimas.

— É verdade. — Romeo concorda já embalando devagar nos braços a outra bebê. — Lorenzo tem mais prática, uma vez que o filho dele é malvadinho ao cubo.

— Aquele pestinha vai comer regrado com minhas filhas.

— Vai sonhando, meu filho será o poderoso chefinho.

— Chefinho de bosta. — Romeo interfere. — Gael é o mais velho.

— Minhas filhas estão em duas, elas têm mais poder. Né, papai? — Magno conversa de perto com a bebê que Lorenzo segura. — Vai foder a vida desses machinhos.

Sorrio para Olivia e digo:

— Estou apaixonada pelos três.

— Magno é o pai mais babão que já vi. Ganha até de Lorenzo, que só presta para ameaçar o Nick. — Angelina comenta.

— Mas todos são assim nesse momento. Quando os bebês nascem.

— Não são os homens mais lindos do mundo? — Pergunto fixada nos três a minha frente, me referindo aos três irmãos.

— Sim. — As duas ao meu lado concordam.

— Somos sortudas por tê-los. — Olho de uma para a outra.

— E eles sortudos por ter a gente. — Olivia diz e eu logo acrescento:

— E eles devem ouvir só essa parte, ok?

— Olha, Lav, as duas peidaram quase ao mesmo tempo. — Magno berra feliz.

— Ah, somos tão sortudas! — Murmuro junto às duas mulheres ao meu lado.

Fim

Table of Contents

[ebookAmanteSecreto](#)